TRANCALINE II

Visão Negra de Um Estarrejense Inconformado

ALBANO NUNES – 2023

Memórias Trancaline II Contracapa

A edição do Trancaline I, foi um desgosto. Um desastre total, para melhor assim dizer, perdi a vontade de escrever o TRANCALINE II, mas dei a volta por cima, e aí vai o segundo livro.

Quem primeiro me deu os parabéns e demonstrou alguma simpatia pelo escrito do Trancaline I, complementados por alguns passeios de Peniche à Berlenga, a bordo do Maresia.

Mas manifestou-se. Obrigado, **Vladimiro**. A sua neta **Inês** já o leu e bem, foi simpática e interiorizou bem o que quis dizer. Obrigado, Inês um beijinho grande.

Dos meus companheiros de "armas", apenas o meu colega e companheiro de carreira Engro Rui Pinto "Rui da Figueira", que viveu na carne alguns episódios em algures aqui retratados, manifestou o seu agrado pelas historietas que ali narrei.

De resto, outros sobreviventes e amigos igualmente – referenciados – quando auscultados sobre o que pensavam do escrito do Trancaline; simpaticamente diriam que não tinham tido tempo para o ler, que tinham dado uma leitura em diagonal; que a capa estava gira; que iam começar a ler; blá…blá…e blá.

Os meus companheiros de infância Carlos Alberto e Tony Garcia, ficaram contentes e manifestaram o seu agrado telefonando-me.

Finalmente o Senhores Comandantes José Góis e Ernesto Pinho, agradeceram o facto de lhes ter feito chegar um exemplar às suas mãos. A Paulinha, nossa amiga – disse ter gostado bastante – o que muito me contentou.

A Graça Fernandes, leu e releu o livro dezenas de vezes, à procura de erros e gralhas quase o decorou. Beijinho Graça.

A Lena, leu, leu e leu; imprimiu, paginou, fez as primeiras impressões, e deu fogo à peça para que as rotativas colocassem o livro para mais uma vez ser ofertado aos meus amigos. Meu Pai e minha mãe leram e gostaram.

Enfim, quem me disse que tinha jeito para escrever umas "porras"; enganou-me bem enganado, porque não consegui chegar na plenitude ao coração dos meus amigos.

Eles não se manifestaram, a mensagem não fluiu; ou ficaram com inveja. Devem ter ficado com inveja!

Mas, se um indivíduo não deixa nada escrito; e, ninguém ficar para contar, tudo se perde e a nossa missão passou despercebida na terra, enfim sempre me disseram que isto tem a ver com a *"filha da putice humana";* que não há nada a fazer, e é produto do sangue lusitano à mistura com sangue Sarraceno. É uma comparação *mal "acomparada";* mas é uma designação tipo "**Cavalo Lusitano**". Mais ou menos.

Enfim Marinha. Missão Cumprida (Capa Interior)

O Trancaline II, este que agora estou a tentar terminar durante o hiato que os separa; ouve muita evolução no mundo, muita coisa que escrevi já não é como contei, já estava lá o que pensava nessa altura; por isso, deixei ficar assim...

Minha mãe Laura – motora do que sou hoje – falece em 2018, após alguns períodos intermitentes de pouca saúde ***– não estive ao seu lado no momento da partida*** – deixando-me a mágoa de não lhe ter podido cumprir com o seu desejo, de a ter sempre junto de nós, até á chegada do momento do seu falecimento. Sinto-me responsável por este fato.

Meu Pai Manuel – motor e autor do molde também do que sou hoje – falece em 2021, depois de um período de vida, sem doenças. ***Apenas desistiu de viver*.**

De igual modo, *não estive ao seu lado no momento da partida* – deixando-me a mágoa de não lhe ter podido cumprir com o seu desejo, de a ter sempre junto de nós, até á chegada do momento do seu falecimento.

Minha irmã Tina e cunhado Fernando, que durante muito tempo chamaram a si, o acompanhamento dos últimos dias dos meus Pais, passando para eles, todo o desconforto e disponibilidade no seu acompanhamento.

Na minha curta vida ao serviço dos Bombeiros, já tinha passado por ver a - dor dos outros - mas nunca a nossa dor.

Manuel e Laura partiram, deixando aqueles que mais chegados lhes era; nos quais amigos de peito, que reconheço que os acompanhavam melhor do que eu.

Que me sirva de lição, já que de exemplo ele não foi modelar; e não foi modelar, porque não fui capaz de respeitar o seu desejo antes de partirem.

Aos vizinhos Sr. Oliveira e Esposa, que muito carinho e apoio lhes souberam dar; aos companheiros da mesa do café – que partiram um pouco antes - terei uma dívida de gratidão, para com eles.

À Lena, minha mulher, que em conjunto com a minha irmã Tina, chamaram a si, todo este processo de envelhecimento dos meus Pais.

Tina e cunhado Fernando, a minha admiração e respeito, pelo vosso sofrimento vivido, ao chamar a si o cuidado diário de dar aos pais os momentos de acompanhamento na fase final das suas vidas.

Igualmente aos meus sobrinhos que privados dos pais, nesses cuidados os privaram da sua companhia. Sinto que esse vosso gesto foi da maior nobreza, face à minha ausência. Obrigado, por os terem recebido no seio do vosso lar.

Visão Negra

Pela parte de trás de um grande evento, pelo menos um vulto de uma mulher está.

Veste normalmente de negro, caminha de nenúfar em nenúfar, e é do signo Capricórnio, senhora do seu nariz e não gosta de fofoca.

A sua fama vem de longe - que nem **Mata Hari** se lhe compara – tornando-se igualmente, assim como sua mãe, professora de escola primária.

Quis o destino que tivesse nascido ali para o Vale dos Judeus, Caxias, bem perto do mar. Não teve a oportunidade de encontrar para viver permanente com um banqueiro como **Félix Rousseau**.

Remete-se à clausura, dançarina de qualquer ritmo; mesmo que Africano, apesar de ser leve como uma pena de pavão, não teve sucesso, nas festas e romarias da aldeia que escolheu para viver.

Leninha

Quis o destino que a Maria da Fonte, tivesse vivido noutra época, quando não estaríamos, perante uma revolta popular, tal qual a ocorrida na primavera de **1846** ; cuja instigadora dos motins iniciais terá sido uma mulher do povo chamada Maria, natural da freguesia de Fontarcada, que por isso ficaria conhecida pela alcunha de *Maria da Fonte*.
Como a "fase inicial do movimento insurrecional "teve uma forte componente feminina, acabou por ser esse o nome dado à revolta.
Também poderíamos estar perante a similitude de uma guerreira; a Padeira de Aljubarrota que não se desajustaria ao seu profissiograma, de outra e atualmente figura lendária e heroína portuguesa**,** cujo nome anda associado à vitória dos portugueses, contra as forças castelhanas, na batalha de Aljubarrota (1385).

Tanto quanto sei nenhuma destas mulheres" tinha o Messenger; quanto mais manipular uma APP de WhatsApp. Mas sabem, levando à letra aquilo que chamamos, cortesia sem fazer a corte; – ser ***polido*** do inglês "***polite***", sem mexer um dedo; quanto mais uma

pequena infidelidade linguística, dadas as distâncias, em plena obscuridade. Pois nem fotos existiam.
Bem já fui julgado, não sei qual o veredito – espero bem que não seja o destino da primeira “mulher Mata Hari”. que foi fuzilamento.

No caso da segunda mulher de armas posso ser sentenciado; e aí, as coisas serão mais complicadas, pois **dividida em duas facções: de um lado, os “setembristas”,** liberais de esquerda que apoiavam a Constituição de 1838 e se dividiam em moderados e radicais; **do** outro, os liberais de direita, apelidados de “cartistas**”,** apoiantes da Carta Constitucional de 1826.

Segundo o meu sentimento de **não traição** - trata-se de um sintoma de revolta, nesta fase da guerra da Ucrânia, por pura coincidência pois estava lá; denotando que a relação começava a ser menos espontânea e cada vez mais organizada e enquadrada num tratamento caseiro austero.

Também o receio que as más novas chegassem ao conhecimento generalizado do burgo; sobre tudo se elas chegarem às velhas elites locais, que têm muito poder quando na posse de informação “fofoquense” local.

Não me admiraria, tal como na revolta da Maria da Fonte, que centenas de populares armados realizassem assaltos, organizassem motins, que pudessem passar pra lá de Aveiro.

E consinta-me a convencer-lha e por meio da persuasão, que – por tão pouco - é como se fosse destruído por meio do ferro e do fogo!

“Esta é a minha sincera e profunda convicção.”

Admito pelo absurdo, por embora não me sinta culpado, porque a prova esta lá “que o desvio” se mantém em parte incerta; eu estou cá, porque tudo se passou sempre dentro do maior do respeito.

Mas se tiver de ser condenado, que o seja atendendo que segundo o pensamento de Sophia Fotopoulou:

"Não temos nenhuma data histórica para indicar quanto tempo a Mãe de Deus permaneceu na terra após a* Ascensão de Jesus *ao céu e nem quando, onde ou como ela morreu, pois os evangelhos nada falam sobre isso”.

A base para a Festa da Dormição é a santa tradição *da Igreja, que data da era apostólica, escritos apócrifos, a fé constante do povo de Deus e a opinião unânime que os Padres e os Doutores da Igreja do primeiro milénio do cristianismo."*

Não me importo de ter de me confessar ao padre da Igreja da Freiria; nem tão pouco de rezar a penitência que ele impuser, pode ser a Festa da Dormição. Dormição é precedida por um jejum de duas semanas, chamado de "**Jejum da Dormição**" desde que ela seja cumprida na freguesia da Freiria*.* **Mas pode ser qualquer outra.**

O MESTRE João Clemente Marmelo, partiu…

No momento que estou a finalizar este livro, o meu amigo, Mestre e Padrinho (por adoção) faleceu.

O Engenheiro João Manuel Clemente Marmelo, que em 2002, passaria o testemunho do "**saber**", numa cerimónia entre os amigos mais chegados da Superintendência Técnica; a que não faltaram os Engenheiros da Lisnave Faustino Dourado e Manuel Rodrigues e Peritos da Rinave, entre eles o Engº Arnaldo Lopes.

O pequeno martelo pontiagudo de aço com cabo de ebonite, símbolo de sabedoria, passaria da mão do Engº Marmelo para as minhas mãos – que equivalia dizer – agora é contigo.

O testemunho está passado, que seja usado conscientemente na avaliação do nosso trabalho.

O Mestre deixou-nos no dia 28.1.2023, a menos de um Mês de comemorarmos no mesmo dia, do nosso aniversário a 20 de fevereiro.

Na página 103 do anterior livro Trancaline I, da qual vou tirar uns extratos e copiá-los para aqui integralmente:

- "O nosso amigo ***Eng.º Manuel Rodrigues*** anota, e prepara-se para me pedir a requisição do trabalho, mal entro no seu gabinete".

Ali perto de nós, a Engenharia reunida, ia traçando o perfil dos "***delfins***", apontando virtudes e defeitos, enquanto o ***Eng.º Clemente Marmelo***, argumentava que, tendo em conta que a reforma se avizinha, **que devíamos envelhecer por dentro, tal qual envelhecemos por fora, pois assim, seria muito mais fácil ir para casa ao fim destes anos todos.**

Ele tinha razão, embora houvesse vozes discordantes.

Também se falou no ***Eng.º Lubélio Silva ausente***, neste almoço, por impedimentos de ordem profissional na GL.

Se a João Clemente Marmelo, devo o que aprendi na intervenção técnica, a Lubélio Silva, devo a bíblia dos seus conhecimentos gestionários e controlo de custos, que no seu último dia de trabalho na Superintendência da CNN, fez questão de me ma entregar.

A bíblia está comigo, foi aperfeiçoada ao longo dos anos, foi transformada em folha de cálculo, em programa Dbase 3, Access e outras linguagens mais avançadas.

Vou legar essa Bíblia ao COMM, para que um dia ela possa ser observada e comparada com o que hoje existe.

Não tive a oportunidade de lhe facultar um destes programas, mas sei que ele foi acompanhando a evolução dos seus legados.

Espero em breve com alguns companheiros mais próximos, no lugar próprio agradecer-lhe, este gesto, tão nobre.

Cumpri com o meu dever de ter passado a Bíblia, a outros companheiros, que trilharam o mesmo caminho que nós, na luta em prol do ***Engenho Marítimo***, começando pela Biblioteca da Escola Náutica.

Reside hoje na NET sob diversas formas; no sítio www.trancaline.com

A Bíblia de Lubélio Silva é um livro permanentemente aberto, sem limite e profundo.

Recordo as suas palavras, quando me dizia ***"não queiras saber tudo, deixa um espaço para saberes de ti" - Virgílio Ferreira? - Você é um jovem e tem a seu lado um grande Mestre, João Marmelo. Não o deixe ficar mal.***

Olhe que ele está a preparar a sucessão. Apostámos em si e alguns vão miar. Mas não se preocupe. Gatos que miam há-os por aí ao pontapé e são rafeiros.

Nesta sua revelação, um certo receio de incapacidade, seguido de um tremor me percorreu todo o corpo.

Não seria possível de encontrar melhor forma, de me dizer quanto pequeno era eu, olhando para ele, que tão grande ele fora.

Mas era de facto ali, naquele gabinete do ***Estaleiro da Lisnave Rocha***, no rés-do-chão, junto à via-férrea, que se traçavam rumos, e se tomavam as grandes decisões, sobre grandes intervenções na frota da SG e CNN, para não falar noutras companhias de navegação.

Depois da partida...quando tivermos forças e todo o tempo do mundo, haveremos de construir de raiz, um autocarro, peça por peça...

Prometo-lhe que o havemos de fazer... O carro está feito, e fiz mais uns poucos.

Os bronzes serão totalmente torneados por si... Eu farei o seu enchimento com o metal branco...

João Marmelo foi bom tê-lo conhecido; bem como os amigos, que à mesa connosco se sentaram, no dia da passagem do testemunho. **Ao Eng.º Lubélio Silva também.**

Padrinho, meus pais também partiram, vocês talharam o que sou hoje.

Penso em si. Tenho saudades do meu Pai e da minha Mãe

FOTOS DOS NOSSOS MAIS CHEGADOS
Ruben com os Avós

Ruben

Padrinho Marmelo, Medrinhas Aurora e Isabel

Vasco Pai do Ruben

Ruben

10 aniversário do Gongas

Quantos são? Venham…

Pai e Avó do Gongas

Pai, Gongas e Avó

Lêr e Comentar e enviar por e-mail

A Lena quer que leiam e comentem esta foto do livro, porque o Trancaline I foi lido na integra, por pouco dos nossos amigos, para quem os escrevemos e o livro e o ofertámos.

Este, o Trancaline II, completa o anterior, com mais algumas histórias vividas no mar; e, o que se passou de relevante em terra e na nossa aldeia.

Eu e Lena

Partiremos no momento certo, mas deixaremos algo escrito e estampado de boas e más recordações; neste caso só boas… *Tu meu Amor* – que dizes que nunca te trato por este termo, mas obrigaste-me a muito.

***Sim minha Querida Senhora*, sem ti já teria partido…**

Sufoco 86 – Ficção, Mito ou Realidade...

Ao escrever este pequeno texto de reflexão, apenas sugiro a quem não é capaz de dar ao seu semelhante, um pouco do calor a que eles têm direito, e que alguns até pagam para o terem, que o melhor que fazem é ir apanhar lenha nos nossos pinhais...

Ela, a minha amiga, viu-me crescer, reconheceu-me, mas viria a morrer três dias depois... senti raiva e vontade de dar-lhes uns tabefes às auxiliares do Lar, por ver tanta falta de calor humano, e ainda mais pela atitude de desprezo total, como se estivessem vacinadas para lidar com a dor dos outros.

Por favor, tratem dos nossos idosos com amor, carinho, paciência, ternura e humanismo. Sufoco 86 .... Chorei para dentro.

Ninguém atendeu o meu pedido. Reclamei, insisti para que atendessem aquela paciente, mas nada...

Deixámos a pobre senhora a chorar, e procedemos à recolha de outras duas idosas, também com destino ao hospital.

Fiquei espantado, ao reconhecer que uma das idosas, que conhecia desde criança – e já lá vão 60 anos – estava ali, doente e que cabia a mim, a missão de a transportar.

Estava a vomitar.

O seu rosto de delicada e suave pele sem rugas, mas macilento devido à dor e doença, fez os meus pensamentos remontar a um passado longínquo, quando eu em calções e descalço demandava o estabelecimento comercial de sua família; na mira de, receber uns rebuçados de suas delicadas mãos.

Disse-lhe quem era, começando por lhe falar dos meus pais; desconhecendo eu, que esta idosa minha amiga e de meus pais, não me podia estar a ver, por estar invisual.

Não me apercebi disso, apenas constatei, que estava lúcida naquele momento, não só por me ter reconhecido; como também, respondia às questões que lhe iam pondo, com toda a clareza.

Mas esta minha amiga, que não via vai para perto de meio século, reconheceu-me, e tinha acompanhado a evolução da minha vida fora desta cidade.

Dei-lhe a minha mão, afaguei-lhe os seus cabelos, com algumas palavras de ânimo, tentei ajudá-la na sua agonia; já que, não podia fazer mais nada nesta área da saúde, por falta de conhecimentos.

Colocámo-la dentro da viatura que deveria transportá-la para o hospital, enquanto preparámos outra idosa com o mesmo destino, desta minha amiga.

Não teceu mais nenhum comentário, para ali ficou aos cuidados do pessoal de saúde do hospital; não sem que, recomendasse especiais atenções, para com as pacientes que ali acabávamos de deixar como é meu hábito.

Quis o seu estado de saúde, que rumasse a outro hospital, com mais valências e outros recursos.

Teríamos de transportar na mesma viatura, com outra paciente, num estado de grande agitação e alvoroço.

Tivemos dificuldade em a acalmar, porque estava muito nervosa e dizia que a tratavam mal. Tentei perceber.

Ela voltaria a repetir que era maltratada.

Aquela idosa estava a ser maltratada; confidenciando mais de perto, assegurou-me que lhe batiam; pedi para que atendessem, mas os meus pedidos de assistência não tiveram o condão de alterar a atitude daquelas “profissionais”.

Tratava-se de dar um pano para a paciente idosa poder vomitar, segundo ela, para evitar de sujar os lençóis da sua cama, naquele lar de idosos.

Voltei a insistir para que fosse atendido o pedido daquela acamada senhora, mas em vão...

Nada ou ninguém me impeça de escrever estas palavras, quando em serviço ao serviço dos Bombeiros de Estarreja.

Tentei tranquilizá-la, dizendo-lhe que estava no meio de pessoas amigas, e que não deixaríamos que fosse maltratada e que daqui a pouco iria ser vista por um médico.

Questionei, qual a razão de tamanho alvoroço com aquela paciente? Disseram-me que era assim e que era maluquinha - não me pareceu - mas quem sou eu para duvidar desta “designação”?

Mas fiquei ainda mais irritado, pois se à outra paciente foi negado um pano para limpar o seu vómito; uma segunda, segredava-me que era maltratada?

Não será isto um “SUFOCO”?

O que devo pensar disto tudo? Não são muitos acontecimentos, para um só dado e pequeno momento?

Será que a seleção destes profissionais, ao serviço de lares de terceira idade e que têm por missão cuidar dos idosos, sobre tudo acamados, é feita de maneira tão desumana?

Pobre ou rico desde, quando os idosos têm de pagar uma fatura tão elevada de falta de calor humano e profissionalismo? Em nome de que humano ou religião é que as pessoas são assim tratadas?

Neste momento em que escrevo, (2006) o meu Pai acaba-me de dizer que a nossa amiga Letinha, que transportei para o hospital a vomitar, faleceu...

A minha amiga do tempo de criança partiu.

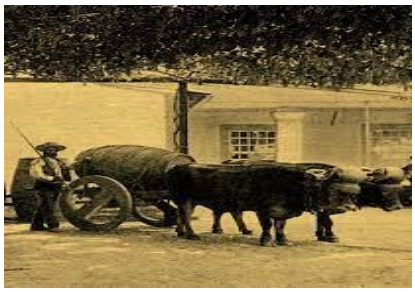
O seu sofrimento acabou... Como é a Lei da vida, teremos também de preparar a partida...

Como estarão as outras idosas?

Possivelmente a sofrer, por falta de carinho, de calor humano, de atenção devida e quem sabe, a serem tratadas por pessoas não dedicadas, arrogantes, incapazes, e duras de sentimento.

Que poderei fazer por elas? Tendo em conta este pequeno desgosto temporário – até porque não há lugar a mais lamentações – o TRANCALINE II; vai abordar outras histórias. o TRANCALINE I e, outras, entretanto se lhes juntaram com o decorrer dos tempos.

Frota expedicionária rumo à Polónia, pelos próprios meios



Extintor descarregado **Pneu** **Sobressalente** **Roto**

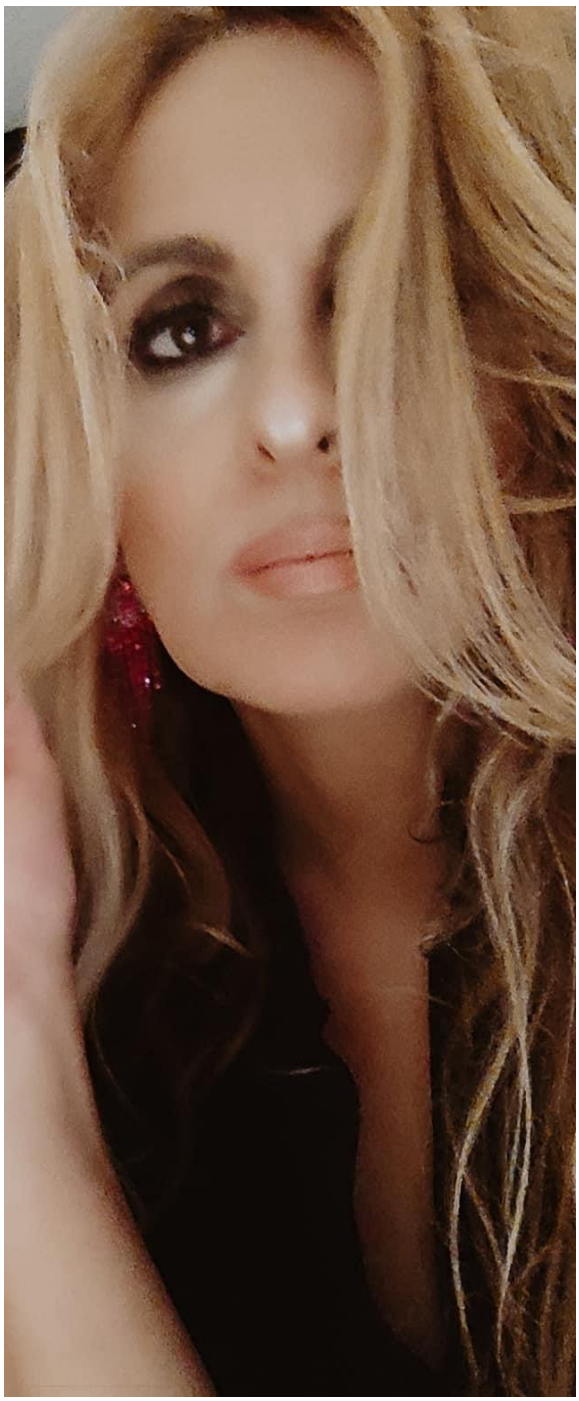
Viaturas inconforme – Faltam sobressalentes

FAMILIA

Vasco Pai do Ruben

RUBEN Neto

Célia amiga de peito



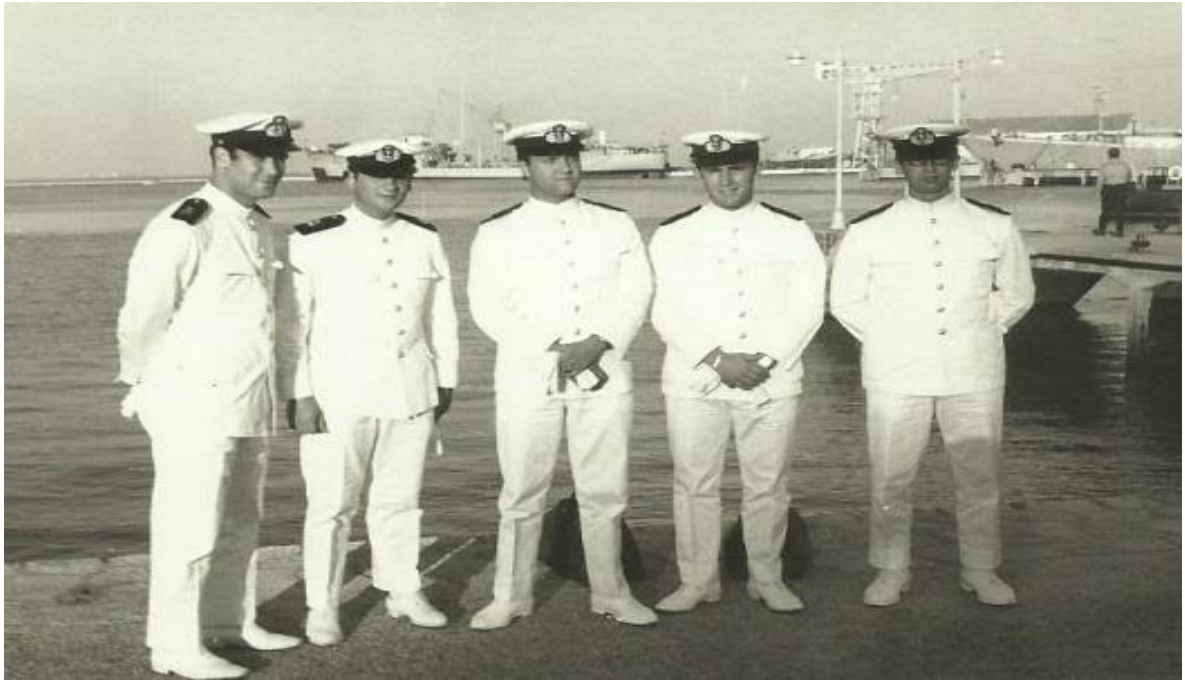
Nossa Escola

Navio Escola Stº André

Escola de Fuzileiros acabados de sair da pista de lodo

Fuzileiro Muito Cansado **Mangueirada**

SERVIÇO MILITAR - Escola de Fuzileiros – CFORM 68



25 Anos Depois…

50 Anos Depois…

OS PATRULHAS

Se bem vos quero recordar, e eu não me esqueci, pois os patrulhas iriam ver os seus dias contados.

Foram poucos os que permaneceram embarcados na Marinha Mercante Nacional, com o declínio das empresas extinguendas; projetando alguns mais audazes para as Marinhas Internacionais, e os restantes obtiveram colocações em empresas emergentes, Portline; Transinsular; Tom; Estaleiros Navais sobreviventes, Autoridades de Bandeira, IPTM e Sociedades Classificadoras de Navios, e empresas familiares, etc.

Os mais audaciosos, optaram por criar as suas próprias empresas, com ou sem ligação ao Mar; ou ocupar cargos políticos de pouca relevância, normalmente ocupando lugares para a criação de problemas no setor; em vez de servirem a Nação ajudando na formação e na resolução dos problemas.

Ora os Patrulhas eram uma “cambada de cadetes atléticos”, que “lixavam os mais “enfezados” dos quais me lembro do Carvalhal e do Rui da Figueira, o Alves Pinto entre outros; já que eu fazia parte do segundo grupo.

Mas ao Rufar da caixa o Sargento Gaudêncio, dizia que quem batia era o pé direito, quando era o Senhor Sargento Garcia a comandar, batia o pé esquerdo.

O calor aperta, vamos ter pista de lodo para fazer. Irá saber bem, por o “conteúdo” do lodo iria refrescar a malta.

Eu e o “granadinhas”, logo posicionados na vanguarda, para apanharmos o lodo não remexido; e, assim melhor progredirmos.

Alpoim Calvão; Welti Martinho; Saldanha; Costa Matos, Castro Barbieri; Salisgrade; Garcia; Carapinha os sargentos Garcia e Gaudêncio, e outros cujo nome não me recordo, Chefe de turma Isidoro; “Os patrulhas; Os Mini-cadetes; Os Manos de Aveiro e Pelé; o Granadinhas; o Zé Carlos “Bigodes”; e muitos outros marcariam o momento inesquecível das nossas vidas algumas vezes revividas localmente.

Manuel Augusto sempre alerta

Futuros Fuzileiros

Viva o Descanso

4ª feira esperada

É dia de Saída prá Baixa Lisboeta – um ficou

Momentos Antes da Instrução de Funeral Armas

Momento de Desembarque **Patrulhas em progresso de um golpe de mão**

A nossa “guerra” foi uma guerra diferente, porque uma grande maioria dos 200 que entraram para a Escola Náutica, *queriam fugir dela*; acabando por serem nela envolvidos no transporte de tropas; no transporte logística alimentar; material de guerra; culminando no regresso, com alguma carga, periquitos; bengalinhas, alguns macacos e alguns dos nossos heróis do ultramar já sem vida.

Hora de Sorna **Exemplo de Aprumo Militar**

Os seis anos do serviço militar parcialmente passados na Escola Naval do Alfeite, e a bordo dos navios mercantes, não antes sem passar pelo Navio de Escola à vela “Santo André”; primeira Sagres foram os nossos primeiros contatos com o mar no estado líquido, estaticamente a flutuar.

Nos quartos à casa da máquina, toca a botar mão da FBP – já com seletor de segurança, tiro a tiro e tiro de rajada, ou na pistola Walter, em especial quando estávamos na Guiné; para fazer *frente ao inimigo* que volta e meia, nos lançava umas morteiradas de 120 mm, que nos obrigava a refugiar no “Zé da Amura”.

Uma vez ali e para afastar o medo de vimos a ser atingidos pelos projeteis, continuámos a comer ostras, e mandar abaixo umas “bejecas”.

Uma bazucada entrou pela porta da asa da ponte do patrulha 1144 “Sagitário”, entrou e saiu roçando as costas do imediato que estava ao leme; outra na casa da máquina e alojamentos cujos estilhaços fariam perder a vida a um sargento que estava na casa de banho.

A nossa guerra trazia-nos alguns “Assessent Risks”, ainda não havia ISM nem SSA; nem tão pouco se sonhava com tal, mas transportávamos material de guerra, munições, viaturas sobressalentes, napalm para os aviões e correio para a tropa - acompanhados de alguns rojões e enchidos do Norte – não esquecendo o fiel amigo, bacalhau; para muito perto dos cenários de guerra.

Durante este período de 6 anos, que acabariam meses depois com a eclosão da Revolução de Abril; a rapaziada não tardou a ser licenciada; com exceção de três ou 4 *progressistas*; revolucionários que trataram de abandonar os navios, e vindo para o “puto” integrar a Revolução.

Estava a lembrar-me do **Carlos Mota**; que não hesitou em dar ao “slide” nos dias imediatos ao 25 de abril; e nunca mais quis saber do tempo que ainda nos faltava cumprir de serviço militar.

Entrámos na fase da revolução, afinal **o Fonseca Santos** era de fato o único que sabia a verdadeira grandeza da palavra democracia.

O nosso Comandante e o Chefe de Máquinas da nossa empresa, iriam amargurar bem a “parte iletrada”; das suas ancestrais ignorâncias. Eu também.

Os tempos eram de mudança. A Rapaziada teve de voltar a estudar como se fosse para um exame final na Escola, reapareceu nas prateleiras das livrarias, volumes de Marx e Engels, nas edições não disfarçadas.

Com isto instala-se a Revolução. O resto já sabemos como se passou.

Revista da Praxe para ir a casa

O Licenciamento desta Incorporação ocorre a 4 de julho de 1975, todos graduados como Aspirantes; não tendo completado o 2º Ciclo Militar, para a promoção a subtenentes.

Mas a têmpera do pessoal do Cursos de Oficiais da Reserva Marítima (CFORM 68), encerra nas suas fileiras, entre fascistas, amorfos e revolucionários "Seguidores de Che Guevara", comandados na CTM pelo **Ratinho** e na CNN, pelo **Zé Manel Cabral** – que, entretanto, entregaram as cédulas ao Criador - e que à sua maneira – em apoio ao **MAC** – ajudariam na ascensão da equipa liderada por **Vitor Mendes**.

Vitor Mendes, não tinha ideias; baralhava e dava cartas com as ideias de **Madeira Lopes**, **sempre esteve no segundo como grande educador do povo,** levando para ribalta a ditadura do proletariado, num "desmodelo" de "descontrolo"; precipitando a Marinha Mercante Nacional para a desgraça, arrastando consigo as empresas, a economia com a perda de mercado, "afundando-as" irreversivelmente. O infortúnio da partida, trouxe ao setor momentos de acalmia.

Se em 1969, a Marinha Mercante estava deficitariamente com Oficiais – que aliada ao fator Guerra do Ultramar – viver-se-ia numa fase de formação de nova geração, que manteve a Escola Náutica em atividade; a que se segue um período de grandes reformas de ensino, em estreita colaboração com o Ministério da Educação e o Ministério dos Transportes; conhece de fato uma reforma, sob a égide da IMO – com a introdução dos

requisitos internacionais do STCW com vista à uniformização do ensino Náutico a Nível mundial.

Estamos em 2021; a Escola Náutica “produz” forma de um modo global Oficiais para o desemprego; aparecendo é certo com mais visibilidade – através das IT’s – chamando a si segmentos de ensino diversificados, com maior ou menor à atividade do mar; pelo fato de se modernizar ao abrir as suas portas ao mundo estudantil internacional.

A Marinha Mercante Nacional, nunca mais foi o baluarte das trocas comerciais marítimas com o desaparecimento, da SG / CNN; CTM; Insulana; Soponata; Mutualista entre outras.

O aparecimento de algumas novas companhias de navegação, ressurgentes do período pós-crise nacionais são poucas; que operam normalmente em carreiras regulares entre o Continente e Ilhas, mantendo alguns laços de comércio com os novos países de expressão portuguesa.

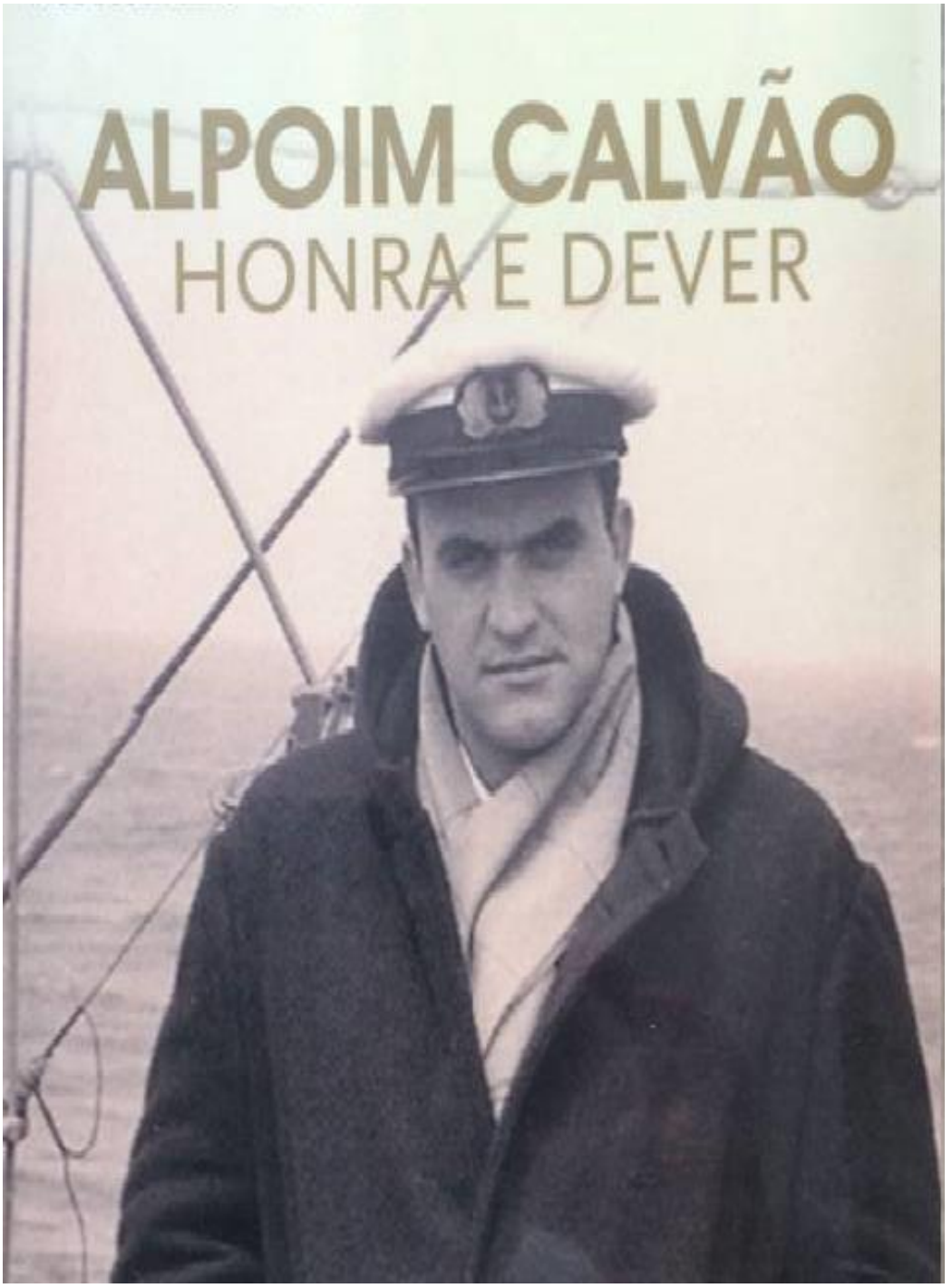
A Marinha Mercante descaraterizou-se por completo. Dissipou-se.

Uma ida ao Miradouro da Graça, olhando o horizonte do Seixal e do Barreiro, ver-se-á a imensidão nostálgica do Rio Tejo sem navios.

Uma visita guiada ao Museu da Marinha e às instalações da Escola Náutica – no dia da escola aberta – deve ser feita antes da partida…

Na Escola Náutica provavelmente terão de falar inglês.

O Comandante da Nossa Unidade



Filhos da terra – Filhos da Escola – Filhos de Estarreja

António **Manuel Albano** **Pinto**

Adriano Hermínio Pinto

Valorosos Patrulhas Fuzileiros que submergem

Patrulhas enjoados à proa

Dia da Unidade 50 anos e Sempre ligados à casa mãe

Estive na construção de unidades deste tipo

Uns passos antes

O nosso professor CMG Engº Aluíno de Sousa, deu-nos o prazer de jantar connosco, no fim do curso da Escola Náutica, na rua do Arsenal em Lisboa.

Foi um jantar inesquecível, não só por se tratar do professor carismático de inglês; como pela sua inédita medida de observar os alunos em exame.

De cadeira na secretária, ele ali sentado, com dois marinheiros um no fundo da sala e outro a meio, também sentados em cima de uma carteira, de vigia como se estivéssemos a navegar com mau tempo.

Os marinheiros estavam instruídos para assinalar quem, estivesse a copiar; sem se expor; bem como, o aluno.

Acabado o jantar, ali mesmo no centro da cidade, no final a rapaziada juntou-se na rua, a dar dois dedos de conversa; enquanto ali bem perto de um dancing, se ouvia música da pesada.

Polícia de choque, rua tapada de um lado e outro, com carrinhas, e foi um chinfrim do caraças; porque o nosso Comandante puxou dos galões, para o Chefe da Força da Polícia, e eles foram-se embora.

Em defesa dos seus alunos e a dias de rumarem à Escola Naval, onde o Stº André nos esperava com as camas por fazer, na companhia de uns ratitos.

Não sem passar pela praça da Armada, onde o cabo **"Traitolas",** nos encaminhou para os autocarros da Marinha diretos à Escola Naval

A guerra para a nossa incorporação correu mal logo de princípio, porque o Comandante do Stº André, começou por nos dar as boas-vindas, dizendo:

- Senhores cadetes, não pensem que vai haver granel igual ao da Primeira incorporação.

O nosso navio Escola Novo

Não cheguei a navegar neste navio escola. Apenas o visitei.

Mudar de Rumo

Nova Proa

Rumei ao Canadá, pois esperava-me fazer parte de uma empresa em sociedade com um familiar; com algum capital de todos os tarecos da casa que vendi; também com a promessa da participação da cara-metade na empresa, de sua irmã ali estabelecida, pela mão de **Dr. Norberto Pilar** encetámos a nossa demanda para Toronto.

Não houve empresa, não houve sociedade; houve sim a Guerra do Golfo e o Free trading, e a economia do país caiu. O desemprego que era praticamente zero; em menos de um ano, passou aos 10%.

Claro que sempre tinha ficado uma porta aberta do Menino do Violino; do Toninho Caneira; mas a porta da Portline com a saída do Moita e do Farinha, já não era alternativa, pois para a nova Administração era uma peça fora do baralho, pois havia-me portado mal segundo eles …

Deixámos um macho, chamado Estarreja, bicho prendado de competição; que tivemos de o deixar quando da partida para o Canadá, que muita dor e lágrimas causou à minha filha Ana e a nós.

O Macho foi para França e nas mãos do **João Chuva** foi muitas vezes campeão.

Vivíamos no Pinhal, que no inverno nos fornecia pinhas, que tinha de pagar aos meus filhos para as apanhar; para além de uns pinheiros, que tive de mandar abaixo para construirmos a nossa casa.

Bons fins-de-semana de trabalho – de alguns digníssimos oficiais da marinha mercante – em troca de uma "runspante" almoçarada, dando-nos uma ajuda na construção da casa.

Da horta orientada pela minha **Sogra Dª Maria do Carmo**; podiam se colher legumes e frutos diretamente da terra, lavar no tanque de rega e comer.

O filho de "*uma cabra*" do alemão, a quem dei guarida, assim o fazia arrancando-as cebolas da terra, lavava e comia ali ao lado dos outros animais domésticos…

Nunca consegui que as cenouras crescessem o suficiente. As que vingavam eram raquíticas.

Este mês de maio de 2022 voltei a plantar cenouras. Quero saber se é praga…

Penso que foi mau olhado do meu vizinho ou do alemão. Ou quem sabe, praga de marinheiro, escondida ou camuflada por esses mares ou países fora…

E é um fato que me portei mal. Mas não fui só eu.

Mas cada um tem de prestar contas do que faz.

De regresso forçado, deixando a família para trás, com o mau feitio que costumo ter; as coisas não foram fáceis, entre a Eurotagus do Carlos Portela e Mário Paiva; e o regresso ao Mar espreitou, foram uns meses.

O Trancaline regressa 32 anos depois aos navios;

Uma passagem curta por Angola, com uma cambalhota de jeep na estrada à saída de Luanda a caminho de Porto Amboim, seria o caminho para Salvador Caetano, e daí para a reforma.

Claro que parado não podia ficar; **José Carlos Henriques e o Menino do Violino**, se encarregaram de orientar e colocar a trabalhar, naquilo que sempre gostei; os navios.

Ficaria a conhecer o ROMEU, as suas empresas de Cruzeiros e alguns dos seus navios, o esplendor e queda.

Mas, não antes de regressar ao Navio Funchal, agora como Chefe de Máquinas, efetuando os seus últimos Cruzeiros e permanecendo a bordo até maio de 2021, data em que o navio iria começar a ser “desventrado”.

Saí rapidamente, sem colocar as mãos dos corrimãos, não olhei mais para trás.

Estava muito bem a bordo do Lisboa ex-Danae, tinha acompanhado como superintendente a reparação para certificar o navio com vista à sua reentrada na exploração, quando o Armador toma a decisão de parar os trabalhos e enviar, tal qual o Porto para a Turkia; onde, o senhor Comandante TUFAN o esperava de braços abertos.

Fui para casa passar uns dias de férias, mas o Senhor Cte António Caneco; mais uma vez me faria render o Engrº Maurício.

De rota batida onde já o meu conterrâneo e Comandante José Valente já se encontrava; não demorando muito tempo a conhecer o Staff Engineer Peixe, o Bicho, o João Oliveira, o Xico da Nazaré o Nelson e mais 140 membros da tripulação de 35 nacionalidades.

O Staff Capitan, António Ramos (Raminhos) aqui ao meu lado seria o meu aliado, no dia-a-dia, de tão esperançada expedição.

Cte António Raminhos e Eu

Eu o ISM – Papéis e a noite de Gala

O fim do Navio e do Trancaline, enquanto durou a comunhão de bens, foi uma enriquecedora experiência, que deu para fechar este compromisso de vida.

Continuamos "vivos", mas em muito mau estado.

O Violino ficou bem entregue, foi tocado muitas vezes… mais concertos, o tempo o dirá.

Ele ficou lindo. Todo desventrado, como se a marabunta o tivesse apanhado de portaló aberto; deixando apenas, o que não foi possível roer. O Futuro é incerto.

Só penso em navios. Devia ter ido para o seminário, se calhar hoje seria cardeal e porque não candidato a Papa.

Tive medo do Seminário, local onde os mais velhos, me garantiam, que ali seria "***capado***".

Daí me dedicar aos navios…rumei à catedral do Shipping.

Uma das catedrais do Shipping

SCMA, LDA - a Gestão Técnica de Navios… ISM

João Moita vs Resiliência

A Equipa Principal

Negócios, Crânios e Projetos

Aparecem as empresas de Gestão de Navios, a Steer sob a proteção da Portline; a Soponata com a Mare Nostrum e a Transinsular e a Madeirense em, algumas de "**vão de escada**" – como a minha – a que apenas resistiram as tuteladas pelas próprias empresas.

Dá-se início à descentralização da Empresa para a Gestão de Bordo; procurando-se responsabilizar o Comando e do Grupo de Gestão de bordo dos navios, pelo atingir os objetivos gestionários do controlo das Operações e da Gestão do Orçamento do Navio.

Ora **Norberto Pilar**, achava ser possível que o "seu modelo de shipmanagment"; com o controlo à distância do navio, contando com a informação e a presença a bordo dos superintendentes técnicos, os diretores de linha, do Administrador do pelouro do negócio, aquando dos navios à chegada – para avaliação provisória dos resultados financeiros da viagem – seria o rumo certo para atingir o sucesso do controlo do navio e do negócio.

Paulo Farinha e João Moita, procuram impor um rigor de controlo e custos, com vista ao Controlo Orçamental – sem desvios – impondo ao Grupo de Gestão, medidas apertadas na limitação de desvios, recorrendo muitas das vezes à determinação de custos estimados de análise, posteriormente substituídos por números reais,

Por seu lado o Administrador Mário Valadas, era inflexivo e inimigo dos desvios – e o resultado positivo dos negócios, tardava a ser atingido mesmo cumprindo; com o C.A.I "cortando as unhas", e já reduzido ao mínimo, por **Paulo Farinha**.

A frota face à quebra do mercado do transporte marítimo a granel, conheceu momentos de paragem no Rio Tejo; tiveram de ser tomadas medidas de ajustamento do CAI do navio, chegando-se a reduzir ainda mais os tripulantes, para colocar o navio dentro dos valores remunerados pelo mercado; ou seja, colocá-los a navegar no *Break Even Point*, para poderem operar evitando os custos da IC – Imobilizações Comerciais por falta de cliente.

Alguns navios fizeram-se ao mar nestas condições de não gerar receita / não dar prejuízo.

Tanto quanto me recordo, no primeiro ano de exploração dos navios da empresa, apenas um deu lucro real, que terá sido o "Fernão Gomes"; mais conhecido "bota de ouro", primeiro navio da Portline, que no dia da sua entrega na Alemanha, a chaminé de EB, tinha as atuais cores da Portline; e, do lado de Bombordo as insígnias do anterior Armador, porque eu e o Grácia é que desenhamos e pintámos durante a noite este lado da chaminé.

Mas a realidade da frota adquirida às empresas extinguendas – aquela que se julgava ser possível operar – passariam a fazer parte do negócio da empresa; e as remanescentes adquiridas foram colocadas e vendidas no mercado próprio. Concluiu-se que a venda destes e outros navios, foi o seu melhor negócio. Disseram as más-línguas, que este teria sido o melhor negócio de quem os comprou.

Com negócios herdados e outros angariados com continuidade contratual, acompanhados por empresa de Gestão própria, desenhou-se à partida o nicho de

negócio; e as quotas de mercado passíveis de serem partilhadas, pelas empresas de navegação do continente e ilhas; já as empresas de transporte fluvial, não eram lembradas.

Com a mudança de donos da Portline e Transinsular, já que a Soponata deixaria de fazer parte do leque do grupo de empresas nacionais, e Sacor Marítima sem grande expressão, verifica-se o crescimento da Empresa de Navegação Madeirense do Grupo Sousa; o despontar da Empresa do Douro "Mistic Cruises" e o reaparecimento da Frota do Antigo Armador Grego Potamianos, com o suporte financeiro do Banco Montepio.

O grande visionário, fazendo deste sonho uma realidade; atribuído a Almeida Serra, antigo Ministro do Mar, que ao passar pela Administração do Montepio, teve a brilhante ideia de recolocar a frota "Grega" de novo ao serviço, cujo financiamento seria garantido pelo próprio Banco na preparação dos navios, para entrarem em operações comerciais, na vertente do negócio dos cruzeiros internacionais.

Começou-se a desenhar como elemento espacial o elenco que iria constituir a Administração da nova empresa de navegação, numa euforia ambicional de poder em que os intervenientes – escolhidos – acabariam por desistir do projeto, logo que tiveram conhecimento que o Banco iria exigir responsabilidades pessoais, pelo capital a investir e pelos resultados de exploração dos navios.

Seria necessário recolocar os navios a operar, passando por grandes investimentos de recuperação – cujos números conhecidos foram amplamente divulgados pelos média – e encontrar alguém que assumisse o "Comando da Operação Suicida" da reabilitação dos navios. Assim aparece Rui Alegre – confiante no seu conhecimento de reabilitar os navios; pois que se tratava de apenas de uma questão gestão de ordem financeira, já que o negócio estava em maré de alta para os navios de cruzeiro.

Este Romeu procurou do dar um cunho próprio na gestão dos 4 navios, sempre rodeado de assessores incapazes de o demover de qualquer decisão inadequada em matéria de recuperação dos navios, inestimado a sua idade.

A avidez de fazer dinheiro com os 4 navios, o ex-Orion – Porto, sofreria algumas reparações, não efetuando qualquer viagem; a que se seguiria para o desmantelamento na Turquia.

O Lisboa ex-Danae – após ter efetuado e ficado praticamente certificado com um pequeno investimento 1,2 M€ - no Casco e Máquinas; seria condenado pela Sociedade Classificadora, após o desmantelamento de 88 cabines de passageiros por falta de espessura nas chapas de aço dos pavimentos.

A recuperação do Funchal faz-se na Navalrocha, o que era óbvio – outra vez a idade do navio – veio-o ao de cima custos sobre custos - a que não foi estranho um investimento de 4M€ em substituição do aço; e uma remodelação "lite" dos camarotes de passageiros

e das zonas sociais, em que foram investidos, face ao orçamento inicial, 7 M€. O custo total da reparação foi amplamente divulgado pela comunicação social.

O próprio Amador através da Comunicação Social vem a terreiro dizer que tudo quanto se abria estava condenado.

O ex-AHTINA; atual Astória é reabilitado em França, conclui trabalhos na Navalrocha e é fretado a companhia estrangeira, até ao momento da declaração da pandemia.

Passa por momentos difíceis em Inglaterra; acaba por ir a reboque de Liverpool para Lisboa; mas o mau tempo leva-o a Roterdão na Holanda; foi colocado no mercado para venda, agoniza por ser encontrar um potencial comprador – que será o mesmo do Funchal - depois de os principais credores serem ressarcidos de verbas devidas e em incumprimento contratuais. O fim do Astória ainda não está à vista. Agoniza em Roterdão.

Eles abandonaram os navios e eles nunca mais andaram

Astória

O Tempo se encarregará de lhes fazer justiça

Superintendente a bordo

Do nosso superintendente só sabemos que este latifundiário, resistiu ao 25 de abril; lá para os lados de Leiria.

Não foi afetado pela revolução encetada pelos vidreiros; consta que subsidiou alguns manifestantes, carentes de alimentos.

Não se sabe também o que o motivou a rumar à Escola Náutica, abraçar a carreira de Oficial da Marinha Mercante e dar continuidade a ela, mesmo depois de sua aposentação.

Dizem as más-línguas, que sua esposa o obrigava a amanhar as propriedades, a cortar as ervas daninhas e a limpar os terrenos.

Pensou algumas vezes que deixaria definitivamente o Mar; se, entretanto, um dos seus rebentos, produto do matrimónio, o presenteasse com um neto.

Demorou mais tempo do que o desejo de ambos – sua esposa – claro; mas cegonha que ia a caminho do seu ninho em Aveiro, enganou-se e acabou por pousar numa das suas propriedades, bem perto do santuário de Fátima.

Foram abençoados com uma menina linda, que são os olhos da avó.

Houve festa e leitão e eu não soube de nada, nem uma sandocha chegou, aqui ao Consulado do Oeste.

PORQUÊ MANUTENÇÃO TÉCNICA NOS NAVIOS O ERRO HUMANO

Índice de Figuras / Gráficos / Curva de Baht/ Gráfico nº 1

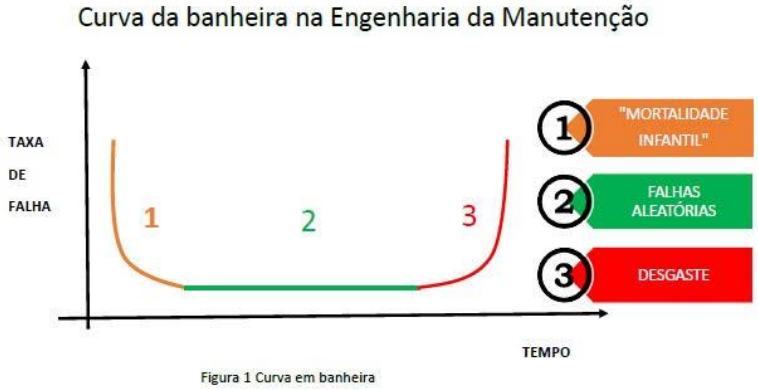
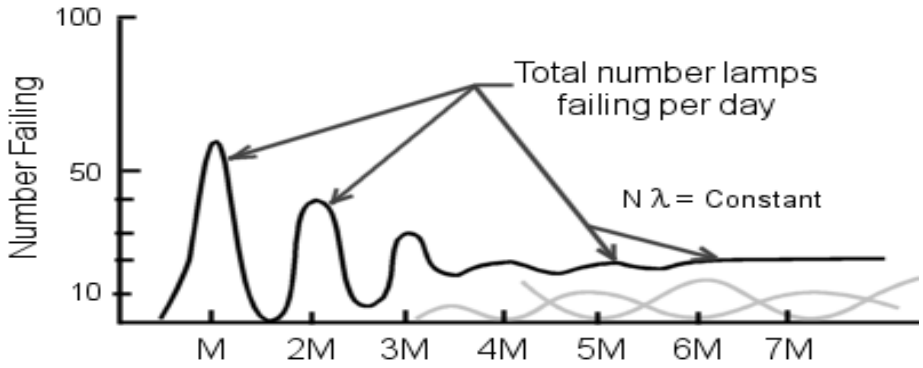


Figura 1 Curva em banheira

Gráfico nº 2 – Curva de Falhas



Face à pequenez da dimensão do trabalho, endereço os meus agradecimentos ao Ex.mo **Senhor Doutor Manuel João Digníssimo Professor do ISEC**, pela sua dedicação na produção de elementos de Estudo das UC´s que leciona; e que mais uma vez vai ter a paciência infinita de o ler, resultando da leitura de um tema da atualidade, vivido pelo Aluno, da sua UC de FHC do ISEC, que aumentará os seus conhecimentos, em proveito próprio.

Por outra via com um grande abraço de amizade, de apreço e de admiração ao meu "Pupilo" **Engenheiro José Carlos Henriques, Diretor Técnico da SCMA, Lda**., atualmente meu Superior Hierárquico, como resultado da passagem do testemunho, tendo em conta o **Princípio de Peter**, momento em que o Aluno troca de lugar com o Professor.

MARLEY & Boris

Agradecer também ao meu Comandante, José Valente, que me conhece desde os tempos do Liceu, e que me foi dando umas horas, para estudar para o ISEC, para não

dizer uns dias; permitindo dizer presente quando é preciso estar na Faculdade, e que me dava a possibilidade de sair do navio, enquanto não colocamos definitivamente as fardas no baú.

Encontramo-nos em algumas comemorações importantes, já que em funerais, não contem comigo – porque temo a morte – e por isso ando já a alguns anos a preparar a partida.

Ao Engenheiro ***Fernando Ferreira, Fernandinho***, que durante anos esteve sempre por perto, sem levantar ondas; foi o primeiro a oferecer uma árvore de fruto, que foi plantada na fazenda com cerimonial à maneira.

Tocou a Portuguesa, o buraco foi aberto com a máquina sem-fim, levou adubo biológico, importado da Quinta do Sónecas, do seu monte de Albergaria.

Conheci o **Engº Fernandinho** a bordo do **Damião de Góis**, onde se montou um sistema de deteção de deformação do casco, provenientes de toques com alguma violência dos catamarãs, nas aproximações aos pontões e tempo de espera dos navios atracados aos cais às rígidas defensas.

O sistema lá se montou, os mestres não ficaram nada contentes como isso**,** porque o Sistema de Deteção de Impactos, registava o dia e a hora em que os impactos se verificavam; o que permitia, identificar os Mestres.

Também no mesmo navio que monitorizamos aos cais, 24 sobre 24 hora, recorrendo a 6 câmaras de vídeo e áudio, que registariam todos os pontos de embate.

Foi uma guerra difícil porque os mestres conhecedores que os sensores estavam a BB, quase nunca atracariam por aquele bordo. Foi uma guerra das grandes até atracarem.

Penso eu, que o Engº Fernandinho nunca foi ganho para aqueles projetos; que era mais trabalho para ele verificar no final de cada mês.

No mesmo navio, ainda mais “lixámos” o Fernandinho, pois montamos um sistema eletrónico, cujo alarme era emitido, quando se verificava um desalinhamento entre a máquina pp, a caixa redutora e propulsor jet.

Assim. O Engº Fernandinho acabou por se tornar meu amigo***; e foi o único que me ofereceu uma árvore de fruta para eu plantar na minha fazenda.***
Também reservei um lote hortícola – sem pagar renda – para quando se der a catástrofe mundial, possa semear produtos hortícolas e uma saca de batatas de semente.

Tentei saber algumas histórias da passagem destes “manguelas” quer do Chefe, quer do SôNecas e do Fernandinho; mas todos eles, se fecharam em copas, nem um pio saiu dali.

Mas se houver um Trancaline III, já tenho uns apontamentos que irão por a nú todos esses segredos, fechados a sete chaves.

O Fernadinho está em pé â direita, e o Chefe dá conselhos.

Os MESTRES também têm prazo de validade…

Encontrámo-nos neste jantar.

Podem ver a Bela Marques, o e os Senhores Comandantes Valente e Lázaro

Os 75 anos do Trancaline

Ao Engenheiro João Moita, que me deu a oportunidade de estagiar em Vários Estaleiros do Mundo, Zaliv - Ucrânia, Sestau – Na Catalunha; Na La Naval - Bilbau; Niewus Van Demberg – Holanda; Deutch Verft - Alemanha; Lisnave; Setenave, Estaleiros Navais de Viana do Castelo; Estaleiros Navais de Peniche; Pesrep Portimão; Navalria – Aveiro, culminando com a responsabilidade pela da construção de 12 navios, entre os quais uma doca flutuante.

Ao Comandante Delgado, que conseguimos um bom entrosamento na compra e venda de navios.

Ao Engenheiro Fernando Fernandes, que apanhou os ferries que cuja construções fiscalizei; e que teve de dar volta aos problemas que, entretanto, foram surgindo.

Também agradecer-lhe a árvore que me ofereceu, e me obrigou a regar de modo que pudesse dar fruto. ***A árvore está bem nutrida e já deu fruto.***

A todos os anónimos trabalhadores de bordo dos navios e dos Estaleiros Navais por onde passei e que me ajudaram a cementar a minha carreira no Mar, e mais tarde quase sempre ligados aos navios em terra.

Bem, chegados bem que foram os 70; e, para quem não queria passar dos 40, convidei os amigos de peito, os mais bem apertados, e fomos jantar e comemorar com um jantar modesto, no pátio do Faustino em Torres Vedras.

Para estes meus amigos tinha uma surpresa preparada, que era um livro de memórias, intitulado **Trancaline I**, em que relato algumas passagens da minha vida e das vidas comuns, dos Oficiais da Marinha Mercante, com algum humor marítimo à mistura.

O livro não foi editado, assim como estes não vão ser, foram feitos 500 exemplares entregues em mão ou enviados pelo correio.

O Trancaline I. Trancaline II, **III e IV** irão ficar disponíveis no meu site www.trancaline.com; e, **constituirá uma prenda para todos aqueles que o queiram ler; desde que, não façam comentários "mauzinhos" ao seu conteúdo. Sugestão de correções, sejam bem-vindas.**

É facultado graciosamente.

A sua linguagem é uma mistura terra ou marítima, fala de marujos, navios, bombeiros, radioamadores e é ilustrado com fotos de toda a gente com quem convivi e convivo ainda. A árvore foi plantada, o filho feito e o livro escrito, vou escrever outo que é este.

Os 70 anos foram passados assim.

Temos de voltar ao trabalho. Gestão Técnica

Também aos tripulantes do navio de Cruzeiros Funchal, onde veria o final da minha carreira como oficial e Engenheiro; navio que com os seus 61 anos de idade – tudo leva a crer que irá voltar a navegar - e para o qual em 2014 fui chamado a fazer uns dias de férias para o meu colega.

Engenheiro Chefe – sob o pretexto de ter de ir a tribunal – que estou à espera que chegue, pelo que ainda hoje por lá vou estando, enquanto o discernimento e as pernas obedecerem.

Finalmente aos meus colegas do ISEC, que me acolheram no seu seio escolar, ajudando-me a integrar no seu ambiente, como membro de fato e de direito.

A Cláudia, a Cristiana, a Susana de entre outros. Também aos meus estimados Senhores Professores do ISEC, que me transmitiram os conhecimentos que procurava.

Pouco ou nada nos ensinaram em “Sede Própria”, ou seja, na Escola Náutica, que a Manutenção iria a ser a bíblia da nossa profissão.

ISM e Docente da UC - Análise de Risco – Cte Pedro Patrício

1- Resumo

1.1 – Razão da Exigência da Manutenção Técnica

1.1.2 – O Potencial do Erro Humano

Aluno ao procurar enquadrar-se na abordagem - no seu dia a dia profissional – aos conceitos, ora do Autor ora do ISM, e revê-se nalgumas afirmações e conceitos produzidos pelo Autor***, Eduardo de Santana Seixas***, pelo que o Aluno procurou chamar a si, e comparar os ensinamentos do Autor, recomendado pelo Professor da UC, (**MJR**) e aferir da sua eficiência, face ao quotidiano da aplicação do Código ***ISM – International Safety and Maintenance.***

Ora este Código assenta num número de

s Internacionais aplicáveis, neste caso aos navios; constituído por um Manual de Procedimentos, alvo de auditorias externas e Internas que penalizam os proprietários dos navios "Armador"; o seu Diretor Técnico; o Comandante do Navio; o Engenheiro Chefe, estendendo-se aos tripulantes – se for o caso de erro humano destes – se tiverem ocorrido acidentes imputados por falta de cumprimento de Rotinas de Manutenção; e a não regularização injustificada em tempo, das **"Não Conformidades Levantadas".**

O Código ISM - International Safety and Management, é produzido e imposto pela IMO – **Intergovernamental Maritime Organization** – que atua debaixo da orientação da ONU; tutelada pelo **Ministério dos Negócios Estrangeiros** de cada país, supervisionada pelo **PSC - Port State Control** ou a **Autoridade Marítima Nacional. (AMN)**. **Safety First** - *significa um sistema estruturado e documentado permitindo que o pessoal da empresa, o implemente de forma eficaz um Sistema de Manutenção, reduzindo a probabilidade de ocorrência do erro humano. Tendo em conta a segurança do navio, da empresa, dos seus trabalhadores; cultivando, uma política de proteção ambiental*.

O sistema significa informação quantitativa ou qualitativa, registos ou declarações de fato relativas à segurança ou à existência e implementação de um elemento do sistema de gestão de segurança, que é baseado na observação, medição ou teste e que podem ser verificados.

2 – Introdução

2.1 – Código ISM

O Código ISM na sua forma atual foi adotado em 1993 pela resolução A.741 (18) e tornou-se obrigatório com a entrada em vigor, em 1 de julho de 1998, das emendas de 1994 à Convenção SOLAS, que introduziram um novo capítulo IX na Convenção.

O objetivo do Código ISM é fornecer um padrão internacional para a gestão e operação segura de navios e para a prevenção da poluição.

O Código é baseado em princípios e objetivos gerais, que incluem a avaliação de todos os riscos identificados para os navios, pessoal e meio ambiente de uma empresa e estabelecimento de salvaguardas apropriadas.

O Código é expresso em termos gerais para que possa ter uma ampla aplicação.

Claramente, diferentes níveis de gestão, seja em terra ou no mar, exigirão diferentes níveis de conhecimento e consciência dos itens descritos.

2.2 – Falhas nos equipamentos

A manutenção de um navio é divida em duas partes:

- Manutenção de casco.
- Manutenção de máquinas.

Este trabalho será realizado tendo por base pesquisa de procedimentos usualmente adotados por armadores e estaleiros, bem como as orientações sugeridas pelas sociedades classificadoras, que o Aluno desde 1969, à data de hoje, chama a si a responsabilidade da implementação do Sistema de Gestão da Manutenção, do navio na sua qualidade de Engenheiro Chefe.

2.3 – Confiabilidade – Curva de Baht

Uma curva típica de tempo versus taxa de falha para o equipamento. É a conhecida "**curva da banheira"** que, ao longo dos anos, se tornou amplamente aceite pela comunidade.

Como é sabido a curva caracteriza-se pela exibição dos três padrões da taxa de falha: ***Falha decrescente; taxa de falha constante e taxa de falha crescente***, que pode ser observada no **ANEXO I – Figura 1.**

2.4 – Taxa de Falhas

Na primeira fase do estudo, a validade de Baht Tub Curve é verificada com a ajuda de análise de dados falha.

A curva da banheira não descreve a taxa de falha de um único item, mas descreve a taxa de falha relativa de um sem número de produtos ao longo do tempo.

Assim temos que a ***curva da banheira*** é gerada rastreando a taxa de falhas dos equipamentos ao longo de seu período de vida.

A taxa de falha (número total de falhas por ano) da Tabela -1 gerada em relação a todos os anos e a curva encontrada no gráfico é mostrada o **ANEXO II da figura 2.**

No nosso estudo, seja qualquer que seja o sistema de avaliação empregue (software, matriz de risco), o conceito assentará sempre na nossa curva de Baht.

3 - FALHA HUMANA / FALHA DOS EQUIPAMENTOS.

3.1 – Falhas por desgaste

O desgaste ou perda das características ou da configuração inicial, é dado pelo tempo de vida que um componente, face ao seu desempenho limitado no tempo.

Assim, mesmo que as falhas possam ser falhas provocadas por de desgaste, e que ocorram em intervalos de tempo aleatórios; tudo aponta uma taxa de falha constante e comportamento exponencial.

A acontecer assim, podemos ter como causa real o defeito de fabrico de um equipamento, ou sendo o resultado de um projeto cujo modelo não foi bem testado.

"Temos de ter presente qualquer componente estático ou rotórico de um equipamento ou máquina, tem um tempo de vida limitado".

3.2 – Falhas por erro humano:

Foi preocupação do Aluno de FHC, face à limitação do número de páginas, versar os pontos mais importantes da manutenção e do erro humano, tendo em conta a sua experiência na fábrica de motores SULZER, em Winterthur – Suíça, e na operação e manutenção de motores Diesel de 22.000 BHP / CV de potência, que permitia um navio de 180 mts, dar 22 nós (milhas náuticas por hora). Dos mais velozes à data de 1981.

Toda a formação assenta na construção de grandes motores, em que todos aqueles que o projetaram, desenharam; serão aqueles que procedem à sua montagem, para que eles próprios possam detetar os seus erros, na fase do projeto e dos testes, de modo a não os transmitir a terceiros que os vão operar.

3.3 - Métodos atuais de deteção de erros humanos

O sistema de alarmes deteta a existência de um erro, o qual pode ter uma falha humana ou não. Identificadas as causas, efetuadas correções e ajustamentos, **inicia-se então o método de análise**, à sua origem.

Se o sistema indicar onde ocorreu e porque ocorreu, a tarefa está facilitada ao Oficial Engenheiro de Quarto, uma vez que um incidente, se pode transformar em acidente, e levar à paragem de emergência das máquinas principais.

3.4 – O porquê dos métodos de deteção de erros humanos

Uma disposição-chave da Convenção STCW exige que as Partes forneçam informações para permitir que outros verifiquem a validade e autenticidade dos certificados de competência dos marítimos.

Isso é importante, pois os marítimos não qualificados, portadores de certificados de competência fraudulentos, representam um perigo evidente para eles próprios, para os outros a bordo e para o meio ambiente marinho.

4 - DESENVOLVIMENTO

4.1.1- Confiabilidade

4.1.2– Cálculos da Confiabilidade

O Engenheiro de manutenção também não precisa calcular o valor da confiabilidade dos Equipamentos da Casa da Máquina e das máquinas, porque a fase de análise do grau confiabilidade, é indicada pelo construtor dos equipamentos.

É claro que estes cálculos já estão disponibilizados pelos construtores das máquinas, e fazem parte integrante, de normas de procedimentos; de rotinas de transmissão dos

quartos (turnos de 4 horas), de uma forma verbal, do registo do Diário de Máquinas escriturados, e da transmissão dos formulários previstos no Código do ISM.

O Engenheiro pode sim, tomar as ações e decisões necessárias para melhorar esse nível de confiabilidade.

Este é o procedimento internacional. Que permitirá diminuir o ERRO HUMANO e incrementar o histórico para melhorias contínuas futuras.

5 – TAXA E FALHA

A taxa de falha ***é o número de falhas de um sistema ou componente por unidade de tempo***, por exemplo; falhas por hora na vida normal dos equipamentos ou sistema, que resultam de casos aleatórios, na maioria dos casos devido a condições operacionais anormais.

Neste caso a **taxa da falha será o somatório**, do desgaste é resultado da vida devido à fadiga ou depreciação dos materiais, acrescida de procedimentos inadequados, provocado pelos seus operadores (Erro Humano).

Nas novas construções de navios, aplicam técnicas de fiabilidade assentes no comportamento, de um corolário de análise de falhas designada (FMEA); previamente elaborada, e aceite por entidade competente. Entram aqui as Sociedades Classificadoras de Navios e outras.

5.1 – Monitorização

Sobre o erro humano, assumimos que o mesmo é uma falha, cometido por uma pessoa que resulta em qualquer resultado desfavorável.

Daí, que os humanos são imperfeitos e a nossa infalibilidade é universal.

O erro humano é muito difícil de gerir, porque as pessoas podem fazer coisas inesperadas, ou seja, os tipos de falha são imprevisíveis. ***(Isec – FHC – JMR).***

Também segundo ***(ISEC – FHC -MJR)*** pode-se argumentar razoavelmente que todas as falhas são culpa do projeto humano, porque não podemos impedi-los de acontecer. Para diminuir o erro humano, é preciso monitorizar.

No **ANEXO II**, apresentamos o mais vulgar sistema de monitorização; o qual pode ser obtido através do Datalloger, ou simplesmente resultante de leituras observadas e registadas à mão.

5.2 – Tratamento e análise de dados

Se o navio está a navegar em alto Mar ou atracado a um cais, em princípio não haverá problema e inicia-se o diagnóstico.

Mas se este iniciava uma manobra de atracação num terminal petrolífero, um **Incidente** podia-se transformar num **Acidente** e dar origem a uma **Catástrofe**.

Daí a necessidade do ISM, apontar para que as tripulações tenham uma formação adequada, recomendada internacionalmente e imposta, com base em convenções internacionais.

Assim, a convenção **STCW**, define não só os requisitos de formação das tripulações, como os ***inibe do exercício da sua atividade a bordo***, se não possuir uma certificação; ou seja, o seu Certificado de Competência, tem de ser renovado por períodos 5 anos, o que dita o regresso à sua Escola Náutica para Refreshment.

4 - Interpretação dos resultados.

6.1 – Princípios

O elemento humano é uma questão multidimensional complexa que afeta a segurança marítima, podendo afetar a proteção do meio ambiente marinho.

Os resultados dependem da cooperação; e o envolvimento de todo o espetro de atividades humanas executadas por tripulações de navios, gestão em terra, órgãos reguladores, organizações reconhecidas, estaleiros, legisladores e outras partes relevantes.

6.2 – A implementação

Com o aparecimento do ISM, o conceito que é a Curva de Confiabilidade de Baht, seria direcionado, para os registos do Código, para que o auditor e a Autoridade Marítima, olhe para o navio; como um cumpridor, e seguidor das recomendações, uma vez que as rotinas de manutenção se fazem atempadamente.

Estas rotinas aliadas aos procedimentos de condução recomendados pelos construtores, permitem diminuir o erro humano, como principal gerador de avarias.

Os Erros Humanos são capazes de gerar Catástrofes, poluindo o Mar **(AMOCO CADIZ),** cujo efeito de dominó, dá origem a outros erros associados, normalmente relacionados com equipamentos cuja Manutenção é **INCONFORME**.

6.3 – Controlo

O ISM possui uma disposição-chave com a entrada em vigor da Convenção STCW, a qual exige que as Partes (governos) forneçam informações para permitir que outros verifiquem a validade e autenticidade dos certificados de competência dos marítimos. Tripulações e 30 % navios rasteados à chegada de um porto dos países membros.

6.4 - Visão

Aumentar significativamente a segurança marítima, a proteção e a qualidade do meio ambiente marinho, abordando as questões dos elementos humanos para melhorar o desempenho.

6.5 - Metas do ISM

Promover e comunicar, através dos princípios do elemento humano, uma cultura de segurança marítima, consciência de segurança e consciência intensificada do meio ambiente marinho.

Fornecer um quadro de incentivo ao desenvolvimento de soluções não regulamentares e sua avaliação, com base nos princípios do elemento humano.

Ter implementado um sistema de identificação e divulgação de estudos de interesses marítimos, pesquisas e outras informações relevantes sobre o elemento humano, e seus erros em operações específicas; incluindo descobertas de investigações de incidentes marinhos e não marinhos.

Aumentar o conhecimento e consciência sobre o impacte das questões do elemento humano nas operações seguras dos navios.

7.0 – Conclusões

7.1 – O ISM - Manutenção e Erro Humano e fadiga

Eu cumpro e faço cumprir o ISM.

7.1.1 - A Assembleia da IMO, em sua 18ª sessão realizada em 1993, aprovou a resolução A.772 (18) sobre Fatores de fadiga em tripulação e segurança. Esta resolução fornece uma descrição geral da fadiga e identifica os fatores de risco das operações do navio que podem contribuir para a fadiga e consequente erro humano.

7.1.2 - Deve-se reconhecer que salvaguardas adequadas, a ser implementadas para garantir que um único erro humano ou organizacional, não cause um acidente por meio da aplicação desses regulamentos.

7.1.3 – A resolução veio estabelecer e fazer cumprir os períodos de descanso para o pessoal de serviço de quarto, e aqueles cujas funções envolvam proteção designada, proteção e prevenção da poluição, de acordo com as disposições da seção A-VIII / 1 do Código STCW.

7.1.4 – É finalmente exigido que os sistemas de quarto sejam arranjados de forma que a eficiência de todo o pessoal de serviço de quarto não seja prejudicada pela fadiga.

7.1.5 - Em 2001, a IMO ao aprovar o Guia de orientação sobre mitigação e gerenciamento de fadiga (MSC / Circ.1014), que foi recentemente substituído pelas diretrizes sobre fadiga (MSC.1 / Circ.1598) aprovado pelo MSC em 2018, abre caminho ao abuso de excesso da carga horária a que os tripulantes estavam sujeitos.

7.1.6 - Consequentemente, o MSC 100 aprovou em 2018 o MSC.1 / Circ.1598 nas Diretrizes sobre fadiga. Essas diretrizes são compostas por módulos, abordando diferentes partes interessadas.

Dito isto, cada responsável pela Manutenção dos Navios, pense bem na *"**merda**"* que fizeram a bordo; quer nos seus navios, quer dos seus clientes.

a ação do Amoníaco Português de me havia custado dez contos de reis na altura e em alta.

Uma costela nos unia, o fato de termos estado ambos em Angola – não nos conhecemos aí – e ligados profissionalmente à Navetur da Companhia Nacional de Navegação.

A Cerimónia não foi divulgada nos media, porque pediram muito "graveto" e *ainda iam lavar roupa suja.*

Não estiveram todos presentes no evento. Pelo menos todos aqueles que gostaria que estivessem estado presentes. Contentei-me, com aqueles que se disponibilizaram ir.

Tive o cuidado de verificar que ninguém, mesmo ninguém chorou. Nem uma lágrima no olho.

O casamento tem durado, com alto e baixos quase como todos. Mais tarde ou mais cedo, um de nós vai; quem cá ficar tenha juízo.

Quis o destino eu ter levado o "***bilhete de desembarque***"; a que surgiu então a oportunidade de a "***desencalhar***", a Banqueira, perdão a Bancária, embora haja quem diga que foi precisamente o contrário.

Claro que constitui uma eternidade este segundo matrimónio, quis Deus que ao longo de trinta anos, a mulher – minha esposa – termo que detesta, dotada de grandes qualidades para o mar, depressa se assumiu como como tal, iniciando a sua atividade marítima adquirindo competência como marinheiro e posterior como patrão local.

Preparada para a largada do navio

Claro que havia mais gente qualificada para conduzir uma embarcação, a que não tardou a aparecer a "**DELUENA**", que teve como padrinho o **Engº José Carlos Henriques e como testemunha o Engº SôNecas**, todos atacando uma travessa de sardinhas a bordo da mesma em Peniche.

Manutenção

Compraste um barquinho, pois agora tens de tratar dele…

Acompanhamento familiar…

Passamos a fazer o IRS juntos, em vez de filhos ficámos com uma casa cheia de cães; que chegaram a ser 32, dos quais sobrevivem 20, na sua maioria quase com a idade adulta.

Resto do componente familiar

A **Niki**, o **Óscar**, a Joaninha, a **Didi-tá-tá**; a Tété; O Snopy; a Belinha; a Lolita; a Milu; a Baby; a Baby Júnior; o Cácá; a Bébé; o Zuky; o Peti; a Mini; a Dudu-Gatô; o Kiko; a Lily; a Niky 2; Peti 2; Papy; e muitos outros que demos, a pessoas nossas amigas; e, mais 2 acabados de adotar, a Megui e Lily II. **Partiu a Lily e a Belinha e a Joana**. O Snoopy deu-se muito bem com a adoção, um dia destes vou dar um passeio com ele no Jeep, e levá-lo a "Fernandino", para se encontrar com a namorada, que lá deixou.

Não sei bem o que é isto!

Os Nossos Canitos

A casa comprada em ruínas, reconstruída aos poucos – toca a voltar ao mar - cresceu e é nossa, porque está totalmente paga.

Mas o relógio não pára, com a agonia do Funchal, e com a chegada da velhice efetiva; com o Adeus às fardas, em 19 de maio de 2021 comprámos um terreno agrícola, e vai de plantar arvores de fruto, flores e cavar, regar, regar e mais regar.

A nossa mini fazenda

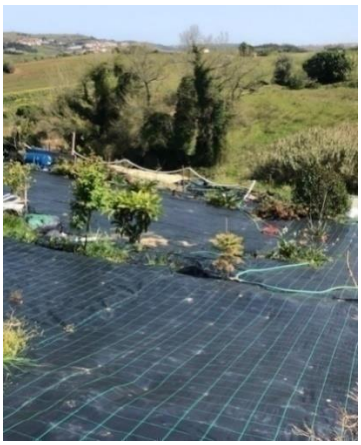
Gastámos todo o "graveto" que tínhamos amealhado.

Mas passámos a ser "*Fazendeiros*" de "*macro fazenda*" porque logo de seguida comprámos outro lote, adjacente ao primeiro; com uma vinha e umas árvores de fruto, às quais juntámos muitas mais.

O terreno apresenta um desnível de mais de 16 metros, acabando por confinar com uma regueira de onde chegámos a tirar umas toneladas de água destinadas à rega.

Este ano a regueira está seca.

Vou tirando alguma água de uma nascente, em forma de poça que acumula todo o sistema de drenagem do terreno, por vezes temos de recorrer ao poço do meu vizinho João e Maria do Rosário; que além de nos darem água, nos auxiliam e ensinam as artes do plantio, e do amanhar da terra.



Temos muitas flores. Fizemos 3 linhas de “malaloucas” para quebrar um pouco o vento de norte, que normalmente é de 3 horas; três dias ou 3 semanas.

Aprendemos a monitorizar o tempo e a chegada da chuva, pela orientação dos aerogeradores comerciais; a que juntamos painéis solares e moinhos caseiros, de autoprodução de energia.

A**inda não somos autónomos, mas almejamos a isso brevemente.**

Claro que a nossa vida mudou completamente, tivemos de abdicar de muitas coisas; aproveitar economia de escala nas deslocações, porque complemento Funchal desapareceu, as contas na farmácia aumentaram, pelo que encetámos uma maneira de nova de viver.

Recolhi à “caserna”; vai para 396 dias que me dedico ao bricolé e reforma agrária; com esporádicas saídas, ao médico e hospital. Aos poucos vou deixando de pensar em navios…

A ***Marinheira Consorte***, lá me vai aguentando conforme pode; **já desistiu de mudar o meu feitio**, faz a sua ginástica EFIT e trata do componente familiar canino e de mim, claro.

Também se dedicou à política local e à ajuda Humanitária. Dá conselhos matrimoniais, faz previsões no espaço e no tempo, e ainda cresce tempo para aprender mandarim.

Eu ainda não acabei o **Curso de Engenharia de Proteção Civil**, faltam algumas Unidades Curriculares, mas até aos 94 anos irei ter tempo de concluir esta licenciatura; estas são as previsões mais estimulantes da Marinheira Consorte, embora eu a contrarie porque sinto que a partida será muito tempo antes. As pernitas começam a não responder à chamada…

Trabalhos mais duros numa família de radioamadores

Mas as coisas não estão fáceis para os radioamadores; porque cada vez há mais Radio-compradores; Radio-faladores; Radio-cocadores; e Radio Piratas Amadores.

Os telemóveis até agora têm monopolizado o sistema de comunicações, para não falar do Echolink de 3 em 1), barato e de fácil utilização.

Permite por outro lado eliminar as barreiras Administrativas de interdição pelo uso de frequências, a radioamadores não habilitados.

Faz parte de um sistema, que deixa de lado o D-Star; C4FM; o DRM; e só ultrapassásseis pelas **Comunicações Quânticas**.

Com o desaparecimento dos Radioamadores genuínos – detentores ancestrais do poder rádio – a nova geração, adaptar-se-á às IT's, pelo que as transmissões conforme as conhecemos; serão cada vez mais dependentes da Net e dos satélites - salvo se o conflito da Ucrânia – obrigue a utilizar a maioria dos transcetores que estão na prateleira.

Talvez o **MORSE** ressurja, carregado de potencialidades da alta encriptação, com velocidades não imagináveis de transmissão até agora utilizadas como o "Farmcloud

Transmissores de Televisão Amador – 1,2 Ghz ; 10 Ghz Transmissão em direto de televisão de simulacro de Esmoriz para Quartéis de Bombeiros do Distrito e Aveiro CDOS, na Imagem 1º e 2º Comandantes dos Bombeiros de Estarreja.

A nossa Terra

RADIOAMADORES

Foi a minha primeira viatura de Transmissões

Televisão Amador - Transmissão para quarteis do Distrito de Aveiro

A Associação de Radioamadores do Oeste surge num momento alto do radioamadorismo em Portugal; na vertente de expansão e das emissões de TVA, (Televisão Amador) de que sou grande fã.

Os Radioamadores do Oeste sempre existiram de forma dispersa, sem terem em mente um modo de se organizarem, pois quase todos conhecidos da região e do éter via CB (Banda do Cidadão) que tiveram o privilégio de se unirem criando e implementando o Repetidor do Varatojo, utilizado a torre e habitáculo rádio em partilha com os equipamentos Rádio da Câmara Municipal.

Pela mão do CT1DZX **Dr. Jaime Rei**, acabei por entrar para o grupo "fazendo uns recados", pois embora sempre tivesse o gosto pelas transmissões e receção via rádio, galenas e CB; passaria a acompanhar os eventos que se realizavam no nosso concelho de Torres Vedras, que culminaram com sendo uma atividade interessante, de transmissões Rádio e TVA.

O Carnaval de Torres passou a ir aos lares de 3ª idade; provas de ciclismo de Joaquim Agostinho, transmissão de Touradas locais; Festas de S.Pedro, e eventos das Linhas de Torres, entre outros.

Foi de fato um período bem grande da ARADO, pois transmitimos o Carnaval de Estarreja várias vezes; passando por transmitir Simulacros e eventos distritais do CDOS de Aveiro, para os quarteis de Bombeiros desta região, chegando a Coimbrões para a transmissão também de exercícios e simulacros de Bombeiros entre atividades desportivas locais e escolares.

A ARADO, veria as suas hostes engrandecidas com Radioamadores de grande gabarito, uns mais especialistas do que outros, em diversas áreas das comunicações; a que queremos fazer referência, ao CT1DZX; CT1OAZ; CT1 BUN; CT2DTO; CT1 AAJ; CT5JKW (estes três últimos já nos deixaram); dando forma física e legal criando esta Associação em 29.9.2005 por celebração de escritura pública.

CT1DZX; CT2 HCA; CT5JEX; CT5JKX deram fogo à peça, a Associação foi criada, e passou por altos e baixos nos 15 anos de existência.

Modernizaram-se os repetidores, foram adquiridos nos transmissores mais evoluídos, as emissões de TVA, entre os radioamadores habituais vai deixando de ir para o AR com regularidade; a vida associativa perde interesse, as soluções diretivas que se sucedem, não conseguem revitalizar a Arado.

A Associação mantém o seu estatuto, adaptando-se ao "***modus vivendi***" face à pandemia do Covid 19, a sua sede foi temporariamente ponto de "reclusão Covid 19" no Labcenter, pelo que a Direção tem vindo a reunir via Zoom.

As Comunicações Rádio, o acesso e progressão carreira dos Radioamadores, face à legislação vigente acabará por ditar o seu fim. (…---…) (QRT).

Expoente máximo dos radioamadores portugueses

Carlos do Mar VS Mário Portugal

O Melhor dos Radioamadores.

Antes de falarmos propriamente sobre a nossa personagem **MÁRIO PORTUGAL**; por uma questão de justiça, teremos de falar sobre o seu irmão, **Carlos do Mar**.

Carlos do Mar Ct1 UX / CR6CH, foi um dos grandes Radioamadores Nacionais que chegou a ser proposto para Patrono dos Radioamadores Portugueses.

É inegável e a história refere-o como um fenómeno humano, por reunia uma gama invejável de conhecimentos sobre radiofrequência, pelo que levou uma vida de investigação dos fenómenos do especto e das comunicações via rádio, até nos deixar.

Posso falar de **Mário Portugal e Carlos do Mar**, na qualidade de familiar somos – **sobrinhos e primos** – (**falamos da Leninha minha mulher e eu**) cujo contacto vai mantendo, regularmente com os familiares residentes no Brasil; **Maria do Mar e Carlos do Mar**, falando, através das plataformas sociais que normalmente usamos no dia a dia.

Optei por falar primeiro sobre **Carlos do Mar**, e um pouco mais tarde de **Mário Portugal**; pois era preciso antes falar do seu irmão e impulsionador, já porque a ligação familiar foi fundamental para colocar estas duas personagens no mundo da rádio.

Ora, Carlos do Mar Bettencourt Faria ex-CT1UX e ex-CR6CH, apesar de ter nascido em Lisboa a **13 de fevereiro de 1924**, passou parte da sua juventude na zona ocidental da Ilha de São Miguel, Açores, numa localidade chamada Ginetes, onde o seu avô era médico.

Carlos desde miúdo e no tempo em que frequentou o liceu de Ponta Delgada, demonstrou interesse pela ótica astronómica e tecnologia de rádio, sendo aí a sua iniciação aos fenómenos da radiofrequência.

Mais tarde, ainda na sua adolescência viveu na Ilha da Madeira com um tio cónego, autodidata que era um entusiasta de rádio, astronomia e biologia maritima, passando desde então, a efetuar mergulhos subaquáticos com certa regularidade e a desenvolver os seus conhecimentos no campo da rádio e astronomia.

Com 27 anos de idade, Carlos do Mar Bettencourt Faria embarcou em 1950 para Angola, onde seis anos depois (04/10/1956) fundou o **Observatório Astronómico da Mulemba** num terreno situado nos arredores de Luanda, com uma área de 10.000 metros quadrados, estando igualmente em preparação a instalação de rádio telescópios, motivada então pela franca expansão da rádio astronomia no mundo.

Em Angola ele vem a criar a Associação **Astronómica de Angola**, fundada a 08/08/64, foi considerada ***Instituição de Utilidade Pública***, podendo assim usufruir de subsídios estatais e privados que foram decisivos para o desenvolvimento e construção de infraestruturas.

Segue-se a, ***Biblioteca Técnica, Museu da Mulemba, Estação de Satélites, Rádio Astronomia, Estação Solar e Laboratório de Electrónica*** para desenvolvimento de equipamentos, fazendo deste complexo, **um dos mais importantes do mundo, no género**, dando especial relevo à cooperação internacional **no rastreio de satélites artificiais e trabalhos astronómicos no âmbito solar**.

Dá início à construção de um telescópio no **Observatório da Mulemba,** onde desenvolve as suas pesquisas sendo o seu trabalho mundialmente reconhecido, nomeadamente pela **NASA.**

Bettencourt Faria, então com 52 anos, passou algumas semanas numa tristeza profunda, face À EVOLUÇÃO política que se estava a viver em Angola.

Em 1976 o Centro Espacial da Mulemba, com um património na ordem dos ***200 mil contos e com uma reputação e atividades de âmbito internacional invejáveis***, entra numa fase difícil, com o advento da Independência de Angola e com a consequente ordem de nacionalização desta instituição.

Carlos do Mar Ct1 UX / CR6CH, foi sem margem para dúvida, um Grande Radioamador.

É inegável e a história refere-o como um fenómeno humano, por reunia uma gama invejável de conhecimentos sobre Rádio Frequência, pelo que levou uma vida de investigação dos fenómenos do especto e das comunicações via rádio, até nos deixar.

A Estação Solar da Mulemba estava situada na latitude de 8º 47'15" S, longitude 13º 18' 28" E, a 75 metros de altitude, junto à costa atlântica africana.

No primeiro piso da Estação, podíamos encontrar o Celóstato (1), montado equatorialmente com um dispositivo de reposicionamento eletrónico, e com controlo remoto a partir do painel de comando, situado no andar inferior.

A imagem do disco solar, era projetada através de um sistema de três discos planos de quartzo, de vinte centímetros de diâmetro, por cinco de espessura, espelhados à face na face superior da torre.

Entretanto participa em vários congressos internacionais, (último na Polónia) no domínio das telecomunicações, onde estiveram presentes, durante três dias de Jornadas, astrónomos, astrofísicos e geofísicos delegados de cinquenta e sete países.

Bettencourt Faria, diretor do Centro Espacial da Mulemba, apesar de astrónomo amador, era o único português presente em eventos internacionais.

Dá-se o 25 de Abril, as convulsões da guerra em Angola, não se compadecem de ninguém, e **Carlos do Mar Bettencourt**, acusado de espionagem e de ter um arsenal de armas em casa, sendo-lhe confiscadas, até as potentes espingardas de ar comprimido de caça submarina, bem como a sua correspondência e telefone vigiados.

A sua estação de rádio amador CR6 CH selada, pessoal estranho ao serviço a querer saber como tudo funcionava, foi na tarde de domingo **4 de julho de 1976, traiçoeiramente degolado ao baixar o vidro do carro, quando cumprimentava o "segurança" de serviço no portão principal das suas próprias instalações.**

A 4 de Julho de 1976 foi brutalmente assassinado deixando interrompida uma obra de reconhecido mérito.

Claro que nessa data eu (Leninha) passava muito tempo em sua casa e com os meus primos, em Angola, onde assistiria aos últimos dias da sua vida; e como familiar foi reconhecer o seu falecimento, pois a sua família mais direta já se encontrava no Brasil.

Depois da sua morte foi acompanhada de militares, buscar alguns documentos, sendo mais tarde vedado o acesso aquele lugar.

A sua Tia e os meus primos, aguardavam que o Pai deixasse Angola, rumo ao Brasil para onde a família pensava ir viver; aguardando apenas a sua chegada. Ainda hoje mantem contato regular com os meus primos do Brasil.

Não sei até que ponto o Carlos influenciou, o irmão Mário porque qualquer um deles, já, tinham o bichinho que caracterizam os amantes do éter e dos seus segredos; produziam e ao mesmo tempo estudos, que ajudaram em muito o desenvolvimento das comunicações via rádio em Portugal e no mundo.

Neste momento já se encontra disponível um pequeno filme que conta um pouco da história de **Carlos Mar Bettencourt Faria**, desde a sua infância até aos últimos dias da sua vida, filme este realizado pelo seu irmão **Mário Portugal Bettencourt Faria, CT1DT**.

Neste site o filme está disponível em formato MPEG, sendo também entregue em formato DVD às Associações de Radioamador para divulgação aos seus sócios e também para emissões de TVA.

O seu Irmão Mário Portugal

Mário Portugal era uma figura encantadora.

Era o sonho de que qualquer mulher de o vir a desposar, se nos reportamos a 1951, tendo em conta fotos dessa época. Não tão famoso como **Marlon Brando (FO0GJ)**; **Yuri Gagarin (UA1LO)** ou **Ragiv Gandhi VU2RG)**; mas o mais famoso entre nós.

Em 1935, vivendo em Lisboa com os pais, devido às dificuldades profissionais que se faziam sentir na capital, seu Pai acaba por contrair doença grave, que levou a família a rumar a **São Miguel Açores**, indo habitar conjuntamente com o Avô.

Quis o destino que o seu irmão **Carlos** fosse para Ilha da Madeira, para casa do **CT3AB Henrique Ferraz**, primo pelo lado da sua Avó; ao passo que o **Mário Portugal**, começava os seus estudos secundários na Escola Industrial de Ponta Delgada.

Mário e Carlos Portugal, perdem o Avô e o pai aos 11 anos, pelo que a família regressa a Lisboa com grandes dificuldades financeiras.

O infortúnio bate á porta de **Mário**, apanha a mesma doença de seu Pai, e passa entre a vida e a morte, entre 1945 e 1950, longos 5 anos internado no Caramulo.

O seu aparecimento no Ribatejo faz-se em 1951, em plena juventude com 23 anos, cuja permanência seria coroada de experiências trágico-cómicas, reportadas em artigos que ele foi publicando ao longo dos anos.

O seu irmão **Carlos** a viver na Parede, casa-se em 1947, e em 1948 convence irmão **Mário** a tornar- se radioamador. Inicia-se aqui a sua carreira amadorística; com a compra de um radio velho **Philco**, que só dava para ouvir os 40 metros em AM, do qual retirou a fonte de alimentação e fez o seu primeiro Emissor.

Inscreve-se na empresa onde viria a trabalhar, a **RARET**, de nacionalidade americana que estava a montar uma potentíssima estação de radio, até bem pouco tempo clandestina, exceto para a PIDE e os EUA, primeiro na sede em Lisboa, depois Machuqueira e finalmente na Glória.

De consciência firme e conhecedor das suas capacidades científicas à data, aí toma a decisão de ir pedir trabalho à RARET, ficando pela receção; pois o secretariado, não queria atender o seu pedido de falar com o Diretor.

Mário insiste, não desiste e pouco tempo depois estava a falar com o **Diretor da Estação**; falou-lhe dos seus projetos Radio, da sua Estação do seu QTH; o que causou tamanha admiração naquele que viria a ser seu empregador; que não queria acreditar que aquele **"tuga"** fosse capaz de fazer uma Estação de Comunicações.

Convencido e curioso por ver a Estação do **Mário Portugal**; leva-o a admiti-lo imediatamente face ao relato dos seus conhecimentos e projetos caseiros desenvolvidos da sua estação.

A RARET, "**Catedral da Espionagem**" na **Glória no Ribatejo**. era de fato uma grande empresa em área, instalações moderníssimas, que ao seu serviço permanente 24 sobre 24 horas; emitia contrainformação para a Europa em 18 idiomas, combatendo o "**Comunismo**" via éter.

Com a queda do muro de Berlim, a estação deixou de emitir, desativada de alguns equipamentos, fechada, abandonada e mais tarde vandalizada**.**

Mário Portugal demonstrou um grande grau de conhecimentos, tendo na sua estadia naquela empresa sido notável; vindo a introduzir grandes melhoramentos na arquitetura dos transcetores, ali permanecendo 32 anos, até à idade de reforma.

Além de estudioso e inventor, em paralelo dedica-se de alma e coração ao **Radioamadorismo**, estudando propagação e antenas; e delimitando as diversas bandas e a fiabilização e estabilização das frequências que ele balizou, e que a autoridade de Portuguesa de Telecomunicações reconheceu.

Em **Portugal** à data de 2011, havia perto de 6.500 Radioamadores licenciados, curiosamente, no "ar" onde correm as ondas hertzianas, há muito pouco tráfego.

Mário Portugal diria que os Radioamadores estavam em vias de extinção por falta de vocação e do avanço tecnológico dos transcetores e dos seus baixos custos de aquisição.

Isto deve-se em grande parte, à simplicidade das novas tecnologias como a Internet e os baixos custos dos telemóveis que vieram fazer com que muitos Radioamadores cessassem a suas atividades, e que em verdade serviu para selecionar dentre os Radioamadores resistentes; aqueles que realmente gostam do radioamadorismo, na sua essência.

Mário Portugal advogava, que por definição, **Radioamador** é aquele que utiliza os seus equipamentos de radiocomunicação, amparados por licença de operação emitida pelos órgãos de regulamentação de telecomunicações dos governos - Anacom em Portugal - sem fins comerciais, ***com finalidade de estudos, aprimoramento pessoal e interagir entre os povos.***

Recorda, que são os Radioamadores a **Reserva de Comunicações,** das quais as nações recorrem, em caso de falha dos meios oficiais de comunicações. Isto não é bem verdade nos dias que corremos; mas que eles existem, existem.

Por outro lado, o Radioamadorismo visa a partilha de conhecimentos técnicos e todos os países desenvolvidos podem relacionar o seu estado de democratização e nível tecnológico pela percentagem de Radioamadores na sua população e seus conhecimentos.

Mas estamos aqui para falar do **Mário Portugal**, como Radioamador. Quem teve o privilégio de obter os seus escritos e apontamentos expressos no "**Engenhocando**"; complementados pelos vídeos e programas televisivos que protagonizou, chega-se à conclusão de que ao seu nível, que - se saiba – ainda não se conhece substituto.

É minha convicção que os há a outro nível tecnológico, um jovem português promissor de Radioamadorismo de vanguarda; também filho de Radioamador, **Flávio Jorge** cujo percurso se desenvolveu na ***Anacom e UIT, após os Estudos Universitários realizados na Universidade de Aveiro.***

RADIOAMADORES no CDOS AVEIRO **Engº Flávio Jorge**

Aconselha-se vivamente que, se recorra à visualização dos vídeos já partilhados, dos seus trabalhos e das descobertas científicas de propagação e antenas, à data da sua produção.

Deverá acessar à bibliografia Mário Portugal, que nasce em 1928, perde o Pai em 1935; adoece 1945; inicia emissões de rádio regularmente entre 1948 /1950; em 1968 constrói o primeiro transcetor a transístores, e em 15 de abril de1969 arranca com a TVA na frequência de 144.930 – obtendo um sinal de P-VI. Conta a colaboração e desenvolvimento destas tecnologias com colegas CT1XZ; CT1IH; CT1 NB – Início da TVA a cores e CT1BIK.

Mário é Homenageado em Santarém, pela Associação de Radioamadores em 2010; aí faz a apresentação do seu livro "**Engenhocando**"; entrando em **QRT** a 6 fevereiro 2011. Além dos irmãos partiram também:

CT1DTO

Carlos **Mário** **Borba** **Miguel Gerónimo** **Álvaro Correia** **Ricardo Lopes**

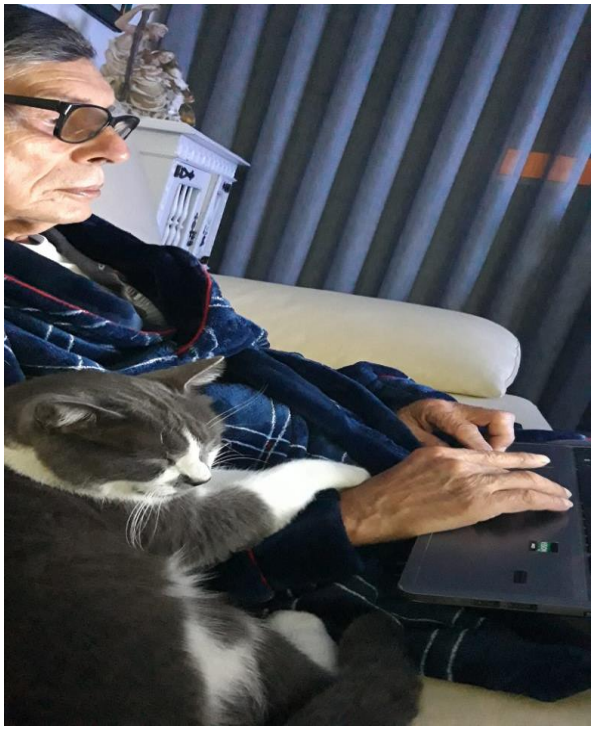
ARADO – Radioamadores de Tores Vedras

Confraternizando da Arado

TRANCALINE

Marine Engineering &
Consultants

Madu virou Armador e Construtor de Elevadores Inteligentes



Um a bolir e outro a dormir

Andreia e Mila e Neto

Eu e Lena

Mila Madu

Igreja de S.Lourenço

Marysa e Andreia

João e Marisa

Tonito e Laurinda

Andreia, marido, filho e sobrinho

Fina Flor de uma família Unida

Eu não vos disse que o Madu e a Mila tinham casado?

Adeus, Funchal, que não me deixaste nenhumas saudades, pela tua última viagem e por quem por último te comandou; e, o ***"camone yes"*** vai começar a pagar a fatura do descalabro em que o Butch e seu acólito o meteu.

Mantenho uma ligação diária com o Madu, cuja família me adotou e me recebeu em sua casa algumas vezes, enquanto montávamos a estrutura do elevador na sua casa de Alpendurada lá para os lados de Marco de Canavezes.

Da primeira vez que lá fui em janeiro de 2019, receberam-me com uma genial serenata, nevou durante vários dias, o que foi espetacular.

A Mila sua esposa, estragou-nos com mimos, boa alimentação nortenha; a que não faltaram os rojões e cozido à portuguesa, entre outras iguarias nortenhas de cama lavada e mesa e, de lareira sempre acesa.

Mas longe de mim pensar, Mana Maria, o Madu e Mila; a mana Maria, Toninho, a Lurdes, Tonito e a Laurinda, o Nelito, eu sei lá quantas pessoas que se associaram ao cunhado e irmão Fernandez, homem da música e da viola, de todas as artes conhecidas acompanhado ao violino e ao acordeão, em segredo – mas em segredo mesmo – me presentearam com uma serenata que nunca mais poderei esquecer. Obrigados, amigos da música.

Realmente é preciso ser bem mais que amigo, e ter cabecinha para pensar numa coisa destas; ou seja, fazer uma ***"malandrice"*** destas.

Musas do Norte Marysa e Andreia meninas da Mamã Mila.

FOTO DOS TOCADORES - Homenagear em vida, não depois de morto…

Fui lá mais duas vezes depois a casa do Madu e da Mila – não nevou – e estou a aguardar que volte a nevar, para regressar.

O elevador está a matar o Madu, porque ele quer que suba carregado que **nem uma mula**; e, o motor foi calculado para cargas que pesem um pouco menos.

Já comprou um motor novo, este cheio de estaleca e vamos ver o resultado da nova peça de engenharia e do seu arranjo, e os problemas vão acabar. Estou certo de que sim.

Rebentos da Marysa

Descobrem o elevador que fizemos e montámos?

É bom estar em casa do Madu e da Mila. É bom subir no elevador, que podemos ver nas fotos que vos estou a mostrar.

Ele fartou-se de pintar, lavar os telhados, pois aproxima-se a data do seu aniversário e 4 anos de casado, vai haver festa da rija e eu não estarei presente.

Ele anda muito cansado, todos os momentos livres conduzem-no **ao desafiante sofá**, onde o Biju – gato – de estimação, lhe guarda religiosamente o lugar.

Não foi à procissão das velas. Mas a Mila e a Laurinda foram.

Mas a sua fé compeliu-o, para o terraço, ouviu cantar o "*avé*", ficou sensibilizado, pelo que vamos crer que recuperará a sua fé brevemente.

Eu já o aconselhei a acreditar em Cristo e na Nossa Senhora de Fátima; nem precisa de acreditar em mais ninguém, e deixe a vida correr.

Tem lá o São Lourenço, que vê da janela do seu escritório; mas como o Santo não gosta do fumo do cigarro, não lhe passa muito cartão e recusa-se a fazer milagres.

Hoje não fez nada que o canse, mas anda sempre cansado! Nadinha. Foi preciso a Mila dar ao corpo a empurrar a máquina de cortar relva; que estava bem crescida, que dava para pastar um grande rebanho de cabras.

Madu. Por falar em "cabras", de certeza que te deves lembrar do que eu penso sobre estes animais em particular.

Sabes bem da ideia de eu querer viver sozinho numa modesta casa sem luz, sem televisão, com casa de banho com acesso ao chuveiro em cadeira de rodas e uma porta sem fechadura.

Falei-te deste assunto algumas vezes; em que me referia uma grande lareira a toda a largura da parede, permanentemente acesa.

Sim, tal qual o meu professor de **Estabilidade Arquiteto Saraiva Cabral,** com um tronco de árvore no chão a entrar pela lareira, que o fogo ia consumindo; e, ele com o pé a ia empurrando.

Uma espécie de vida celibatária, uma cabra, um cão; alguns alimentos e visita domiciliária das irmãs da caridade, que além de me alimentarem, me dariam banho dia sim dia não.

Ia para escrever “portantos”, mas lembrei-me que repito muitas vezes esta palavra, “portanto” não a escrevo.

Assim, direi que a missão está cumprida, entregar o trancaline no dia 20 de fevereiro de 2023, reunir com os amigos do coração, uns á esquerda outros á direita; evento que não se realizou ficámos em casa com os cães.

O livro não chegou a ser impresso, devido aos altos e incomportáveis custos requeridos pela tipografia. Jã estão na NET, alvo de afinação.

Neste momento chove, já não preciso de regar as árvores; vi na meteorologia que não neva em Marco de Canavezes. Apenas nevou da primeira vez que lá fui, 2 de fevereiro de 2018. **Já disse ao Madu e à Mila, se não houver neve, não há visita.**

Mãe

Entretanto os mais pequenos, deixai-os, porque vão crescer muito rápido.

NiNi min a Filha

Meu Neto Rubén

Meu neto Gonçalo

NiNi, Gonçalo e Pai

Nini aquando o nascimento do Gongas

Lena, Gongas e Nuno

Rui Pedro, Gongas e Marina

Avô e Gongas

Gongas

Ruben e Catarina visitam o Avô

Nuno, Ruben e Catarina

RUBEN

RUBEN e CATARINA

Uma Extensão da Nossa Família Paulinha e os seus

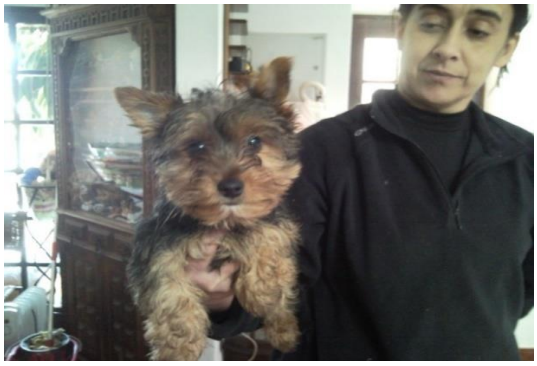
Vitor, Paulinha, Raquel e Cláudia

O sim testemunhado

RAQUEL

CLÁUDIA

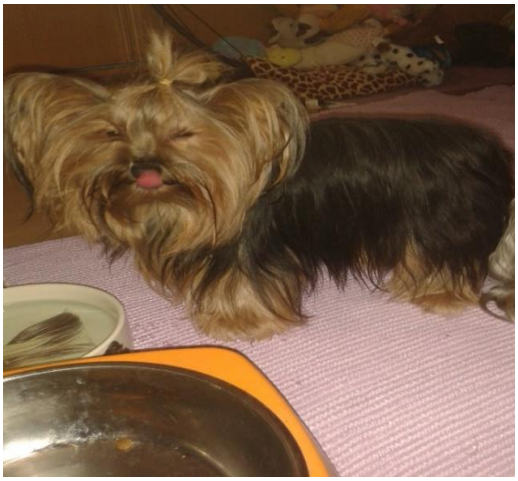
Paulinha a educadora destes “monstrinhos”



ÒSCAR

JOANINHA

LILY



TéTé

Lolita e Dudu Gatô

INÊS

Pessoas que tocam o nosso coração no seu devido tempo

Paulinha

KauKau e Gracinha

"Nóis"

Pereira Marques e Bela

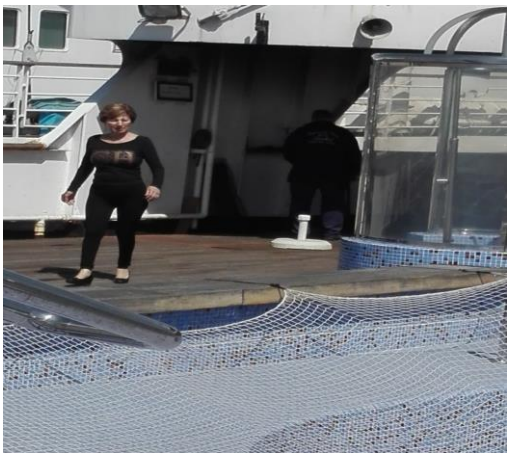
Senhoras nossas amigas

Nossos Amigos e suas esposas

Marina

Pedro e Marina

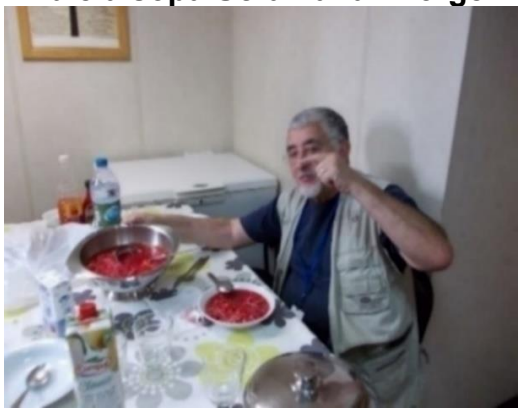
Lena a bordo do Funchal



Mana Tina e seus Netos

Megui e Lily II

Eu e a sopa Ucraniana "Borge"



TiTi

Pessoal da TiTi – Enesto, Astride, Maria, Elisa Rafael

TiTi com a filha Asterid

A TiTi , com com 97 anos, deixou-nos no início do ano. A sua juventude faria inveja a muitos de nós.

TiTi, mantém esse sorriso até chegarmos. Beijinho meu e da Lena.

Escola Náutica

25 Anos – Vá lá que não vá.

Senhoras dos Dignissímos Oficiais da Marinha Mercante a partir o bolo.

Cunhados, Lina e Osório que nos receberam no Canadá

Estarreja a nossa terra, as cocheiras do Avô Albano, na parte de trás já não existem

Os nossos Bombeiros sempre presentes

A SCMA, LDA, seus "Violinos" – Catedral do Shipping - (JM)

Alguém tem de deixar escrito, quem foram os obreiros da Gestão Técnica dos Navios em Portugal; para que daqui a uns anos se ponham por aí, a adivinhar.

Falámos dos nossos Diretores e Administradores, mas o **Menino do Violino**, oriundo das berças ali para os lados de Torres Novas, rapidamente se afirmaria no mar e em terra, face a sua capacidade de viver em ***permanente resiliência***, coisa que nem todos nós temos capacidade de o fazer.

Nunca cheguei bem a compreender – alguns dos amigos mais chegados também não – atinjam a sua capacidade de "*driblar*" os problemas - assente na maioria das vezes no

seu "*feeling*" – na tenacidade em assenta a sua capacidade de arriscar, no lançamento fosse do que fosse. O risco era "*esmagado*" face às vulnerabilidades dos projetos em que se metia. Podia não ganhar muito dinheiro; até talvez perder, mas que ia em frente ia.

Para **João Moita**, os seus pensamentos muitas das vezes tornados numa realidade, pois não há matriz de risco que se "aguente"; ou, quando muito – era capaz de produzir uma matriz – cujas entradas seriam, o (Sucesso do Projeto; avaliando mentalmente a sua Vulnerabilidade; Risco e por fim seu o Impacte).

Ora a nossa carreira enquanto no Mar (1ªvez), foi sempre uma carreira paralela – já que tínhamos o mesmo tutor "*padrinho*", que se encarregou de distribuir igualmente os navios com vista à sua Gestão.

Mas isso apenas serviu de comparação do desempenho a bordo; que uma vez transitado para terra, as coisas seriam parcialmente idênticas, já que João estava mais virado para os contactos externos do shipping, e eu resolver os problemas dos navios. Diga-se também, embora tenha sido emigrante; me sentia melhor por cá do que andar fora, de avião em avião.

O seu espírito empreendedor ressaltaria do Mar pelo trabalho que desenvolveu a bordo dos navios em especial, os mais modernizados, e sobre tudo pela sua dedicação, e empenho que não passou despercebido, logo às Chefias, que no momento certo ditariam a sua chamada para a Superintendência, poucos meses após eu ter sido também chamado.

Juntos passaríamos longos tempos no exterior; na avaliação para compra a de navios; não sem antes termos dado as despedidas da frota da CNN, e posteriormente da Portline.

Mas estamos a falar do **Menino do Violino**, na sua carreira fulgurante, no primeiro passo de acreditação para a criação da 1ª empresa de Gestão de Navios, com capital totalmente nacional.

A progressão na sua carreira – na Gestão de Navios – passaria por empresas importantes, tendo deixado um cunho pessoal por onde passou.

O que sabíamos de Shipmanagement – igual ao praticado universalmente – era pouco ou nada; até começarmos a ler livros de autores cuja experiência era uma realidade, que só muito mais tarde o compreenderíamos bem, cuja adaptação à empresa seria uma realidade bem rápida.

Norberto Pilar, formou-nos e obrigou-nos a estudar. **Paulo Farinha** controlava e dava nas orelhas.

Claro que comprar batatas e cebolas para abastecer os navios, não estaria no nosso horizonte e nem sabíamos; mas também tínhamos especialistas nesta área específica da gestão dos navios, pelo que foi preciso passar à Gestão descentralizada para da sua pensada filosofia para bordo, adiantando aos comandantes, um valor "per capita mensal", que este geria a sua boa vontade; de modo a acabar com o controlo pelo Superintendente uma infinidade de faturas, e aquisições ao mercado que não técnicas. Foi uma boa medida.

João Moita (Jonny) passou grande parte do seu tempo a *formar* Administradores das várias empresas por onde ia passando; ele não era pago para isso, mas sempre pensei que tomaria juízo e na próxima empresa que formasse, não faria mais isso.

Foi-lhes facultando as ferramentas, com que de seguia nos viriam a "lixar mais tarde".

Tínhamos deixado as extinguendas Companhias de Navegação, com uma estrutura complicada; um circuito documental muito grande, em que a falta de um trabalhador podia passar bem despercebida durante muito tempo.

Na Rua do Ouro conta-se a história de alguém entrar e marcar o ponto, ir ao café, sair para a Baixa da Cidade e estar às 17.00 horas novamente para picar o ponto; vindo a concluir-se que este trabalhador nem lugar físico possuía na empresa. Há quem bata o pé e jure a pés juntos que é uma verdade, verdadinha.

Também noutro lugar da empresa, o Calcinhas foi-se embora, foi preciso arrombar as fechaduras das gavetas da sua secretária; vindo-se a encontrar, centenas de faturas por validar – normalmente referente a conflitos com os fornecedores – que davam trabalho na sua conferência e consolidação.

Coisas que o tempo iria resolver…continuando dentro da gaveta.

Tempos de mudança, e pelo fato de termos nascido em "*berço de ouro*", e os *padrinhos* ausentes ou já falecidos, muitas dificuldades tiveram que ser empurradas para a frente com a "*proa*", das quais destacamos a ancestral observação do verdadeiro **Menino do Violino**; outro não que não este.

Paulo Farinha não deixava colocar o pé em ramo verde.

Era preciso implementar empresas de SHIPMANAGEMENT, reabilitando a imagem internacional de grandes navegadores e transportadores de mercadorias em navios; e ter alguém que impedisse tomadas de decisão, tendentes à desgraça.

Paulo Farinha acabou por ir para casa, pois já era merecedor; o **Moita** estava noutra, pelo entraram os outros…

Havia vontade, havia capital, havia negócio. Depois, deixou de haver negócio e capital e ficou a vontade.

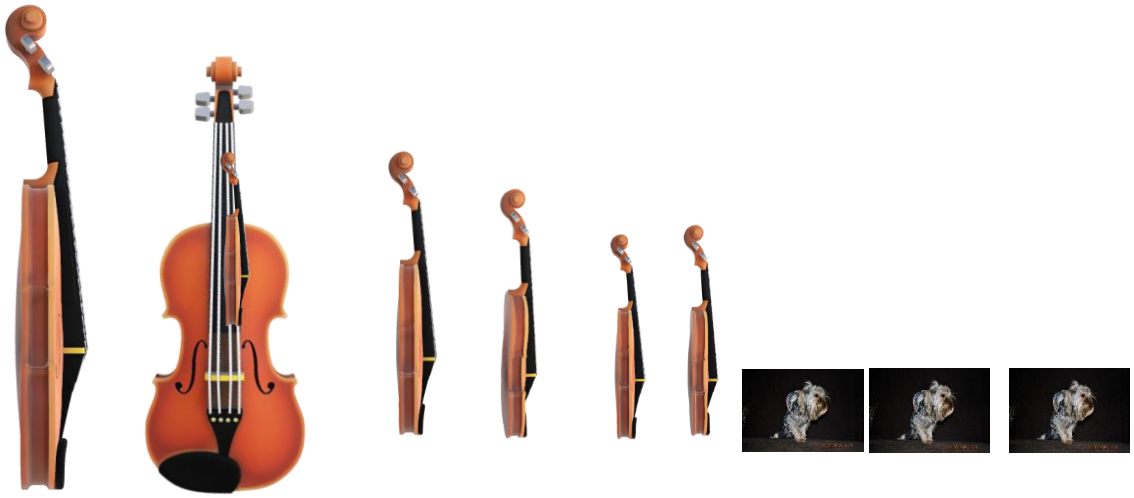
As coisas estavam a ficar feias, os Superintendentes “envelheciam”, a falta de negócios, doenças, guerras e dinheiros desaparecidos, acostaram à península Ibérica; e até o café deixou de vir de Angola.

Se quiseres tomar uma bica Palanca Negra, primeiro vais semear o café. Já não sei se é semear ou plantar. O SôNecas sabe ao certo.

Entretanto outros gestores adormecidos na sua ligação ao mar, decidiram criar outras empresas de shipmanagement, em especial os detentores de empresas de navegação com alguma importância, vindo a gerir as suas próprias frotas.

ESPAÇO aos VIOLINOS

Componente Familiar



O MENINO DO VIOLINO

Falando do **Menino do Violino** por muito que se possa pensar, foi cognome atribuído ao senhor Comandante Carlos de Oliveira, pelo então chefe dos Superintendentes da SG/CNN, Engenheiro Alberto Costa; também conotado como meu "*padrinho*" e eu seu "*afilhado*".

Sim porque havia mais afilhados, caso João Moita; José Capote; Manuel Rodrigues e outros menos importantes à data dos acontecimentos.

Mas Alberto Costa, apelidava assim o nosso Diretor de Recursos Humanos – Cte Carlos de Oliveira – não porque ele fosse o homem que comandava os destinos do pessoal, da CNN, posicionando-o nos navios, muito em especial os Comandantes, Chefes de Máquinas e Oficiais de maior ou menor craveira técnica ou profissional.

Mas o que a rapaziada não sabe, é que o Cte Carlos de Oliveira ao mesmo tempo que estudava, frequentava aulas de Violino - minha terra natal – em casa do Senhor Calado, violinista e suas irmãs, ambas pianistas, em Estarreja minha santa terra.

Mas Alberto Costa, sempre que se referia a este senhor Cte, com um pouquinho de malícia; pois apontava sempre para ele, fazendo recair sobre si, o que corria mal a bordo dos navios, em especial ao nível do comando.

Alberto Costa deixou-nos, o Cte Carlos de Oliveira ano passado almoçou no COMM, vi cumprimentei-o e não me reconheceu; tive de me apresentar e foi uma surpresa agradável, pois pareceu-me inatacável com o passar dos anos.

Ditaria o tempo, que o **Menino de Violino**, haveria mais tarde de também passar o seu testemunho a outra personagem do Mar – lá chegaremos - com a criação das novas empresas de navegação, a partir das extinguendas empresas, CNN e CTM, a que não foi estranha a intervenção do **Manuel Rodrigues** e a minha, pressionando alguns decisores bem posicionados.

Claro que Alberto Costa se estivesse entre nós, acharia que a designação teria migrado, e assentava que nem uma luva, dada a visibilidade de um "delfim" **(JCH)** que passou pelo Cassinga.

Já havíamos deixado a CNN, estávamos a dar os primeiros passos, na Portline; agora sobre a *batuta direta* do **Dr. Paulo Farinha**; que colocou **Menino do Violino** – atual – numa posição preponderante na empresa – onde o shipmagement de **Norberto Pilar** - dava os primeiros passos na procura da implementação de um novo estilo de gestão de navios, de muito tivemos de ler e aprender, e que já se fazia noutras partes do Mundo.

Deste modo **João Moita e Paulo Farinha**, começam a dar corpo à modernização e uniformização dos métodos de trabalho; pois já que se tratava de superintendentes, vindo de empresas com estilos de gestão completamente diferentes, e conceitos técnicos diversificados.

A nova organização, passou a adotar metodologia mecanicista; revista e controlada ao tostão, em que não era possível qualquer tipo de decisão que não passasse, pelo sim do **Moita**, a confirmação do **Farinha**, e o "ámen" do **Administrador** do pelouro.

O controlo de gestão era efetuado pelo Administrador do pelouro dos negócios, à chegada dos navios, sempre com resultados muito próximos do orçamento previsional dos CAI de cada navio, com especial relevo para os custos de exploração e operacionais; confrontados sempre com os orçamentos previsionais do negócio, e ou da viagem de cada navio.

Tanto quanto me recordo, de toda a frota salvo a memória não me atraiçoa, apena um navio deu resultados positivos; no pequeno período que servi a empresa, pois rumaria ao Canadá com a bênção do **Senhor Dr. Norberto Pilar**, pois pensava que lá iria "**enricar**" rapidamente.

De facto, a venda de todos os navios adquiridos às extinguendas empresas de navegação, seriam o melhor e lucrativo negócio da Portline, à data dos fatos.

Vejamos o caso do navio D. Francisco de Almeida, que comprámos por 5 M€, passado que foi um ano foi vendido por 15M€, e ainda fui acusado de contribuir para a sua compra, que teria sido um desastre na opinião de uns invejosos, turvados após "**runspantes almoços**", que se prologavam até à hora da Ceia. Não estive em nenhum desses almoços…

Assim não pensou o **Dr. Norberto Pilar**, que depois de passada a tempestade à volta do estado das soldaduras – abaixo de linha de água – que não pude inspecionar por o navio estar carregado até à linha de água, me deu os parabéns e me disse que foi um bom negócio.

Se calhar só ele viu a compra por esse prisma. O seu gesto para comigo foi espetacular e muito gratificante.

Mas seria a mesma coisa, se o pudesse ter visto antes; porque quando disse ao sr. Cte Almeida e Silva, que o navio era um poço de problemas, que iria dar água pelas barbas, ele disse-me que o navio D. Francisco de Almeida já estava comprado e mandou-me ir pela "beirinha" rapidíssimo; e, eu assim fiz "*pirei-me*" então para o Canadá como já disse, mas não só por isso…

Deixei a Portline pela mão do Sr. Dr. Norberto Pilar; do mesmo modo como entrei.

Ali tive oportunidade de aprender, coisas muito boas e outras más. Conheci os meandros do poder; e logo a seguir, a escuridão do esquecimento, a que o saudoso **Toninho Caneira** com a sua visão de homem de negócios, me havia alertado para tal.

Claro que não levei o **Toninho Caneira** a sério, a sua clarividência do meu particular e grande amigo, à nossa espera sentado a tomar um Martini - entre duas tacadas de golfe - com o São Pedro e alguns anjos de ambos os sexos, me dizia: - **Manuel** é preciso aguentar e ficar com algum poder; caso contrário os detratores e amigos assim que se aperceberem que já não há poder, vão como os cães mijar-te nas pernas.

Toninho não se enganou.

A criação da Portline, e pouco mais tarde a Steer, vieram a revelar-se como odiosos e episódios mais ou menos esperados; em que o espetro do desemprego de muitos dos trabalhadores das extinguendas empresas, face ao "Downsizing" decidido pela empresa.

Recorda-me que o Cassinga na CNN tinha 42 elementos da tripulação, na altura já com 20 anos de idade, passaria a operar apenas com 22 na Portline; e, já com 40 anos.

Era preciso ajustar os custos de operação do navio, ao valor dos fretes do mercado.

Tirar tripulação até chegar ao ***Break-even-point***, e colocar o navio no mercado para não ter custos de imobilização comercial, foi medida tomada.

O Engenheiro **Janeiro Marques** toma a minha posição na estrutura do SHIPMANAGEMENT, fazendo companhia ao Ribas, ao Carlos Viegas e ao saudoso José Gomes grande amigo de peito; sendo eu, integrado na estrutura do SHIPWONER, com o **Dr. João de Carvalho,** pois a **Steer** estava em formação e já dava os primeiros passos no centro da cidade.

Mas quem estava habituado a comprar batatas e cebolas, rapidamente teve de passar a gerir os navios do topo do mastro à quilha.

As ações de formação do exterior foram muitas, os computadores passaram a ser a ferramenta de trabalho, auditores externos e internos - entraram a matar – acabando por dizer que a equipa do *shipmanagement*, era composta por *uma cambada de incompetentes*.

Mas os navios até aí tinham navegado com esta "*cambada*" e só pelo facto de se estarem a modernizar o "*modus operandi*", e a procurar um lugar no mercado internacional, ao mudarem de instalações e conhecerem um patrão a quem prestar contas, situação que mudariam as nossas vidas.

O **tempo** como sempre é **melhor juiz**, o shipmanagement fracionou-se, entretanto; uns ficaram, enquanto outros foram à suas vidas, procurando encontrar um mercado em que comprar as cebolas e as batatas, e não exigiam grandes qualificações.

João Moita não desiste, a **sua resiliência face às vulnerabilidades** que o esperavam, aposta noutro, e mais outro e mais outro **"*cavalo*";** continua na sua senda de ensino presencial dos acionistas destas e outras empresas, enquanto faz enriquecer uns quanto não merecedores.

Mas está nos seus genes, ajudar os que mais o **"*lixaram*"**, a suas empresas assemelham-se **ao *muro de lamentações de Jerusalém*,** ali batem "***orações***" de oportunidades, emprego, ajuda financeira; quase sempre satisfeitas, não embora sem um sermão convincente e muito musculado.

Da sua teoria que é preciso estar informado como o mundo vai evoluir, não deixando de apreciar o que o rodeia – *caso da avestruz* – num hotel na Alemanha, em que esta mais não parecia o voo de um abutre, a ver se podia poisar.

Viajar de avião está no seu sangue, bem podia ter ido para a aviação comercial, em vez de ter ido para a Marinha Mercante, em busca **"*inovação*"** e material sensível além-fronteiras. A coronha da sua arma, não tem mais lugar para novas marcas.

De controlador, acreditando na boa-fé dos seus interlocutores, de vez em quando, um balde de água fria, faz-lhe lembrar as "baldaças" da casa da máquina; só que, o seu significado é completamente antagónico, e faz ferida.

Do tempo que trabalhámos juntos e convivemos familiarmente, recordo que nestes anos todos, apenas o vi verdadeiramente zangado duas vezes; uma comigo e outra com um alemão, "filho de uma cabra". O alemão.

Daí que a sua capacidade de encaixe, ultrapassa tudo quanto é imaginável; porque chama a si o condão do perdão, esquece e volta tudo a estar bem.

Quis o destino, que o tivesse acompanhado na corrida ao longo dos anos, cujas metas teriam sempre como ganhador o Anquetil / Poulidor. O Poulidor, neste caso era eu; porque nunca consegui cortar a meta, antes do Anquetil (ele).

Claro que quando abandonei as lides, e o sistema me rejeitou por que fiz **"*merda*"**, ele continuou sempre presente, como que uma mensagem de "**Adeus até ao meu regresso**" e neste caso muitas "***propriedades"***.

O regresso fez-se, mas as propriedades ficam lá…

Mas logo **outro afilhado** ocupa o lugar deixado de vago, o **José Carlos**. Passa a ser o Novo **Menino do Violino**; mas" mais tipo rabeca" sabendo dar uso ao instrumento, mesmo sem partitura…

Claro que outros afilhados queriam ter sido acolhidos no seu ***regaço***, mas estava escrito que aquele **delfim**, seria o eleito.

E a vida continuou, os navios foram sendo geridos até um dia. A Crise apontou e estalou.

Andamos à procura do **senhor Dr. Norberto Pilar**, para nos juntarmos enquanto é tempo.

Vai ser no próximo ano, se conseguirmos calendário e agendarmos o encontro. Já não vai haver encontro.

O Senhor Doutor Norberto Pilar, partiu, no dia 8.3.2023

Não soube so seu falecimento, de modo a o acompanhar até á sua última morada.

Claro que podia falar do Pereira Marques, do Ribas, do Lázaro, do Fernandinho, do SôNecas, do Manuel Rodrigues, Arquiteto Valente e no Soldado Americano, de entre outros, mas os pilares daquela casa seriam quer queiram quer não, o Jonny e Zé Carlos.

Ali aprenderam, a lidar com a compra e venda de navios, encontrar novos projetos – nunca isentos de dores de cabeça – mas resolvidos.

Do **Zé Carlos** estou feito ao bife, pois investiguei a sua vida a bordo; e, não tenho por onde lhe pegar. Fiz umas perguntas por aí, mas tudo de bico calado, nem alcunha consegui saber.

Apenas posso dizer que me orientou a ***encarar a velhice***; **com um bem – me protegeu –** quando as nossas faculdades humanas **"*vareiam*".** Enfim pensei que lhe havia

ensinado tudo o que aprendi, mas ele possuía já os genes do ofício, que para além do ter aperfeiçoado, criou metodologias de trabalho que foram muito uteis a todos e particularmente a mim.

E o **SôNecas?** Também nada se sabe. Com o seu espírito de "***Mula Calada***" não se conseguiu sacar nada, a não ser que eu conte ***a verdadeira história do assalto de que foi vítima à porta do hotel na cidade do Cabo na África do Sul***.

Mas enquanto ele trouxer um bocado de leitão lá de Leiria, eu mantenho-me calado.

Mas ele não sabe quando lá regressei, contaram-me uma história do arco da velha, tendo ele proposto um negócio – de intercâmbio ativo de toma lá dá cá – mas acho que acabou por só toma lá.

Teve sorte do caraças, de não levado uma carga de porrada!

Podia falar do "***alemão"*** que queria que papasse com ele farinha **"Maizena"** de muito boas procedências, e que tinha o condão de catalisar um sono de encantar.

Claro que não comi a farinha; mas outro que não eu, pernoitou na sua casa, comeu a farinha e teve um sono tranquilizante.

Levantou-se um pouco dorido da bacia, mas deve ter tido como causa o nevão que caiu durante a noite.

O "**Santuário**" – SCMA, Lda. – e porque não o "***muro das lamentações***" pois não seriam poucos que assim pensavam; e, como todos os caminhos vão dar a Fátima, também iam à Rua do Açúcar onde o **Menino do Violino** por vezes fazia milagres, mesmo com a Senhora de Fátima zangada; e, de greve a milagres.

Falamos no ***Santuário*** **da Rua do Açúcar**, porque antes tinha havido outros lugares "***santos***", de menor envergadura, antes deste.

De Torres Novas e da sua infância nada se sabe; pelo menos nada de extraordinário deve ter acontecido merecedora de apreço em relação á sua Santa Terrinha, se o houve, foi segredo muito bem guardado.

Sabíamos apenas da existência de uma **Tia Freira centenária**, por quem nutria grande respeito e amizade.

Outros eventos, só quando ele escrever as suas memórias, é que saberemos…

Já o devia ter feito; vou ter que ser eu a fazer esse trabalho. Ele dita e eu escrevo..

Os nossos filhos **Nini, Pedro, Susana e Joaozinho** partilharam algum tempo nas férias grandes, na minha Nini Fazenda – porque sempre fui ligado à lavoura - e ali mesmo no meio do Pinhal no Estoril.

Penso que o **Joaozinho e a Susana** jamais esquecerão aqueles tempos da sua juventude ali passados.

Não sei se lembram da macaca **"*Xica*";** os que não se lembrarem, a **Joaninha** do Cte Valente e o **Huguinho** do Pereira Marques, lembram-se com certeza.

O Menino do Violino Casou-se.

Ela pavoneou-se num dos corredores principais do Hotel em Hamburgo onde normalmente fazíamos "*base*".

Cada um sentado numa poltrona – daquelas que nos absorvem totalmente a obesidade observávamos o **"Cantar do Cisne"** – porque era alta e esguia, muito bem perecida, e linda de morrer; cabeça à esquerda, cabeça à direita tal qual os cisnes de Tchaikovsky.

O Jonny diz que não se lembra; e, ainda bem pois seria caso para divórcio perante tamanha provocação marital.

Ele diz que não se lembra, mas eu penso que é tanga dele.

Passou mais de perto ora para lá, ora para cá. Ele olhou, eu olhei.

Ela levantou o seu pescoço alto e esguio ainda mais, como disse tipo cisne, preciso melhor, preto australiano. Parou, olhou à esquerda depois á direita e foi até ao bar.

Ele olhou para mim, eu olhei para ele; e ninguém mais abriu o bico.

Fui fazer um **"xixi",** e essa noite nunca mais o vi; e, o **"*o cisne preto*"** também não.

Possivelmente os pensamentos de cada de nós, levariam qualquer marinheiro ao mesmo porto.

Mas estávamos na Alemanha a negociar o **"*Bota de Ouro*"** o navio Fernando Gomes, o hotel que normalmente servia de poiso aos colaboradores da CNN e algumas companhias de aviação internacionais, servia muito bem para o merecido repouso ao final do dia.

Acabámos por comprar o **Bota de Ouro**, já que havia sido o único navio existente no mercado – **simultaneamente grande e simultaneamente pequeno** – que satisfazia plenamente segundo o senhor Comandante Almeida e Silva, ajustando-se ao negócio da empresa.

E perdidos e achados era Hamburgo a cidade europeia de, onde podíamos ir ao **"Tapume Strass" e ao Kiss e às vezes ao Zilertall**. Gostávamos mesmo desta cidade alemã.

Também havia o **"Molin Rouje"**, onde podíamos ir ***aferir o taxímetro.***

Mas o nosso Jonny começou a namorar às escondidas de todos para lá das Balcãs.

Eu só soube deste segredo, por mero acidente, porque as más-línguas emergentes – por segredo entendiam ser preciso o propagar e rapidamente - porque começaram a abrir a boca - que tinha sido uma grande façanha do **Menino do Violino**, dando origem a muito "***mujimbo***" que só pararia, além-fronteiras.

Estaria a mim reservado, **"*sapiente sermão e missa cantada*"** porque o casório deu-se; e, eu não soube de nada.

Mas como também não fui sozinho, ***a ser a última pessoa a saber***, alguém me desancaria por ter **ocultado** tão grande evento – ***que nem dele tive conhecimento***.

Enfim Marinha…

*Mas o tempo é o melhor juiz, espera aí, que vou ali e já venho. Entretanto já foste…**eu.***

E lá foram eles foram todos para as Balcãs e eu, e a "***Baixinha***" ficámos nas berças e nem sonhávamos que o cupido – não é o Cientista Professor Doutor Cupido – é o outro que atira setas como os índios, às vezes acertam em coisas do ***caraças***, mesmo às escuras, e só fazem "***merda***".

Mais tarde ainda perguntei porque se tinham ido só alguns dos chegados, foi-me explicado sumariamente, ficando nós a saber porque fomos apeados; mas com a promessa de irmos ao batizado, de tão promissores rebentos, que estavam já agendados.

Ficámos melhor.

E fomos. Frio a dar com pau. Aquecimento só em outubro. Valeu a nossa juventude – a minha e a da Baixinha – para aguentar tanta frialdade daquele país da antiga cortina de ferro.

Marcinha segreda-lhes algo que deve ter sido muito importante

A festa do batizado foi um sucesso, comemorada todos os dias durante uma semana, com gastronomia abundante, gente bonita - *elas lindas de morrer e à fartazana* - com passeios que nunca mais as nossas mentes vão esquecer.

Aquilo é um país à maneira. Comprámos insígnias militares, bonés típicos das várias forças armadas, e uns gorros de pelo usados pelo pessoal dos submarinos. Ficámos em vida de voltar à Lituânia, mas o conflito com a Ucrânia veio inviabilizar todo este projeto.

Ficámos fãs da Lituânia.

A nossa companhia inseparável da **Susaninha** e do marido, foi o melhor que nos podia ter acontecido. Já falámos que teríamos de repetir este evento, mas não sei se será possível. E elas - as gémeas – cresceram. Gostava de lá voltar antes da partida…

Como a Lituânia é linda meu Deus.

Olhem bem para estes sorrisos, estampados nos seus rostos

Vinte e um anos depois de termos estado na Lituânia no batizado

Conhecemos a Júlia, já depois de casada. Eu e a Lena não fomos ao casamento como já disse, mas em compensação, fomos depois ao batizado.

Também só soubemos mais tarde que tinha havido casório e da pior das maneiras; mas compreendemos, pois, também não tivemos de dar prenda. Sinergia de grupo reunida.

Já estavam casados e bem casados – ia escrever, "***portanto"*** – digo que apenas que foi bom termos ido à Lituânia, mesmo com frio de rachar.

Mamã e Meninas Iguais

Adoção em vista pela Júlia Moita

Estas Flores são um presente para quem leu até aqui

Manta de Retalhos, a AUSTERIDADE

Depois da Crise, da Recessão e da Deflação… a Miséria.

Já falámos da ***Crise***, da ***Recessão*** e da ***Deflação*** em números anteriores; acabando mesmo, com uma definição de cada um destes fenómenos contemporâneos.

Estamos crentes que são estas três etapas, que antecedem a entrada de qualquer povo no caminho das necessidades, das privações e da miséria.

Também me lembro, que de ter falado na retoma de algumas rotinas, com vista a atingirmos algumas poupanças; que com a evolução tecnológica, foram deixadas para trás, levando os cidadãos ao consumo exagerado.

Referimos também e ***caracterizámos o insumo.*** Mas vamos falar no caminho para a ***Austeridade***, o qual tem a sua origem, na falta da nossa capacidade, em fugir sistematicamente dos atrasos estruturais em que tropeçamos.

A razão destes atrasos estruturais, estão ligados a processos históricos de subdesenvolvimento, dos quais podemos referir, a tardia e dispersa industrialização, sendo que o nosso país nos anos 60, era um país dominado pela atividade agrícola pouco modernizada, e um baixo índice de escolaridade, estando este último associado a uma "***abundante***" taxa de analfabetismo de 30%, nessa mesma época.

Portugal é um país pobre no contexto europeu, e apresenta níveis elevados de pobreza no seu interior.

Ainda não fomos capazes de inverter esta realidade.

Alguns esforços têm sido feitos, com vista a alcançarmos a europeização plena da sociedade portuguesa; mas é um facto, que está longe de ser concretizada.

A Expo 98; o Mundial de 2004; o Tratado de Lisboa, e ultimamente os reflexos colaterais de Cimeira de Nato, podem ter contribuído um pouco para a alcançarmos. Mas isto, não chega…

De qualquer modo, o mercado ***"Europeu de Pobreza***" produz a mesma percentagem de pobres em Portugal e na Europa, segundo os últimos indicadores que se conhecem.

Só que o que se produz, assenta em mais desigualdade; e, de uma forma mais persistente no nosso país, num contexto em que há uma menor correção introduzida pelas políticas sociais.

Mas pobre é aquele que tem muito, e que anseia a ter mais! "**Epicuro" Filosofo Grego**, mas sabemos que há muitos tipos de pobreza; pelo que, não deverá confundir-se os pobres que estão empregados, por conta própria ou por conta de outrem, situação que não se resolve com política social, por se tratar de um problema económico.

Pensar de modo diferente, é errado.

O tempo assim tem vindo a demonstrar. Segundo dados recentes – a que tive acesso na NET - existem mais de dois milhões de pessoas pobres em Portugal, não estando ainda quantificados, os novos casos de pobreza devido à crise do desemprego, que está a obrigar muitas famílias da classe média, a recorrer às instituições de solidariedade social.

Mas a taxa da pobreza em Portugal poderá rondar os 40 por cento, se fossem tidos em conta os números, dos que usufruem do rendimento social de inserção, e, do complemento solidário para idosos.

Não é menos verdade é que os políticos que têm governado Portugal desde a queda do regime de ditadura em 25 de Abril de 1974, têm enriquecido em pouco tempo, e saem sempre do poder para cargos públicos ou privados garantidos.

Também é um facto que acumularam salários e subsídios escandalosos que afrontam qualquer cidadão comum, que confiou neles o destino do país, que está ficando mais pobre com uma elite de privilegiados mais ricos. SIC – ***Sem Intenção de Caluniar***, tendo em conta os conhecidos escândalos de ex-governantes, reportados na comunicação social.

Não se combate a pobreza nem se vence a crise com a liquidação de direitos e garantias aos trabalhadores, nem com um modelo económico assente nos baixos salários. Estas declarações são do Comissário para os Assuntos Europeus e Financeiros Ohli Rehn.

Mas o que é ser pobre no Mundo?

O Banco Mundial define a pobreza extrema como viver com menos de 1 dólar por dia (PPP) e pobreza moderada como viver com 1 e 2 dólares por dia. E o que é ser pobre em Portugal?

"O número europeu que serve de referência para definir a pobreza equivale a um vencimento mínimo mensal de 406 euros".

Quem usufruir um rendimento abaixo dos 406 euros é pobre", afirmação de ***Agostinho Jardim Moreira,*** presidente da **Rede Europeia Anti Pobreza. "412 €, segundo a *Economista Manuela Silva".***

Como será possível viver-se com estes rendimentos?

Só vive bem quem está no topo da pirâmide, porque há uma base de miséria que a sustenta... mas o nosso povo é perspicaz, um ***"sofredor de longo curso",*** e dos menos ***"antipatrióticos do mundo"***.

1. O que podemos esperar no futuro?

Com Austeridade. **Austeridade significa rigor no controle de gastos**.

Uma política de austeridade é requerida quando o nível do deficit público é considerado insustentável e é implementada através do corte de despesas.

Vamos continuar a viver, como se nada esteja a acontecer e logo se verá?

O que deveríamos ter feito para a evitar?

Em suma, teria sido necessário intervir mais cedo para se quebrar os ciclos de pobreza, melhorar os níveis de qualificação dos jovens, promover a aprendizagem ao longo da vida e combater a exclusão social.

Já o andamos a fazer vai para alguns anos, mas os resultados dessas medidas tardam, ao nível do potencial Humano, pela atuação em quatro objetivos fundamentais:
- Melhoria dos níveis de qualificação geral no país; promoção das ciências, inovação e modernização; apoio à qualidade do trabalho, empreendedorismo e entrada dos jovens no mercado laboral; e aumento da coesão social e da igualdade de oportunidades; cujo resultado, seria uma mão-de-obra enriquecida e bem qualificada, capaz de gerar um desempenho económico superior.

Os sinais chegaram com a redução salarial de políticos e gestores, o que evidencia, que é mesmo para fazer doer.

De igual modo o facto é, que o aumento do IVA ficou por 1%.

Também o aumento de IRS não afetará os salários mínimos, e sobe 1% para salários que rondem os 2.375 € e, 1,5% para os que ultrapassam este valor, o IRC irá cobrar com maior proporcionalidade os rendimentos mais volumosos.

Se com estas medidas, os objetivos do governo não forem alcançados, enveredaremos por um de estado de miséria que levará o País à fome; baixará a esperança de vida, incrementará doenças, dando origem à falta de oportunidades de emprego, à carência de água potável e de saneamento, ao aparecimento de maiores riscos de instabilidade política e violência, à emigração, à discriminação social contra grupos vulneráveis, ao aumento dos sem-abrigo e à depressão.

Já tínhamos dito que o poder nunca desce; é poder por poder…

Neste momento, (*à data de escrita do texto*) arriscamos dizer, que ***"o poder não tem sentimentos, é descarado e cruel, para não dizer cego"!***

Nos últimos 4 anos reduziram-se 42.800 lugares no funcionalismo, mas o número de pagamentos pelo Estado aumentou.

Orçamento de Estado alimenta 14 mil entidades públicas.

Há aproximadamente 2,5 empresas municipais por Câmara, 308 municípios, e cerca de 2.000 administradores; serão necessários tantos?

Resolvemos o problema Nacional? ***Sim, no imediato, mas, a dívida continua.***

Deixemo-nos de luxos, porque estes arruínam os ricos.

De que estão à espera, para começar a distribuir a ***"sopa"*** dos pobres? Estão com medo de assumir, que haja pessoas, à espera de um prato dela? Que haja mais pobres? É preciso coragem para o admitir!

Mania das Grandezas, que nos perseguem como da cauda de macaco se tratasse.

Eu bem vos alertei…

Também na altura em que fiz referência à crise, disse que só havia dois caminhos – porque o terceiro – ainda seria muito mais gravoso, olhando o barómetro do mundo; face aos últimos acontecimentos, vividos no Próximo e do Médio Oriente.

E o primeiro sinal chegou…

E chegou de pantufas, pela mão do movimento da **"Geração à Rasca"**. ***Vicente Jorge Silva*** olhava para estes jovens com desconfiança, e em 1994 no jornal o Público, por altura das manifestações estudantis contra as políticas educativas, em especial contra o aumento das propinas pelas universidades, apelidava-os, ***geração revolucionária de pós 75,*** que não tinha convicções, valores, princípios e sonhos para lutar.

Mas este visionário enganou-se…e agora 300.000 "deles" vieram para a rua.

Claro que os nossos governantes, e todos aqueles que planeiam assumir o poder político, instalados no poder, continuam a olhar para baixo, para seu ***"povo sereno",*** até que a mostarda lhes chegue ao nariz.

Bem hajam ***"o bom povo anónimo e sereno"*** que consente sistematicamente; ou melhor, masoquistamente que os nossos governantes nos governem segundo o padrão – alguém nos tem de governar – e resignadamente aceitam os Governos que tivemos, e continuaremos a ter no futuro; para além, da Televisão que temos…

Possivelmente chegou a hora do último grito, tal qual do "***Ipiranga***" no Brasil. Só que já vem fora de tempo, porque a que a riqueza patrimonial do país se esfumou; ou foi hipotecada, ao Estrangeiro.

Portanto nada mais nos resta do que a **Austeridade**.

Mas como ela vem **devagar**, ninguém a encara com realidade.

Esteja quem estiver no poder; a pobreza vai instalar-se na Sociedade Portuguesa, mas o dia de amanhã a Deus pertence.

Possivelmente alguns de nós estaremos cá para ver.

O "***Carneirismo***" da nossa conduta, deixou que a banca se apoderasse das pequenas poupanças, fazendo as famílias suas reféns, para alcançar o mais elementar direito constitucional, como seja o direito à habitação.

As famílias estão condenadas a trabalharem uma vida inteira, para pagarem este direito. Não há, volta a dar-lhe.

A carestia da vida expressa na conta da água, faturada e cobrada todos os meses ao escalão mais alto, por estimativa – já para não falar no escandaloso custo da energia elétrica doméstica - que permitiu que o **Doutor Mexia**, fosse o mais bem remunerado Gestor das empresas públicas nacionais; face aos milhões euros de lucro da EDP, que muito bem poderiam reverter para baixar os custos energéticos das famílias.

Que povo tão sereno. Saudoso Almirante Pinheiro de Azevedo; o senhor tinha razão, ao dizer que o nosso povo é sereno.

Ele afirma que não.

O custo da energia é baixo, congrega muitos impostos para o estado.

Mas o termo **sereno** pode não vir de serenidade…pode ter outro significado. ***"Sereno"*** é também aquele que está de vigília, enquanto o resto do mundo dorme…

Guterres volta, que estás perdoado, por nos teres abandonado…

Nunca vivemos tão bem, como durante a tua Governação, assim como os que te seguiram. ***Acolhe-nos; pois seremos os teus próximos refugiados.***

Barroso e Santana, não vão para longe.

Mas não sacudam a água do capote, pois tereis de prestar contas à Geração à Rasca….

Eu bem vos avisei; mas o aviso, continua de pé…

A serenidade do povo parece ter acabado.

Alguém tem de começar a preparar a partida; embora seja tarde, para o fazer.

O **Submarino de Paulo Portas** aguarda-vos no Terreiro do Paço. Claro que podem ir de Metro ou Catamarã da Transtejo; enquanto o povo está sereno.

Novo Governo …F.M.I. (pec4+pec5) F.I.M… ...escreve-se com as mesmas letras, e significa rigorosamente o mesmo.

As letras apenas estão ordenadas de forma diferente. Mais vai dar tudo no mesmo…

Os povos a quem se lhes impôs as medidas do F.I.M., ou seja, do F.M.I., nunca mais esquecerão estas iniciais, pois tão cedo, elas não se irão apagar das suas memórias.

Isto já nos aconteceu, em duas anteriores ocasiões.

Quase ninguém se recordava disso, não fosse a comunicação social relembrar tal. O nome de **TERESA MINASSIAN, do FMI**, e pela mão do **Sr. Dr. Mário Soares, em 1983**, olhou pela vida dos portugueses nessa altura…

Mas, irá permanecer para sempre na mente dos portugueses, pois se não tivéssemos passado pela crise da imobiliária americana, pelas falências de alguns bancos internacionais – pelo "furo" dos dois bancos portugueses – e se a atual crise tem origens na governação do atual executivo; ou se é um acumular de erros dos executivos anteriores.

O tempo nos dirá.

Quem por cá estiver daqui a 10 anos, que escreva para o Jornal de Estarreja, aquando da comemoração dos seus 138 anos, para memória remota e não futura.

Os partidos não se entendem, lançam o odioso de uns para os outros; o "**Zé Povo**" começa a ficar cansado destas cenas, e de tanta aldrabice à mistura, e não há quem pegue na ripa e zás…

Sua Excelência o Sr. Presidente da República, escuda-se na Constituição, queixa-se, que não tem poderes para dar a ripada…e ela vai ficando por dar…

Eles, os partidos, estão-se nas tintas para as dificuldades, dos outros. Nunca mais se irão entender.

A ida às urnas, nada trará de novo, mas até lá, também já não há mais furos para se apertar nos cintos, e daí os políticos ***"manhosos que nem as mulas dos ciganos"*** não arredam pé.

Continuo a dizer, que a crise vem muito devagar, mas ela vai-nos cercando, e sem a sentimos já está instalada.

O comércio e serviços vão começar a fechar.

Tal qual ocorreu em 1991 no Canadá; com a Recessão Económica, a Guerra do Golfo e o Free trading***. A economia caiu, e nunca mais recuperou.***

O Desemprego e a Inflação, que eram de 1%, passaram para 10%, em menos de um ano; pelo que conheci famílias, que chegaram ao ponto de não terem um dólar para comprar um litro de leite.

Habitações novas cujo custo rondava os $300.000 dólares; um ano, após a crise, estavam a ser transacionadas no mercado abaixo dos $75.000. Aconteceu comigo…

Este é o verdadeiro sintoma da crise. Ela vai trazer os custos das habitações, para um patamar tão baixo, que mesmo assim, ninguém lhes vai poder chegar.

O primeiro sinal virá daqui. As dificuldades atacarão a área da construção civil; hotelaria; as fábricas de produtos alimentares de complemento; o vestuário, e finalmente a indústria auto.

O segundo sinal virá logo a seguir, quando a refeição básica, tiver de ser tomada em casa e constituirá a única refeição do dia.

O terceiro sinal virá com a compra de roupa e calçado, só em caso extremo. Os restantes sinais virão, com a imobilização dos carros à porta por falta de pagamento do seguro; falta de fundos para a gasolina, e das rotinas de manutenção.

Já estamos a caminhar para lá. Devagar, mas estamos…observem bem a mudança dos hábitos dos vossos vizinhos; pois eles serão o melhor indicador da crise, e o reflexo do vosso espelho…

Mas os Conselheiros "do mal", do Srs. Dr. Passos Coelho, Ângelo Correia e Filipe Menezes, disseram ao "rapaz", segundo a minha apreciação – vai para alguns muitos anos que nunca duvidei que ele ali chegaria - ou te atiras pra "frente", para desalojar o Sr. Eng.º Sócrates, ou cais fora e vais dar uma volta ao bilhar grande…

Pode muito bem ter sido assim! Apenas estou a pensar alto…

Bem, continuando a pensar alto, se o PS, voltar a ganhar, o que não me parece impossível; face aos erros manifestamente infantis, que o Sr. Dr. Passos Coelhos vem a praticar no dia-a-dia, e se o quadro político se mantiver inalterado, vai ser necessário que Sua Excelência o Sr. Presidente da República desta vez puxe da ripa, e zás…

E como pensamos que pode ser dada a ripada? Pela proporcionalidade dos votos, claro…PS 31%; PSD 30%; CDS/PP 8%; PCP 7% e BE 6%; o resto não conta.

Assim PS (7) Ministros; PSD (7) Ministros; como não chegaram aos 10%, CDS/PP (1) SE Adjunto; PCP (1) SE; e BE (1) SE. Isto é uma previsão, meramente pessoal.

A próxima campanha e resultado eleitoral; não deverá apresentar um cenário muito longe deste – porque as hostes do PS – se vão esfarrapar como nunca, para o obter.

A não ser, que venham a ser esclarecidos os escândalos que minaram governantes e ex-governantes; nestes últimos tempos e neste caso, o cenário pode ser muito bem outro.

Se isso acontecer depende o lado em que se registem mais baixas, porque as lideranças podem vir a ser afetadas grandemente.

Estão recordados do passado recente, do que se passou nas eleições em Espanha aquando da responsabilidade dos atentados? PSD, quem te viu e quem te vê… e Fernando Nobre, que deitaste tudo a perder com a tua ganância…

A próxima Presidência seria tua. Assim deixaste o caminho aberto para o Sr. Dr. António Costa do PS.

Espero estar cá para ver. Isto não vai de facto ser fácil para ninguém…

Como explicar aos portugueses, as subsequentes introduções dos PEC's, e sobre tudo, porque não foram eles aplicados vai para dois anos, quando de começou a adivinhar a crise?

A Governação, destes últimos anos foi atribulada; ditos e não ditos, com os PEC's recolhendo à caserna; surgem estes como um pecado original, que se aplica ao nosso povo, como se tratasse de um castigo para uns quantos malandros, maus trabalhadores de origem Lusa.

Recordo-me bem, que quando emigrámos para muitas partes de mundo; trabalhámos em condições desumanas, por toda essa Europa, nas Ex-províncias Ultramarinas, no Canadá, EUA, Austrália, etc.

Também na Europa, na vizinha França e a Alemanha, onde fomos escravizados, por aqueles que agora, se recusam a prestar ajuda.

A culpa será do trabalhador – o mal estará na sua origem – ou no seu sangue?

Como podemos ser reconhecidamente produtivos fora do nosso país; e, dentro dele não?

Senti este estigma na pele, quando fui emigrante no Canadá.

A empresa multinacional para quem trabalhei, não tinha nenhuma dúvida ao preferir a mão-de-obra portuguesa; no momento da escolha, preferindo-a a qualquer nacionalidade.

Porquê?

Porque tínhamos uma característica, que nos diferenciava de todos os outros.

Produzíamos incansavelmente e com qualidade. Estávamos sempre disponíveis para trabalhar mais e mais. Eu fui um emigrante assim.

O nosso povo, na sua maioria possui esta qualidade.

O senhor Eng.º Belmiro de Azevedo, diz que produzimos muito pouco, e o que produzimos é mau?

Então qual é a nacionalidade dos trabalhadores da sua empresa?

Do maior empregador Nacional?

Possivelmente estaria a referir-se aos funcionários públicos!

O que irá acontecer quando 2,5 milhões de portugueses deixarem de pagar as rendas de casa; a água; a eletricidade e os empréstimos à Banca?

Serão despejados; corta-se-lhes a água e a luz; os bancos ficam com as casas, para as venderem a quem?

Aos Alemães? Aos Finlandeses?

Ou reúnem-se todas as dívidas do crédito da habitação; por exemplo num dos nossos bancos, deixando o banco à beira do abismo, e depois o Estado intervém, mas desta vez em prol dos mais necessitados, perdoando as suas dívidas, injetando dinheiro no banco?

Os Portugueses ficam assim livres do encargo das rendas da casa! Pois. Poderiam ali viver até ao final das suas vidas, como se tratasse de uma habitação – merecida – no cumprimento do expresso na nossa Constituição, pelo direito que todos temos à habitação.

Se calhar, a reunião da dívida à banca, dos portugueses na aquisição de habitação própria toda somada; seria, inferior ao somatório do buraco do BPN!

Quão contentes, ficariam os portugueses, se o nosso próximo Governo tomasse esta medida, de perdoar a dívida de aquisição de habitação própria, pois nos eles nos governariam toda a vida…

Em desespero de causa, pensamos que não há volta a dar-lhe; a não ser que possamos dar o seguinte contributo nacional.

Se calhar vitória do Sr. Eng.º José Sócrates, sem Sócrates… ou em alternativa o PSD, mas sem Dr. Passos Coelho.

Para o desempenho do novo elenco, é indiferente.

Temos o exemplo da nossa última maioria da atual Governação 2023.

O Apoio Alemão e do presidente da Comissão Europeia havia a real possibilidade de Portugal conseguir um resgate mais suave, idêntico ao que Espanha depois veio a ter.

O primeiro-ministro, José Sócrates, dá conta ao líder da oposição, Pedro Passos Coelho, do que se passa.

Este, pressionado pelo seu mentor e principal apoio partidário, **Miguel Relvas**, recusa-se a deixar passar o PEC 4, dizendo que não sabia de nada e que não apoiava novos sacrifícios.

O Que Pensou e disse o "Expresso"?

Fez no dia 6 de abril de 2017 quatro anos que Portugal pediu ajuda internacional.

Dizia o Jornal Expresso na sua edição:

É mais do que tempo de fazer o balanço dos erros, mentiras e traições deste período e desconstruir o discurso que os vencedores têm produzido sobre o que se passou.

A 4 de abril, ***Ângela Merkel*** *elogia os esforços do Governo português para combater a crise, através de um novo plano de austeridade, o PEC 4.*

O seu objetivo é a queda do Governo e eleições antecipadas (**ver o livro "Resgatados", dos insuspeitos jornalistas David Dinis e Hugo Filipe Coelho**).

O Presidente da República, **Cavaco Silva**, faz um violento ataque ao Governo no seu discurso de posse, a 4 de abril, afirmando não haver espaço para mais austeridade.

Os banqueiros em concertação pressionavam o ministro das Finanças.

Teixeira dos Santos cede e coloca o primeiro-ministro perante o facto consumado, ao anunciar ao "Jornal de Negócios" que Portugal precisa de recorrer aos mecanismos de ajuda disponíveis.

Sócrates é forçado a pedir a intervenção da troika.

Merkel recebe a notícia com estupefação e irritação.

Durante o período de ajustamento, Carlos Costa, governador do Banco de Portugal, sublinhou sempre que o nosso sistema financeiro estava sólido.

Afinal, não só não estava sólido como tinha mais buracos do que um queijo gruyère.

Pelos vistos desconheciam que a esmagadora maioria das PME sempre teve falta de capital, funcionando com base no crédito bancário.

Como os bancos foram obrigados a cortar drástica e rapidamente os seus rácios de crédito, milhares de empresas colapsaram, fazendo disparar o desemprego.

Gaspar e a Troika diriam depois terem sido surpreendidos com esta evolução.

A sobranceria dos que se baseiam na infalibilidade do Excel, aliada à ignorância dos que pensam que a mesma receita funciona em qualquer lugar, tem estes resultados.

Passos Coelho disse e redisse que as privatizações tornariam a economia portuguesa muito mais competitiva, levando os preços praticados a descer.

Pois bem, a **EDP** foi vendida a muito bom preço porque as autoridades garantiram aos chineses da Three Gorges que os consumidores portugueses pagariam uma elevada fatura energética.

E assim tem sido. Os franceses da Vinci pagaram muito pela concessão da **ANA**, porque lhes foi garantido que poderiam subir as taxas sempre que o movimento aeroportuário aumentasse.

Já o fizeram por cinco vezes. O Governo acabou com a golden share na PT e não obstou à saída da **CGD** do capital da telefónica.

Depois assistiu, impávido e sereno, ao desmoronamento da operadora.

A **CGD** foi obrigada pelo Governo a vender por um mau preço a sua participação na Cimpor.

Hoje, a cimenteira é uma sombra do que foi: deixou de ser um centro de decisão, de competência e de emprego da engenharia nacional.

Os **CTT** foram privatizados e aumentaram exponencialmente os resultados, à custa da redução do número de balcões e da frequência na entrega do correio.

A *famosa reforma do Estado resumiu-se na prática a aumentar impostos, cortar salários, pensões e apoios sociais, bem como a fragilizar as relações laborais,*

BCP, BPI e Banif tiveram de recorrer à linha pública de capitalização incluída no memorando da troika, o BES implodiu, a CGD foi obrigada a fazer dois aumentos de capital subscritos pelo Estado, o Montepio está em sérias dificuldades, e só o Santander escapou.

O ex-ministro das Finanças, Vítor Gaspar, e o primeiro responsável da Troika, Poul Thomsen, negaram durante dois anos que houvesse um problema de flexibilizando o despedimento individual, diminuindo o valor das indemnizações, reduzindo o valor do subsídio de desemprego e o seu tempo de duração.

O modelo económico passou a assentar numa mão de obra qualificada, mas mal paga, em empregos precários e não inovadores, em trabalhadores temerosos e nada motivados.

O programa de ajustamento fez Portugal recuar quase 15 anos.

Perdemos centro de decisão e de competência e não apareceram outros.

A classe média proletariza-se sob o peso dos impostos.

Nos hospitais reaparecem doenças e epidemias há muito erradicadas.

O investimento estrangeiro estruturante não veio, o perfil da economia e das exportações não se alterou, a aposta na investigação eclipsou-se.

E tudo para se chegar a um ponto em que a troika nos continua a dizer que já fizemos muito, mas que é preciso fazer mais — e os credores internacionais nos vão manter sob vigilância até 2035.

Sob o manto diáfano da fantasia, a nudez forte da verdade mostra que este ajustamento não teve apenas algumas coisas que correram mal — foi um colossal falhanço.

E, desgraçadamente, os próximos anos vão confirmá-lo.

Departamento, a principal responsabilidade pelos programas do Fundo com os países europeus afetados pela crise financeira global e pela subsequente crise na Zona Euro, incluindo como chefe de missão para a Islândia, Grécia e Portugal e como supervisor dos programas para a Roménia e Ucrânia

Poul M. Thomsen

Director, European Department (November 2014 - August 2020)

(+) The China Three Gorges Corporation is a Chinese state-owned power company, established on 27 September 1993.

Vais continuar a estudar, não há mais navios, fardas para o baú

Obrigação de ir a eventos importantes

Capitão Zé Gomes; SôNecas; Eu e Samuel

PORTUGAL
ASSOCIAÇÃO DE FUZILEIROS
Fuzileiro uma Vez Fuzileiro para Sempre
Eng. Manuel 3M
ENGENHARIA DE PROTEÇÃO CIVIL

Licenciatura em Engenharia de Proteção Civil

Algumas passagens do Formando (eu) com Docentes Carismáticos do ISEC, penso que enriquecerão o texto que quero deixar aos meus amigos e colegas, tendo em conta os meus 73 anos e o estatuto de aluno mais velho.

Há quem diga que "***burro velho"*** não aprende línguas. Considero que há exceções, porque cá em casa, tudo septuagenário, aprende-se Mandarim e Artes Marciais para além de Proteção Civil. Há de ficar qualquer conhecimento.

Achei que na minha passagem pelos Bombeiros de Estarreja, não foi suficiente para aprender a fenomenologia do fogo, sismologia, proteção do ambiente, análise de risco e sobre tudo de liderança e atuação de emergência em situação de resiliência absoluta, entre outras matérias relacionadas com a proteção do ambiente.

Decidi que devia matricular-me na Faculdade – aproveitando a sinergia de grupo de lá estar o senhor Comandante Gil Martins; que de 2005 a 2011, esteve à frente ANPC – Autoridade Nacional de Proteção Civil, data em que eu entrava nos Bombeiros de Estarreja.

Ou vai ou racha.

Enfrentar o fogo bem de frente e musculadamente; de modo que este seja controlado na primeira meia hora, e extinto no máximo numa hora. (Gil Martins)

Cheguei à faculdade, passando a ser pouco tempo depois o aluno mais idoso; não velho, que por ali se arrastava.

Tive a felicidade de ser **"adotado"** logo nos primeiros dias pela **Cláudia e Cristiana**; fazendo parte do seu grupo de trabalho, situação que permitiu a minha rápida integração no ambiente escolar, relembrado de cinco em 5 anos, pelo que tínhamos de regressar à Escola Náutica para renovação de certificação de competência.

Na nossa profissão de 5 em 5 anos, temos de refrescar os neurónios; sob pena de não podermos exercer a profissão.

Até aqui vai tudo bem. Mas rapidamente me apercebi das dificuldades que iria ter para me adaptar ao ritmo de estudo da turma inteira; e, em especial competir com a **Cláudia Soares;** que considerei ser a melhor aluna da turma, embora houvesse pelo menos mais outro bom aluno, que se destacaria pela obtenção de notas espetaculares.

Tive momentos de muito desespero, muitas maleitas em relação à saúde, mobilidade, intervenções cirúrgicas que afrontavam, levando-me a pensar não conseguir chegar ao final do primeiro semestre.

Mas o apoio da **Cláudia e Cristiana** permitiram vencer os obstáculos desmotivantes, e de fato a integração total deu-se, com notas suficientemente razoáveis para continuar.

Todas as UC,s **(Unidades Curriculares)** do Curso de Engenharia de Proteção Civil, do meu ponto de vista seriam importantes para os Formandos, no meu entender iria ser necessária uma reforma – fato que veio a acontecer – e teve início em 2021-2022, melhorando do meu ponto de vista o Curso, mas ainda insuficiente, falta limar um pouco, para sua melhor aplicabilidade ao fim a que se destina.

A empregabilidade destes formandos; no final dos seus cursos, está longe de corresponder aos números divulgados.

Dizer 100% de empregabilidade, quando os Alunos do curso já estão empregados, em áreas que não aquelas para que se prepararam, assim não vale… o tempo que por lá passei, tive que **"botar"** cá para fora alguns pensamentos.

Apenas aqueles que não afetam ninguém.

Desafios Presentes e Futuros

O impacto Crescente nas Redes Social na Comunicação Sistema de Proteção Civil

Vou descrever o que me vai na alma e que passei a escrito em 28.12.2019; mas antes tenho de fazer uns Agradecimentos.

Ao Ex.mo Senhor Engenheiro António de Castro Valente, Digníssimo Comandante dos Bombeiros Voluntários de Estarreja, que ao me admitir nos quadros daquela Corporação de Bombeiros, do Distrito de Aveiro, me abriu as portas ao meu sonho de criança, de um dia vir a ser um deles de facto e direito.

Ao Ex.mo Senhor Comandante António Machado, Digníssimo CODIS de Aveiro, por me ter dado posse como 2º Comandante dos Bombeiros Voluntários de Estarreja, o que me facultou acesso ao Curso de Comunicação com Imprensa em Torres Vedras, e mais tarde em Aveiro, no Quartel de Bombeiros Velhos, o de Curso de Comunicação e Comandamento com prova prática em Albergaria-a-Velha, sob o Comando do Senhor Coronel Carrasset e sua equipa de Bombeiros Franceses.

Ao Ex.mo Senhor Comandante Gil Martins, na altura Comandante Nacional da ANPC, que segui atentamente durante todo o tempo, que liderou aquele organismo; que mais tarde viria a encontrar-me no ISEC, como Coordenador do Curso de LEPC e responsável pela formação e do Curso de Licenciatura em Proteção Civil, cujo curso frequento neste preciso momento, e tenho a felicidade de poder contar com a sua presença efetiva no dia a dia escolar.

Aos meus colegas do Curso de Licenciatura de Proteção Civil, com particular relevo para a **Cláudia, Cristiana, Andreia e Ricardo**, que desde a primeira hora me **"adotaram"** como **"mascote"** da Turma e me fizeram reintegrar na Turma do 2º Ano, e me colocariam a par nas matérias que ao longo da minha vida havia aprendido mal.

Eles foram o motor da minha continuidade na Faculdade, em especial nos momentos de maior desânimo; e me fizeram renascer, dando continuidade à minha presença, e incentivo para não desistir, mesmo nos momentos de pouca saúde, que não foram assim tão poucos.

Também alguns dos Ex.mos Professores de outras UC's, que me apoiaram e encorajaram a seguir em frente, dizendo ***que até à data nenhum fogo ficou por extinguir***; com ou sem cobertura da Comunicação Social.

Resumo

O tema do trabalho já de si é complicado, pelo que mais complicado será ***criar um sistema ou metodologia*** para "***impor***" normas de conduta na captação e difusão de um evento em que o objetivo é o imediatismo.

Na realidade o aparecimento num passado recente dos meios de comunicação, a que elegantemente chamamos "***media***", à velocidade em que o acontecimento escrito, falado ou visionado, torna por vezes impossível a introdução de fatores corretivos, em tempo; podendo vir a lançar o pânico, infundadamente na sociedade ouvinte, ou pelo menos atenta ao que a rodeia.

É do passado que difundir uma mensagem de relevante importância trágica ou emotiva, demorava horas, ou quando muito o acontecimento de agora, só era notícia, nos jornais impressos e distribuídos na madrugada do dia seguinte.

A rádio, na maioria das vezes, só sabia o que se passava pelos jornais.

Por outro lado, os jornalistas, **transportadores e às vezes compositores da mensagem**, eram poucos, ou tinham mais que uma ocupação; o que não lhes permitia fazer **"floreados"** linguísticos, introduzir conceitos inventivos ou engenhosos, de modo que a notícia de pouco valor jornalístico, passasse a **"manchete"** do dia.

Não havia cursos de jornalismo, a concorrência entre editores – **e espalhadores de novas** – estava controlada, por jornais que mantinham as suas quotas de mercado, e o número de exemplares vendidos, de modo a manter o equilíbrio financeiro dos meios de comunicação mais usuais.

Com o aparecimento da televisão; as coisas mudariam um pouco, a notícia aparecia de um modo mais penetrante, atingido o cérebro das pessoas com mais precisão – tudo fruto da evolução tecnológica - e do acesso dos jornalistas a cursos de jornalismo iniciando uma nova era de **"*perguntadores***" em faculdades, cujas em unidades curriculares para aí viradas; viriam a manter um estilo agressivo, intoxicante por vezes; mantendo-se fiel no entanto, a uma filosofia de raízes ancestrais dos seus professores:

- Antigos Jornalistas.

Esta classe, tornar-se-ia uma praga – procurando a antecipação - alimentando-se quase sempre da desgraça alheia, para verem aumentados os números das tiragens dos seus jornais; ou a chamada de atenção imagens vídeo das TV's, normalmente sempre acompanhadas de uma introdução falada, repetida, gaguejada e de vocabulário empobrecido.

Imagens de um passado recente, referentes aos últimos incêndios ocorridos no País, demonstram que "**conter"** a Comunicação Social, não é tarefa fácil.

E não é tarefa fácil, porque qualquer uma entidade envolvida no Teatro das Operações, no Comando, fazia ponto de situação do evento, de acordo com a sua experiência e seu ponto de vista.

A **ANEPC** introduziria a **"Lei da Rolha"**, passando muito recentemente, essa tarefa e atribuição aos **CODIS**, e mais tarde ao **CNPC**.

Hoje face à nova Lei, a responsabilidade das Operações cabe aos Presidentes das Câmaras – como responsáveis pelo COS – algumas vezes dos Presidentes da Junta de Freguesia, da zona sinistrada.

Assim não se danifica a imagem dos Autarcas, e poupa-se uns quantos embaraços aos senhores Comandantes das Corporações de Bombeiros presentes; e, quem sabe livrarem-se de serem indiciados e arguidos por fazerem o trabalho considerado mal feito, e que por serem os últimos "envolvidos no processo" têm de arcar com as culpas.

Neste momento que reviso estes textos, já temos alteração ao modo operandi da ANEPC e os nossos bombeiros.

Apresentação do meu trabalho de final na Faculdade, ao Ex.mo Júri, sendo meu interlocutor Professor Doutor João Manuel Ribeiro.

A nota de 14 valores. Considerada um bónus pela Ex.ma Senhora Presidente do Júri Professora Doutora Ana Oliveira, *pareceu-me mais que uma negativa entre o 9 e o 10;* e que coloca o ISEC, num patamar de formação de projeto no papel, *sem utilidade*

nenhuma para comunidade; não acrescentado uma maior valia tecnológica, que se possa vir a transformar ideias em trabalhos de utilidade.

Os painéis solares, que disse seriam dados, nunca foram. Tive de os comprar assim como todo os materiais de outros 4 projetos que criei.

ISEC - LISBOA

ISEC - PROJETOS PRODUZIDOS OU PROTÓTIPOS

Projeto Autómato Energético Híbrido

Desenvolvimento de Software

TESTES LAB DOS PROTÓTIPOS DESENVOLVIDOS

Produtor de Energia Híbrido (4)

ISEC - PROJETOS PRODUZIDOS OU PROTÓTIPOS

Explosão de 2H nos Testes

Reunião de Proteção Civil Local

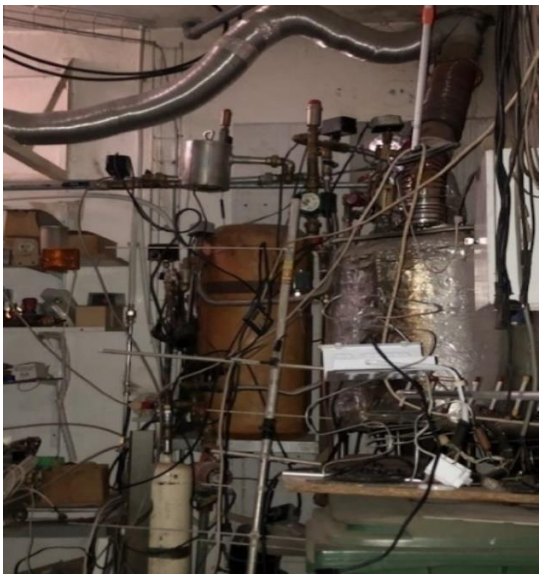
Bomba de Calor

Módulo Comunicações Móvel

TESTES LAB DOS PROTÓTIPOS DESENVOLVIDOS

Carro Combate a Incêndios

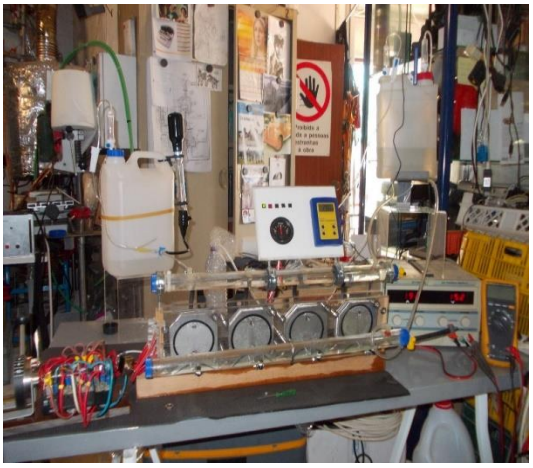
Autotanque em montagem



Caldeira Recuperativa e Economizador **Robô em Teste de Pressão**

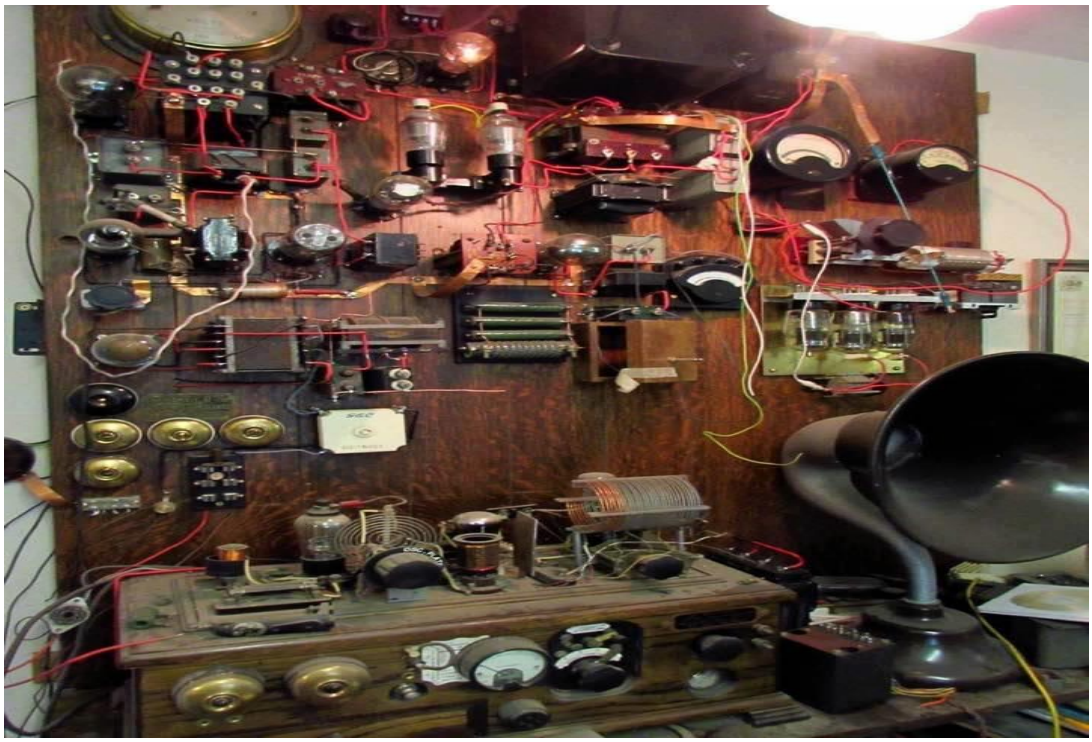
TESTES LAB DOS PROTÓTIPOS DESENVOLVIDOS

LAB DE TV E AUTOMAÇÃO e TERMODINÂMICA



Unidade Energética de 2H em Montagem

Comunicação Social Televisiva Amadora Privada



Como olho para a Comunicação Social.

INTRODUÇÃO

Procurou-se encontrar uma metodologia de introdução das matérias que permitem compreender a nossa linha de pensamento.

Poderíamos dizer, tendo em conta a tipologia da generalidade do tratamento da Comunicação em Portugal; como sendo um objetivo inatingível; pelo menos nos próximos 50 anos.

Referimos este pensamento; tendo em conta, a o modo de trabalhar e difundir a informação, obedecendo aos seguintes princípios:

1 – A informação difundida através da Comunicação Social é um negócio.
2 – As Empresas de Comunicação Social têm de apresentar resultados financeiros positivos.
3 – Ter sempre presente "*que candeia que vai à frente* ***alumia*** *duas vezes*".
4 - É necessário que o produto "venda" mais que a concorrência, não importa como.

Estamos perante a lei do Salve-se quem puder; não interessa como, interessa sim ser o primeiro a divulgar a notícia de um evento com alguma relevância.

Âmbito

O âmbito do trabalho insere-se na exigência do Docente da UC, que me pede uma solução para o problema da **Comunicação**, em especial no meio que se desenvolve a atividade da ANEPC, pelo temos que abrir caminho – para aquilo que é neste momento uma inevitabilidade; para não dizer impossibilidade.

Autoridade Competente de Controlo do Evento não sabe; mas, há um jornal diário que sabe.

Mas como é feio perguntar-lhes o que se passou, a notícia sai mesmo disparada como uma bala de canhão.

Para que ela não saia; ou seja, ***saia mais carregada de oportunidade***, veracidade e não desvirtuada, dos bens mais importantes da vida, que são a **verdade** e o **respeito** pela **condição humana dos envolvidos**, não será tarefa fácil.
Haverá um grande caminho a correr, admitimos que seriam precisos 50 anos; e, porque não 3 gerações, de modo que estas sejam formadas – ***numa mente aberta de não agressão ao seu semelhante ouvinte*** – ao passar pelas carteiras das escolas; onde começarão a sua aprendizagem para a vida, isto como um primeiro e fundamental passo.

A *problemática e a justificação do interesse*:

Pretende-se a criação de um sistema de Comunicação Vanguardista, que divulgue em tempo útil, informação independente, não impregnada de "***terrorismo jornalístico***"; a qual, possa primar por uma linguagem caraterizada pela Clareza, veiculada de forma precisa, de modo que possa haver interesses comuns entre o Emissor e o Recetor, inserindo palavras positivas, nunca expressões negativas recheadas de agressividade e dúvidas.

Ter sempre presente que: - ***Não há Proteção Civil sem Comunicação.***
Por outro lado, a informação deve-se pautar, pela homogeneidade, e oportunidade, e em situações de possuir um modelo "*universal*" de comunicação, que deverá abranger na sua montagem os critérios da Informação, a justada ao público-alvo, em que terão de ser englobados os seguintes critérios:

Critérios da Informação:
– Demográficos;

– Geográficos;
– Comportamentais;
– Psicográficos;

Os objetivos do trabalho: pretende-se sensibilizar o ouvinte, o leitor ou o espetador, que a Informação que é apresentada sai de fontes fidedignas, isenta de "veneno" e que o ***texto base pode ser comparado***, com o conteúdo de outras entidades difusoras da mesma notícia.

Quere-se dizer, ***que a notícia obedece a um texto base***, que deverá ser elaborado por um gabinete especializado de jornalistas; onde as fontes geradoras de notícias têm acento.

Estamos a falar de uma estrutura tipo Agência Portuguesa de Informação "Lusa" que podia ser nacionalizada, e assim poderíamos caminhar para uma entidade, semi-estatal, independente política e apartidária redaccional sem tutela do estado; podendo até o seu Capital ser aberto a todos os Portugueses, e porque não uma **<ONG>.**

Mais adiante explicaremos claramente quais os objetivos gerais propostos para a solução.
Uma vez que a apresentação dos objetivos é muito importante, estes devem ser claramente definidos.

Como não há documentos científicos de referência publicados, sobre esta problemática em particular, apontando para um sistema, onde não haja lugar a ***hipóteses***; mas sim ideias com realidade – que se que possam ser aceites – não só pela ANEPC, como pelos Meios de Comunicação, ***congregadas na resolução de um problema latente***; apontando para uma solução capaz de conciliar ***Comunicação com verdade, e pontualidade, do desenvolvimento "in time" de um evento de interesse nacional***, ao mesmo tempo que não coloca em risco a rentabilidade e sustentabilidade das empresas difusoras do evento.

PARTE I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO – Ser acessível;

– Compreensível;
– Precisa;
– Apropriada;
– Flexível;
– Quantificável;

Capítulo 1. - Agência de Notícias Nacional (hoje)

O que é, o que, e como faz?

A sociedade tem por objeto a atividade de agência noticiosa, competindo-lhe assegurar uma informação factual, isenta, rigorosa e digna de confiança, prestando os seguintes serviços:

- Recolha de material noticioso ou de interesse informativo e seu tratamento para difusão.

Divulgação do material recolhido, mediante remuneração livremente convencionada, para utilização de órgãos de comunicação social nacionais ou estrangeiros ou de quaisquer outros utentes individuais ou coletivos, institucionais ou empresariais, que o desejem;

Prestação ao Estado Português, ao abrigo de um contrato específico, plurianual, dos serviços da sua especialidade que ***assegurem o cumprimento das obrigações do Estado no âmbito do serviço de interesse público relativo à informação dos cidadãos***;

Este é a proposta do modelo que preconizamos que deva ser seguido.

Capítulo 2. – Jornalismo Comunicação e Media Digitais – (HND)

2.1 – O Aprender jornalismo com profissionais de renome.

2.1.1 – O percurso académico é feito de aulas teóricas e práticas em contexto real.

2.1.2 – **Docentes:** José Alberto de Carvalho; Judite de Sousa; Pedro Mourinho; Rita Marrafa de Carvalho; etc.

2.1.3 – Ancestralmente todos os media abrem da mesma forma a notícia:

2.1.3.1 – Aumentar o volume da emissão, letras e fotos ampliadas.
2.1.3.2 – Descrição do evento, como se tratasse do fim do mundo.
2.1.3.3. – Nenhum respeito pela privacidade do ser humano.
2.1.3.4 – Prática de um Jornalismo ***virado para a desgraça alheia.***

Capítulo 3. – Responsabilidade para com a Sociedade.

3.1 – Papel a desempenhar perante a Sociedade - Direitos e Deveres

Aprendemos o segredo para o sucesso da informação, é saber gerir a informação, e que a mesma invariavelmente deve ser: E porquê? Porque uma informação mal gerida e difundida, pode causar danos irreversíveis; e, causar graves acidentes, por isso deve primar pela verdade.

Capítulo 4. – ANEPC e a Comunicação

Porque os cidadãos têm direito à informação, afigura-se que os media, não se sentem satisfeitos com a informação que é transmitida que é difundida pela ANEPC; em especial, quando se trata de situações de emergência ou catástrofe, pelo que se tem que ter mão, no método e modo de veicular a informação, para que a mesma tenha sucesso junto da população em geral, e particularmente do público alvo.

4.1 – ***Segredo do Sucesso***.

4.1.1 – Fazer; Ser; Saber; Saber estar;

4.1.2 - Competência; Rigor; Mérito;

Tendo em conta a Lei de Bases da Proteção Civil, e os direitos das populações nela consignados, ***veremos que, o caminho a seguir é-nos apontado*** no (Artº 7 -3).

Assim ***não há escolha***, e as (3) gerações de que falávamos, terão que ter como base obrigaria a formação nesta matéria desde o início da sua carreira Escolar Básica, para a obtenção o **Sucesso da Informação; tendo em conta a missão do Emissor e do Recetor**.

4.2 – (Artº 5) - O princípio da informação, que traduz o dever de assegurar a divulgação das informações relevantes em matéria de proteção civil, com vista à prossecução dos objetivos previstos no artigo 4.º.

4.3 – (Artº 7) - 1 - ***Os cidadãos têm direito à informação sobre os riscos*** a que estão sujeitos em certas áreas do território e sobre as medidas adotadas e a adotar com vista a prevenir ou a minimizar os efeitos de acidente grave ou catástrofe.

4.4 – (Artº 7) - 2 - ***A informação pública visa esclarecer as populações*** sobre a natureza e os fins da proteção civil, consciencializá-las das responsabilidades que recaem sobre cada instituição ou indivíduo e sensibilizá-las em matéria de autoproteção.

4.5 – (Artº 7) – 3 ***- Os programas de ensino, nos seus diversos graus, devem incluir, na área de formação cívica, matérias de proteção civil e autoproteção, com a finalidade de difundir conhecimentos práticos e regras de comportamento a adotar no caso de acidente grave ou catástrofe.***

Capítulo 5. - Estatuto do Jornalista

5.1.1 - Constituem direitos Fundamentais dos Jornalistas – (Artº 6)

5.1.1.1.

a) A liberdade de expressão e de criação;

b) A liberdade de acesso às fontes de informação; (Artº7)

c) A garantia de sigilo profissional;

d) A garantia de independência;
e) A participação na orientação do respetivo órgão de informação.

Capítulo 6. - Direito de Acesso às Fontes Oficiais de Informação

6.1 **- (1)** - ***O direito de acesso às fontes de informação*** é assegurar aos jornalistas:

6.2 – (**2 - a)** - Pelos ***órgãos da Administração Pública*** enumerados no n.º 2 do artigo 2.ºdo Código do Procedimento Administrativo; (Art.º 8).

6.3 **– (3-2)** - O **interesse dos jornalistas no acesso às fontes de informação é sempre considerado legítimo** para efeitos do exercício do direito regulado nos artigos 61.º a 63.º do Código do Procedimento Administrativo. (Artº 8).

6.4 – (**1**) - Os jornalistas têm o direito de acesso a locais abertos ao público desde que para fins de cobertura informativa. (Artº 9).

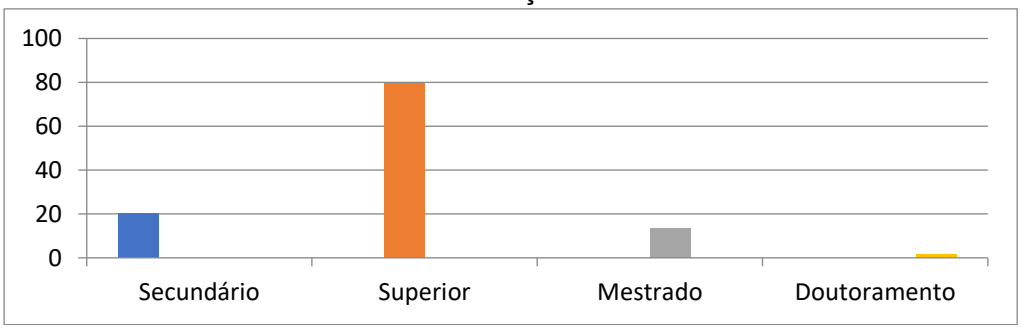
6.5 - Os jornalistas não podem ser impedidos de entrar ou permanecer nos locais referidos no artigo anterior quando a sua presença for exigida pelo exercício da respetiva atividade profissional, sem outras limitações além das decorrentes da lei. (Art.º 10).

Capítulo 7. – Independência dos Jornalistas

7.1 – **A Lei protege os Jornalistas**

7.1.1 - Os jornalistas não podem ser constrangidos ***a exprimir ou subscrever opiniões nem a abster-se de o fazer***, ou a desempenhar tarefas profissionais contrárias à sua consciência, nem podem ser alvo de medida disciplinar em virtude de tais fatos. (Artº 12).

Gráfico 1 – Habilitações do Jornalistas



PARTE II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O texto que se segue, é fruto do resultado de um trabalho de investigação, efetuado por jornalistas do Correio da Manhã e Docentes do ISCTE. Não sei se de facto corresponde à verdade; mas vamos acreditar que sim, se de facto tem a chancela do ISCTE.

Resumindo, diz o Estudo que:

"Nas últimas duas décadas houve uma acentuada concentração temática da formação superior dos jornalistas".

A maioria (66,7%) dos jornalistas portugueses tem licenciatura em Comunicação Social, Jornalismo ou Ciências da Comunicação, segundo um estudo desenvolvido por uma equipa do ISCTE, em parceria com o Sindicato dos Jornalistas e o Obercom, hoje-divulgado.

Que "***Dois terços dos jornalistas licenciados estudaram comunicação ou jornalismo, numa classe profissional que tem, na sua grande maioria, curso superior***", revela o inquérito realizado aos jornalistas em 2016, denominado **'Os jornalistas portugueses são bem pagos?** Inquérito às condições laborais dos jornalistas em Portugal'.

Estas são as primeiras conclusões sobre a ***escolaridade e formação*** dos jornalistas, resultantes das respostas validadas de quase 1.600 profissionais do setor.

"Além de qualificações académicas quase cinco vezes superiores à média nacional, os jornalistas preocupam-se em continuar a sua formação. ***Um em cada dez está a estudar e 55% fizeram formação nos últimos cinco anos".***

Os jornalistas têm uma escolaridade "***muito superior à média nacional***, com (79,5%) a terem completado pelo menos uma licenciatura de três anos ou um bacharelato, enquanto a média da população portuguesa com mais de 15 anos é de apenas 17,7% (em 2015 segundo INE/Pró data)".

"Isso significa que apenas 13,4% concluiu um mestrado e só 1,5% um doutoramento. No polo oposto, há 20,4% que apenas frequentaram o ensino secundário".

A Universidade Nova de Lisboa, em especial na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, é a mais procurada para formação (8,7%), seguida do ISCTE (5,7%) e da Universidade de Lisboa (4,0%).

PARTE III – METODOLOGIA

Capítulo 1

Reflexão / O que Fazer e Como Fazer com os media?

1.1 – O objetivo principal é encontrar uma solução que permita disparar uma informação, caraterizada pela verdade, que quando confrontada com outras redes de comunicação, se depare com coincidência total de verdadeira credibilidade.

1.2 – O Objetivo secundário, assenta **na criação de um sistema de informação***, capaz de congregar em si a informação (posse da Informação), dos eventos catastróficos, grandes calamidades naturais ou provocadas pelo ser humano; sendo capaz de em tempo útil, trabalhá-la e cedê-la à população através dos meios mais céleres de comunicação.*

1.3 – Tendo em conta que os Meios Sociais de Comunicação, salvo Twitter, estão mais vocacionados para o entretenimento, do que mais propriamente para a Comunicação de Emergência; e neste caso informação – ISENTA – tendo em conta os objetivos comerciais da sua criação.
1.4 – De facto comunica-se com rapidez, a notícia corre agilizada, mas abre a porta à MANIPULAÇÃO, à DISTORÇÃO; o que pode em boa verdade, vir a ser uma arma de arremesso tipo "Boomerang".

1.5 – Utilizar estes meios, sem um PÚBLICO-ALVO, bem definido; do meu ponto de vista é alimentar o fogo com gasolina. Deixamos para trás Jornalistas pouco competentes; e criamos à nossa volta milhões de outros iguais.

1.6 – Ou chamamos à ***Estrutura Estatal*** este serviço – que terá de vencer todas as barreiras e anticorpos que possam vir a ser gerados com essa medida – ou associar-se através da ANEPC, às estruturas existentes de comunicação, aproveitando as sinergias de grupo; e partir para um modelo de partilha de informação, que pensamos que poderia passar por uma ONG, que o fizesse em seu nome e dos Portugueses.

1.7 – Outra medida seria, a criação de uma entidade composta por capitais públicos e privados, organizados em torno da ANEPC, que contaria com uma equipa de jornalistas credenciados e reconhecidos – a pedido dos mesmos – que poderiam ter assento, num gabinete de informação; liderando, pelo Oficial de Informação designado pelo Comandante do PCOS.

Capítulo 2 - *Sucesso da Ideia.*

2.1 – Vontade e Coragem para a implementar

2.1.1 – Hipoteticamente, esta ideia teria de ser agarrada, nos moldes propostos, ou em moldes similares, se quisermos erradicar – ao longo do tempo – a proliferação das imagens e relatos confrangedores, que entram em nossas casas; deixando-nos à mercê da incerteza e da dúvida de quem tem por missão preservar as nossas vidas, mas que afinal se revelou incompetente, deixando pessoas morrer ver os seus bens irrecuperavelmente perdidos.

Capítulo 3 - *A Competência Informativa / Jornalistas e a Informação.*

3.1 – Pesquisa

3.1.1 – Pela análise que fizemos, em função da informação recolhida; a informação que nos chega – e que devia ser das melhores procedências – fazendo fé que já foram feitos (6) estudos sobre esta matéria; tendo em conta que apenas 20,4% têm o ensino secundário.

Os restantes 13,4% são possuidores de uma licenciatura; e apenas (1) mestrado e 1,5% obtiveram o doutoramento. Assumimos que que ***anda no terreno atrás das chamas***, ***faça parte dos restantes 20,4 %.***

Os outros enveredaram possivelmente por outras vertentes do jornalismo, mais rentáveis e menos perigosas. Estamos a falar de um universo de 1600 jornalistas portugueses entrevistados.

3.1.2 – Temos consciência de que é preciso – ***antes dos outros*** – aprontar informação; seja ela verídica, ou falsa. É preciso que esta passe, penetre nas mentes, e nos faça ferver a adrenalina.

3.1.3 – ***Notícias "Runspantes"*** – daquelas que que abrem os telejornais, ou enfeitam as capas dos jornais, ***Bárbara em cenas de sexo; mata mulher a golpe de machado, esquarteja o cachorro;*** isto sim é jornalístico comercial, que faz baixar o número das sobras e aumenta as receitas das editoras.

Capítulo 4 - ONG ou Centro Conjugado de Informação CCI - (tipo Lusa).

4.1 – Lidar com a Informação, enquanto as carteiras das Escolas não fazem o milagre.

4.1.1 – Todos nós que lidamos com a informação, e procuramos nela assunto de interesse e cultura; sabemos muito bem que não são temas que congreguem pessoas à frende de um ecrã, nem que vão em busca da novidade através dos jornais.

4.1.2 – Do ponto de vista comercial, redatores e jornalistas – estão de costas viradas para o espectador / leitor – porque apenas procuram o resultado do seu negócio; seja, difundir notícias que gerem receitas.

4.1.3 – Do meu ponto de vista, o Jornalismo exercido com grau académico ou sem ele, devia estar virado para a informação de verdade; tal como o médico quando se forma, o objetivo principal é salvar vidas curando-as, ou não as deixando adoecer.

Com o Jornalismo também se aprende que a informação é para ser tratada e difundida com seriedade, e quando não é estamos mal.

Na China os Chineses que trem acesso aos cuidados de saúde do seu médico, sendo para isso avençado, para serem mantidos sãos, e quando adoecem deixam de pagar, até ficarem bons.

Capítulo 5 – ONG / CCI – a Solução

5.1– ***Como distinguimos os resultados de uma solução ONG /CCI***

4.1.1 – ***Quem acredita no sistema? Eu, porque aqui entram os restantes 79,6 % dos Jornalistas com Curso Superior.***

4.1.2 – ***Se me perguntarem se eu acredito, direi sim***; vejamos a transformação que se operou na ANPC desde 2006, do período de graça em que se viveu, a um passado presente, em que a ***vítima mortal do sistema*** foi o cachorro da ANPC, mandado abater pela mais alta patente, o seu Tutor.

Assim Saber, Saber Fazer, Fazer e Ver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – ONG – CCI

1 – ***Como distinguimos os resultados de uma solução ONG /CCI***

1.1 **-** Se todas as empresas de informação fossem parte integrante do projeto; associados, acionistas, pontualmente compradores, ou outro tipo de ligação a estabelecer; e recebessem as notícias de carácter catastrófico, doloso, ou de calamidade, ***de um só CCI***, estariam todos em pé de

igualdade, face aos poderosos meios de comunicação e divulgação hoje utilizados.

1.2 - Podemos dizer que a notícia da Grande Empresa chega ao mesmo tempo da Pequena Empresa, desde que o Jornalista esteja lá. Pode é o jornalista com menos recursos financeiros não estar lá na hora dos acontecimentos, nem poder "estacionar" até o evento terminar.

1.3 – Como se mediria a qualidade da informação e a gestão dessa mesma informação, em empresas diferentes e recursos diferentes; já que "a informação das grandes desgraças", **chegaria formatada**, sem alaridos, e prestada "in Time", briefings, para mesma seja isenta de inverdades, sem de exposição do ser humano ao "enxovalho", à miséria e à desgraça?

1.4 - ***Ora se e informação vital, rentável e que faz tocar campainhas nas cabeças dos cidadãos, é filtrada e formatada; a qualidade global do centro emissor e difusor, só pode ser avaliada pelos conteúdos dos demais artigos que compõem o universo da informação difundida.***

CONCLUSÃO

O carácter inovador do trabalho prende-se com a forma que preconizamos, para evitar os episódios de um "**folclore**" a que fomos habituados, quando se trata de noticiar.

Quando algo que correu mal na Sociedade Portuguesa, e que repetidamente se propaga e apregoa, que há quem tenham responsabilidade nos acontecimentos; e que todas as vezes que ocorre; se diz que é preciso estudar, estudar, produzir um modelo quer satisfaça e minimize os prejuízos.

Mas o modelo tarda a chegar e de ***"remendos em remendos",*** faz-se crer às populações que agora é que é; que com a criação de mais uns departamentos, aumenta-se o comprimento da mesa das decisões, à qual acrescentamos mais algumas cadeiras.

À velocidade do tempo, em dias de código LARANJA, com as mudanças ambientais; em que ninguém acredita que elas venham fazer mal à humanidade, num ceifar vidas e na demolição patrimónios ***dos mais necessitados***, as medidas que se são propostas, quando chegam a entrar em exequibilidade, já são insuficientes e desajustadas; e, entretanto, a manta térmica na floresta cresceu 300 mm.

A "Lei da Rolha" aos agentes ao serviço da ANEPC, veio interromper o circuito usual da Comunicação, relegando-a para um patamar – meramente político – onde impera o tribunal de 1ª Instância – que condena; quem ao longo de décadas deu conta do recado.

Os Bombeiros e seus Comandantes.

Vai levar algum tempo até que a ANEPC, aprenda a lidar com estes fenómenos, e tem que ter consciência que uma mudança no Modelo de Comunicação, não terá qualquer sucesso, vindo este das Redes Sociais. Pelo menos destas que conhecemos.

Não há volta a dar-lhe. A ANEPC não sabe, mas o CM sabe. Algo está mal.
Caberá á **ANEPC, ANTECIPAR a solução, FAZER e LIDERAR** um sistema autónomo de difusão, introduzindo especialistas credenciados, e conhecedores dos dois lados do problema.

Temos o exemplo do sistema SISREP que foi necessário tomar uma atitude, assumindo a responsabilidade de o gerir e manter, como garantia de que a fiabilidade do sistema de comunicações de emergência nacional, não poderia estar na mão de uma Empresa cuja missão é faturar pelo serviço.

O tempo necessário a implementar um sistema autónomo, de Difusão Nacional de Notícias de Emergência (DNNE); (CCI) ou qualquer outra designação; montar-se-á muito antes do aparecimento das novas gerações de portugueses e de Especialistas da ANEPC, pelo que se começarmos já, todos ficaremos a ganhar.

Um plano de ESTADO e não de Governos, terá de assumir de imediato, a mudança e preparar-se para o que der e vier. *No caso vertente não se trata de reverter, seja o que for – caso TAP – mas sim vontade férrea, de INOVAR*.

O tempo será o melhor juiz. Não sei o que o senhor Comandante Gil Martins pensou disto? Deve ter atirado para o “caixote do lixo”, penso**!** Coisas que o tempo se encarregará de resolver.

Referências bibliográficas

1. – Estatutos da Agência Portuguesa de Informação (Lusa)
   Consulta em 28-12-2019 – 09.00 – Net
2. Gestão de Comunicações em Emergência – ISEC – Curso LEPC 19

   Consulta Publicações, UC-LEPC, Cte Gil Martins – 29.12.2019 - 9.40 Moodle.
3. Jornalismo, Comunicação e Media Digitais

   Consulta em 29.12.2019 – 11.38 – Net.
4. Lei de Bases Proteção Civil- Legislação Consolidada – DRE

   Consulta em 29.12.2019 – 29.12.2019 – 12.27 –Net.
5. Estatuto do Jornalista – Lei nº1/99 – DRE

   Consulta em 29.12.2019 – DRE nº 10/1999, Série A – 14,30 Net.
6. Acesso ao Ensino Superior – Universidade de Coimbra

7. Consulta GAES-Curso Jornalismo e Comunicação, 29.12.2019 – 14,45 Net.
8. Universo de Jornalistas Portugueses Licenciados

9. Consulta TV – Media –CM – Estudo do ISCTE/Sindicato Jornalistas- 29.12.2019 – 16.20 – Net

Curso Engenharia de Proteção Civil

O Senhor Comandante Gil Martins honrou-nos a sua presença.

Neste também

E neste também

COVID 19 – Análise dos Docentes Universitários

Claro que tinha de escrever algo sobre esta matéria. O Professor da UC **Dr. Manuel Ribeiro, este Docente resolveu** a questão, levando-me a comentar o Artigo do **Doutor Miguel Poiares Maduro.** E deu nisto:

Como naturalmente começamos por agradecer a quem nos inspirou.

Agradecimentos

Em matéria de agradecimentos, face à dimensão do trabalho, endereço os meus agradecimentos ao Ex.mo **Senhor Doutor Manuel João Ribeiro** Digníssimo Professor do ISEC, pela sua dedicação na produção de elementos de Estudo das UC´s que leciona; bem como, pela sua paciência infinita de nos ouvir, nas mais irreverentes e desajustadas questões que lhe colocamos durante as aulas, cuja respostas sempre prontas, são satisfeitas “in time”.

Também pelo seu desempenho na Webinar da Amadora, como primeira figura oratória, procurando projetar no espaço o verdadeiro e abrangente conceito de Proteção Civil, chamando à atenção, de que é preciso de uma vez por todas definir inequivocamente quem dirige e quem atua numa situação de Desastre /Catástrofe.

Ao **Senhor Professor Doutor Poiares Maduro**, lente que aprendi a respeitar pela sua sapiência; **enquanto não político**, mas sim enquanto professor, que suavemente caracterizou toda a envolvente da pandemia, ***referindo-a como um acontecimento inusitado***, que apanhou o mundo e a comunidade científica desprevenida, sem saber por onde começar alimentando especulações e palpites de ataques perpetrados com origem internacional com a finalidade de abalar as economias mundiais.

Aos Organizadores do Webinar da Amadora, dos Ex.mos Oradores, que souberam traduzir bem as dificuldades que os portugueses passaram e presentemente continuam a passar; abordando temas, que permitem olhar para Proteção Civil com responsabilidades, ***por atuação amolecida, que causou atraso na resposta***, deixando ao de cima a realidade das Desigualdades Sociais, não a considerando tal como deve ser encarada, como um fator de QUALIDADE DE VIDA.

Finalmente juntando a experiência dos Oradores, concluímos que há muito a fazer***; na desmilitarização da Proteção Civil,*** deixar aos verdadeiros agentes – as populações – e aos Municípios, a tarefa de atuarem, e tomar as medidas consignadas na Lei, seu lugar de habitação, reunindo e mobilizando o auxílio adequado das forças.

As populações não têm treino militar, na sua maioria não têm nenhum grau de prontidão, raramente ficam em estado de alerta, atuando quase sempre tardia e desorganizadamente.

Às escolas compete em primeira mão educar, motivar e instruir, os futuros Adultos que constituirão as populações

Resumo

1.1 - Miguel Poiares Maduro

1.1.1 - Impacte do COVID19 na saúde pública

Escrever qualquer análise que vise versar a pandemia mundial provocada pelo COVID 19, depois de termos sido bombardeados pela sociedade intelectual, com diagnósticos médico-científicos; muito, pouco ou nada convincentes, é preciso ser muito pretensioso, não estar na graça de Deus, para não saber, que é coisa má e mata gente.

Poiares Maduro, escreveu em poucas linhas aquilo que durante um ano, temos vindo a ouvir à Esquerda ao Centro e à Direita, de ***"dois lados de fora"*** que se trata duma verdadeira tormenta a compreender; e, que ainda ninguém entendeu.

Se pandemia tivesse ocorrido no século passado, o ***medievo****;* apelidá-la-ia de ***peste****,* e como a comunicação social não existia, não passava mesmo dessa designação.

Os sobreviventes, transmitiriam aos vindouros a má nova, que foi algo que matou.

As vítimas designar-se-iam de mortos, não se pensa na sua origem, o número de mortos não seria conhecido ao nível global; porque não havia arautos das más novas, que hoje se designam e quantificam por **Mega Mortos** ou **Mega Cadáveres**.

O conhecimento científico da humanidade, não estava à altura do **"evento"**, a vacina nem se quer chegou a ser a ***panaceia***, como a penicilina que curava todos os males.

Por outro lado, a "pulhice" humana das comunidades – ***onde a tropa e polícia não carregou –*** esteve-se marimbando para os efeitos imediatos e colaterais do COVID 19; e vai daí, de dar um salto até Carcavelos, encher os pulmões de ar iodo à mistura com o cloro, mercúrio e outros metais pesados, resultantes do mar bater na areia, enrolando as águas provenientes dos emissários que penetram Tejo, dando cabo da garoupinhas; das bailas e robalinhos, e facilitando a vida ao vírus.

A "tropa" não atacou fisicamente, mas de trás da secretaria planeou e deu ordem de marcha aos soldados, a que não faltaram Marinheiros, tal qual como na revolta da Maria da Fonte.

Os esforços internacionais, a que a Europa não se alheou, puseram a comunidade médico-científica a dar cabo dos neurónios, para em tempo recorde se encontrar uma vacina, capaz de pôr em sentido o Vírus / Bactéria, e altruisticamente congratular os cidadãos europeus, num esforço económico nunca visto, ofertando-lhes uma vacina capaz de manter o vírus bem longe, fatura que iremos pagar mais tarde.

A Economia desmorona-se a olhos vistos; e, ainda não refeitos dos efeitos de crise económica de 2010/11, já estamos a ver, a luz lá no fundo túnel onde os sacrifícios, serão igualmente distribuídos pelos portugueses; tal qual foram as vacinas.

Não será ***"comunismo medieval"***; **mas será comunismo na distribuição dos sacrifícios.**

O **Senhor Doutor Poiares Maduro**, escreveu antes do tempo; as coisas foram um pouco mais além do que disse. **Talvez eu tenha previsto algo parecido**. Talvez…

1 - CODIV 19 – Impacte Nacional

1.2 - Propagação via Éter

Quando pretendemos dizer que a propagação do vírus se fez via Éter; não estamos a querer dizer que o mesmo se propaga não por via aérea, mas pela via espacial através dos satélites de comunicações ou simplesmente pela via eletromagnética, designadamente via radiofusão.

O massacre televisivo a que as comunidades ficaram sujeitas neste primeiro ano de pandemia, foi tão clara que não deve haver ser humano de mais tenra idade, não saiba pronunciar o nome de Covid 19.

A Democracia Liberal Antiga, com que nos prendaram vai para 47 anos, muito em breve, permitir-nos-á fletir as ancas à esquerda ora à direita, para não falar de um golpe de rins;

que mais parece um salto mortal à retaguarda, e encaixar esta ***liberdade fictícia de escravidão lusa***.

Lusitanos de uma casta beirã de origem Viriática, que não houve Roma capaz de a vergar frontalmente, acreditamos tal como o **medievo**, que a parede que temos pela frente, é bem **preta**; quando todos sabemos que ela é **branca**, tal qual nos faria crer ***Virgílio Ferreira***.

Assim, o vírus tem cumprido bem a sua missão; envenenando-nos não só pela quantidade do mal que é portador, a que se lhe acresce todo o outro intoxicante, proveniente da Comunicação Social.

De palpite em palpite e quase sempre carregado de adivinhação, a toxicidade estabelecida à volta de todos os casos pandémicos, não tardou em tomar aspetos político-económicos, sempre esperados - quando se trata de negócios - envolvendo como seria de esperar as companhias transacionais geradas pela globalização (**Isec-GH - MJR**).

1.3 - Fortalecimento da Capacidade do Sistema Saúde Pública

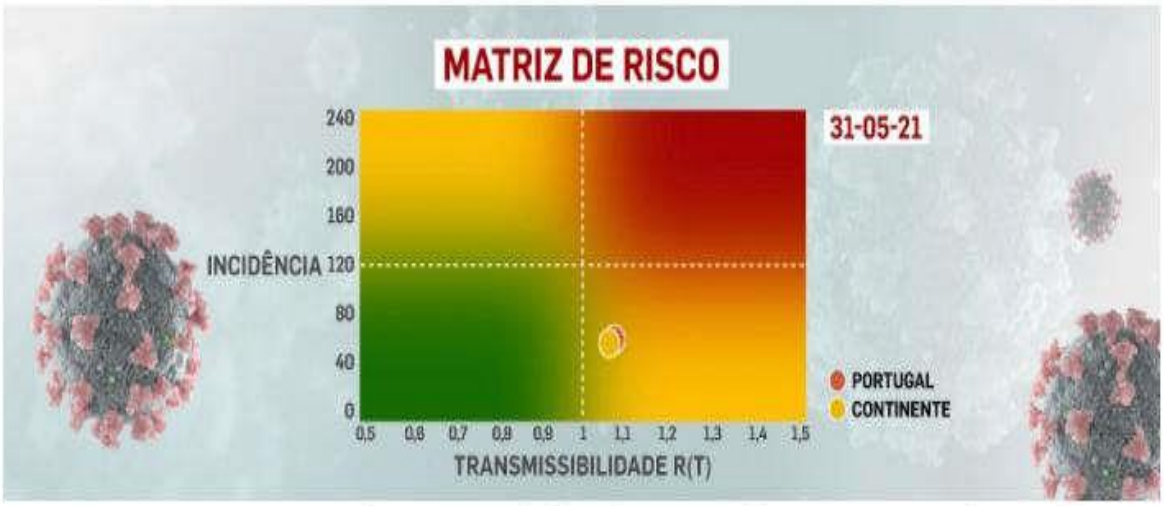
Foi preocupação do **Aluno de FHC**, face à limitação do número de páginas, versar os pontos sensíveis da Pandemia, não esquecendo a dor das famílias mais diretamente afetadas e tendo em conta não só a perdas de ente queridos, como a desestabilização económica ou financeira dos seus agregados familiares.

As medidas precaucionais, ***a negação inicial do problema***, ações intempestivas e outras medidas desajustadas, a que se refere **(Dr. MJR- Amadora)**, na abordagem da ***Gestão do Risco – Proteção Civil,*** destaca-se pela ausência retórica da ***Associação Nacional dos Municípios Portugueses, e a sua não inclusão na Task Force***, incompreensivelmente face á localização dos acontecimentos.

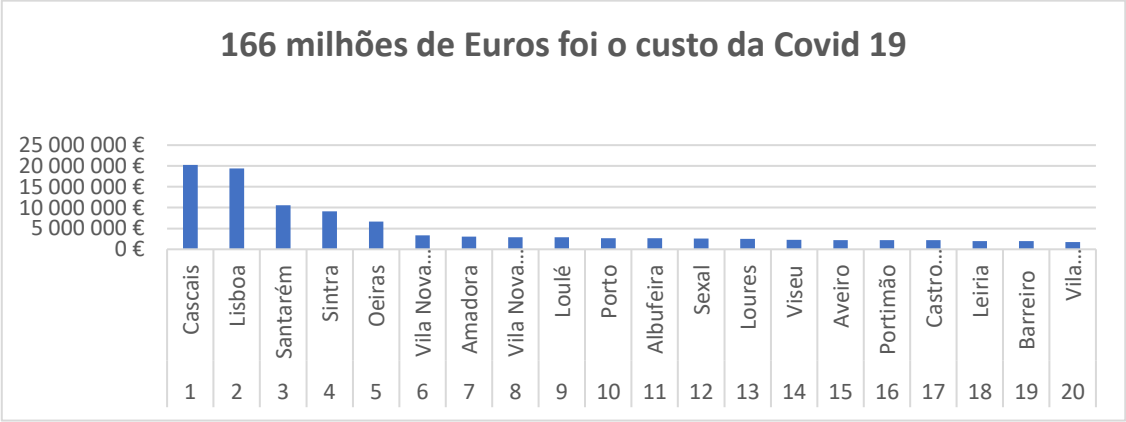
3 – DESENVOLVIMENTO

3.1 - Ativação dos Planos de Emergência

A ambiguidade de certos setores da governação, na tomada de medidas consentâneas e imediatas face à declaração do Estado de Emergência Nacional, ***pecou por tardia***, uma vez que a Proteção Civil apenas se fez sentir em ***18 Distritos do País pela ativação dos seus Planos de Emergência;*** e, ***poucas mais de 180 autarquias o fizeram***, mesmo sabendo que o número diário de infetados e mortos era galopante. Isto é sintoma que muitos dos responsáveis da Proteção Civil, ***petrificaram*** na ação.



3.2 - Impacto Financeiro da Pandemia até 30.9-2020 – Tdc



3.3 - Confinamento

Os efeitos primários da Pandemia provocados pelo COVID 19, estão mais que visíveis, porque patenteiam todos os esforços, quer das Autoridades de Saúde, quer dos seus principais interventores; a que se juntaram outras forças intervenientes da ANEPC, colocados no terreno e na retaguarda, a que se juntaram efetivos da "Task Force", criada à pressa, ***para minimizar o fracasso da Proteção Civil, face ao desconhecimento e impreparação natural***, perante um ***inimigo silencioso e fatal, em constante mutação***; e, sobre tudo persistente.

Desta vez quem decide, acabou não intervir na Ação, pois a situação no local, era de altíssimo risco e bastante mortal.

Profissionais de Saúde e Bombeiros para a cabeça do "fogo...ANEPC em Gestão Remota.

Os Professores Doutores, ***Poiares Maduro e João Manuel Ribeiro***, defendem que o agravamento dos surtos e proliferação do número de contágios; se deve, - ***à falta de uma mão pesada*** – capaz de conter a irreverência do povo lusitano - limitando-o ao seu espaço físico residencial de lazer.

Também que a **serenidade do povo português**, cuja fé vinda de Fátima, que o incita à desobediência – porque a ele nada lhe acontece de grave (**MJR -Isec- GH**) **- *pois se tiver de acontecer, será aos outros.***

Confiando que a mão leve, das forças de segurança já não é como era antigamente; quando a GNR nos fazia recolher à ***"caserna"*** à coronhada da velha Mauser – ***mesmo beneficiando do fato de naquele tempo não haver eleições*** - que se traduzissem em votos, com que se elegiam os órgãos governativos.

O CODIV 19, até parece que foi "**encomendado**", para se manifestar num período político ideal, servindo à esquerda ao centro e à direita; ***alavancando já agora todos os outros***, que se posicionando aos ***"lados"*** a que bateram palmas de contentamento.

Devaneio do Aluno autor desta recensão.

4 - Interpretação dos resultados.

Os resultados já estão apresentados e sobejamente interpretados, sendo mais ou menos visíveis por todo o território nacional.

Basta olhar bem de frente para o rosto ***feliz*** da nossa população ativa – indo ao terminal da Transtejo às 6.00 da manhã ou às portas do Metro ou dos Comboios da Linha de Sintra e Cascais - já que uma grande maioria de outros portugueses, porque ***são obrigados a trabalhar em casa***, a essa hora ainda se encontram entre lençóis, recuperando do cansaço produzido na coluna vertebral, e ou esfregando os olhos do bombardeamento dos foto-iões gerados dos monitores dos computadores.

Mas o sentimento do vulgar cidadão segundo **(*MJR – Webinar Amadora 2021)*** estamos perante um ***novo paradigma concetual na interpretação das situações de catástrofe***, que assenta no Vetor Biológico, e nos leva-nos a perfilhar a **tese**, de que o COVID-19 se tornou num problema de Proteção Civil.

Ora o professor Dr. MJR, começa por afirmar que **(***segundo Allan Lavell et al***)** e seguindo este seu pensamento, estamos a lidar com a Fenomenologia da Pandemia; apelidando-a de DESASTRE/CATÁSTROFE; que em sede de Proteção Civil, se carateriza *pela* ***"Interrupção Severa do funcionamento rotineiro de um sistema social devido ao impacte físico, biológico ou antrópico".***

Teremos de concordar, que a ***Lei de bases da Proteção Civil, no seu Artigo nº 5*** – em que **O Princípio da Prioridade,** para além de outras; elege a ***Saúde Pública***, como baluarte a priorizar.

Claro que os efeitos secundários não são apenas financeiros; para já, são muito mais determinantes na aplicação de políticas de Saúde Pública, face aos riscos associados delas decorrentes, que o **Professor MJR** definiu como sendo três:

- ***Vida Humana*** – Morbilidade e Mortalidade;
- ***Sistema de Saúde Pública*** – Colapso do Sistema de Saúde;
- ***Economia*** – Paralisia da Atividade Económica, Serviços Sociais e Educação.

5 – Conclusões

5.1 - Limitações do trabalho realizado;

O trabalho realizado não teve o condão e a capacidade de síntese de informação em duas páginas do **Professor Doutor Poiares Maduro**; nem as cinco páginas autorizadas pelo Ex.mo Docente Professor da **UC de FCH do ISEC Doutor Manuel Ribeiro**, devido à falta de fluência no tratamento destas matérias, ao seu sentido de análise, que poderá até ser tendencioso, pelo que são precisas além das cinco páginas mais umas duas ou três linhas.

As conclusões principais apontam para um ***desnorte generalizado***, na coordenação do ataque á Pandemia, por parte dos Decisores, na abrangência do entendimento dos fenómenos a ela associados, nas contradições latentes; e, sobre tudo ***pelo não entendimento do que é a Proteção Civil, na sua verdadeira essência.***

5.2 – Sugestões para futuros trabalhos;

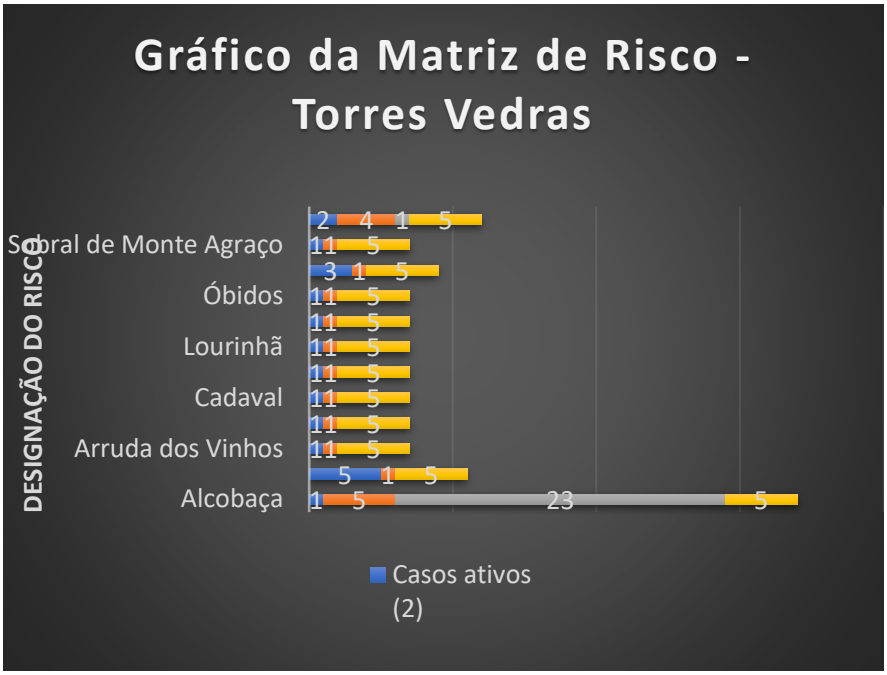
Aproveitando o desafio do Ex.mo Docente, depois de ter assistindo ao Webinar da Amadora; decidi aceitar realizar um estudo, com recurso a um trabalho de campo a exercer no Município de Torres Vedras, com particular incidência na Freguesia da FREIRIA, numa pesquisa de auscultação da população sobre o seu pensamento e dificuldades sentidas com a evolução, epidemiológica; e, apresentá-lo como trabalho epidemiológico.

Auscultar uma população idosa, não foi tarefa fácil, acabando o estudo num insucesso; pelo menos nos moldes que o Docente da UC pretendia.

Ora o Docente conhecia muito bem a freguesia, por aqui ter residido durante o período de tempo que foi professor neste Agrupamento de escolas; tal como eu ficaria srpreendido que a aproximação dos idosos rsidentes, nas suas deslocações à Junta de Freguesia e Centro Médico, quando abordados – para falar sobre este tema de Covid - reajem mal e na maior parte das vezes recusam-se a falar.

Mas o trabalho tinha que ser feito, e o senhor **Doutor Poiatres Maduro**; não tinha avião disponivel para se deslocar de **França para a Freiria**, devido â crise.

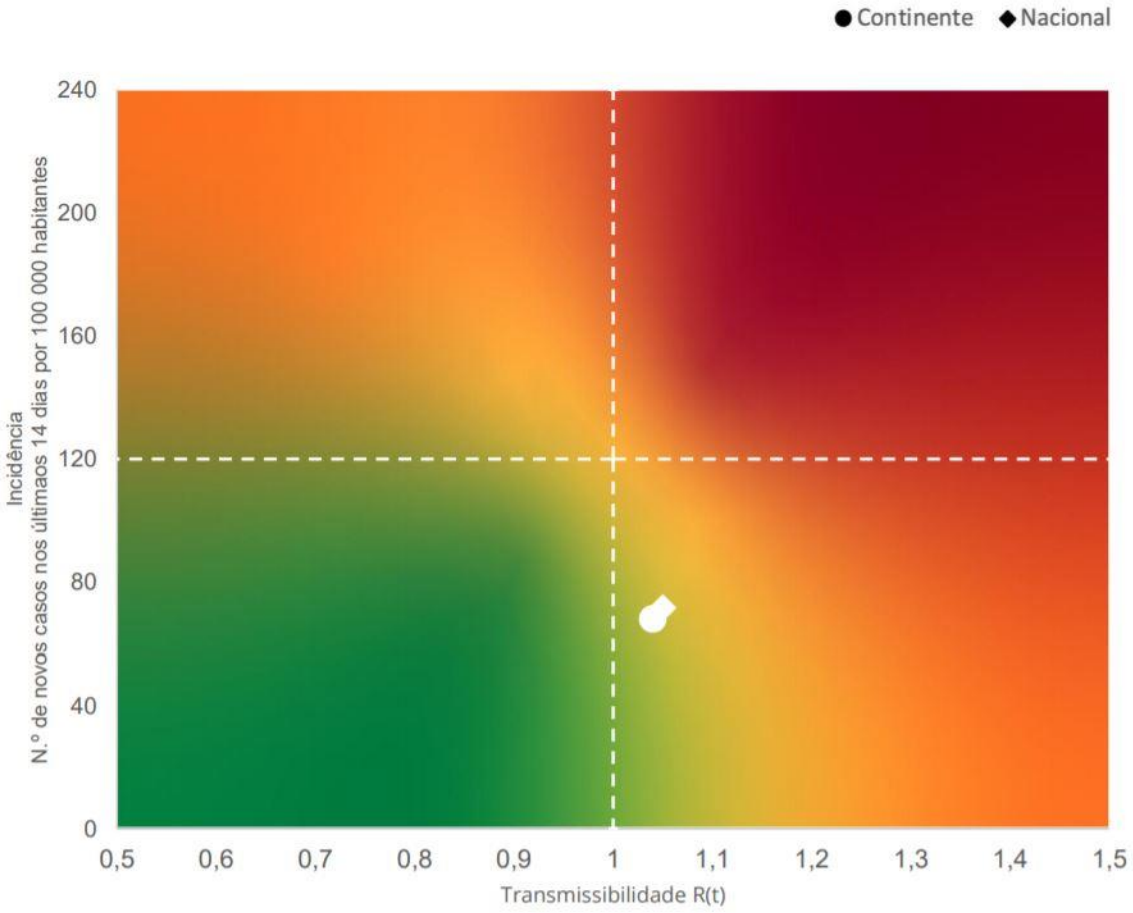
Matriz De Risco Covid 19



Este gráfico pertence à Matriz de Risco, que se elaborou para todas as freguesias do concelho de Torres Vedras.

Concluiu-se que a pequenez territorial, em comparação com as grandes capitais e o número nacional de contagiados, reportados, fazem com que o número de pessoas afetadas, seja baixíssimo em termos de representação gráfica e em número percentual de evidencias da pandemia.

O trabalho foi concluído, tal como o acordado com o Docente da UC; senhor Doutor MJR, com manancial de informação que foi possível **recolher**.

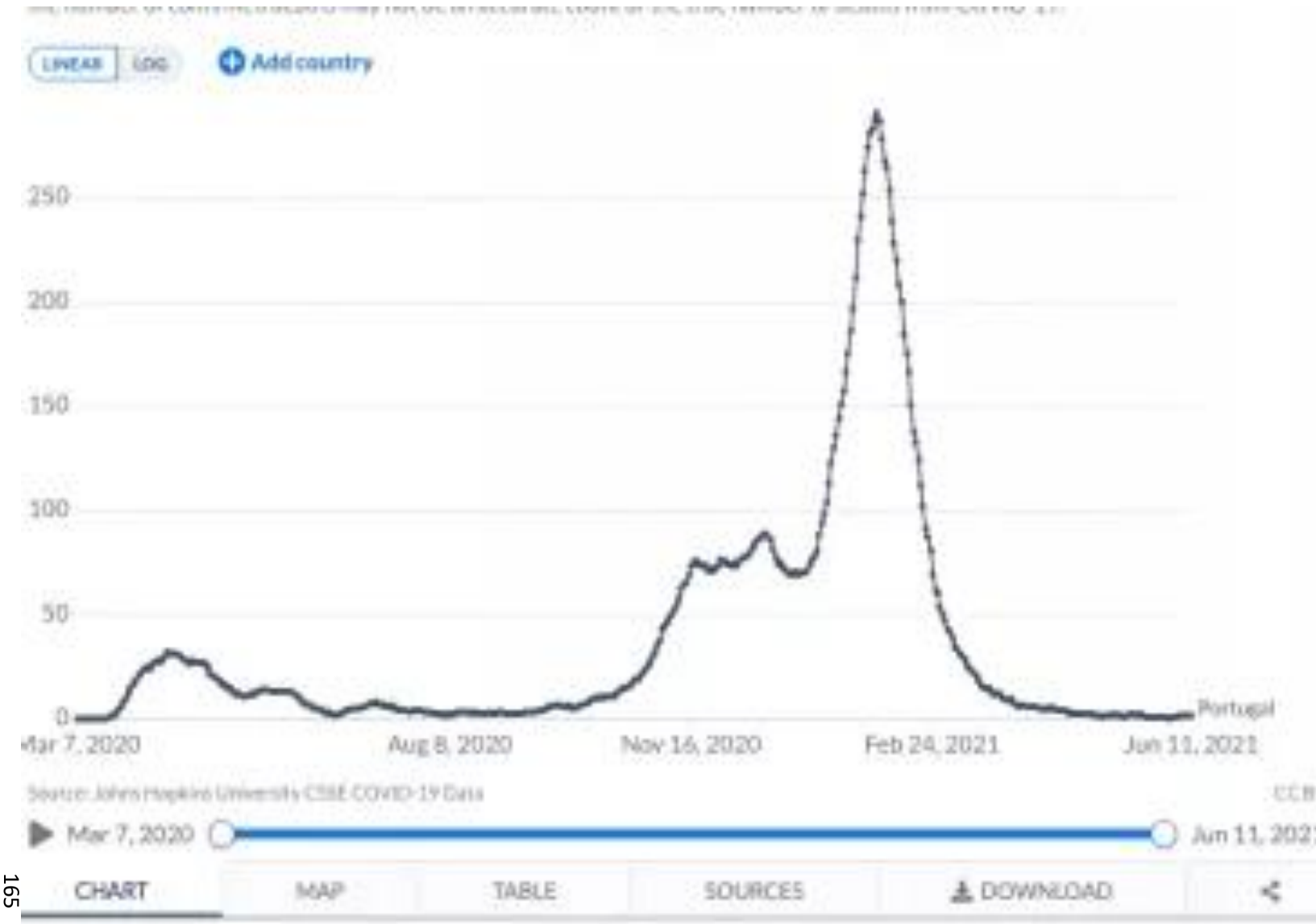


MATRIZ DE RISCO - COVID 19 REGIÃO OESTE																
ID	Concelho	Nº habitantes (1)	Casos ativos (2)			Em vigilância			Internamentos (% calculada em função dos ativos)			Internamentos em UCI (% calculada em função dos internamentos)			Pontuação * *Score*	Medidas de Segurança * *Security measures*
			Nº	%	[1-5]	Nº	%	[1-5]	Nº	%	[1-5]	Nº	%	[1-5]		
0	**PORTUGAL**	**10 280 000**	**23631**	**0,230%**	**4**	**26692**	**0,260%**	**4**	**296**	**1,25%**	**2**	**66**	**22,3%**	**5**	**40**	**Procedimento - 2**
1	Alcobaça	53 641	12	0,022%	1	12500	0,23303	5	12	100,00%	5	23	191,7%	5	**25**	**Procedimento - 2**
2	Alenquer	43 596	135	0,310%	5		0	1		0,00%	1		---	5	---	**Procedimento - 3**
3	Arruda dos Vinhos	15 082	6	0,040%	1		0	1		0,00%	1		---	5	---	**Procedimento - 3**
4	Bombarral	12 533	1	0,008%	1		0	1		0,00%	1		---	5	---	**Procedimento - 3**
5	Cadaval	13 627	4	0,029%	1		0	1		0,00%	1		---	5	---	**Procedimento - 3**
6	Caldas da Rainha	51 540	17	0,033%	1		0	1		0,00%	1		---	5	---	**Procedimento - 3**
7	Lourinhã	25 670	5	0,019%	1		0	1		0,00%	1		---	5	---	**Procedimento - 3**
8	Nazaré	14 180	1	0,007%	1		0	1		0,00%	1		---	5	---	**Procedimento - 3**
9	Óbidos	11 719	4	0,034%	1		0	1		0,00%	1		---	5	---	**Procedimento - 3**
##	Peniche	26 487	39	0,147%	3		0	1		0,00%	1		---	5	---	**Procedimento - 3**
##	Sobral de Monte Agraço	10 490	2	0,019%	1		0	1		0,00%	1		---	5	---	**Procedimento - 3**
##	Torres Vedras	78 220	46	0,059%	2	121	0,155%	3	2	4,35%	4	1	50,0%	5	**40**	**Procedimento - 2**

(1) **FONTE:** https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_munic%C3%ADpios_de_Portugal_por_popula%C3%A7%C3%A3o

(2) **FONTE:** http://www.oestecim.pt/CustomPages/ShowPage.aspx?pageid=481bf11b-80a2-4b10-ad99-da50ba450b36

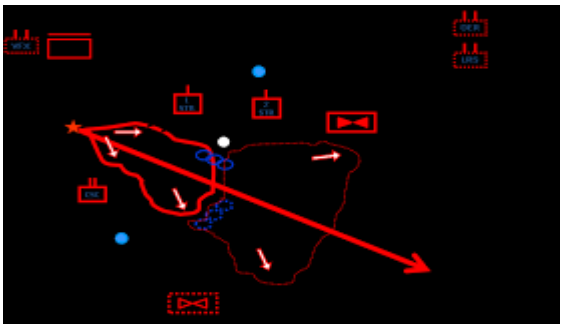
Pontuação *				**A pontuação é calculada através da seguinte fórmula:**
Medidas de				O procedimento a adotar é definido pela seguinte escala:


LINEAR
LOG
Add country
250
200
150
100
50
0
Portugal
Mar 7, 2020
Aug 8, 2020
Nov 16, 2020
Feb 24, 2021
Jun 11, 2021
Source: Johns Hopkins University CSSE COVID-19 Data
Mar 7, 2020
Jun 11, 2021
CHART
MAP
TABLE
SOURCES
DOWNLOAD

…os Incêndios Florestais

ISEC – Teorias Levadas à Prática pelo Cte Gil Martins

Falar de Incêndios Florestais, inevitavelmente teremos de falar do Cte Gil Martins



Ora se alguém olhou o fogo bem de frente; ou seja, sentir o calor das chamas na cara, foi sem qualquer margem para duvidas, esta personagem nosso Digníssimo Professor do ISEC.

Os seus ensinamentos desde ***o ponto de ignição, do flanco esquerdo ao flanco direito - sempre musculadamente*** – **tentando a contenção do mesmo na cabeça - do mesmo na sua primeira meia hora, fez-me pensar que durante muitos anos em que vivi de perto as intervenções dos nossos bombeiros, que algo esteve mal antes de 2005.**

Mesmo tendo em conta os ensinamentos de Senhor Tenente-Coronel Karrasset, dos Bombeiros Franceses que procurou ensinar-nos algumas técnicas e procedimentos a ter no combate a incêndios florestais.

Gil Martins nos momentos mais difíceis, do combate e persistência do fogo, decidia que era preciso mandar o comandante do COS dormir um pouco; ***e dizer a um dos sues delfins, que tinha meia hora para conter o sinistro, caso contrário tínhamos caldo entornado***.

Assim se apagaram alguns fogos. (Unidade Curricular de IF).

Mas a sua preocupação teria mais a ver com a segurança dos cidadãos (povo), considerando que cada elemento da população de per si, já é um elemento da Proteção Civil.

Daí se considerar a temática e legislação da **"aldeia segura",** elemento fundamental de defesa das povoações; não vá a **"Fenix"** acordar e vai daí pegar fogo ao novo pinhal de

Leiria novamente, e mandar sentar no banco dos réus alguns presidentes de câmara e comandantes de bombeiros, pela sua **“ignorância”** na arte de apagar fogos.

Já gora alguns entendidos da ANEPC; porque os Governantes não têm de saber apagar fogos; mas sim, chamar quem saiba, (mais ao menos assim diria a Senhora Secretária de Estado do MAI, Patrícia Gaspar).

Claro que eles – os que referi - têm a obrigação de saber apagar fogos; mas como não capazes ou não sabem, chama-se os bombeiros.

O comando tem de ser deixado a quem de direito da PC. Não sei se aprendi bem na sua lecionada (UC de Introdução ao Direito de PC). Há quem não concorde.

Já as coisas estão mais ou menos complicadas por cá, ficaríamos a saber que ao nível internacional, havia unidades de intervenção – iria dizer rápidas – mas vou dizer com algum grau de prontidão para ajuda no combate a sinistros; com a deslocalização de meios existentes nalguns países, a que os governos podem recorrer em caso de necessidade.

Normalmente estas medidas de ajuda internacional, fazem-se através de profissionais de alto gabarito técnico, ***porque bravura e abnegação temos efetivos em quantidade suficiente***; a quem nos juntaremos no final do evento, ***para a uma feijoada seguida de sardinhada***. (aprendido na sua UC de SIA) – Sistemas Internacionais de Assistência.

Mas apreender-se-ia também que o Planeamento é anterior à Gestão, e que é preciso saber planear antecipadamente, para um cenário que possa surgir em situação de Emergência.

Isto quer dizer que em 2017, não era verdade; mas agora não sei. Sei apenas que nenhum dos Engenheiros do meu curso formado em PC, não tiveram assento na ANEPC.

E porque não ter um quartel de Bombeiros, perto da sua aldeia, torna-a ***“Aldeia Insegura***” por primar ao ter bocas de incêndio (3), que quando é preciso não deitam água? Ou melhor não deitaram quando foi necessário!

Viatura VFCI / VUCI de Primeira Intervenção

Programa Aldeia e Pessoas Seguras

O Programa Aldeia Segura e Pessoas Seguras, está já a ser implementado em 700 aldeias dos 189 municípios que possuem freguesias de risco no âmbito da defesa da floresta contra incêndios.

Os 700 habitantes fazem parte do programa, Programa Aldeia Segura e Pessoas Seguras, o qual pretende abranger 189 municípios e freguesias de risco, no âmbito da defesa da floresta contra incêndios, tutelados pelo Poder Central e Poder Local.

Na aldeia em que vivo, rodeados de perto de uma pequena área florestal, que não deve estar incluída nas zonas de risco; até porque incêndios ocorridos em tempo, se encarregaram de desbastar alguma área representativa.

Passados que são 2 anos, (2018-06-14) não houve visibilidade alguma na criação das dinâmicas e hábitos com base no conceito de autoproteção; quer do ponto de vista de apresentação formal, ou distribuição dos folhetos de autoproteção.

No caso vertente da "Freguesia da Freiria", a sua população não teve o privilégio de fazer parte das 10.000 pessoas que receberam formação no terreno, através do poder local de forma a promover mais segurança, do seu território.

Também não chegou ainda à Freguesia qualquer folheto informativo dessas medidas, do milhão de folhetos impressos.

As aldeias não consideradas de risco, e seus habitantes não sabem como lidar em situações de risco, cujos hábitos com base no conceito de autoproteção; estando por isso, à mercê de ajuda externa, neste caso dos Bombeiros assim que cheguem ao Teatro das Operações.

Mas, segundo sua Ex.ª o Senhor Ministro da Administração Interna, ***"Ganhámos contra a resistência, inércia e, sobretudo, aqueles que toleraram durante anos que se tivesse ficado tão longe do que era necessário"*.**

Também diria isto, após as desgraças de Pedrogão Grande, que "*Há muito conhecimento, mas, se não conseguirmos chegar este trabalho a cada local, às pessoas concretas, de nada servirão as melhores leis do mundo ou os melhores estudos científicos que seja possível fazer*".

Entidades responsáveis pela proteção civil

Decreto-Lei n.º 45/2019

As entidades político-administrativas, responsáveis pela proteção civil, aos níveis nacional, distrital e municipal, com base nº Artigo 6º nº 4, a ANEPC colabora, no âmbito da Proteção Civil, com os ***municípios*** e ***freguesias***, apoiando a criação de unidades locais de Proteção Civil.

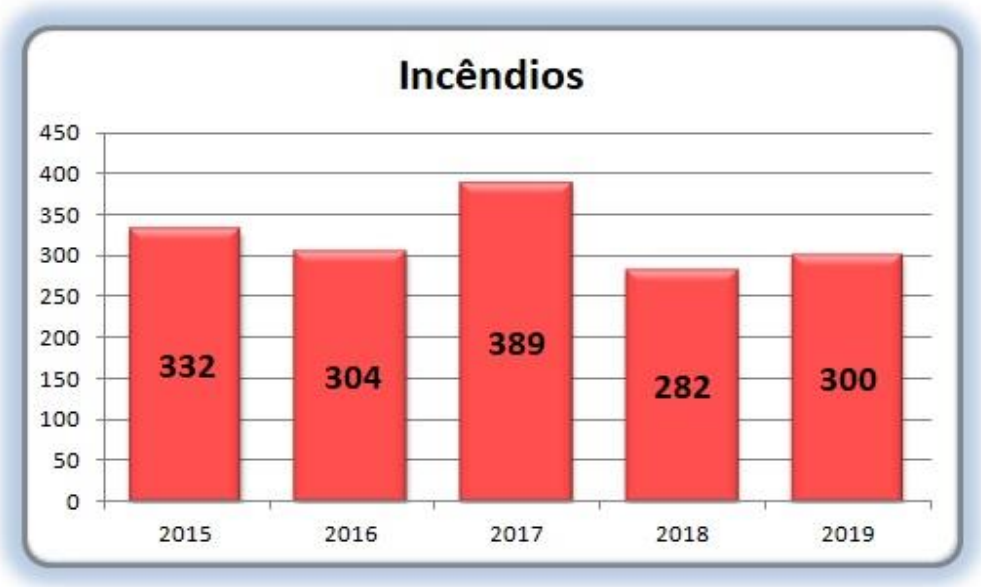
Seria este o "***nosso caso***", não fossem os demasiados requisitos legais para a criação de uma estrutura local de Proteção Civil.

Poderá acontecer que todo este esforço, na sua finalidade programática; não possa vir a ser utilizado, dispondo do plano B o mesmo poderá servir de incentivo à população escolar, como uma atividade circum-escolar, na cativação e motivação dos jovens para o Voluntariado.

Povoamento Florestal	
Eucalipto	**93.75**
Pinheiro Manso	**13.19**
Pinheiro Bravo	**0**
Sobreiro	**0**
Carvalho	**0**
Folhosas	**1,38**
Resinosas	**0**
Lenhosas	**0**
Cortes Rasos	**9.50**
Novas Plantações	**19**
Mistos Resinosos	**7.98**
Mistos Folhosos	**0**

FIGURA 1-POVOAMENTO FLORESTAL (HA)

VIGILÂNCIA ATIVA SAZONAL



Histórico dos Incêndios no Município de Torres

Gráfico 1-Incêndios

SINISTRALIDADE NO MUNICÍPIO DE TORRES VEDRAS

Foram registadas 300 saídas para incêndios no ano 2019, um número abaixo da média dos últimos cinco anos.

Nos incêndios destacam-se 185 incêndios florestais / rurais (onde arderam 41 hectares) 67 incêndios estruturais e 25 incêndios em transportes.

No ano 2019 houve intervenção em 347 acidentes de viação, com destaque para 167 colisões rodoviárias, 132 despistes e 43 atropelamentos.

Destes acidentes resultaram 4 mortes, 30 feridos graves e 401 feridos leves.

A existência de povoamentos contínuos de espécies altamente inflamáveis como o eucalipto; geradoras de grande número de projeções que atingem grandes alcances, são motivo de preocupações e indicam a necessidade da tomada de medidas preventivas de DFCI, tais como:

- Aumento da vigilância, operações de silvicultura preventiva para redução da carga combustível e criação de descontinuidades verticais, aliadas a criação de folhosas de crescimento lento (menos inflamáveis), essencialmente nas freguesias a norte do concelho.

GRÁFICO 2-ACIDENTES

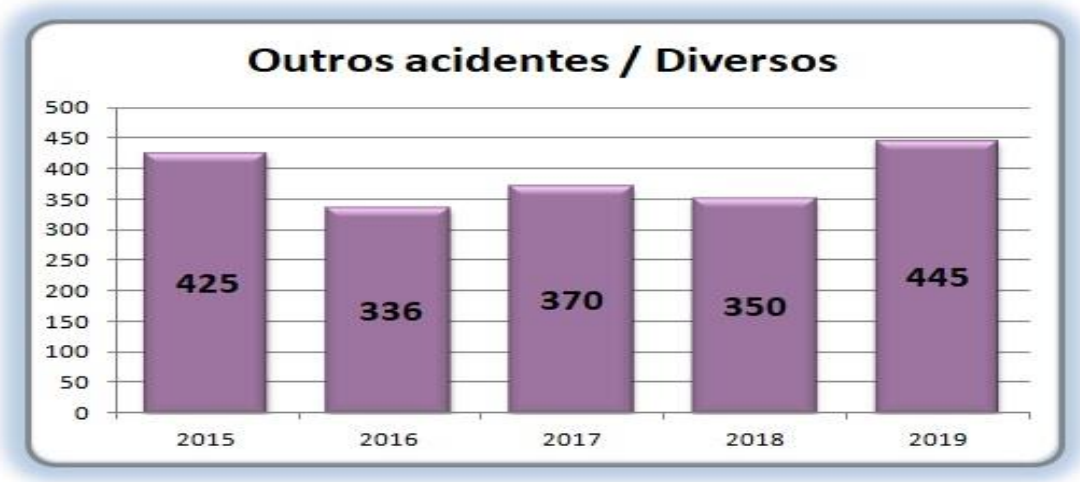
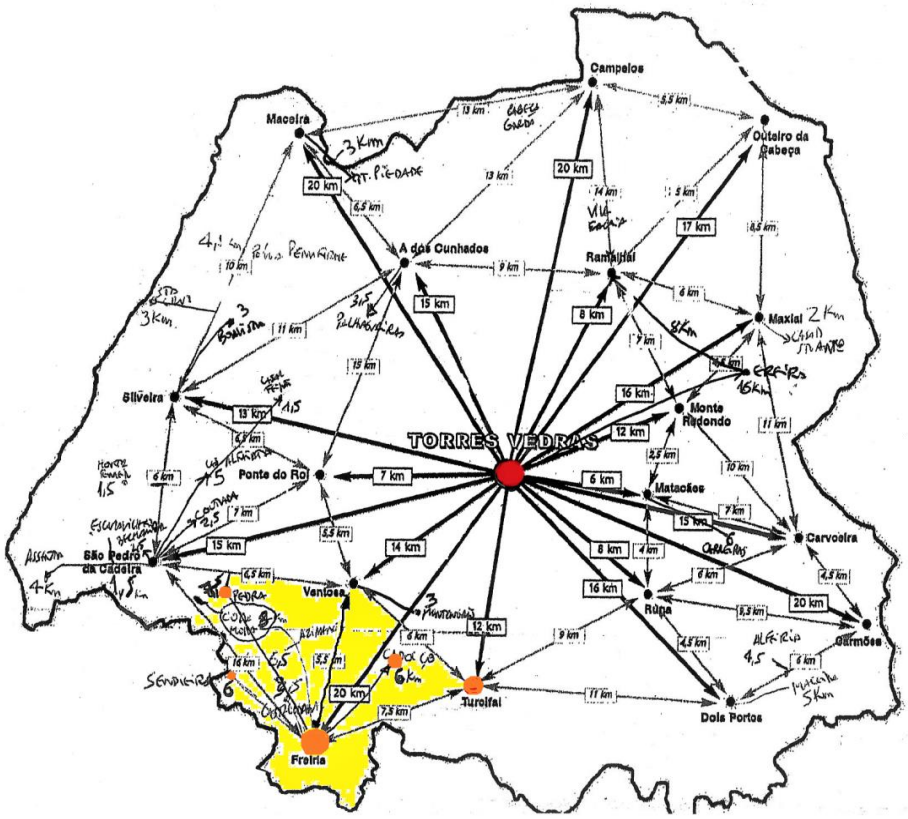


GRÁFICO 3- ACIDENTES DIVERSOS

Zona de Intervenção Local – Asseiceira Freguesia da Freiria

FIGURA 2-MAPA DA FREIRIA



ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I – O PORQUÊ DESTE PROJETO

Portaria n.º 91/2017. de 2 de março.

O voluntariado constitui um instrumento eficaz de desenvolvimento pessoal, social e formativo, ***traduzindo a vontade dos cidadãos de agir de forma desinteressada***, mais comprometida e altruísta em benefício da comunidade. (Sic" retirado do – DRE).

As Organizações de Voluntariado quando aceites pelas Comissões de Proteção Civil, inseridas numa Organização de Voluntariado, tutelada pelo Senhor Presidente da Junta, a que corresponde o território da freguesia da FREIRIA – e sem custos para o erário público. **A existência de UPLPC, organizada e treinada.**

Para cumprimento das tarefas e atribuições expressas na Lei, visando dar cobertura, de ações de Proteção Civil Local; num aglomerado populacional pequeno, que é a freguesia da Freiria, no concelho de Torres Vedras; deve ser:

- Um projeto é criado consiste numa unidade móvel - **Equipa de Intervenção Imediata**, no Combate a Incêndios Florestais, Incêndios Urbanos e Sinistros que possam ocorrer na área da residência do proponente do trabalho

.

Esta Unidade de Combate a Incêndios destina-se a operar no lugar da Asseiceira Freguesia da Freiria, no Concelho de Torres Vedras. Coordenadas: - N 39º 01' 6,91" - W – 009º 18´ 7,33".

A localidade é constituída por uma pequena população rural; rodeada de outros lugares urbanos, conforme o Mapa de Localização da Cidade de Torres Vedras, que apresentado muito antecipadamente.

Este trabalho está inserido na recomendação – ***RCM 157 –A / 2017, de 21 de outubro "Aldeia Segura" e seu programa de "Pessoas Seguras" Composto por Grupo de Voluntários Locais.***

Ver localização no mapa de freguesias (Figura 3) (Versão antes da Reunião), no início da exposição.

Freiria é uma freguesia portuguesa do concelho de Torres Vedras, com 13,38 km² de área e 2 429 habitantes. A sua densidade populacional é de 181,5 hab/km². Atualmente, pertence ao concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa.

A estrutura do trabalho: - como documento é descrito sucintamente - nas suas PARTES, Capítulos e Subcapítulos principais, existindo igualmente uma apresentação dos conteúdos que integram cada uma das secções do trabalho.

A Viatura de Combate a Incêndios

Não é desconhecido que a aquisição de uma viatura de combate a incêndios, com tração múltipla, que garanta alguma robustez, ronda um valor de mercado da ordem dos 46.000

€, ao que vai acrescer a carroçaria da mesma – constituída por material básico - Motobomba Independente, Sarilho de Mangueiras, Agulhetas, Corpos Chupadores, Escadas e Instalação Elétrica e Sistema Simplificado de Comunicações.

Tendo em conta a minha especificação, um projeto desta natureza, atinge os 90.000€; estamos a falar de uma verba, que é igual a 1/3 do orçamento Anual da Junta de Freguesia da Freiria, onde se pretende inserir o nosso projeto.

A maior valia do projeto assenta no fato de o mesmo, utilizar a sinergia de grupo da proximidade da Escola Secundária da Freiria; utilizando-o para motivação dos jovens estudantes, levando-os a focalizar-se no projeto desenvolvido por um aluno mais velho que eles, neste caso do ISEC, que pretende incentivar a comunidade em simultâneo, para a necessidade de se prepararem para a sua Proteção Pessoal e da Própria População em particular, onde passam a maior parte do seu dia, dotando-a dos meios necessários de autodefesa.

1.1 - A Lei de Bases da Proteção Civil.

RCM – 157 – A / 2017 de 21 de outubro.

Esta Recomendação do Conselho de Ministros, no seu Artigo 3º aponta para a criação de um "***Programa de Proteção de Aglomerados Populacionais e de Proteção Florestal***" designado «**Aldeia Segura**», tutelada e gerida pela **ANEPC**, em que são definidas medidas estruturais para proteção de pessoas e bens, e dos edificados na interface urbano-florestal.

Implementação e gestão de zonas de proteção aos aglomerados e de infraestruturas estratégicas; obtém-se com o envolvimento dos municípios e das freguesias como entidades proativas, numa primeira fase a identificação pontos críticos, dos locais de refúgio na mobilização das populações – sempre difícil de mobilizar – antes de o perigo os rondar – reunindo-os na Junta de Freguesia da Freiria, para que lhes seja ministrados os conhecimentos prático, face às possíveis ocorrências locais de sinistros.

Este especto valoriza e dá significância ao trabalho uma vez que é através dele se apresenta a sua importância, o seu intuito, o seu carácter inovador, bem como o contributo que dará para o avanço do conhecimento e da temática em que ele se insere.

Aponta também como necessário a RCM 170 /A, no seu Artigo nº 7, que devem ser reforçadas as práticas pedagógicas, para a prevenção de comportamentos de risco e para as medidas de autoproteção ao nível dos ensinos básico e secundário – dada a proximidade da Escola da Freiria, em que se potencia a Escola e os seus Alunos, que

constituem excelente veículo da difusão da informação, levando-os a integrar num futuro estruturas de Autodefesa.

O poço que alimentava o Reservatório de Água vai para 30 anos, e que está devoluto sem utilização; podia constituir um armazenamento estratégico de 50.000 litros de água, para combate a incêndios, e que preconizamos seja ativado e encher de água para alimentar as bocas de incêndio de 1”1/2” para abastecer as viaturas de bombeiros.

Este reservatório de Água vai para 30 anos, que está devoluto sem utilização e que preconizamos reativar e encher de água para esse efeito.

As fotos do que temos:

Pontos de Água a Reativar

FIGURA 3-POÇO DE ALIMENTAÇÃO

FIGURA 4-BOCA DE INCÊNDIO DE 1” ¼ A 6 MTS

1.2– PORTARIA Nº 91 / 2017 DE 2 DE MARÇO

Voluntariado

Esta portaria vem a regulamentar as condições de organização de uma estrutura de voluntariado, ao serviço da Proteção Civil, da qual extraímos alguns segmentos que mostram a dificuldade de as pessoas se organizarem, e fazer algo em prol da sociedade.

"O voluntariado constitui um instrumento eficaz de desenvolvimento pessoal, social e formativo, traduzindo a vontade dos cidadãos de agir de forma desinteressada, mas comprometida e altruísta em benefício da comunidade".

O documento também define que:

"Esta lei define o voluntariado como o conjunto de ações de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvida sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas".

Para que se possa criar uma estrutura de voluntariado:

*Podem considerar-se ainda como **OVPC** outras pessoas coletivas de direito privado, de base voluntária, sem fins lucrativos, legalmente constituídas, que desenvolvam atividades conexas ao domínio da proteção civil em resultado dos seus fins estatutários e que sejam reconhecidas nos termos da presente portaria*.

Para efeito de reconhecimento de uma estrutura de Voluntariado:

O artigo 5º - esclarece - 3 — *Para efeitos do reconhecimento referido no presente artigo, as entidades deverão assegurar o cumprimento cumulativo dos seguintes requisitos específicos:*

> *a) Deterem, no mínimo, 25 associados ou colaboradores, consoante se trate de associações ou de outras pessoas coletivas de direito privado, respetivamente;*
>
> *b) Deterem os requisitos de formação de base e especializada, previstos no artigo 8.º da presente portaria;*
>
> *c) Disporem de recursos humanos e materiais necessários ao desempenho das atividades em relação às quais se pretende o reconhecimento.*

Deveres das organizações de voluntários de Proteção Civil em 1.3

1.3 – Organizações de Voluntariado de Proteção Civil (OVPC)

*São deveres específicos das **OVPC**, para além dos deveres gerais fixados pelo regime jurídico do voluntariado:*

a) Colaborar com os agentes de proteção civil e demais entidades intervenientes no Sistema Integrado de Operações de Proteção e Socorro, quando solicitadas para o efeito;

b) Assegurar que os seus voluntários cumprem as orientações que lhes são transmitidas, respeitando as cadeias hierárquicas estabelecidas e não dificultando ou colocando em risco as operações de proteção e socorro em curso;

c) Facultar aos voluntários os meios necessários à execução das atividades de proteção civil para as quais obteve reconhecimento;

d) Proceder à constituição de um seguro de responsabilidade civil com cobertura mínima de 150.000€, destinado a cobrir eventuais danos, por ação ou omissão, resultante do desenvolvimento das atividades para as quais obteve reconhecimento;

e) Assegurar que os seus voluntários cumprem os requisitos legais inerentes ao desempenho das atividades específicas para as quais obteve reconhecimento;

f) Garantir que, no decurso das suas atividades de proteção civil, os voluntários estejam devidamente identificados nos termos do artigo 11.º da presente portaria.

Necessidades de Formação:

*1 — As **OVPC** devem garantir que um número mínimo dos seus voluntários que desempenham, ou possam vir a desempenhar as atividades previstas no n.º 1 do artigo 4.º, se encontra habilitado com formação de base em matéria de proteção civil.*

2 — Para efeitos do disposto no número anterior, o número mínimo de voluntários é fixado em:

*A - 15, para as **OVPC** previstas no n.º 1 do artigo 2.º;*

*B - 5, para as **OVPC** previstas no n.º 2 do artigo 2.º*

Conteúdos programáticos da Formação:

Organização da proteção civil enquadramento a nível nacional, distrital e municipal Total de Horas de Formação Obrigatória – 30 h.

- Serviços e agentes de proteção civil.
- Entidades com dever de cooperação.

O papel das organizações de voluntariado.

Passando em análise os requisitos necessários à criação legal de uma estrutura de PC, achamos face às exigências legais, a brigada de 1ª intervenção que prendemos criar, dado o silêncio registado pela Junta de Freguesia e os SMPCTV. A implementação do nosso projeto de "aldeia segura"; será que vai trabalhar, na "CLANDESTINIDADE?"

Se houver um incidente, a intervenção faz-se com a "ajuda dos populares" só que eles estarão organizados.

Capítulo II- concretização de Modelo Viatura / Robô /Autotanque

2.1.- Projeto das Viaturas

Pretendeu-se dotar a viatura (Reboque) de um determinado número de valências – tendo presente que se trata de um sistema de socorro de 1ª intervenção – até que os bombeiros cheguem - para tomarem conta da situação.

Considerando que o Aluno acarretou com a maior parte dos custos de concretização do projeto, de acordo com números representados na Tabela II, havia a necessidade de colocar os equipamentos mais usuais, num espaço reduzido; o qual, deveria crescer em altura, aproveitando ao máximo a área da base do reboque.

A limitação do peso do reboque, obrigou-nos a uma seleção criteriosa dos equipamentos de intervenção.

A designação de VPCI – é uma designação – que pretende classificar a tipologia da viatura; fazendo com que mesma possa atuar em incêndios em floresta, urbanos; e acidentes rodoviários; inundações; incêndios industriais e servir de (relé) a comunicações de vídeo e áudio, do TO, para o quartel de Bombeiros do Município de Torres Vedras.

Capítulo IV - Apoios e Referências

O Mercado Internacional

Como já havíamos referido anteriormente, o ***Ex.mo Docente da UC de PII***, faria chegar ao conhecimento do Aluno, que modelos de robôs estariam já disponíveis no mercado chinês; pelo que o Aluno aproveitando a sinergia de grupo, efetuou contatos com os construtores; obtendo informações técnicas, sobre toda a gama de produção incluindo preços de comercialização.

Foram contatos e diálogo bastante difíceis de encetar, a comunicação não é fácil e o preço de uma unidade colocada em Portugal; com a perspetiva de vir a colocar outras unidades, era simplesmente da ordem dos 300 mil usd.

Na construção da viatura polivalente de combate a sinistros e do robô, o aluno não teve necessidade de recorrer a qualquer tipo de bibliografia.

O seu contato e na utilização destes equipamentos, enquanto Bombeiro, e membro das brigadas de 1ª intervenção de combate a incêndios em navios-tanques químicos, deu-lhe abertura de visão espacial do que seria necessário realizar num seu todo.

Sempre limitado – orientado para utilizar materiais usados e reciclados – recorrendo apenas ao mercado nacional e internacional, em busca de componentes não disponíveis e encontrados no seu dia profissional.

A pandemia, e as convulsões criadas no mercado de importação de componentes; caso dos comandos à distância, motores de elétricos de propulsão e atuadores mecano-elétricos, quase levariam o Aluno ao desespero, pois os mesmos só seriam entregues no final do mês de agosto, quando requeridos em fevereiro deste ano.

Perante a incógnita da sua receção atempada, foi necessário recorrer aos mercados, Europeus, Australiano e Chinês, o que levou o Aluno a constantes adaptações do projeto; até à configuração final do modelo, estamos a falar do Robô obviamente, que muita dor de cabeça provocou, limitando a conclusão de algumas das suas funcionalidades, caso do sistema de subida de degraus.

Também uma das grandes dificuldades de construção de robô, prendeu-se com as pressões de utilização no sistema de extinção por água; uma vez que o mesmo teria de estar projetado para funcionar com pressões variáveis de água compreendida entre os 4 bar e os 20 bar, adaptando-se deste modo às pressões – tendo em conta o binário antagonista - gerado com a abertura da água da agulheta; que tem de estar preparada, para receber as várias fontes de pressão das viaturas dos bombeiros.

Outro problema da conceção do projeto, teria a ver com o peso do robô, que teria que contar com o golpe de ariete, da reação antagónica do movimento do mesmo provocado pela mangueira ao fecho em carga.

Como se trata de um protótipo original – desenhando no espaço da mente do Aluno – não houve experiência de visualização anterior de uma máquina deste tipo; a não ser, quando numa fase muito avançada da sua construção visualizámos em vídeo – facultado pelo Docente da UC – uma máquina de mercado em operação efetiva.

O seu desenvolvimento, passo-a-passo; desmonta, monta, altera, volta a montar, constituiu um grande desafio para o Aluno, levando-o por vezes ao desespero por não encontrar componentes disponíveis no mercado para a sua construção, tendo para tal que recorrer à improvisação, a soluções de recurso.

O objeto sai de um modo consistente; mas o Aluno tem consciência de pode executar um melhor, a menos custo e em menor dimensão e peso, caso venha a construir a segunda versão deste equipamento.

Capítulo V - Metodologia

Na construção do protótipo, teve-se como principal preocupação, tornar versátil o tipo de viatura; aqui apelidámos de VPCI – veículo polivalente de combate a incêndios, apelei – Robô Gil Martins – nome do Docente da UC, Eng.º Gil Martins, tendo em conta a sua motivação e alguma desconfiança - como uma possibilidade não realizável e que cresceu em altura, em que todo o espaço foi ocupado de modo, a tornar numa viatura de intervenção multitarefa.

O Aluno procurou com os poucos recursos que tinha, adquirir materiais oferecidos ou doados por empresas e amigos; de modo a baixar o custo dos materiais adquiridos no mercado nacional e internacional.

O modelo construído cresceu em função dos equipamentos e das necessidades de 1ª intervenção; ou seja, a chegada dos bombeiros, que depois de dado o alerta demorarão entre 20 e 30 minutos, a comparecer no local da zona de operação e de intervenção.

Hipoteticamente podemos referenciar, que é muito bem possível que a viatura, a colocar à disposição da Junta de Freguesia, nunca venha a ser utilizada; face a receção e retorno de informação, até ao momento, ter ficado no esquecimento dos responsáveis locais pela “Aldeia Segura”.

O Aluno está prevenido para – este possível cenário – tendo formulado a sua intenção de a fazer deslocar em demonstrações de operacionalidade dos equipamentos, na Junta de Freguesia e População escolar local; que abrange um universo grande de Alunos, de modo a envolvê-los em atividades circum-escolares, motivados e incentivando-os para abraçarem atividades de autoproteção de proteção civil.

Dos (4) projetos realizados pelo Aluno para o Isec, este apresenta-se como o que mais, o motivou, dado daí o seu empenho o em o concluir a tempo.

O objetivo principal, é ter um meio avançado para ocorrer a um pequeno sinistro na povoação de Freiria, em Torres Vedras, já caraterizado, dotando o lugar de alguns meios de socorro.

Não sabemos se algum dia o poderemos utilizar; nas o Aluno Proponente LUTARÁ, para a divulgação deste meio na Freguesia, procurando levar à Escola Básica do 2º e 3º ciclos; um equipamento motivador de interesse, que venha a despertar o interesse dos jovens alunos, para integrarem num futuro próximo as equipas de Aldeia Segura.

Pode nunca acontecer qualquer sinistro; mas se podermos instruir e motivar os Alunos, valeu a pena.

REFLORESTAÇÃO / INCÊNDIOS FLORESTAIS / ÊXODO POPULACIONAL

2 - FOGOS

2.1 - FOGOS URBANOS / FLORESTAIS

2.1.1 –Urbanos

Sempre houve fogos, Urbanos, Florestais, Naturais, Industriais, e outros deflagrados em

A sua gravidade, dimensão e efeitos destrutivos, a que não são estranhos, fenómenos da Natureza; Vício Oculto – mão intencional do ser humano – e finalmente acidentes por incúria humana tais como: - Ignorância; Facilitismo; Vandalismo e Crime.

Ancestralmente este tipo de sinistralidade, levou a que as populações e sobre tudo os Governos, à criação de unidades de intervenção capazes de minimizar, os resultados funestos do fogo; criando para tal companhias de Bombeiros Voluntários, Municipais, Mistos e Sapadores, ou Misto-militar, para que organizadamente pudessem conter os fogos – já que não os podiam evitar – e minimizar os prejuízos dos mesmos
.
A **Guilherme Gomes Fernandes**, em 1874 / 75, na qualidade de Comandante do Corpo de Bombeiros de Salvação Pública, seria o expoente máximo dos Bombeiros Portugueses e dos Voluntários do Porto; figura sem par, salientando-se como uma referência inequívoca, para todos os nossos Bombeiros, face aos seus legados ensinamentos.

Tanto quanto a memória me permite; não tivemos até aos dias de hoje, uma figura de tanta relevância, ligada ao fenomenologia dos fogos e simultaneamente elemento ativo dos Bombeiros Portugueses. Obviamente que falamos em fogos Urbanos, deflagrados na grande Urbe.

Ora combater o fogo Urbano tornou-se uma prática ancestral, e **em França, por volta de 1810, o Imperador Napoleão I, (MJRM – tese MTPP- pag.226)** após o monumental incêndio na Embaixada da Bélgica, que tomou grandes proporções, decidiria pela criação de um corpo de bombeiros para defesa da cidade de Paris, cujas intervenções teriam um significado emblemático, ao nível de toda a França, propagando a sua disseminação por todo o país.

A forma como se desenvolveram as ações de socorro e extinção do incêndio, consideradas como displicentes e deficientes, viria a abrir a porta à militarização dos sapadores bombeiros de Paris, (MJRM – pag.227) formalizada através de portaria real de 9 de novembro de 1821.

Referem-se como razões justificativas a já salientada acumulação das funções de bombeiros com outras atividades profissionais, e a falta de uma presença permanente nos quartéis, pelo que o grau de prontidão não era tido como o mais adequado para uma resposta consistente face aos sinistros.

Trata-se, portanto, de um embrião de uma verdadeira profissionalização dos corpos de bombeiros assente numa lógica de regime militar que prevalece até aos dias de hoje em Paris.

2.1.2 - Fogos Florestais

Por volta de 2006, os Bombeiros de Bordéus, sob o Comando do S. Coronel Carrasset, vieram ensinar-nos algumas técnicas de combate a incêndios; e, enquanto outros se deslocaram a Bordéus, para **"in loco"** obter conhecimentos, das técnicas mais modernas de combate a incêndios Florestais, mas foi pouco tempo e não aprendemos tudo.

Em matéria de fogos na floresta, talvez uma figura anónima – polémica - entre 2005 e 2011 (**JM**); pretendeu deixar um cunho pessoal em matéria de combate aos fogos florestais, adotando técnicas de combate a este tipo de incêndios, em que as intervenções por antecipação e musculadas, por via de norma, se tornavam invariavelmente mais eficazes.

Todos nós ficámos "***a saber***" como se combatem os fogos na Floresta.

Assimilámos também, que eles têm que ser dominados à nascença; mas a realidade veio a mostrar, em 2017 /2018 "***que quase ninguém sabia apagar fogos florestais***", ou haviam esquecido os ensinamentos basilares.

E o fatídico resultado este à vista de todos nós.

Fomos apagando aqui, ali e acolá os incêndios debaixo da proteção divina (Tutelados pela ANEPC) e com a ajuda dos GIP's, do GEB e populares e dos Bombeiros que tínhamos; e, como é sabido, cada vez são menos.

Ora os fogos Florestais caracterizam-se essencialmente pelo seu aparato, designados na gíria pelos bombeiros – ***por belo horrível*** - devido à sua magnificência e espetáculo; em especial, durante a noite, sempre carregado da sua ação destrutiva e de perigosidade.

Os portugueses têm ainda bem presente na memória, este tipo de sinistralidade, que maior preponderância em 2006; e, agora mais recentemente em 2017 / 2108, nos incêndios mais fatídicos ocorridos em Pedrogão Grande; não falamos em agosto de 2022, porque já chega de desgraças.

Deste modo, tendo em conta esses últimos incêndios registados nas Florestas Portuguesas - a que os média se encarregaram de documentar – com maior ou menor veracidade, digladiando-se por serem os primeiros a comentar as desgraças do povo, a mostrar os efeitos miserabilistas resultado dos mesmos.

As duas últimas décadas em que vivemos – uma geração de fogos - habituámo-nos ***interiorizarmos*** que a área ardida, as habitações em risco, as perdas de património florestal, ***que essa seria a nossa sina***, pela cronologia e sistematologia da ocorrência

dos fogos nos verões anos após ano; como que um estigma, a que estávamos predestinados.

Mudámos de decisores e de entendidos na matéria.

Produzimos uma "**Bíblia**" para prevenir e apagar fogos; não fosse a ofuscação da pandemia e do ***bicho-é-mau*** Covid19, estaríamos a fazer o balanço do número de mortos, da área ardida, do número de ocorrências, e do batalhão de operacionais envolvidos diretamente no combate às chamas, e ou a observá-las.

Também poderíamos estar a chorar as vítimas nossos parentes.

De ***modelo em modelo***, de chefia em chefia, o comportamento humano face à fenomenologia dos incêndios florestais; pode muito bem assemelhar-se, ao presentemente vivido – "***modos vivendi e operandi***" - em plena pandemia que vivemos.

Os fogos florestais não irão terminar; os bombeiros voluntários esses sim, é uma questão tempo; ou seja, dentro de alguns anos, não muitos.

O ordenamento do território florestal, é uma panaceia que tarda; e, torna-se uma impossibilidade territorial, dada a sua dimensão, inacessibilidades e dos custos envolvidos na sua minimização.

Os pirómanos, esses sim disporão das mais elevadas tecnologias para atear fogos.
Os GIBS demorarão duas gerações as substituir os Voluntários.

Os Guardas Florestais - Vigilantes da Floresta - tardam a ser reintegrados, formados e distribuídos pela Floresta que ainda resiste.

2.1.2 - Fogos Florestais. Quem os Vai Combater?

Vai para um par de anos que este assunto, apoquentava-me face ao insucesso repetitivo de ano para ano, para limitar o número de ignições na nossa Floresta; ou seja, diminuir a ocorrência de grandes Incêndios Florestais.

Os Arautos da Verdade - assim apelidados - ***já que não há comandantes de bancada***, **eventualmente de secretária**; apregoam aos quatro ventos, que já não há quem de fato consiga entender a fenomenologia do Fogo, face aos fracassos obtidos e aos processos-crime pendentes nos tribunais, em que são arguidos Comandantes de Bombeiros e alguns Presidentes de Câmara etc.

A Hierarquia Militar ao seu mais alto nível, seguindo o modelo Francês (**Tese PTRR – MJMR**) acaba por se apoderar do centro decisório da ANEPC, vergando e cilindrando uma gama muito importante dos Agentes de Proteção Civil – Bombeiros por exemplo - com o

suporte político governativo, compelindo-os ***para o quarto escuro***, deixando-os apenas com uma lanterna de mão.

A envolvência das vários Ramos das Forças Armadas na ANEPC; carecia de uma análise profunda e crítica, de como resultaria uma ação de comandamento integrada, em que o alto decisor fosse meramente civil competente ou oriundo dos quadros dos bombeiros - interventivo de fato e de direito - de modo a limar assim as assimetrias hierarquizantes, que o atual sistema encerra.

Não é habitual o Senhor Ministro da A.I. ou a Senhora Secretário de Estado, responsáveis pela respetiva pasta, darem a cara às chamas, porque estes exercem a sua tutela - por delegação – transferindo para o terreno, uma imagem da hierarquia militar intimidante prepotente, sobe todos os Agentes de PC envolvidos no socorro.

A cadeia hierárquica de Comando faz-se - ***surdamente*** – e para que mesma funcione, e necessário for atribui-se uma patente alta da hierarquia militar até **"abafar"** os murmúrios dos mais "**incendiados"**.
Copiámos mal dos Franceses o nosso **"modus operandi".**

Repensar o sistema, modernizá-lo com vista ao futuro, buscar os mais capazes e conhecedores; devendo atribuir-lhes tarefas e atribuições futuristas, antes que a Floresta se extinga.

É o mais provável se andarmos em busca de um modelo e esperar que o mesmo resulte. Não fazemos doutra coisa desde 2003.

Seria importante interiorizarmos a transcrição de **(MJMR – em TRPP)** pág. 230.

"*Como tal, não só as respetivas missões dos corpos de bombeiros resultam dessa determinação, como inclusive os poderes e dos Presidentes de Câmara e Juntas de Freguesia.*

Nesta formulação político-jurídica, estão presentes pressupostos de soberania e igualdade na consideração de que, no caso de serem deixados exclusivamente no âmbito da autonomia dos municípios, poderiam conduzir a tratamentos de prevenção e socorro desiguais para as populações*".*

Demorámos, quase não conseguíamos em 2019 – com a publicação da Lei de Bases da ANEPC, finalmente – foi dado um presente envenenado aos atuais Presidentes de Câmara – ao lhes ser atribuída a responsabilidade de atuação dentro do seu município, em matéria de PC.

Seja como for, advoga-se a participação pública, enquadrando-a nas organizações existentes, com referência, em organizações de índole voluntária. Não há outro modo de dar volta ao sistema.

1 – O ÊXODO DAS POPULAÇÕES

1.1 – Objetivo

1.1.1 – A avaliação das ameaças

O objetivo principal deste tema, é avaliar as ameaças resultantes da terra, que deixou de ser um projeto de gerações, para dar lugar a práticas de desenvolvimento económico; a ser rentabilizado, com vista ao desenvolvimento imobiliário porque a população foi deslocada, intempestivamente.

A transformação do mundo rural, tinha como fundamento a fuga da cidade; transformando o mundo rural, de modo a se poder disfrutar do ambiente; da liberdade; da harmonia e da qualidade de vida. (**Tese de - MJMR**).

Na aproximação do nosso trabalho à realidade da demanda das populações – local onde nasceram e se instalaram as populações - de uma determinada região do país, está sempre ligada a fenómenos externos, normalmente da provocados pela natureza; que são resultantes, de tragédias significativas:

- A destruição das habitações; das infraestruturas e da total e significativa descaraterização da geográfica do local ou região afetada.

Poderíamos enumerar vários tipos de sinistralidade que podem potencialmente catalisar uma migração potencial de uma ou mais populações; mas tenhamos presente que aquelas que mais correntemente afetam os portugueses, **são as inundações e os fogos florestais e desastres tecnológicos.**

Como as inundações se têm caracterizado acidentalmente por eventos de previsível ocorrência, face a evolução tecnológica da METEREOLOGIA, vamos concentrar na nossa análise e tomar como causa principal os incêndios.

No presente trabalho, vamos direcionar o nosso pensamento para 3 vertentes principais:

a) - Incêndios Urbanos / Florestais.
b) - Êxodo Rural.
d) – Reflorestação.

Da literatura consultada (**Peixoto, s.d**.) e facultada pelo Docente da UC, foi possível entender que esta fenomenologia da desertificação assenta em (3) pilares fundamentais:

1- Sobrevivência Física.
2- Tomada de Consciência
3- Identidade Patrimonial.

2 - O CUSTO DA REFLORESTAÇÃO

2.1 – Exercício Mecanicista

Se tivéssemos a consciência dos custos de recolocar, no terreno; se este for mais ou menos plano e toda a mancha que arde com os incêndios florestais, por certo todos nós teríamos muito mais cuidado.

No semestre passado num dos trabalhos apresentados pela nossa colega **Cláudia Soares** no ISEC, em que participei como ativamente como **"analista"**, foi feito um exercício muito simples, com vista a determinar o custo de voltar a colocar no terreno aquilo que desapareceu.

Para além do que se perdeu – em termos financeiros e no tempo – e o capital que poderia ser rentabilizado, acabou por constituir dupla perda.

A título de exemplo, demonstramos o exercício meramente académico muito otimizado.

3 - CENÁRIO

3.1 - Capítulo 7. Criação da (ZCR) – (do referido trabalho).

Tendo-se iniciado a mobilização dos meios dos Bombeiros do Distrito requeridos, é nomeado o Comandante deste TO, e reencaminhados par o local do sinistro, Para serem nomeados os Comandantes de Flanco, e de Combate à Cabeça do Incêndio; ficando ali estacionados todos os meios não utilizados na (ZCR), no combate ao incêndio.

Procedeu-se à reformulação do Posto de Comando, é integrada a VCOC; mantendo-se os restantes elementos designados inicialmente; troca-se de Comando (COS), designado pelo CDOS, sendo ainda integrados o Comandante Adjunto; Oficial de Logística; Oficial de Comunicações, Oficial da GNR e Força Aérea, e o Ex.mo Senhor Presidente da Câmara onde se deflagrou o sinistro; que acabou por delegar no Comandante Operacional dos Bombeiros da região afetada co Comando das Operações.

3.2 - Capítulo 8. 1º Briefing 1/2 noite – (também do mesmo trabalho da Cláudia Soares)

No 1º Briefing do sinistro, tendo em conta os elementos estimados, arderam em 16 horas, cerca de 10 ha de eucaliptos, que estimamos em:

3.2.1 - Eucaliptos:

- Com 8 -10 anos.
- Preço 30€ /ton.
- 2 Eucaliptos pesam aproximadamente 2,5 ton.
- Plantio com um espaçamento de 2 mts.
- Num hectare podem ser plantados 2,500 eucaliptos.
- 1 hectare rende aproximadamente 30.000 €.

3.2.2 - Prejuízo causado pelo fogo nas primeiras 16 horas:

- 10 hectares = **300.000,00€**

No pressuposto de 3 x 300.000€ = **900.000,00€**

3.2.3 - Reflorestação:

· Marcação e Piquetagem	90,00€ x 30 h		= 2.700€.
. Adubação	0,08€	x 7500	= 600€.
· Custo (un) terreno plano	0,23€.	x 5.500	= 1.265€.
Custo (un) em declive	0,30€.	x 2.000	= 600€.
· Abertura de covas (un)	0,56€.	x 7.500	= 4.200€.
· Total de Jornas	250,00€	x 90x25 =	553.250€.
· Abertura de aceiros (Km)	237,00€	x 12 x30	= 5.320€.
			= **643.735,00€**

3.3.4 - Custos iniciais de replantio de 30 ha ardidos

3.3.5 - Custo do prejuízo total:

· Perda de (un) queimadas	900.000,00€.
· Limpeza e replantio	643.735,00€.
· Custos agregados Tabela 1	76.656,00€.
Custos agregados Tabela 2	793.653,50€.
Total	**2.414.026,00€**

Este cenário simplificado e sucinto, está otimizado, e o sinistro foi considerado extinto, com o rescaldo, durou 3 dias de 24 horas; não foram contabilizados os custos de reconstrução de 2 habitações; os custos de perdas com morte de animais e habitats de aves, horas de improdutivo das populações; agentes e entidades oficiais envolvidas, no CDOS, CNOS; ANEPC, e Forças de Segurança incrementadas ao longo do sinistro, etc.

Trata-se como dissemos de um pequeno exercício mecanicista, que poderia acabar numa folha de Cálculo mais elaborada; com melhor com precisão de avaliação dos custos do investimento.

Admitindo que tivemos em 2019 cerca de 41.622 ha de área ardida, resultantes de 10.359 incêndios; o que nos permite dizer que a logística é crucial para fazer frente á problemática Incêndios Florestais em Portugal.
A área ardida no ano passado foi equivalente a 1.387 incêndios, que a ter a mesma envergadura do incêndio que serviu de base ao nosso estudo, e se fosse admissível fazer uma "grossa" comparação – pelo mesmo método de avaliação:

– Estes sinistros – teriam custado aos Portugueses:

(1.387 x 2.414.000,00 €)

Contabilizando os Custos da Reflorestação

Total face aos últimos incêndios registados no País, no primeiro cálculo **348.218.000,00 €)**

Base de dados						
Recurso Humanos	**Vencimento**	1º T	2º T	3º T	Qty	Total
Comandamento	3 500,00 €	8	8	8		2 800,00 €
Vencimento ANEPC	2 000,00 €	8	8	8		1 600,00 €
Bombeiros	800,00 €	8	8	8		640,00 €
GNR	800,00 €	8	8	8		640,00 €
Cooperantes	750,00 €	8	8	8		600,00 €
Água	3,50 €				1000	3 500,00 €
Gasóleo	1,45 €					
Alimentação	25,00 €					
Comunicações	150,00 €					
	Vencimento Médio					
Valor Médio RH						1 956,00 €

Avalição dos Meios Logísticos no Teatro de Operações de Incêndio Floresta						
Fase I	Qty	Categor	Elementos	Consum	Km / Outros	Custo
Viaturas Bombeiros	1	VFCI	5	16	36	54,00 €
Viaturas Bombeiros	1	VTTU -1	2	28	36	54,00 €
Viaturas Bombeiros	1	ABSC	3	8	36	54,00 €
Viatura GNR	1		2	6	36	54,00 €
Consumo de Água	1			240		
Hélios / hora					15750	
	240				**Parcial 1**	**216,00 €**

4 - CRIAÇÃO DE MODELO DE COMBATE AOS INCÊNDIOS FLORESTAIS

4.1 – Que tipo de modelo?

Não há modelo possível de se descrever, face às não laminares dificuldades acumuladas ao longo dos anos.

Os acidentes do terreno – o desaparecimento do Pinhal de Leiria – onde teria sido possível a utilização de viaturas blindadas de combate a incêndios; se houvesse, aceiros e outras acessibilidades, com torre e canhão de água, operadas apenas por um condutor e um bombeiro na manipulação do canhão de água.

Assim funcionam os Bombeiros de Bordéus., que relembramos ao folhear os apontamentos da equipa do Monsieur Coronel Michel Carrasset e oficiais da sua equipa de Formadores.

Há, no entanto, "***um modelo alternativo***" que se chama **EDUCAÇÃO**, que nasce nas carteiras das Escolas; que se baseia na consciencialização dos jovens, para esta temática.

Os incêndios irão continuar, até à delapidação total, dessa já reduzida mancha florestal. Os programas de **"Aldeia Segura"** foram apenas aplicados numa franja muito pequena e problemática de ocorrência deste tipo de sinistralidade~; em especial nos locais de maior evidência.

Foi assunto de pouca duração, até ao próximo acontecimento. Quantas aldeias seguras temos no país instalada e prontas a intervir no momento da ignição?

Uma cultura de Sociedade altamente cívica, em que todos são de facto agentes de proteção civil; vigiando de perto da dádiva da natureza, e não ficarmos com saudades do que foi o património florestal herdado do Rei de Portugal D. Dinis, há data da sua devastação pelos mais recentes incêndios ocorridos no nosso país.

Assim**, EDUCAÇÃO; PREVENÇÃO**, e limpeza das matas.

Os incêndios irão continuar, até à delapidação total, dessa já reduzida mancha florestal.

Os programas de *"Aldeia Segura"* foram apenas aplicados numa franja muito pequena e a problemática de ocorrência deste tipo de sinistralidade, não interessa a alguns Comandos de Bombeiros e da própria **SMEPC e PC** local.

Foi assunto de pouca duração, até ao próximo acontecimento.

Uma cultura de Sociedade altamente cívica, em que todos são de facto agentes de proteção civil; vigiando de perto da dádiva da natureza, e não ficarmos com saudades que foi o património florestal herdado do Rei de Portugal Dinis, há data da sua devastação pelos mais recentes incêndios ocorridos no nosso país.
Portanto, **PREVENÇÃO** e limpeza das matas.

5. CONCLUSÕES

5.1 – Reflexão

***Tendencialmente as pessoas não avaliam os riscos apenas em termos de probabilidade e consequências*. (Cte Pedro Patrício - Isec)**

A base de dados face à informação nela contida***, assenta numa métrica de pontuação***, que irá relacionar matematicamente, o produto do: - **Nível de Proteção - Risco - Vulnerabilidade - Impacte.**

Para nos apercebermos da importância desta matéria, em Jan 26, 2018, foram reportados ao International Maritime Bureau (IMB) da International Chamber of Commerce's (ICC), que em 2017, ter havido 180 incidentes de pirataria e assaltos armados contra navios, de acordo com o mais recente relatório daquele instituto.

É o número anual de incidentes mais baixo desde 1995, em que foram reportados 188 casos.

Estes incidentes ocorrem no golfo de Adem e ao largo da costa da Somália e noutros locais do globo, Indonésia, Singapura.

A circular **MSC.1/Circ. 1334, de 23 de junho de 2009**, dá orientações aos Armadores, operadores, comandantes e tripulações dos navios para a prevenção e repressão dos atos no golfo de Adem e ao largo da costa da Somália; acabando por ser imperativa, **uma matriz de Avaliação da Proteção de Risco, formato de Manual, de acesso muitíssimo restrito**; bem como um sistema de deteção de intrusão.

Exercícios consignados no ISM – International Safety Management desenvolvidos com igual minúcia, assim como este manual de SSA -Ship Safety Assessement, obrigam as tripulações a executar exercícios, repetidamente e aplicar os procedimentos aprovados.

O Aluno em toda a sua carreira de mar, teve por experiência própria, em centenas de exercícios levados a efeito a bordo; em particular na deteção de bomba a bordo, e na busca de clandestinos nunca teve qualquer sucesso.

Nas viagens Costeiras no golfo da Guiné, para além da vigilância redobrada das tripulações, chegou a ser necessário em TEMA e TAKORADI, soldar as portas estanques de acesso ao casario e à ponte de navegação, deixando vaguear os piratas a bordo do navio, com contramedidas, água sob pressão, arame farpado, engorduramento de pavimentos; já que o uso de armas de fogo após o 25 de Abril, foram retiradas e proibidas a bordo dos navios nacionais.

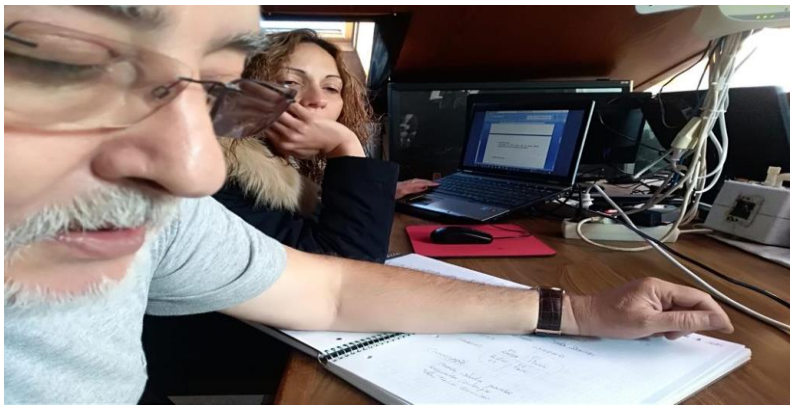
Estes meios altamente dispendiosos, têm de apostar na Prevenção, no Treino e Definir Rotas de Escape, ou esperar um milagre.

A Matriz de Risco tinha de ter por base a matriz aprovada pelo governo português, com base na Lei da Proteção Civil.

E eu assim fiz, Matriculei-me na Faculdade e como o saber não ocupa espaço, fiz um enorme sacrifício a conduzir de noite e regressar a casa.

ISEC a nossa faculdade

Estudar com Cláudia para exames na faculdade – ISEC



ISEC - ANÁLISE DE RISCO

UC - Engenharia de Proteção Civil

Face à pequenez da dimensão do trabalho, endereço os meus agradecimentos ao Ex.mo **Senhor CTE. Pedro Patrício**, **Digníssimo Professor do ISEC, da UC de AR**, pelo seu método de ensino na produção de elementos de Estudo da UC que leciona, dada a sua abordagem simplificada, abrangente e concisa; que irá ter a paciência infinita de ler entediantes 5 páginas, resultando da leitura de um tema da atualidade – que é a análise de risco - matéria que o **Aluno do ISEC** aplicou noutro contexto a bordo dos navios, agora desenvolvida a um nível mais realista.

A aproximação feita aos conteúdos da Análise de Riscos, aumentou os meus conhecimentos, os quais serão utilizados numa primeira fase em proveito próprio.

Mas tenho que agradecer também, com um grande abraço de amizade, de apreço e de admiração ao meu **"Pupilo"** ***Engenheiro José Carlos Henriques, Diretor Técnico da SCMA, Lda., atualmente meu Superior Hierárquico, como resultado da passagem do testemunho, tendo em conta o princípio de Peter, momento em que o Aluno troca de lugar com o Professor.***

Ao Engenheiro João Moita, que me deu a oportunidade de estagiar em Vários Estaleiros do Mundo, Zaliv - Ucrânia, Sestau – Na Catalunha; Na Naval - Bilbau; Niews Van Den Berg – Holanda; Deutch Verft Shipyard- Alemanha; Lisnave; Setenave, Estaleiros Navais de Viana do Castelo; Estaleiros Navais de Peniche; Pesrep Portimão; Navalria – Aveiro, culminando com a responsabilidade pela construção de 12 navios,

entre os quais uma doca flutuante, **onde a matriz de risco fazia parte do pequeno almoço**; sendo posta à prova, face ao dia anterior dos trabalhos da construção.

Ao **Cte Luís Simões que foi o nosso Mestre já "ausente"**, em conjunto com **Engº José Augusto,** nos legou e ensinou a arte de trabalhar as **Convenções da IMO, STCW, MARPOL e do ISPS/ISM CODE/ SSA.**

A todos os anónimos trabalhadores de bordo dos navios e dos Estaleiros Navais por onde passei e que me ajudaram a cementar a minha carreira no Mar; e, mais tarde quase sempre ligados aos navios em terra.

Também aos tripulantes do navio de ***Cruzeiros Funchal*** (***onde veria o final da minha carreira como oficial e Engenheiro***) que, com os seus 61 anos de idade – ***tudo leva a crer que irá voltar a navegar?*** - e para o qual em 2014 fui chamado e por lá fiquei até Maio de 2021, momento em que o discernimento e as pernas deixaram de obedecer.

Resumo

O Aluno procurou enquadrar-se na abordagem dos conceitos, **ora do Docente**, **ora do da Norma ISO 73, *e as Convenções referidas da IMO***, revendo-se nalgumas afirmações e conceitos produzidos pelos Autores da matriz de risco - no seu dia a dia profissional – pelo que ***procurou chamar a si, e adaptar os ensinamentos do Cte Luís Simões, seguindo a linha de pensamento do Docente da UC de AR, transferindo para o trabalho dentro do possível, os seus efeitos de eficiência, face ao quotidiano da sua atividade profissional***.

A norma DNP Guia ISO 73 – Gestão de Risco, classifica o RISCO como ***"Efeito da incerteza na consecução dos objetivos"***, frequentemente expresso pela combinação das consequências de um dado evento – ***incluindo alteração das circunstâncias*** - e a respetiva probabilidade de ocorrência. Podendo ainda ser vir a ser caracterizado pela referência aos eventos potenciais e consequências, ou à combinação de ambos como apontam a norma.

Esta **estrutura da gestão do risco** é parte integrante das políticas estratégicas e operacionais globais e das práticas da organização que são necessárias para recolha de um conjunto de elementos, que fornecem **fundamentos e disposições organizacionais**, para **"conceber, implementar, monitorizar, rever e melhorar continuamente a gestão do risco em toda a organização"**.

Sendo que os ***fundamentos*** **incluem a política**, **os objetivos**, **o mandato e o compromisso para gerir o risco;** enquanto as **disposições organizacionais** incluem ***os planos, as relações, a responsabilização, os recursos, os processos e as atividades***.

Ainda segundo a mesma norma, a informação pode estar relacionada com a existência, natureza, forma, verosimilhança significância, avaliação, aceitabilidade, tratamento ou outros aspetos da gestão do risco.

Já a **consulta** é um processo de **comunicação bidirecional** entre uma organização e as respetivas partes interessadas sobre determinado **assunto***.*

Uma má orientação no tratamento do **assunto**, pode vir a causar um sério impacte e dificultar a sua resolução; **mais pela influência da decisão, do que pelo seu próprio poder**.

Assim, antes de ser tomada uma decisão ou ser definida os contornos da mesma.

Ter em atenção que ***pode vir a ser necessário, mais contributos na ajuda à tomada à decisão***; do que a tomar medidas, ***feridas de vulnerabilidades*** e ***incapaz de sobreviver num ambiente de Resiliência***.[1] **Citação do aluno.** Assim sendo temos de **ENQUADRAR** e **"dormitar sobre a almofada" lendo a ISO 31000 – 2018.**

INTRODUÇÃO 1.1 - Conceito da Gestão do Risco

O Docente da UC de AR, face ao ser exigência pragmática, e do uso de uma terminologia consentânea; concreta, concisa e simples, cuja **CONSEQUÊNCIA é o r***esultado de um evento que afeta objetivos;* impelindo o Aluno (eu) para uma cuidada adequação das suas respostas, quando questionado sobre as matérias em discussão. Iremos procurar adaptar uma estrutura de síntese, que vá ao encontro do seu grau de exigência.

Na Gestão do Risco, em que a palavra **verosimilhança** é utilizada para indicar a possibilidade de algo ocorrer, dando origem a consequências iniciais, que podem intensificar-se através do aparecimento de reações em cadeia quer essa possibilidade seja definida, medida ou determinada deforma objetiva ou subjetiva, qualitativa ou

quantitativamente, e descrita utilizando termos gerais ou matemáticos; como uma **probabilidade** ou uma **frequência** num determinado período.

Ora a **Probabilidade** de isto vir a ocorrer, é determinada pela ***"Medida da possibilidade de ocorrência expressa por um número, entre 0 e 1, em que 0 representa a impossibilidade e 1 representa a certeza absoluta."***

Por outro *lado, a* **FREQUÊNCIA** é o resultado ***"Número de eventos, ou de resultados por unidade de tempo definida****;*

Do mesmo do modo que **VULNERABILIDADE** será a resultante **das** ***"Propriedades intrínsecas de algo que resultam na suscetibilidade a uma fonte de risco que pode conduzir a um evento com uma consequência"****.*

Finalmente o **NIVEL DE RISCO** carateriza-se pela "**Magnitude** de um risco ou combinação de riscos, expressa em termos da ***combinação de consequências*** *e* ***respetivas verosimilhanças"****.*

No processo de comparação dos resultados da análise do risco com os critérios do risco permitem determinar se o risco e a sua respetiva magnitude são aceitáveis ou toleráveis.
Estamos em condições de proceder à objetivo avaliação do RISCOS, tendo em consideração que se conhece o que elencámos, o **Risco de quê; Para Quem é Devido a quê**?

Após sabermos o que referimos, vamos definir o **seu Nível em detalhe do que é necessário e Pretendido**. **Atuaremos em função das disponibilidades dos Recursos Humanos e Técnicos**.

Risco = Probabilidade x Gravidade

Para que todos estes conceitos possam vir a ser utilidade, Identificação; análise e Avaliação, o Risco tem de ***ser apreciado, identificado e compreendido***; tendo sempre presente que a CONSULTA, obriga a que haja a RETORNO do que se pergunta. **(Cte Pedro Patrício UC, AR).**

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 – Matriz de Risco

O Ex.mo Docente da UC de AR, insiste que o risco só pode ter uma definição aceitável para o descrever, assim: - **RISCO é *uma combinação da probabilidade de ocorrer determinado acontecimento com as suas consequências negativas;*** mas como estamos em Portugal; e segundo ***DNP ISO 73, "Será o efeito da incerteza na consecução dos objetivos". Opto pela primeira***.

A Matriz que se pretende desenhar, vai recorrer aos indicadores de ***Probabilidade*** e **Verosimilhança**, com determinada ***Frequência***.

"O Docente define a Matriz de Risco como uma ferramenta que permite ordenar e visualizar os Riscos por definição de intervalos de Consequência e Verosimilhança".

A matriz comportará **CONSEQUÊNCIAS** a uma escala, que deverá abranger a gama dos diferentes tipos de **Consequências** a serem considerados.

Neles se incluem, **perdas financeiras, segurança, ambiente ou outros parâmetros,** também deverá abranger uma escala compreendida da **máxima consequência credível** à **menor consequência a considerar**, numa escala de 3,4 ou 5 níveis.

2.2 - Critérios de classificação do risco

Todos temos consciência que Risco está sempre aliado ao PERIGO, e este é classificado como sendo *um fenómeno, substância, atividade humana ou uma condição com potencial para provocar danos*; mas podemos dizer sem errar, que o **PERIGO *"É uma fonte de dano potencial." É mais simples.***

Deve ter-se sempre presente que o ***"Risco da Análise do Risco",*** podem ser influenciados por qualquer divergência, ou condicionantes associadas, e que carece de informação que tem que ser tratada; com critérios de riscos estabelecidos, face às condicionantes associadas.

2.3 – Vulnerabilidade e Resiliência

Não se pode falar da existência do risco ou do perigo, desde qua a não venham associados à possibilidade de sofrer danos ou impactes causados pelos perigos; bem como, da sua **VULNERABILIDADE.**

Se não houver **VULNERABILIDADE, o perigo está afastado.**

Já **RESILIÊNCIA** é a **"Capacidade de adaptação de uma organização num ambiente complexo e em mudança".**

3. APRESENTAÇÃO

3.1 – SIOPS – Matriz de Risco (Determinação do Estado de Alerta Especial)

A matriz de risco que relaciona a gravidade das consequências negativas e a probabilidade de ocorrências.

Segundo o nosso Docente (**Cte Pedro Patrício**) ***Nada nesta vida é seguro***; tal como ***atravessar uma estrada; um incêndio em casa,*** a única maneira de os evitar é simplesmente iniciarmos rituais antes do acontecimento; desligar equipamentos e limpeza; envergar equipamentos de proteção.

Se estivermos atentos aos sinais do tempo, ***verificamos que o aumento da esperança de vida (risco de doença letal) em 1841 a esperança média de vida na Europa era 35 anos; e, que hoje é superior a 70 anos nos países mais desenvolvidos e superior a 50 anos nos países mais pobres*** **dependendo do contexto.**

A sociedade ***aparenta estar cada vez mais segura*** e ***menos tolerante*** aos riscos à medida que se torna tecnologicamente mais avançada.

No entanto, esse avanço tecnológico traz consigo riscos acrescidos, o que é um paradoxo.

Como ***nível de segurança requerido não é específico nem uniforme***, os fenómenos naturais, assumem maior relevância, **pelo que se exige mais segurança**; na medida em que **há *riscos de acontecimentos comuns a aumentar***, e ***riscos endémicos a diminuir***, ficando nós sem saber o que é suficientemente seguro.

Após reflexão o Aluno depois de ouvir o Docente, optou por alterar a sua matriz de risco - direcionada para os navios - para o Modelo do SIOPS, procurando tal como em todo o trabalho, abranger os conceitos mais relevantes abordados nas Aulas e no conteúdo dos textos de AVALIAÇÃO NACIONAL DE RISCO.

A matriz de risco elaborada constitui a base do trabalho do Aluno, sob uma forma automática, tendo em conta a temática do e tipologia do sinistro cuja gravidade que vai avaliar, pretende ser um trabalho de partida, para um desenvolvimento posterior, com a

finalidade, de dar resultados mais rápidos, mantendo a fiabilidade de tratamentos dos mesmos, apenas com um movimento seletivo do menu de acontecimentos.

Das análises e colheita de informação recomendada pelo Docente, elegemos a **DNP ISO 73** e os slides das matérias lecionadas, com alguma pesquisa dispersa na Net; que pouco serviu ao trabalho em elaboração, por ser muito semelhante, aos produzidos aqui.

A Matriz de Risco criada proposta ao Ex.mo Docente de AR, constituída por 9 campos; 10 Registos e 5 Tabelas: - **Cenário de Risco** (Matriz); ***Matriz de Riscos***; ***Tabela de Probabilidades***; ***Tabela de Impactes*** e ***Tabela de Ações***. Os Campos **A1; B1; C1 são "Inputs"** e ***os Campos D; E; G; H e I, são os "Outputs / Inputs. F é o Output Principal.***

Foram inseridos **"botões"** de navegação nas colunas - **D1; E1; H1** para selecionar a ***probabilidade da ocorrência***; O ***Impacte caso ocorra*** e a ***Ação a tomar***.

A principal preocupação do Aluno foi criar uma Matriz, simples, de acesso rápido, funcional, de modo a fornecer ao Decisor, neste caso o Comandante – que pode não estar familiarizado com o navio – quase instantaneamente uma informação, cujo tratamento de risco foi previamente equacionado, cujas entradas foram selecionadas tendo em conta o histórico de eventos, que também deverá abranger uma escala compreendida da **máxima consequência credível** à **menor consequência a considerar**, numa escala de 3 ; 4 ou 5 níveis.

3.2 - Critérios de classificação do risco

Todos temos consciência que Risco está sempre aliado ao PERIGO, e este é classificado como sendo ***um fenómeno, substância, atividade humana ou uma condição com potencial para provocar danos***; mas podemos dizer sem errar, que o **PERIGO** ***"É uma fonte de dano potencial." É mais simples.***

Deve ter-se sempre presente que o ***"Risco da Análise do Risco",*** podem ser influenciados por qualquer divergência, ou condicionantes associadas, e que carece de informação que tem que ser tratada; com critérios de riscos estabelecidos, face às condicionantes associadas.

3.3 – Vulnerabilidade e Resiliência

Não se pode falar da existência do risco ou do perigo, desde qua a não venham associados à possibilidade de sofrer danos ou impactes causados pelos perigos; bem como, da sua **VULNERABILIDADE.**

Se não houver **VULNERABILIDADE, o perigo está afastado.**

Já **RESILIÊNCIA** é a **"Capacidade de adaptação de uma organização num ambiente complexo e em mudança".**

4. MATRIZ BASE

4.1 – SIOPS – Matriz de Risco (Determinação do Estado de Alerta Especial)

A matriz de risco que relaciona a gravidade das consequências negativas e a probabilidade de ocorrências.

Segundo o nosso Docente (**Cte Pedro Patrício**) ***Nada nesta vida é seguro***; tal como ***atravessar uma estrada; um incêndio em casa,*** a única maneira de os evitar é simplesmente iniciarmos rituais antes do acontecimento; desligar equipamentos e limpeza; envergar equipamentos de proteção se estivermos atentos aos sinais do tempo, ***verificamos que o aumento da esperança de vida (risco de doença letal) em 1841 a esperança média de vida na Europa era 35***. reportamos no documento **"Manual",** como sendo mais adequada.

PROBABILIDADE (frequência)	CONSEQUÊNCIA*				
	Desprezível (1)	Menor (2)	Moderada (4)	Maior (8)	Catastrófica (16)
Quase Certo (5)	5	10	20	40	80
Provável (4)	4	8	16	32	64
Possível (3)	3	6	12	24	48
Improvável (2)	2	4	8	16	32
Raro (1)	1	2	4	8	16

Matriz de Avaliação Nacional de Risco

Análise de Risco Professor - Cte Pedro Patrício

A Matriz Matemática, criada com base na matriz pela ANEPC, Avaliação Nacional de Risco foi produzida para dar ao Oficial de Quarto de Navegação; quando de serviço na ponte de comando, uma resposta imediata à tipologia de evento em curso, devendo neste caso, essa tarefa ser coordenada pelo Comandante ou pelo Oficial Imediato, se houver tempo para tal.

Não Pedra, não. Risco…

MATRIZ DE RISCO DE AVALIAÇÃO DA PROTEÇÃO DO NAVIO

ID **A3**	**ENTRADAS**	Nível Proteção [1-3] *Security Level*	Risco [1-3] *Risk*	Vulnerabilidade [1-4] *Vulnerability*	Impacte [1-5] *Impact*	Pontuação * *Score*	Medidas de Segurança * *Security measures*
1	Pirataria, Sequestro e Roubo à Mão Armada	1	2	2	5	**20**	**Procedimento - 2**
2	Bomba, Explosão no Cais	1	1	1	4	**4**	**Procedimento - 1**
3	Acesso não autorizado - Clandestinos	1	3	3	5	**45**	**Procedimento - 2**
4	Colisão a navegar	1	1	1	5	**5**	**Procedimento - 1**
5	Colisão com navio atracado	1	1	1	5	**5**	**Procedimento - 1**
6	Bomba a bordo, Fogo posto, Sabotagem e vandalismo	1	1	2	5	**10**	**Procedimento - 1**
7	Navio para uso de Contrabando/Droga	1	2	3	4	**24**	**Procedimento - 2**
8	Manipulação indevida de carga e sistemas do navio	1	1	2	4	**8**	**Procedimento - 1**
9	Risco Mínimo	1	1	1	1	**1**	**Procedimento - 1**
10	Risco Máximo	3	3	4	5	**180**	**Procedimento - 3**

Inserir número de 1 a 10 '[ENTER']

CÉLULAS COM FORMULAS
A3 e A7...A26

Observe aqui a variação do procedimento

Pontuação *	**A pontuação é calculada através da seguinte fórmula: Nível de Proteção x Risco x Vulnerabilidade x Impacte**
Medidas de Segurança *	O procedimento a adotar é definido pela seguinte escala: Score [0 - 20] - **Procedimento 1** | Score [21-60] **Procedimento 2** | Score [61-180] - **Procedimento 3**

Procedimento simples, digitando um algarismo de 0 a 10, na coluna ID, obteremos imediatamente, o procedimento a ter em conta, evitando estar a folhear o Manual.

ID A3	Designação do Risco	Nível Proteção [1-3] *Security Level*		Risco [1-3] *Risk*		Vulnerabilidade [1-4] *Vulnerability*		Impacte [1-5] *Impact*		Pontuação [1-180] *Score*
4	Colisão a navegar	1	Normal	1	Baixo	1	Medidas de Segurança Completas e Eficazes	5	Prejuízo para a segurança	5
	Todos os dados são carregados automaticamente de acordo com a base de dados da matriz									

MEDIDAS DE SEGURANÇA

Procedimento - 1

No nível 1 de proteção, o SSP deve estabelecer as medidas de proteção para controlar o acesso ao navio, onde o seguinte pode ser aplicado:

1. Verificação da identidade de todas as pessoas que se dirigem ao navio, confirmando as razões para o fazer, verificando ordens anexas, bilhetes de passagem, passes de entrada a bordo, ordens de trabalho, etc.

Em ligação com a instalação portuária o navio deve assegurar que são designadas áreas de proteção para inspecionar e star pessoas, bagagem (incluindo conteúdos) objetos pessoais, veículos e seus conteúdos;

ligação com a instalação portuária o navio deve assegurar que veículos destinados a embarcar em navios-transporte de ro-ro e outros navios de passageiros são sujeitos a revista antes do embarque, de acordo com a frequência cida no SSP;

ão de pessoas e seus objetos pessoais já fiscalizadas, das pessoas e objetos pessoais ainda não fiscalizados;

ação da situação de embarque e desembarque de passageiros;

dos pontos de acesso que devem ser protegidos ou atendidos para prevenir acessos não autorizados;

cho ou outros meios, o acesso a espaços não vigiados junto a áreas a que os passageiros e visitantes tenham

ões de proteção a toda a tripulação do navio em caso de possíveis ameaças, nos procedimentos para objetos ou atividades suspeitas, e para a necessidade de vigilância.

Click na Base de dados para ver o que aconteceu!
Sempre que atua A3, verá a matriz em funcionamento, observe o que se passa na célula A APRESENTAÇÃO

Foi exigência que este trabalho, para além do manual de instruções escrito em bilingue; pudesse ser lido e estudado, antes que ocorra qualquer evento não esperado.

O Docente requeria simultaneamente que a aplicação de software desenvolvida; fosse simples, deixando o cálculo matemático descrito oculto, mas de modo compreensível, visível ou não por decisão do utilizador.

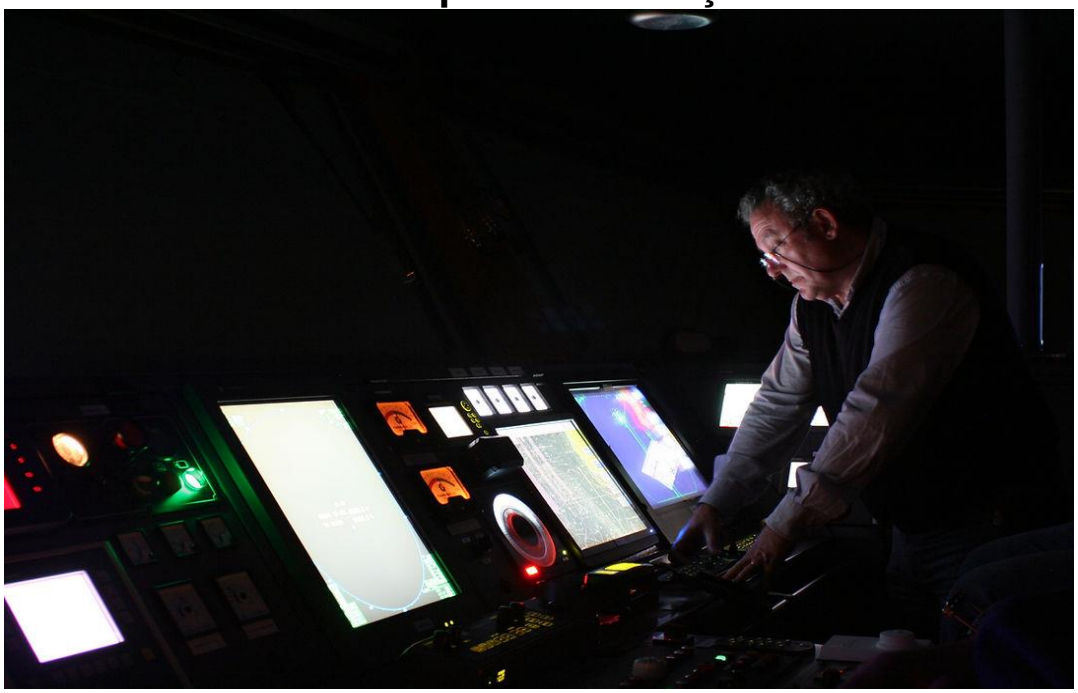
Para tal foi desenvolvido numa aplicação de PW todos os passos necessários ao entendimento do seu funcionamento.

Para melhor entendimento e rápida interação do utilizador com a base de dados compilada num computador, a tarefa de busca; pode ser agilizada através da fácil introdução de um dígito.

As duas páginas que se anteriores, permitem a visualizar de 2 de 4 Menus, que podem ser colocados lado a lado, no ecrã do computador, fazer a pergunta e obter logo a resposta; isto é, no nosso caso digitamos o algarismo 4 e ao lado é descrita o tipo de decisão a tomar, tendo em conta a gravidade do evento.

Aplicação da Matriz de Risco Criada em Vários Cenários – Somália

Capitão Zé à caça



Deluena em fuga

Lena

Sobrinha Ana

Gracinha

Ana Abreu (Lebrezinha)

TRANCALINE

Marine Engineering &
Consultants

Componente Familiar com dizemos na rádio

NiNI

Ruben

Ruben

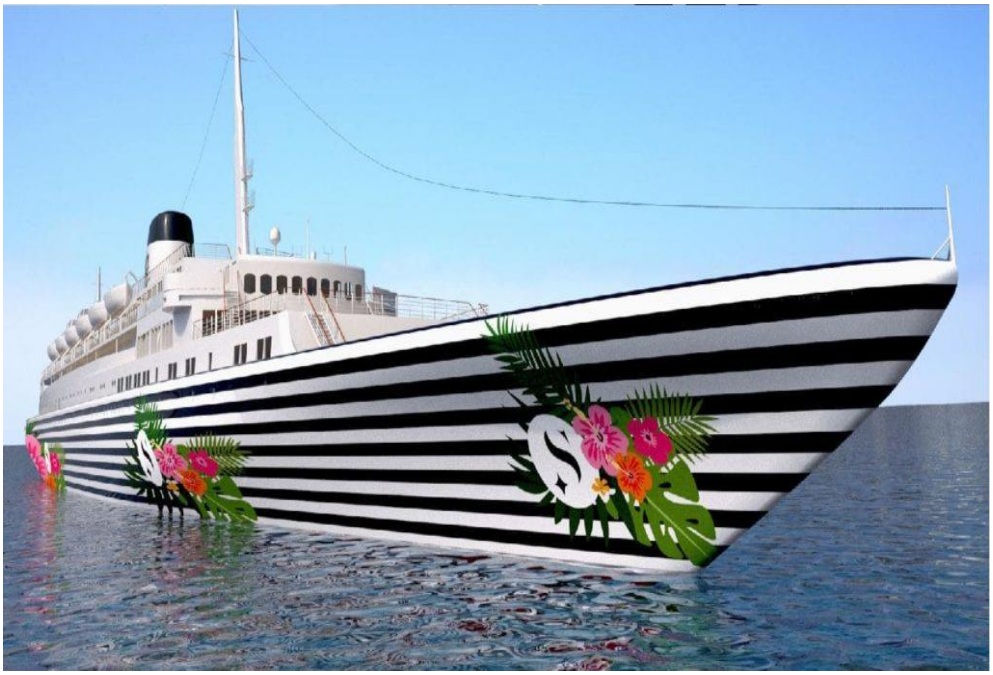
Pedro e Marina

Pedro em Aveiro

Em crescimento

Raizes

Assim foi pensado como ficaria



Gonçalo, Avô e Ruben

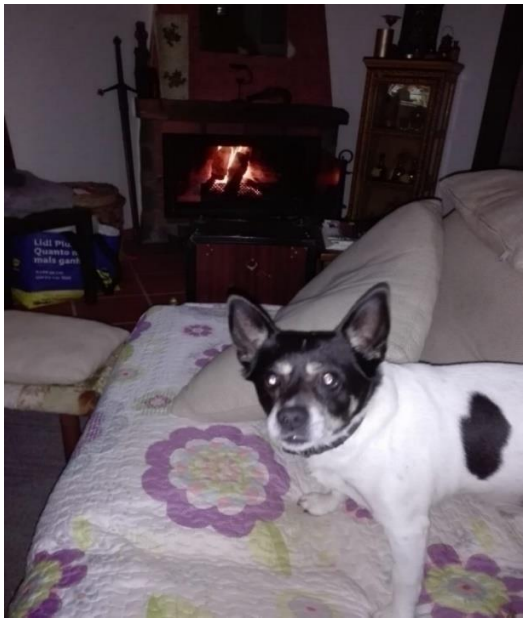
Gongas e os animais

Nino ; Beny e Sebastião

Convívio na fazenda

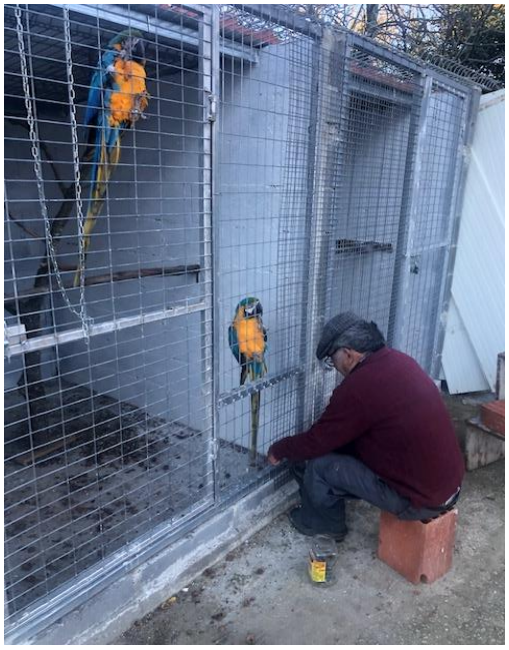
João, Célia e Guigas

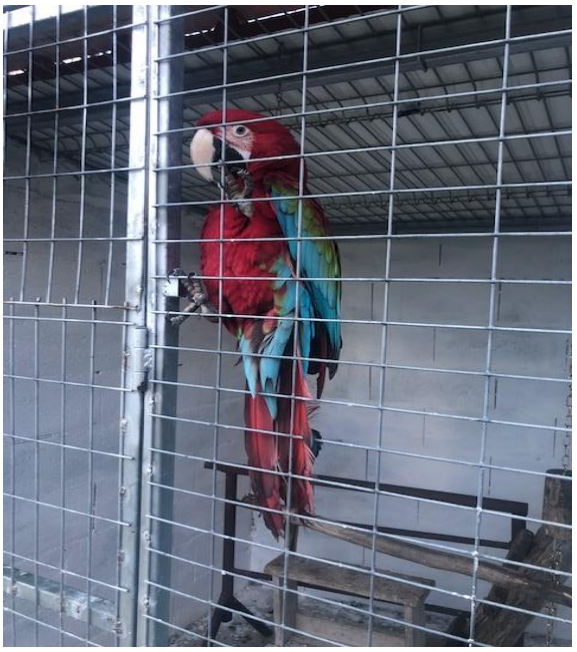
Guigas dizendo que é tempo de ir passear



Alice no País das Maravilhas

Passarinhas em tratamento





Patrícia, a luz vem do Alto

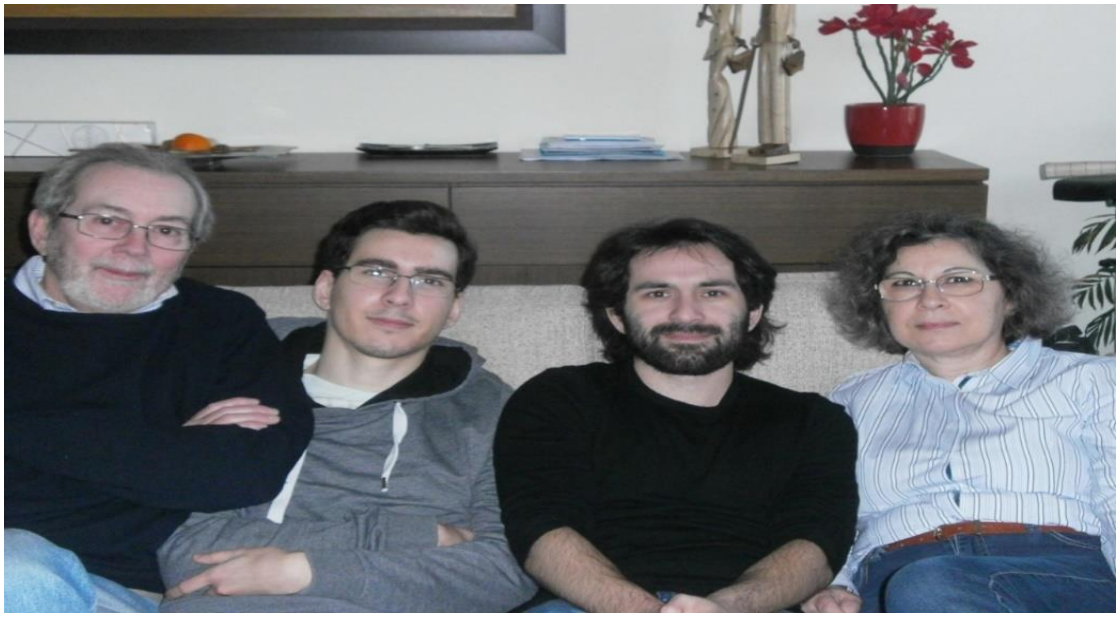
A Descendência

A Seguir a Luz, e controlar as notas da faculdade ISEC.

Primos Manhosos

Manela

Manhosos no Relax



Nando “Pater Famílias”

Xaneco e Mafaldinha

Casório do Manel e da Mafalda

Lindos de morrer

Os tios e a sobrinha novinha

Pronúncia do Norte

Xanecos

Linda

Rojões à moda do porto

Família - Guilherme - Pardal Ladrão – Marcinha

Aconselhamento

SôTÔR em RELAX

KAU – KAU Papagovas

Digam-me então, porque trazão estou só e tão sozinha?

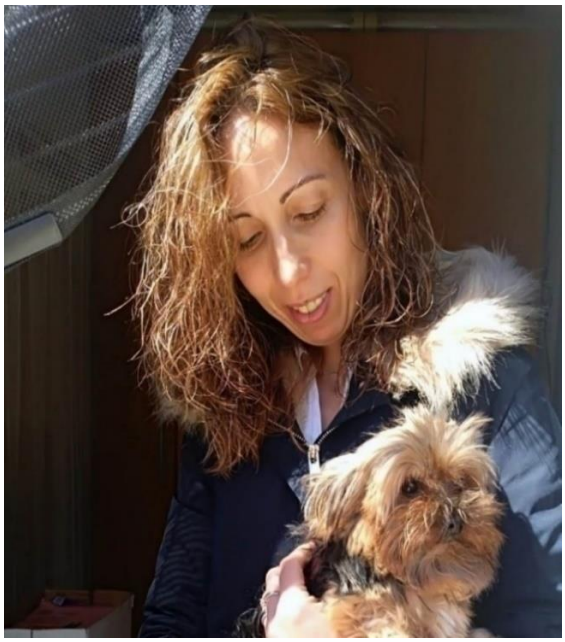
Selin Demircan-Turkey

Quadrilheiras

Apanhadas pela Fé

Fernando e Cláudia

Cláudia



Jessica

Vladimiro e Proff Tina Familia

Filipa e João

Natal a bordo do Funchal

Borrachinacaoeiraamuzenza / Nuno

Neve na Serra da Vila em Torres Vedras

São dois “Gêmeos”

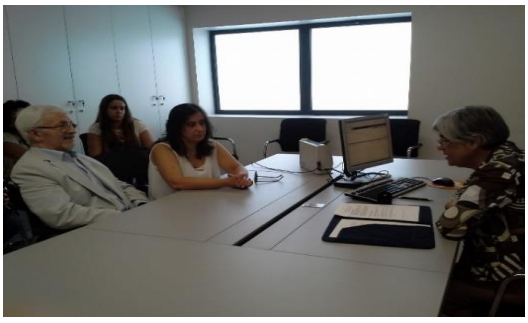
Casórios do Burgo – Nós

Só matrimónios

Adértio Vicente

João Vitor e Catarina

Paulinha e Vitor



Vizinhas lindas

Leve como uma pena de pavão

Número de habitantes aumentou

Cresceram

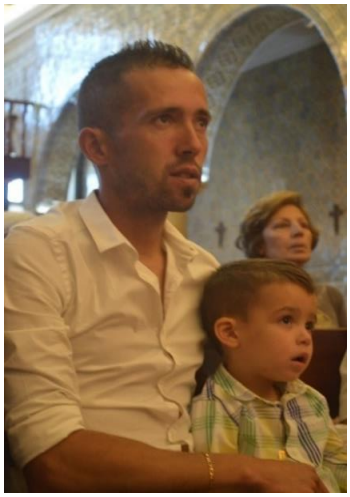
Amanhã continuaremos o trabalho dos nossos pais.

Andreia Filipa

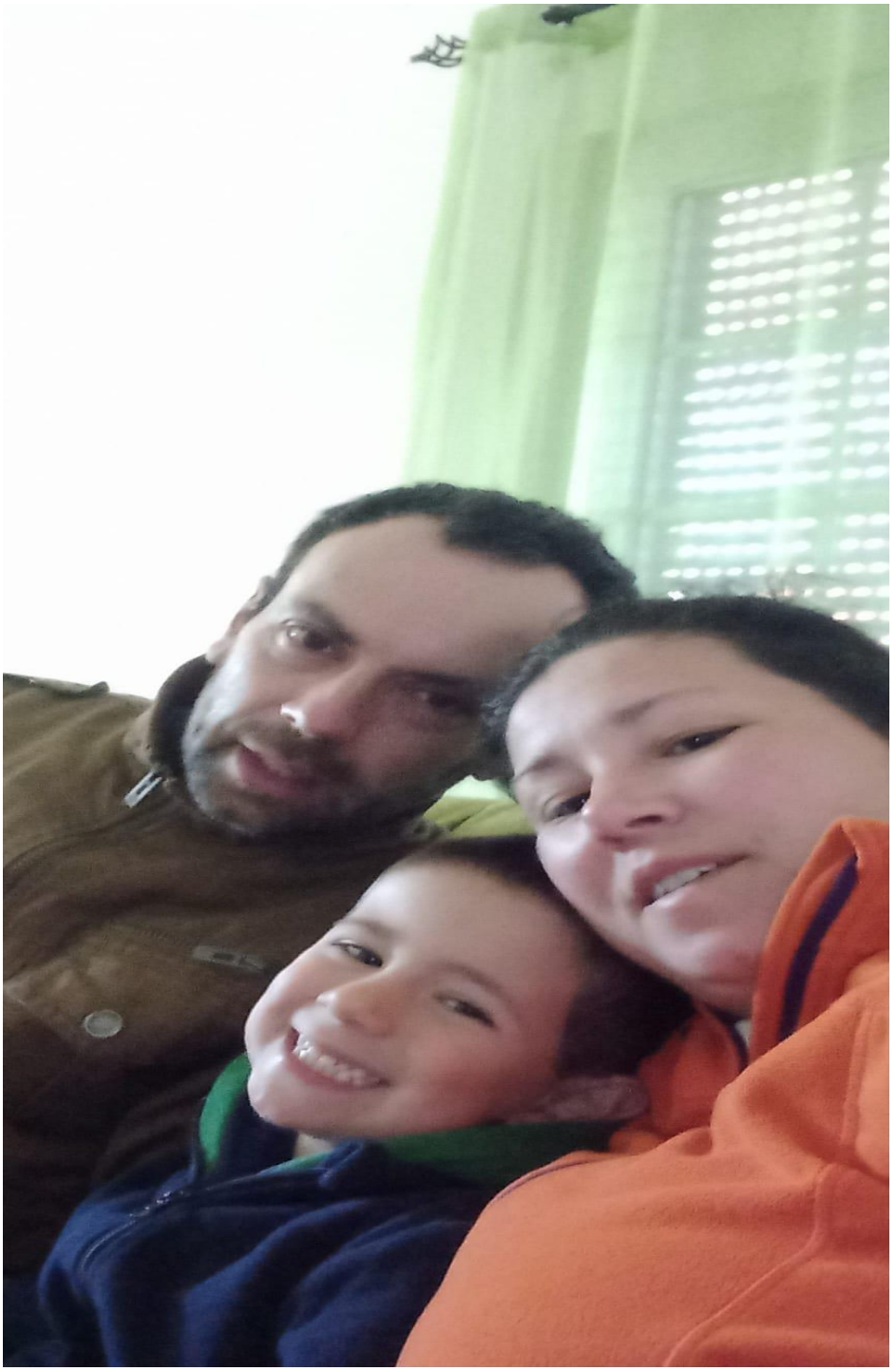
Catarina

Pessoal mais próximo de nós

Momentos de Fé



Silvia Frazão e sua Gente

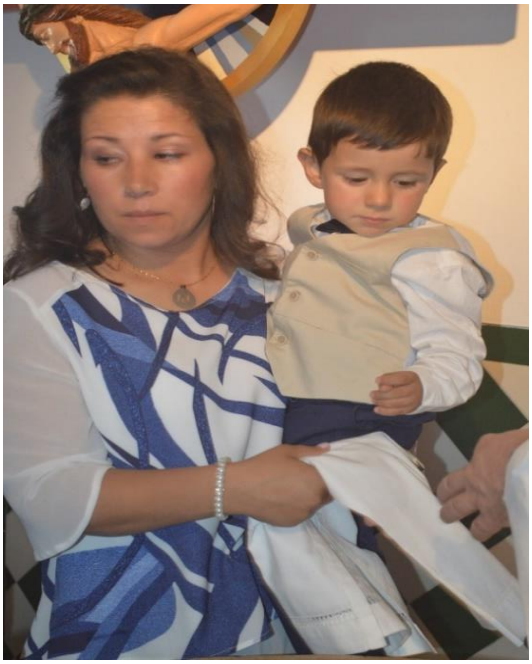


João Vitor e sua Gente

João e Rosário

Silvia Frazão e sua Gente

Silvia e Miguel



VóVó

Clã do Bairro

Laurinha e Filhas

Manuel e Rosa

Machadinos

A Nossa Junta de Freguesia

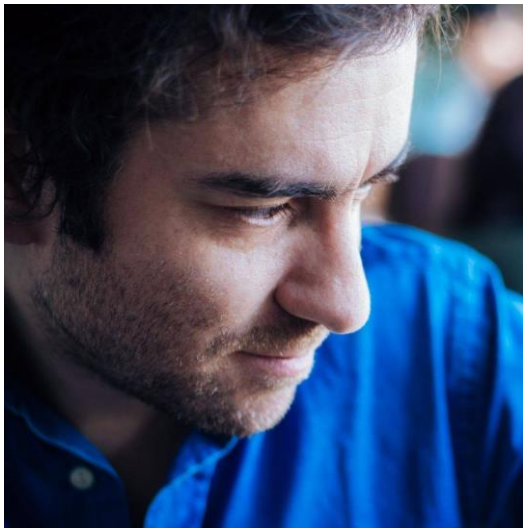
O nosso Presidente da Junta da Freiria e colaboradores

Equipa da Freiria Imparável

Pessoal da nossa Junta a Bombar

Fontenários da Aldeia e Guardiãs Vigilantes de Proteção Civil Local

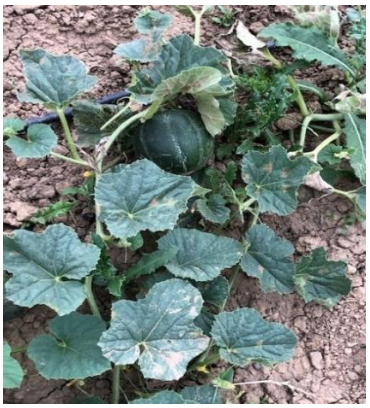
O meu Professor de Informática



Novos amigo que admiramos

Sara e seu Staff masculino

PRIMEIROS “FRUTOS” DO NOSSO PLANTIO



A Nossa fazenda

Vistas da Fazenda

Vistas da Fazenda

TRANCALINE
Marine Engineering &
Consultants

Estarreja

Governar vai ser mais fácil…

A arte da Governação, ao longo dos tempos sempre foi entendida, como sendo um **dom** muito especial; com que seriam dotados alguns poucos portugueses, para tal eleitos.

Há quem apelide de ***vocação*** esta predisposição para exercer o matrimónio da governação; mas também há quem a defina, como sendo um mero acidente de percurso, que se instalou na carreira dos políticos.

Governa quem tem de governar; obedece, quem não sabe fazer mais do que propriamente obedecer.

Pela governação se toma o poder; pela governação se perde, e este acaba simplesmente com uma derrota…

Assim, o poder nunca desce; será sempre poder por poder, o mesmo será dizer que este nunca cairá na rua…

O caminho para alcançar a governação é árduo.

Tudo começa por transportar os cartazes e o caldeiro da cola numa primeira fase.

As fases seguintes, o exercício sistemático de trabalhos menores e repetitivos na sede do partido.

Segue-se depois a indigitação, tendo em conta o seu desempenho e dedicação ao longo de várias legislaturas; ou quando tarda acontecer, quando conseguir elevara sua voz num congresso, ao dizer que está farto de transportar a lata da cola…

Perante o espectro de este vir a colocar a boca no trombone, e lá se terá de encaixar a peça…

Assim foi no passado ancestral; assim foi num passado recente, ao longo dos reinados dos Filipes de Espanha, ao relembrarmos a Guerra da Restauração, e os maus bocados que Duquesa de Mântua então passou à data da sua governação.

Por outras palavras, lá virá o tempo em que teremos de **aplicar modelos matemáticos** para selecionar – o político ideal – como se tratasse de uma fornada de recém-licenciados por Faculdade Portuguesa, para serem diretamente colocados na arte da Governação.

O modelo eleitoral, até poderia ser rigorosamente o mesmo, ao que temos vindo a testar ao longo destas três décadas; preenchendo os lugares da Assembleia, pelo mesmo princípio de representatividade.

Dirão que estou a sonhar; mas o modelo matemático de que vos estou a falar pode muito bem, vir a servir no futuro.

Assim uma ***Universidade de Ciências Políticas*** criaria várias Faculdades com vista à "**produção destes seres**", por áreas que servissem a implementação da democracia; quer dentro, quer fora de portas do país que habitamos, criando assim uma bolsa de valores de políticos bastante mais alargada.

Deste modo a Faculdade, seria de facto muito mais abrangente formando políticos á esquerda e à direita; passando pelo centro, e já agora criando posteriormente pós-graduações específicas, de modo a poder servir, tendências periféricas extremistas, em regime polivalente.

Numa análise meramente sistémica, a Universidade face às necessidades, tendo em conta as essas solicitações reais determinadas pelos Inputs / Ouputs; cederia às forças políticas com assento na Assembleia da República, licenciados nas várias áreas chave da governação – ***os seus melhores delfins*** – para que estes ocupassem as mais variadas pastas dos diversos os Ministérios e Secretarias de Estado.

O Doutoramento viria mais tarde, e só após os novos deputados terem de conseguir resistir a dois mandatos consecutivos.

Portanto, as forças políticas deixavam de intervir diretamente na arte da governação; e, esta passaria a ser exercida por profissionais superiormente diplomados, e remunerados e para tal por si contratados.

Com o aparecimento de uma **Nova Europa** - **(PIG'S)** que se distinguiria da Velha Europa; tendo apenas em conta, a sua riqueza, iriamos no caminho certo.

PIG'S – (Portugal; Italy; Grece e Spain) – porque ninguém fala na pobre Bélgica – cujo défice ultrapassa tudo e todos; mas, que é uma realidade, que ninguém fala dela nem nenhuma referência ao fazemos ao Japão e aos E.U.

É assim que paulatinamente a caríssima Chanceler ***Angel Merkel***, seguidora de ***Adolf Hitler***; cujas rédeas de égua parece não largar, procura uma abertura para fazer a Europa Nova, e fazer pagar bem caro as dívidas de guerra que lhes foram impostas pelos Aliados.

A senhora **Merkel** fará amargurar todos residentes ostracizados na **Europa PIG'S**, num futuro bem próximo, como se de uma vingança se tratasse, por toda a miséria e dificuldades por passou o povo alemão durante e no pós-guerra.

Basta fazermos alguma reflexão sobre o que vimos no pós-guerra, quando percorremos o Norte de Europa, e o que vemos com a queda do muro de Berlim até aos dias de hoje. A fatura da Alemanha começou agora a ser emitida, e os reflexos dessa faturação estão a caminho.

Esta é a minha visão dos dias que correm.

Voltando as nossas *vocações políticas* geradas pelas **Faculdades** da nossa **Universidade de Ciências Políticas**, de onde sairiam os nossos futuros **Ministros e Gestores Públicos**, imaginemos qual seria o atual quadro político com assento na AR.

Poderíamos ter de fazer deslocar o gestor *Mexia***, da empresa onde está, para a Groundforce ou Maconde; e pedir-lhe que n**um ano, colocasse aquelas empresas no "ranking" das cinco melhores empresas nacionais.

Já agora manter-lhe-íamos o vencimento que atualmente aufere, durante o primeiro ano; e, até à apresentação oficial dos resultados de gestão, claro devidamente auditados por um diplomado **(MBOAn).**

E é assim, que temos de encarar o futuro com otimismo.
Quem tem dois carros vai passar a ter só um; quem tem duas casas vai ter de dar uma, o problema da poluição ambiental deixará de o ser e fica o problema da habitação resolvida.

Será fácil pois ao *Senhor Doutor Mexia* atingir os seus objetivos gestionários, porque quando governou, tanto ele como os outros que por lá passaram, esqueceram-se de gradualmente implementar medidas populares, com vista ao relançamento da economia portuguesa.

Mas o Caro ultimamente anda com visões; bota muito a palavra, mas o preço do petróleo vai atraiçoá-lo… e fala assim, porque tem passado sucessivamente por empresas, em que o dinheiro é à pazada…

Os **"Tugas"** vão ter que ir á apanha do papel, para o vender à "**farrapeira**"; isto é, quando o valor do barril do Petróleo voltar aos 175usd, ou modelar as suas próprias bolas de pasta do papel, para o aquecimento doméstico da sua casa.

Daí, a necessidade da criação de **uma nova era de políticos, vanguardistas**, que não se deixem tentar pelo poder da governação e pelos prazeres da mesma; porque o sistema **(MBOAn)** não o permitirá.

Avizinham-se tempos difíceis para os Tugas; mas também muito mau tempo, para os políticos não detentores de **(MBOAn).**

Preparem o futuro. Oiçam o que vos digo…

Os partidos vencedores, tendo em conta o seu contrato-programa com que se apresentaram ao eleitorado; teriam de defender esses mesmos contratos, com base no leque de deputados especialistas com **(MBOAn)** contratados a terem assento no hemiciclo.

O Regimento da Assembleia até poderia ser o modelo atual com alguns ajustamentos, os ordenados melhorados – até porque os deputados teriam de marcar ponto - trabalhariam 40 horas semanais e só seriam aposentados quando todos os outros portugueses o fossem.

Seriam despedidos por absentismo real e de imediato inibidos de exercer qualquer cargo público no futuro.

Já agora aproveitaremos e iluminante dica de (PPC); e há que punir política e criminalmente.

Não tínhamos nenhum remorso em tornar (***PPC***) - ***Pedro Passos Coelho*** no primeiro **Doutor Honoris Causa**, da **Universidade de Ciências Políticas** e conceder-lhe já agora também um **(MBOAn);** porque medidas como esta permitiria manter o país sem desemprego.

Num reflexo visionário, vamos eliminar o desemprego; partindo do princípio de que em cada matrimónio - **exceção para os descendentes que seguiriam o contingente geral** - só o cabeça de casal trabalhará; e, que os postos de trabalho excedentes, se destinarão a futuros trabalhadores, em idade de empregabilidade.

Também teríamos que tomar medidas gestionárias de grande profundidade, que poderiam ser chocantes à primeira vista; mas, elas seriam de fato “a prova provada”; que não há milagres ocultos com os políticos.

A senhora de Fátima deixou de fazer milagres; e os políticos ainda não têm essa faculdade.

Poupem os vossos fatos domingueiros; pois vão ter de os virar, quando estiverem coçados…

Os alfaiates reaparecerão; assim como as carvoarias e os sapateiros de vão de escada.

O uso da bicicleta será reimplantado, como meio de deslocação por primazia… em vez de uma ação de lazer.

Não serão precisos ginásios para perder peso, porque não há lugar à gordura excedentária.

As fichas de racionamento alimentar, essas espreitam… estamos em ***14.11.10***
(*) **– Management by Objectives - (Albano Nunes)**

Deixei esta data, de propósito para que todos vejam que este episódio da Governação da maioria que nos está a governar, com ou sem regulamentos previamente fiscalizadores das aptidões que os candidatos a governador – Tribunos- devem possuir para nos governar.

Recordo-me que desde muito pequeno, fomos ensinados a enganar o ESTADO, em tudo quanto fosse possível; e só temíamos a PIDE; e a GNR quando a cavalo investiam e colocavam a rapaziada a morder o pó.

Os tempos modernizaram-se, a GNR só sai se tiver carro; maior das vezes avariados, e se tiverem de sair, só fica o plantão no posto que não pode sair e não vai socorrer ninguém. Se for um homicídio, isso sim vêm logo.

50 anos de liberdade, PS +PSD, a que o masoquismo dos Portugueses se habituou, e se aprecem partidos com outros ideais – não testados; fogo à peça e queimar essa "gajada". Nunca pensei chegarmos tão baixo.

Baixar o ódio da dicção se não deixou chegar *Francisco Louçã* mais longe – mamar doce – **que só a Mariana Mortágua poderá inverter, se a 3ª posição esperar por ela. Claro que novos partidos se revelaram com potencial periférico à democracia; partido Liberal trucidado pelo "acagaçado PS e PSD, que navegando na esteira do mute" PCP, deixa a lenha para partir pelo Chega com o "Maestro" Senhor Dr. André Ventura**.

Este tribuno que o avisei do "**azar da dição**" na Assembleia; que hoje na sua hoje na sua intervenção na CNN, fiquei encantado pela suavidade das suas palavras. Terá lido a minha mensagem?

Sua Excelência o Senhor Presidente da República deve estar pelos cabelos, com todos estes folhetins, ainda demite o governo e forma um governo de Salvação Nacional ou de iniciativa presencial.

O Tribuno António Costa, **vai integrar a *minha* Universidade que sugiro ser criada para formar os políticos**, **convidá-lo-ei como Presidente do Concelho de Administração**; ***vai ter tempo para ponderar na "filha da putice" que fizeram ao Dr.***

José Seguro – depois de este ter dado mostras de maturidade política e de visualizar o alcance da mesma.

Isto também se aplica à estrutura antagonista do PS, se encarregou de rejeitar os não alinhados ao clã Socialista, e o resultado está à vista.

Já colei muitos cartazes, já transportei a lata da escola e o escadote, chegou a altura da minha vez de ter um lugar na estrutura política.

Um dia explicarão a quantos clientes venderam a TAP ao mesmo tempo – que deu estrilho – e que para safar sua Ex.mo o PM, o Ex.mo Senhor Ministro das Infraestruturas, Pedro Nuno dos Santos, deu ***o dito por não dito***, diz que foi uma rasteira para safar o cabedal ao Ex.mo Senhor PM.

Muito nobre posição reconhecer os erros; mas encenar uma desculpa tão mal encenada, sua Ex.ma Senhor Ministro Pedro Nuno dos Santos deitou tudo a perder.

Acabou-se o Delfim; entra dando lugar aos tubarões, entra Galamba; que devia ter entrado muito antes em vez de Pedro Nuno dos Santos…

Este cenário triste vai ter um condigno tratamento no futuro por parte do ***povo*** do PS. Em mim também. Todos têm o direito à aleitação.

Caríssimo Senhor, primeiro-ministro, estamos em **21-01-2023** prepare-se; para o que aí vem porque a mama, acaba com sempre com uma derrota.

Se Avô Albano vos pudesse ver.

Nini em competição

Nino e Gongas

Avô lembra-te de mim, do Nino, do Sebastião e do Beny

Para encerrar esta fase…

O Trancaline I relata de modo muito “suave” o episódio da minha vida atribulada em Angola; para além das muitas amizades que lá deixei.

Também havido dito que nunca mais lá colocaria os pés; mas menti porque acabaria por ir lá passar uns meses, a ajudar a implementar o sistema ISM numa empresa do setor.

Lancei anzóis em Porto Amboim, onde se passaram alguns episódios na minha vida, que não cabem na cabeça de ninguém; pelo que é melhor não falar deles e muito pouco os transcrever.

Posso vos garantir que de uma prisão onde eram cerca de 1.000 residentes, caso não pudesse enviar produtos do Mar, por dia morriam â fome mais de 10 presos.

Antes de passar pelas “trevas” tive oportunidade de andar de helicóptero, em bimotor – registado como padre Albano – e receber visitas importantes quer do Regime quer da ONU.

Tenho grandes recordações de Angola passadas com o Senhor Governador Ramos da Cruz; do senhor Comandante Vaz, Comandante Torcato, Senhor Bispo do Sumbe D. Zacarias Kamwenho, Senhor Kidima, do Julião e do Senhores Serafim, Coronel Arade da Unavem.

Aos domingos – nos intervalos da guerra – e dia de descanso dos pescadores, juntávamos o Pessoal da Unavem, alguns civis e eclesiásticos, fazíamo-nos ao Mar para efetuar uma pescaria junto à costa; que normalmente, acabava sempre por comermos a sardinhas destinadas ao isco.

Depois vieram a as trevas…

Tinha compromissos para com a vida, pelo que tive de reaparecer para acabar de ajudar a criar filhos, ***vê-los aos soluços***, trabalhar com afinco e gosto, dando continuidade à vida.

Uma vida celibatária – dada a situação gerada pela guerra – procurar desenvolver um projeto condenado desde a primeira hora face à dificuldade de circularmos de Porto Amboim para Luanda.

Senti-me “grande” pois embora com os pequenos recursos no acesso aos materiais, pude face às necessidades concretizar projetos de vida profissional; que se calhar noutra parte qualquer do mundo não o fazia.

Se me perguntarem se queria para os meus descendentes, uma vida episódica como a minha, e tivesse a oportunidade de dizer não… não hesitaria em lhes dizer para irem à procura de petróleo.

Porque a amizade é um estágio carregado de sentimento ele vai para as Lebrezinhas de Fermelã.

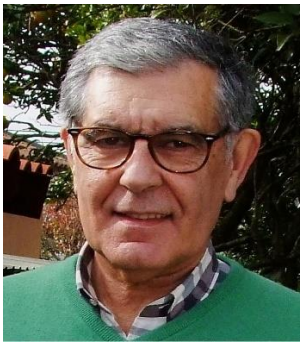
Banqueira do Oeste **Hugo Abreu** **Visconde de Angeja**

Olá, pessoal de arrincada…

Cristiana

Artur Tavares

Mica Serra



Mário Rui

Carlos Kareka e Esposa

Ricardo

Vitor Bastos e Celeste

Ana

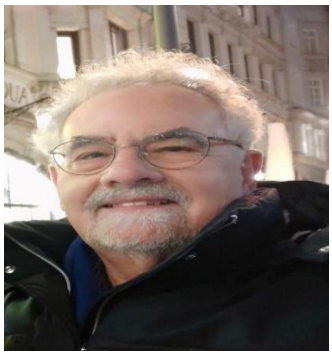
Nuno e Senhora

Dr. Abílio Silveira

Ricardo

Roxinha

António Augusto


Coutinho

São Marcos

Vitor Costa

MBerto

Visconde Da Pedra

Capitão Zé

Armando

Mário Manso

Cte Simas

Salgueiro Cudel

Carlos Alberto

Cte Lau

Zé Alberto

Altino Silva

Leninha

Alice

Maria Luisa

Rui Francisco

Jessica

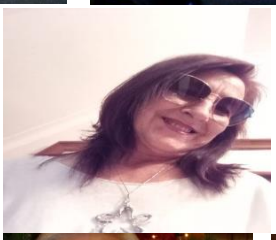
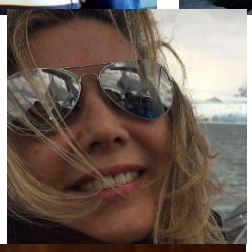
Maria Antónia

Valdemar

Sandra

Nini

Pedro

Dados Pessoais

Natural Beduído - Concelho de Estarreja, nasceu em Estarreja a 20.02.48, localidade onde fez a instrução primária e frequentou o ensino secundário, no Externato D. Egas Moniz também em Estarreja.

Percurso Académico:

Em 1960, frequentou a EICA, até ao 5º ano, pelo que ingressou na Escola Infante D. Henrique no Porto, para frequentar e concluir o Curso de Especialização de Desenhador Industrial; nas áreas, do Desenho de Máquinas, Eletrotecnia, Eletrónica e Construção Civil.

Cumpre Serviço Militar na Armada, no curso Oficiais da Reserva Marítima; Base Naval e Escola de Fuzileiros Especiais de Vale do Zebro.

Em 1969, concluiu o Curso Superior de Engenharia de Máquinas Marítimas, na Escola Superior Náutica Infante D. Henrique, embarcando na Marinha Mercante Nacional e Estrangeira, como Oficial e Engenheiro de Máquinas. Estando a concluir na faculdade ISEC – Curso de Engenharia de Proteção Civil ***- 2018***

Caracterização Profissional:

Em 1978, em acumulação, leciona na Escola Náutica Superior Infante D. Henrique, a disciplina Extracurricular de Desenho Esquemático e Automação Eletromagnética e por Ar Comprimido, ao 3º ano do Curso de Engenharia de Máquinas Marítimas e Curso Complementar de Engenharia de Máquinas Marítimas.

Em 1981 integra como Superintendente Técnico, a Companhia de Navegação SG/CNN nos domínios, da Gestão da Frota, Reparação e Construção Naval; e em 1985, é selecionado para fundar e implementar a empresa de navegação PORTLINE, a que se seguiu a primeira Empresa Portuguesa de Gestão de Navios, STEER.

Em 1987, emigra para o Canadá, ingressando na GENERAL MOTORS, na área da Indústria Automóvel, sendo depois convidado a integrar os quadros da TORONTO FASTNERS CANADÁ, do Grupo Americano da DAVETC, como responsável pelo Departamento de TRIMMING MACHINERY, no processo de Manufatura de Componentes de Alta Precisão para a Aviação.

De 1993 a 1999 é convidado a integrar os Quadros do Grupo de Empresas de Salvador Caetano, como Diretor Geral, na área das Pescas; Atlântica - Companhia Portuguesa de Pesca; Crustacil; Sodisfrio e Amboím Pesca, Lda, e a Direção da Delegação Sul da Cociga, SA; empresa da área da Construção Civil.

Ao serviço de SCMA, acompanha e dirige a fiscalização de construção de Navios, nos Estaleiros IZAR em Espanha; Navalria em Aveiro e Estaleiros Navais de Peniche; e Zaliv na Ucrânia, atividade que ainda exerce como profissional de Engenharia Independente.

Termina em junho de 2021 a sua carreira como Oficial da Marinha Mercante, como Engenheiro Chefe a bordo do navio FUNCHAL.

Realizações Profissionais

• Criação e desenvolvimento de Protótipos de Uso e Aplicações Militares.

• Criação do Alternador Protótipo de AC 10 VKA – Frapil. (1º Alternador Fabricado com Tecnologia Portuguesa),
• Carregador de Baterias - CB-20A - Frapil. Para fins militares.
• Máquina de Soldar Tipo Inverter – Portátil - Frapil .

- Sistema de Deteção, Incêndios, Alagamento e Intrusão de Navios via SMS.
- Sistema de Deteção, Medição e Alarme de Deformações no Casco de Navios.
- Sistema de Desalinhamento de Caixa Redutora, Linha de Veios e Propulsor de Navios.
- Sistema de Deteção de Fugas Acidentais em Paramentos de Barragens.
- Sistema de Medição de Caudais Remanescentes de Condensação em Paramentos de Barragens.
- Piloto Automático Portátil para Embarcações.
- Estudo e Desenvolvimento de Células de Produção de Hidrogénio.
- Como Oficial da Marinha Mercante, assume a Chefia Como Engenheiro Chefe dos Navios de Passageiros Lisboa e Funchal, tendo terminado a sua carreira profissional em maio de 2022.

Depois da largada, segue o momento da partida

Olho para trás e sou obrigado a reconhecer que tenho que agradecer aos meus Pais e ao Criador o fato de ter nascido – felizmente são e sem nenhuma enfermidade ou defeito físico

Na verdade, uma infância cheia de problemas de - saúde tratáveis – que Deus me perdoe, fui sempre "enfezado" adoentado; tal qual uma flor de estufa, com a ajuda sempre atenta da minha Mãe fomos ultrapassando os maus momentos.

Mas com mais injeção, menos injeção, lá consegui ir sobrevivendo; até chegar aos dias de hoje.

Também na verdade se diga, que nunca tive o a preocupação de cuidar a muito da minha saúde, em especial no tempo que andei no mar.

Estudei mal o inglês, o que foi uma autêntica "***Burrice***"; e à qual mantive sempre determinada aversão, que a não existir me teria facilitado, a minha progressão da minha vida profissional, quem sabe, levar-me a "enricar".

Talvez tenha sido melhor, seguido o trajeto que me foi destinado, porque se ele tivesse sido "***lauto e fasto***", possivelmente já teria partido com o Colesterol a 90.

Mas olho para trás e admito que poderia ter sido mais algo relevante para a o engrandecimento pessoal na comunicação e de utilidade para a humanidade.

As carreiras académicas, tiveram o condão de serem mais fáceis, com a assunção das responsabilidades, à medida em que elas iam aparecendo, eram enfrentadas, mas podia ter ido mais além.

A Escola Primária de má memória – mas de grande benefício – Professores Vieira, Felisberta e Simões – se encarregariam de me transmitir conhecimentos muito utilizados pela vida fora até aos dias de hoje.

Manuel Marques Damas, na Escola Industrial de Aveiro EICA, se encarregaria de tratar as minhas orelhas em maré de inverno e algumas com frieiras, para finalizarmos o 5º ano.

Vou de rota batida para o Infante D. Henrique no Porto **dar continuidade aos estudos**, seguida de um estágio de um ano mais tarde, a que se segue a Escola Superior Náutica Infante D. Henrique em Lisboa e mais tarde o ISEC; com intervalos de 5 em 5 anos na escola Náutica.

Mar, Mar e Mar, 25 de Abril, passagem à vida terra, navios, empresas, "fugida" para o Canadá; regresso passado algum tempo, Angola…

A Senhora de Fátima viaja comigo num dos bolsos dos meus calções, estive do lado de lá, mas regressei.

Estes textos acabam por ser uma choraminguice, mas isso é para ficar por cá.

Gracinha, Amiga Linda, que doentinha leu, leu, leu e releu este livro

Nini a preparar o almoço para o Gongas

Ele bem queria puxar a alavanca

Avô Batatas Fritas Gordas

Avô quando vamos sair daqui?

Quartel Velho…Quartel Novo… Novo Quartel…

Era noite fria e escura. Estávamos em dezembro.

O Natal aproximava-se. O cheiro da lenha de azinho a queimar nas lareiras dos lavradores, penetrava pelas minhas narinas, enquanto caminhava debaixo do sobretudo do meu Pai.

Ver não via nada. Apenas os paralelos da estrada reluziam à fraca luz da via pública.

Era tarde. Mais de meia-noite.

Tinha sono, mas caminhava mecanicamente, acertando os meus passos, pelos cadenciados passos dos meus pais. Sentia-me aconchegado pelo calor da ilharga do meu Pai.

Caminhar encostado a ele, fazia-me sentir seguro. A sua mão, por dentro do bolso do sobretudo, amparava a minha cabeça desarticulada pelo sono.

Tínhamos ido visitar uma amiga da minha mãe. A senhora Dª Elvira Teixeira. A visita demorara muito.

O caminho era longo para as minhas pequenitas pernas e a cada passo, mais o sono me consumia.

Espreitei por entre os dois botões do sobretudo.

Estávamos a passar em frente do Quartel dos Bombeiros. Lá dentro grande azáfama. Fazia frio meu Deus.

Os Bombeiros chegavam de um incêndio, lá para os lados da Torreira. Homens meio vestidos, meios nus.

Ensopados até à espinha, pela água projetada pelas agulhetas. O senhor Alberto Vidal tinha conduzido o Frago, de 3 bancos e 11 lugares, quando não levava mais.

A sua figura esguia, quase toda absorvida pelo casaco de cabedal preto que vestia, deixava transparecer todo o cansaço daquele homem.

Reconheceu-nos e saudou-nos. Alberto Vidal, além de vizinho, era amigo de infância dos meus Pais, e morava de frente ao Quartel dos Bombeiros.

O meu Pai falou-lhe. Lembro-me que o senhor Vidal lhe havia dito que o incêndio tinha destruído várias barracas dos já pobres pescadores da praia da Torreira.

Uma grande desgraça. Pois tinham perdido todos os seus haveres.

Finalmente chegámos a casa.

A merecida cama esperava por mim.

Também a botija com água quente, que antes de sairmos a minha mãe a tinha lá colocado, e por mim aguardava.

Os anos passaram-se rapidamente.

É sábado.

A crónica de futebol de Joaquim Lança Moreira faz-se ouvir na rádio.

Meu Pai atentamente ouve o que eles dizem. Eu ouvia também, mas gostava mais de ouvir o Artur Baeta.

Mas nem por isso, em miúdo, gostava de futebol.

A minha Mãe fazia serão. Malha atrás de malha, a obra ia aparecendo. Quantas e quantas noites de serão não foram passadas assim.

Terminou a análise desportiva. Com ela iniciou-se o serão do meu Pai, escrita e mais escrita para durar.

Está na hora. Começo a preparar o ambiente para dar uma fugida até ao Quartel dos Bombeiros.

Sim, porque achado e perdido era ali que me encontrava sempre.

Tinha medo da ambulância grande, a “Studbeaker”.

Receava também, quando passava junto aos estrados, onde os caixões com os mortos eram colocados em cima das viaturas durante os funerais.

Tinha profundo respeito e medo, por todos aqueles objetos relacionados com a morte.

Mas o Quartel, os Bombeiros e os seus materiais faziam parte de mim próprio.

Tudo. Mas aquele carro, o "FARGO" de 1939, era a minha paixão.

Sentar-me naquele enorme banco, carregar na embraiagem e rodar o volante, era uma tentação de todos os dias.

Tinha de me sentar lá, nem que fosse um só bocadinho.

Um dia, tinha de guiar aquele carro.

Mas guiar a sério.

Andar mesmo na rua com ele. Mais tarde, a pensar nisso, tiraria a carta de pesados, só para o poder conduzir.

Mas esse dia finalmente chegou; mas foi preciso, esperar até 2005. O FARGO ainda lá está e anda. E lindo.

Inevitavelmente cresci como todas as outras crianças.

Também o património dos Bombeiros cresceu, com a ajuda duns quantos Benfeitores Anónimos e de um punhado de voluntários homens de boa vontade e grande generosidade, sempre prontos a dar o seu melhor, igualmente, fizeram crescer esse património.

O FARGO

O Novo e atual Quartel seria uma realidade.

De peditório em peditório, de ***"massacre" em "massacre",*** o ***Corpo Auxiliar Masculino e Feminino, acompanhado dos nossos Bombeiros*** e graças ao ***Bom Povo dos Concelhos de Estarreja e Murtosa***, que nunca disseram não, quando mais um sacrifício lhes era pedido às já suas magras algibeiras***, pedra sobre pedra***, a obra começara, e que hoje é grande, mas simultaneamente pequeno...

São duas da madrugada.

A sirene, encastrada entre a casa do meu avô Albano e do Manuel Torreão, toca e não há maneira de parar.

O meu querido e saudoso avô Albano Nunes, disse-me: - rapaz mete a cabeça debaixo dos cobertores, porque o estuque do teto vai cair em cima de nós.

E caiu. A minha reação não se fez esperar.

Afastei os cobertores e todo o estuque, e vai daí, dei uma espreitadela à janela, ali mesmo ao lado da sirene.

O FARGO faz-se ouvir. O ***Zé Tarrinca*** vinha "*à roda*", em camisa interior e cuecas, de capacete enterrado até às orelhas, que nem deu pelo frio.

O cheiro a queimado da correia da ventoinha do FARGO exalava por debaixo do painel dos instrumentos da viatura, pois o saudoso Zé Nordeste não deixou de apertar a "***manette***" de fricção, que da correia da ventoinha tirava movimento, para fazer rodar a sirene.

O Horácio "***Aza***r" praguejou durante todo o caminho. Estava descalço; alguém tinha ido ao seu cacifo e lhe havia ***"fanado"*** as botas.

Cá para mim foi o *Zé Colão*, diziam alguns da malta.

Entretanto, no local do quadro da sirene, colocada na fachada da casa do meu avô, chegavam também dois soldados da ***GNR***, o ***senhor António Valente***, a ***senhora Dª Adelaide***, alguns curiosos e dois ***"ilustres desconhecidos",*** que por sinal haviam tocado a sirene só para ver como era.

Enquanto se indagava onde era o sinistro, o chefe "***Mica***", que se apercebera logo que o toque da sirene tinha sido ***"manobra"*** dos ilustres desconhecidos, que viviam na nossa vila, encontrando-se a estagiar no Amoníaco Português, foi dizendo aos guardas

Monteiro e Teixeira, que estava tudo bem, e que os rapazes, coitados só tinham ligado a sirene que era para ver como era.

E com isto os soldados da *GNR* lá se foram.

Filipe Nordeste, entretanto, aproximara-se de um dos ilustres tocadores de sirenes, e sem querer pisou – lhe o pé.

O homem gritou. Coitado.

Afinal quem tinha tirado as botas ao "***Azar***", tinha sido o Filipe Nordeste e não o ***Zé Colão***. Outros sem querer, também pisaram os rapazes.

Desculpa ***Zé Colão***, onde quer que estejas. Possivelmente, ***"lá em cima", tu o Chefe Mica***, o ***Zé Nordeste***, o ***Irmão*** e o ***Tios Manel e Zé Tarrinca***, e outros que nessa noite chuvosa de Inverno, iam no FARGO e acorreram ao rebate falso.

Zé Colão, se não te pediram desculpa, hoje, no dia em que reescrevo este texto, eu por eles, o vou fazer.

Alguns dos que estão a ler este pequeno escrito, possivelmente nem se aperceberam quantas noites de insónia e cansaço, e duplo esforço requerido, para além do profissional, que foi pedido aos nossos Voluntários, e ao ***"grupo anónimo de miúdos",*** que com eles se ***"esgatanharam",*** do ***Corpo Auxiliar Feminino e Masculino***, nas festas do ***São Paio da Torreira*** e nas inúmeras operações stop que se realizaram, para angariação de receitas, com vista à construção do Novo Quartel.

Bomba Braçal

Motobomba Norton

Corpo Auxiliar

Ali, como em muitos outros Quartéis por esse país fora, como não há quartéis simultaneamente Grandes e simultaneamente Pequenos, o FARGO era separado da STUDEBAKER por um pneu, para não esmurrar os para-choques.

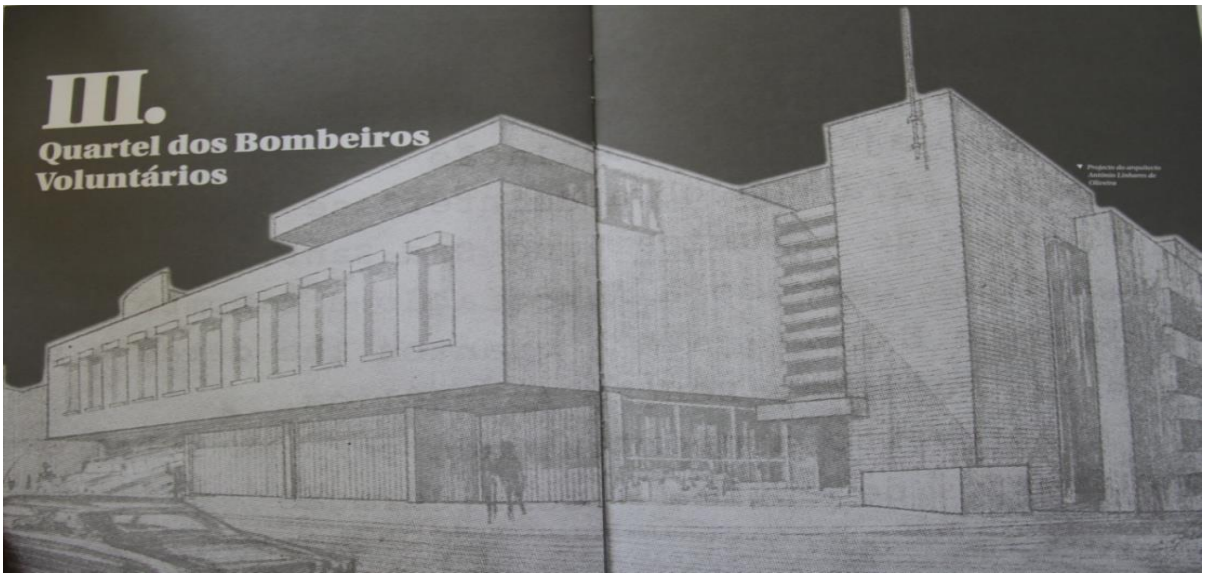
Quantas horas permaneci no "***meu***" Quartel da Rua das Amoreiras, e aí recordar quão pesada era a embraiagem do ***FARGO*** e quão difícil era a gincana que era preciso fazer, para que a água que caía do teto, da sede do Clube Desportivo de Estarreja, não nos molhasse.

A sirene voltaria a tocar sem cessar.

Desta vez calou-se sozinha acabando por se desintegrar e espalhar estilhaços do rotor e da sua caixa, por cima de quase todos os telhados da praça Francisco Barbosa.

Comprou-se outra. Mas ninguém ouvia em suas casas o seu silvo irritante.

Ficámos com duas; mas mesmo assim a rapaziada, não as ouvia. Com os pedaços encontrados da velha sirene, reconstruiu-se outro similar.



Bem-haja Comandante e Direção. A festa foi um sucesso. Mas a festa não termina aqui.

O simulacro de incêndio projetado e concretizado nos Paços do Concelho, perante uma multidão já mais vista na praça Francisco Barbosa, decorreu com uma eficiência, nunca igualada.

Quartel Novo

Foram tecidos comentários muito elogiosos pelas corporações de Bombeiros presentes e convidadas para o evento.

Isto não é um desafio.

É apenas a transmissão de um sentimento.

Ser voluntário é passar por tudo isto. Tudo aqui narrado no passado, são coisas de verdade.

Algumas serão ou não. Lamento se forem ficção.

Esta pequena história, dedicada aos Bombeiros da minha terra, onde perdido e achado foi no seio deles que passei a minha infância...

Aqueles Voluntários e Membros do Corpo Auxiliar Masculino

Memórias de um Bombeiro Voluntário

...não antes em ser cadete, então com 16 anos, era esse o objetivo do Zé Tarrinca. Zé Tarrinca, *como muitos jovens da idade dele, aspiravam um dia a vir a envergar a farda de ganga azul e colocar o capacete de metal reluzente, que tanto os caracterizava****.***

Assim o ***Velho Quartel da Rua das Amoreiras*** seria a sua casa de acolhimento, seguindo de perto as pisadas do seu irmão mais velho ***Manuel***.

A Recruta tem o seu início sob a tutela do ***senhor 1º Comandante Andrade***; a que se seguiu, a sua passagem a ***Bombeiro de 3ª classe***.

O serviço militar obrigatório intromete-se pelo meio, ***na Companhia de Saúde em Coimbra*** a que se lhe ***segue St. ª Margarida***; ***Hospital Militar do Porto***; ***Póvoa do Varzim*** e ***novamente Coimbra, a que se segue a disponibilidade em 1956***
.
O regresso aos BVE dá-se logo de imediato, coincidindo com o afastamento do ***senhor Cte Andrade*** a que se lhe segue o ***senhor Comandante Meneres***.

A ***Corporação vive momentos de grande rigidez disciplinar***, que culmina com o regresso do ***Comandante Andrade à Corporação retomando este o Comando***.

A Direção está para ficar, sob a Presidência do senhor Dr. Eduardo Costa; ***Amílcar Vidal***; ***António Pessoa***; ***Artur Tavares*** e ***Francisco Rico***, continuando a ocupar o exíguo espaço da Rua das Amoreiras.

Mas o Quartel dos Bombeiros tem a sua origem na garagem do ***João Garrido***; mais tarde, taverna do ***senhor Silva "Guarda-Fios***", na qual se encontrava estacionada a Bomba Braçal – hoje peça de museu exposta - no ***Novo Quartel na Teixugueira***.

Aparece então a 1ª viatura de combate a incêndios "***Delage***"; tanto quanto se sabe, oferecida pelo ***senhor Dr. Santos Reis***. Não temos a certeza se de facto foi assim. Foi o que me contaram.

Muda-se então para o Quartel da Rua das Amoreiras, e ***em 1939*** chega o "***Fargo***"; hoje viatura simbólica dos nossos Bombeiros, que se encontra operacional, participando apenas em desfiles e demonstrações, a que se lhe segue a Studbeaker.

É bom visitar o "***Fargo***", e junto dele reviver toda a sua história ao longo dos anos.

A Associação dos B.V.E. conhece por volta dos anos 60, nova Direção, que toma a seu cargo a tarefa da modernização das instalações, e o início da remodelação do parque de viaturas.

O nosso amigo ***Zé Tarrinca*** continua, participa e vive intensamente a atividade dos nossos Bombeiros, passa a ***Bombeiro de 2ª classe***, e como paixão, passa a acumular a condução das viaturas de socorro, em que o "***Fargo***" é o seu carro de eleição.

Durante todo o processo de angariação de fundos para a construção do novo quartel; o parque automóvel, já com a ***Studbeaker***; recebe a ***Peugeot 203***; a ***Mercedes 220*** e o ***Packard*** aí por diante.

O senhor Comandante Andrade passa a Comandante Honorário; seguindo-se o senhor ***Comandante Armando Couto***; ***Carlos Eurico***; ***José Valente*** e finalmente Eng.º ***Castro Valente***.

De todas as viaturas, o ***Packard*** era o mais vistoso; resultou de uma compra simbólica ao Ministério das Finanças por dois contos de reis; o qual após transformação, passou de carro de Ministro a pronto de socorro para combate a incêndios.

O nosso amigo ***Zé Tarrinca*** e o ***Armando Melo*** vão de rota batida a mando do ***senhor Amílcar Vidal*** para Lisboa; cuja missão é, trazer o ***Packard*** do Terreiro do Paço.

Mas nem tudo foram flores, a chapa da matrícula traseira não sai de maneira nenhuma; salva a situação, a ***esposa do senhor Ministro, Sr.ª Dª. Dores***, que instrui o motorista

para se dirigir às ***oficinas da PSP, em St. ª Marta***, onde ali executariam o trabalho de substituição das chapas de matrícula.

E aí vai o "***Packard***", com o ***Zé Tarrinca*** e o ***Armando Melo*** a bordo, ***com uma matrícula à frente diferente da traseira.*** Ninguém deu pelo facto.

Isto foi só um pequeno episódio dos muitos pelo qual o "***Packard***" passou.

Mas este carro de incêndios ainda estava aí para as curvas, passando a abrir, pelas viaturas dos nossos companheiros de ***Albergaria-a-Velha***, num grande incêndio no ***Brejo***, ali para os lados da ***Branca***.

Parecia que levava fogo. Ninguém sabia de onde tinha aparecido aquele carro que ninguém conhecia.

Outro episódio recordava então o Zé Tarrinca, todos eles passados entre os nossos Bombeiros e os Bombeiros da vizinhança.

Em especial os nossos "***rivais***" ***de Ovar***, a avaliar pelo incêndio no café do ***Resende em Avanca***, sinistro em que ficámos mal; pelo facto, das nossas motobombas não terem pegado. Nem a ***DKV***, nem a Norton nem a "***Andorinha***".

Nenhuma pegou. Foi uma tristeza. A rapaziada de Ovar veio, e deu conta do recado.

Mas também fomos a Válega, o velho "***Fargo***" pelo caminho deixou o escape.

Um incêndio dos grandes em medas de palha. Aí, os nossos amigos de Ovar, desta vez calhou-lhes a eles, o infortúnio das motobombas, e a nossa rapaziada brilhou.

Brilhou mesmo, de tal modo que o pessoal de Válega nos pediu que fossemos lá pelo Natal, pois haveria um bom prémio.

Mais tarde, a taverna do ***senhor Silva "Guarda-Fios***", na qual se encontrava estacionada a Bomba Braçal – hoje peça de museu exposta - no ***Novo Quartel na Teixugueira***.

Aparece então a 1ª viatura de combate a incêndios "***Dellage***"; tanto quanto se sabe, oferecida pelo ***senhor Dr. Santos Reis***.

Não temos a certeza se de facto foi assim. Foi o que me contaram.

Muda-se então para o Quartel da Rua das Amoreiras, e ***em 1939*** chega o "***Fargo***"; hoje viatura simbólica dos nossos Bombeiros, que se encontra operacional, participando apenas em desfiles e demonstrações, a que se lhe segue a Studbeaker.

É bom visitar o "***Fargo***", e junto dele reviver toda a sua história ao longo dos anos.

A Associação dos B.V.E. conhece por volta dos anos 60, nova Direção, que toma a seu cargo a tarefa da modernização das instalações, e o início da remodelação do parque de viaturas.

O nosso amigo ***Zé Tarrinca*** continua, participa e vive intensamente a atividade dos nossos Bombeiros, passa a ***Bombeiro de 2ª classe***, e como paixão, passa a acumular a condução das viaturas de socorro, em que o "***Fargo***" é o seu carro de eleição.

Durante todo o processo de angariação de fundos para a construção do novo quartel; o parque automóvel, já com a ***Studbeaker***; recebe a ***Peugeot 203***; a ***Mercedes 220*** e o ***Packard*** aí por diante.

O **senhor Comandante Andrade** passa a Comandante Honorário; seguindo-se o senhor ***Comandante Armando Couto***; ***Carlos Eurico***; ***José Valente*** e finalmente Eng.º ***Castro Valente***.

De todas as viaturas, o ***Packard*** era o mais vistoso; resultou de uma compra simbólica ao Ministério das Finanças por dois contos de reis; o qual após transformação, passou de carro de Ministro a pronto de socorro para combate a incêndios.

O nosso amigo ***Zé Tarrinca*** e o ***Armando Melo*** vão de rota batida a mando do ***senhor Amílcar Vidal*** para Lisboa; cuja missão é, trazer o ***Packard*** do Terreiro do Paço.

Mas nem tudo foram flores, a chapa da matrícula traseira não sai de maneira nenhuma; salva a situação, a ***esposa do senhor Ministro, Sr.ª Dª. Dores***, que instrui o motorista para se dirigir às ***oficinas da PSP, em St. ª Marta***, onde ali executariam o trabalho de substituição das chapas de matrícula.

E aí vai o "***Packard***", com o ***Zé Tarrinca*** e o ***Armando Melo*** a bordo, ***com uma matrícula à frente diferente da traseira.*** Ninguém deu pelo facto.

Isto foi só um pequeno episódio dos muitos pelo qual o "*Packard*" passou.

Mas este carro de incêndios ainda estava aí para as curvas, passando a abrir, pelas viaturas dos nossos companheiros de ***Albergaria-a-Velha***, num grande incêndio no ***Brejo***, ali para os lados da ***Branca***.

Parecia que levava fogo. Ninguém sabia de onde tinha aparecido aquele carro que ninguém conhecia.

Outro episódio recordava então o Zé Tarrinca, todos eles passados entre os nossos Bombeiros e os Bombeiros da vizinhança.

Em especial os nossos "***rivais***" ***de Ovar***, a avaliar pelo incêndio no café do ***Resende em Avanca***, sinistro em que ficámos mal; pelo facto, das nossas motobombas não terem pegado.

Nem a *DKV*, nem a Norton nem a "*Andorinha*".

Nenhuma pegou. Foi uma tristeza.

A rapaziada de Ovar veio, e deu conta do recado.

Mas também fomos a Válega, o velho "***Fargo***" pelo caminho deixou o escape.

Um incêndio dos grandes em medas de palha.

Aí, os nossos amigos de Ovar, desta vez calhou-lhes a eles, o infortúnio das motobombas, e a nossa rapaziada brilhou.

Brilhou mesmo, de tal modo que o pessoal de Válega nos pediu que fossemos lá pelo Natal, pois haveria um bom prémio.

Foto do Packard e Delage

União das Lamas… (União Nacional)

… Atenção caro leitor e amigo.

No texto que se segue, deve ler ***União das Lamas;*** e, não União de Lamas, grupo Desportivo de Lamas da Feira. Obrigado.

União das Lamas, era a designação dada a um grupo de Estarrejense, todos mais ou menos seguidores de Salazar / Caetano; e que, se identificavam como seus representantes lá na Terra, da sinistra União Nacional.

Não se pode dizer que se tratasse da mão Armada da PIDE; mas, constituíam um venerando grupo ao nosso insigne **vizinho de Loureiro Dr. Albino de Reis**, por sinal nosso representante na Assembleia Nacional.

Uns dizem que protegeu os nossos rebeldes políticos distritais, e concelhios anti governo das arremetidas da Pide; outros diziam que o Dr. Albino dos Reis se limitava a requerer a construção duns quantos Fontanários para o Distrito de Aveiro.

Não sei se de facto foi assim, mas era esta a versão que eu ouvia, quando era miúdo, quando se falava de tão ilustre personagem.

Mas, a justiça seja feita, sempre ouvi falar bem do Dr. Albino dos Reis; como, também sempre ouvi falar bem do Ministro das Finanças Pinto Barbosa; do mesmo governo, e ligado a Estarreja pelos laços do matrimónio.

Claro que esta é a minha opinião, com certeza, que outros terão a sua…

Mas o ponto de encontro da União das Lamas era, como não podia deixar de ser, no Café Miranda em Estarreja.

Ali, eram decididos os bons e maus destinos da terra – poderia ser na Câmara Municipal – mas, era ali de facto que traçavam inicialmente os objetivos políticos da Vila, numa primeira instância.

É claro que o Toninho Miranda sabia muito o que por lá se arquitetava, porque não deixava escapar nenhuma conversa ou fofoca, que lhe permitiria depois, gerir a informação, de acordo com a cara de cada um dos seus clientes**.**

Uma coisa era certa, o Toninho Miranda tinha sempre uma palavra a dizer em todas as matérias abordadas; pois, era bem aceite quer pelos Monárquicos, quer pelos Neutros, que pelos Contra e ainda pelos Homens da Situação; os tais, que pertenciam à União de Lamas da nossa terra.

Gerações se passaram, até que o 25 de Abril fez desaparecer as reuniões habituais das noites do café Miranda; sendo estas, substituídas pelas grandes partidas de póquer de dados.

Aí, já o Toninho Miranda, apenas se acercava das mesas da rapaziada; quando, se fazia uma sequência de mão; ou um póquer de ases.

Jogadas mais modestas, passavam ao lado do Toninho Miranda, e nem lhes dava importância alguma.

Com a Revolução de Abril, as pessoas da terra mudaram; assim como, os hábitos do Café Miranda também mudariam.

Durante os períodos quentes que se viveram em Estarreja, eu estava no Mar, por lá a revolução também passou, e embora afastado de Estarreja; o meu pensamento, sempre esteve nas minhas origens.

Há quem advogue, que não sou de cá, mas onde estavam eles, quando eu andava por esses mares fora?

Tudo este blá, blá, para dizer que as gentes da nossa Santa Terra, tanto quanto me lembro, sempre atacaram quem tivesse ideias vanguardistas, e fosse capaz de empreender obra.

Li que o Município ia homenagear, dois ilustres Estarrejenses, no dia 15 de novembro; por serviços nobres prestados a nossa Comunidade ao longo dos anos.

Com um dos homenageados tive o privilégio de trabalhar sob a sua orientação; falo de Alberto Vidal, e sempre pensei, que se tardava avaliar e reconhecer o trabalho desenvolvido por esta personagem em prol da nossa Terra.

Claro, que se o pessoal que outrora integrou a União das Lamas, fosse vivo; se calhar, esta homenagem nunca teria sido anunciada.

Pensei que durante todo este tempo, a seguir à Revolução dos Cravos, durante ela, no durante Breu, Vladimiro e finalmente José de Matos, a sinistra União de Lamas fosse erradicada definitivamente de Estarreja.

Mas não.

E penso que ela está de volta…aí está, está.

Sim porque ontem, estava a ouvir a RVR, a 400 km de distância; quando sou surpreendido pelas declarações do Líder do PSD de Estarreja, e da posição assumida pelo Ex.mo Senhor Presidente da Assembleia Municipal, face às declarações do Dr. Valdemar, de uma possível fissão na coligação que governa o município.

Penso que a ambição, vai fazer com que o PSD dê um tiro no pé… Isto não passa de uma miragem, que vai enganar para além do PSD; também, o CDS-PP.

O senhor Dr. Paulo Portas, que se prepare, porque continua sem juízo e a acreditar em milagres…

Eu estava na cidade da Horta, tomámos café juntos no Peter – em mesas separadas - quando o Sr. Dr. por lá passou, e vi bem na ilusão, em que o senhor se meteu…

Mas não esteja triste, por que também tomei o pequeno-almoço no Hotel, na mesa ao lado da senhora Dr.ª Ferreira Leite, e ela partilha a mesma ilusão que o senhor Doutor…

Lá se vai a tranquilidade, volta a União das Lamas, ao palco da intriga e da desestabilização; e, em minha modesta opinião, a ambição de uns quantos Estarrejenses, vai deitar por terra todo um caminho percorrido.

Rapaziada.

Ponham-se a pau, pois a União das Lamas está de volta.

Depois não digam que não os avisei; e que não sou de Estarreja.

A Passagem do testemunho!...

E martelo passou para as minhas mãos...
Estamos em 2002.

Fui à Lisnave Rocha. O edifício estava de cara lavada e pintado, e o estaleiro de ontem, nada tem a ver com o estaleiro de hoje.

A frieza e a escuridão das suas paredes, a falta do martelar na caldeiraria, ao mórbido e sepulcral silêncio da mecânica, culminando com a ausência das caras conhecidas que davam vida àquele lugar, pairavam no ar, como o abutre...

À espera que a presa poisasse, para acabar com ela.

O calor que alimentava aquele lugar todas as manhãs, quer de inverno, quer de verão, tinha desaparecido.

O Xico Piston, já não faz sentido. A portaria perdeu "***personalidade***".

O Eduardo das Caldeiras, já não se via. O ***senhor Saraiva*** da Eletricidade idem. O ***Jorge*** da Mecânica idem aspas.

Ninguém nosso conhecido, pelo que se sente uma perda de essência, como chegasse à hora do fim.

Mas como a hora do fim não existe, falta sempre um segundo, como quando da aproximação do carrasco... (**Virgílio Ferreira**).

Não há calor dos nossos amigos, ***Guerra da Mata, Banho dos Santos, Lubélio Silva e Alberto Costa que já partiram***, ficando apenas a recordação das suas imagens, que permanecerão indefinidamente agarradas àquelas pedras da doca 1, e de toda a área circundante do Estaleiro da Rocha.

Este é o sentimento que o ***Estaleiro da Rocha*** nos transmite, mas lá fundo acalenta-nos a esperança, de que ele tal como a Fénix, o Estaleiro reapareça das cinzas, e que da génese desse ressurgimento, o calor retorne àquele local, para depois sim, nos prepararmos para a grande viagem, porque os nossos companheiros atrás referidos aguardam-nos...

Então voltaremos todos às reuniões que selaram as nossas amizades, a que juntaremos as almas sensíveis de todos os trabalhadores da Lisnave Rocha, para nunca mais nos separarmos!....

Valerá a pena repeti-lo no além?

O ***Mestre, Porto de Freitas***, diria pão, amor e morte, tentando corrigir ***Virgílio Ferreira*** em "***Aparição***", cujo mistério invisível, na opinião do Mestre, requer mentes filósofas, que não filosofem em função do suor que lhes escorre da epiderme, num dia quente de verão.

E, dito desta maneira, alto e bom som, o mais atrevido mete a viola no saco e vai de dar corda aos sapatos, para outro lado, porque ali, naquele meio, está excluído.

Deste modo com a missão cumprida, pela nossa parte, resta-nos olhar à nossa volta, e com saudade recordar.

Criámos um comportamento; ou seja, cultivámos a fraternidade humana, no nosso círculo de vivência, mas estamos perfeitamente conscientes, que a história não acaba em nós.

O navio entra na Doca, o ***Eng.º Manuel Rodrigues e eu*** esperamos a todo o momento que este se encontre posicionado e devidamente amarrado, para darmos um pulo a bordo.

Não havia navio nenhum, nosso, que entrasse ou saísse da Doca sem a nossa presença.

Fazendo bem as contas, tendo em conta o número de docagens que realizámos em 8 anos consecutivos, foram só 252 docagens numa vida inteira de 1969 a 2015.

Chegámos a Docar 4 navios por mês.

Era uma regra herdada do ***Eng.º João Marmelo e Eng.º Rosa Gomes*** e de outros superintendentes; e tanto ele pela ***CNN***, como o ***Eng.º Dourado*** pelo lado da Lisnave, faziam questão, que os seus "***delfins***", ***eu e o Eng.º Manuel Rodrigues***, estivessem presentes naquelas manobras.

E, aí estávamos nós. E eles lá sabiam porquê...

O Grande dia havia de chegar e eu iria recordar 20 anos depois.

A reunião teve lugar como habitualmente no gabinete dos ***Eng.os Dourado e Manuel Rodrigues***, aliás, local sagrado e sem desprimor para a Empresa, era o "***Consulado dos Clientes Fiéis da Rocha***".

Tanto quanto me apercebi, pairava no ar algo que se relacionava diretamente comigo; tinha um palpite, mas não consegui descortinar.

O navio ***Beira*** estava na Doca nº 1. E ia ser vendido. Eu nem queria acreditar que um navio daqueles seria o primeiro, do início da deserção da nossa frota mercante.

A instalação frigorífica, praticamente nova, dava dó. Só visto.

Efetuámos uma análise aos problemas em conjunto com o ***Eng.º Arnaldo Lopes da Rinave***, nosso grande, grande amigo, e posteriormente, agendamos uns testes a equipamentos, como o ***Eng.º Caetano Dias da Capitania***.

Iniciámos o caminho do ***Gabinete do Manuel Rodrigues***, mas ao nosso encontro vêm o nosso ***amigo Espinha e José Alves***, mais uma vez pegados de razões.

Aproximam-se de nós, falam ao mesmo tempo na primeira pessoa do plural; o ***Zé Alves*** diz que não entram dentro do tanque DF nº2 de BB, porque está completamente sujo.

O ***Espinha*** contrapõe. Diz que o ***Zé Alves*** nem se dignou entrar na porta de visita, que anda de cabra com ele, e que a continuar assim, vai dar baixa e que tudo se lixe.

O ***Zé Alves***, não está com meias medidas. Diz que não entra no tanque, e que espera pela entrada do perito da Rinave.

Se o perito entrar, ele também entra. Caso contrário, o pessoal do ***Espinha*** tem de dar ao canastro e limpar o tanque como deve ser! Ponto final, e não há mais conversa...

Este conflito foi sanado; mas, foi sol de pouca dura, já que à popa o encarregado da caldeiraria, discute com o inspetor de tintas ***Pena Martins***, porque os decapadores do costado, estão a projetar granalha para dentro do paiol da amarração, através da abertura da chapa que estão a substituir nos delgados.

Mais uma recomendação, mais água sobre a discussão.

Há que proteger a zona da decapagem, ou simplesmente parar até a chapa estar soldada.

Azar nosso, o perito olha o corte da chapa, e vê que a mesma está mais curta, dois vãos de baliza, que o recomendado, pelo que vamos de despregar a chapa e levá-la de volta à caldeiraria.

Não havida nada a fazer, o trabalho que estava a ser feito – tinha asneira de "***cabo de esquadra***" – estava à vista de toda a gente.

E porque não tinha sido aquilo que se definira, aquando da inspeção de entrada na doca, ainda mais grave se tornava.

Os acordos de palavra eram inalteráveis. Toca a sereia do Estaleiro.

Os trabalhadores abandonam o navio, rumando ao refeitório.

Passamos junto à mecânica e o ***Jorge e o Eng.º Conde*** esperam-nos e fazem sinal, para irmos ao encontro deles.

Aceleramos o passo, e o Conde diz que temos ***buraco*** com a forra do pau de carga, e o peão que tem de ser substituído.

O ***Eng.º Arnaldo Lopes*** vai ver, e eu acompanho-o. Olhamos as peças desgastadas e o pau dobrado e não há palavras.

O cruzamento dos nossos olhares, triangulando, são mais que consensuais, para que o trabalho extra siga em frente.

O nosso amigo ***Eng.º Manuel Rodrigues*** anota, e prepara-se para me pedir a requisição do trabalho, mal entre no seu gabinete.

Ali perto de nós, a Engenharia reunida, ia traçando o perfil dos "***delfins***", apontando virtudes e defeitos, enquanto o ***Eng.º Clemente Marmelo***, argumentava que, tendo em conta que a reforma se avizinha, que devíamos envelhecer por dentro, tal qual envelhecemos por fora, pois assim, seria muito mais fácil ir para casa ao fim destes anos todos.

Ele tinha razão, embora houvesse vozes discordantes.

Também se falou no ***Eng.º Lubélio Silva ausente***, neste almoço, por impedimentos de ordem profissional na GL.

Gostaríamos que pudesse estar presente, pois não foi possível.

Se a ***João Clemente Marmelo***, devo o que aprendi na intervenção técnica, a ***Lubélio Silva***, devo a bíblia dos seus conhecimentos gestionários e controlo de custos, que no seu último dia de trabalho na Superintendência da CNN, fez questão de me a entregar.

A bíblia está comigo, foi aperfeiçoada ao longo dos anos, foi transformada em folha de cálculo, em programa Dbase 3, Acess e outras linguagens mais avançadas.

Vou legar essa Bíblia ao COMM, para que um dia ela possa ser observada e comparada com o que hoje existe.

Não tive a oportunidade de lhe facultar um destes programas, mas sei que ele foi acompanhando a evolução dos seus legados.

Espero em breve com alguns companheiros mais próximos, no lugar próprio agradecer-lhe, este gesto, tão nobre.

Cumpri com o meu dever de ter passado a Bíblia, a outros companheiros, que trilharam o mesmo caminho que nós, na luta em prol do ***Engenho Marítimo***, começando pela Biblioteca da Escola Náutica.

Reside hoje na NET sob diversas formas; no sítio www.trancaline.com

A Bíblia de Lubélio Silva é um livro permanentemente aberto, sem limite e profundo.

Recordo as suas palavras, quando me dizia "não queiras saber tudo, deixa um espaço para saberes de ti" - Virgílio Ferreira? - Você é um jovem e tem a seu lado um grande Mestre, João Marmelo.

Não o deixe ficar mal.

Olhe que ele está a preparar a sucessão.

Apostámos em si e alguns vão miar. Mas não se preocupe. Gatos que miam há-os por aí ao pontapé e são rafeiros.

Nesta sua revelação, um certo receio de incapacidade, seguido de um tremor me percorreu todo o corpo.

Não seria possível de encontrar melhor forma, de me dizer quanto pequeno era eu, olhando para ele, que tão grande ali fora.

Mas era de facto ali, naquele gabinete do ***Estaleiro da Lisnave Rocha***, no rés-do-chão, junto à via-férrea, que se traçavam rumos, e se tomavam as grandes decisões, sobre grandes intervenções na frota da SG e CNN, para não falar noutras companhias de navegação nacionais e estrangeiras.

Naquele gabinete, se trataram outros assuntos, não menos importantes, fora e dentro de horas, cujas noitadas, jamais desaparecerão das nossas memórias.

Para ali concorriam todos os problemas insolúveis, se requisitavam serviços especializados nunca dantes vistos, se ouviam palestras eruditas, e altamente filosóficas.

Também, "***serviço de multibanco***", aconselhamento matrimonial, centro de saúde e primeiros socorros, confessionário, ***fofoquice e estratégias de engate e malvadez controlada***, e se dizia bem e mal de alguns dos nossos superiores hierárquicos; às vezes de nós próprios.

Aí eram distribuídos os "***sacos***", com o fato de macaco, luvas, botas, as moedas para a máquina do café, se recolhiam os bilhetes para a bola e para as touradas, e ainda onde se entregavam depois de assinados os pedidos de trabalhos.

O Gabinete estava cheio, toda a engenharia mais chegada já se encontrava no Gabinete em referência, e pelo corredor; os ***Eng.ros Dourado, Clemente Marmelo, Manuel Rodrigues, Serôdio, Ferreira Gonçalves, Melo, Arnaldo Lopes*** e alguns curiosos que não alinhariam connosco.

Em excursão, nos dirigimos, para o restaurante "***Bicaense***" na Rua da Bica Duarte Belo, do nosso amigo ***Manuel Ferreira Rodrigues***, que nada tem a ver o nosso ***Eng.º Manuel Ferreira Rodrigues,*** onde ***a Senhora Dª Maria Amélia e sua Mãe*** nos aguardavam, para a celebração de não sei o quê.

O almoço foi servido, nada de especial havia sido requerido ou confecionado. Pratos do dia, com sardinhas à mistura e boa pinga.

Chegou a hora de botar palavra, pelo que o ***Eng.º Manuel Rodrigues***, depois de ter agradecido a presença dos convivas, não sei para quê, pois todos os dias estávamos juntos, deu a palavra ao ***Eng.º Clemente Marmelo***.

Este coloca um embrulho, em cima da mesa, abre-o e exibe-o.

Todas as atenções se concentraram naquele objeto, que não era mais que um martelo, de Superintendente Sénior, torneado em aço especial e com um cabo trabalhado em micarta.

Aquele era o testemunho...

A razão do nosso almoço, naquele local e naquele dia deixava adivinhar, que o ***Eng.º Marmelo*** caminhava para o merecido descanso, de uma vida, plena de alegria e tristezas, mas sobre tudo de muito trabalho e de sacrifícios muitas vezes não compreendidos.

Mas o homem e o técnico, pelas suas palavras simples, e pelo seu modo de atuação sentia-se recompensado.

Somos testemunhas desse facto, pelo balanço positivo de muitas vitórias profissionais, que os seus amigos lhe atribuíam e reconhecem, pelo que, procurou moldar-me à sua maneira.

E o Chefe conseguiu...

O Trancaline, o Oficial, o Engenheiro e Superintendente da Marinha Mercante, jamais esquecerá os seus ensinamentos.

O martelo está fielmente guardado, aguardando o regresso...

O torno mecânico funciona bem, algo que temos em comum, para além do nosso dia de aniversário.

Depois da partida...quando tivermos forças e todo o tempo do mundo, haveremos de construir de raiz, um autocarro, peça por peça...

Prometo-lhe que o havemos de fazer...

Os bronzes serão totalmente torneados por si... Eu farei o seu enchimento com o metal branco...

João Marmelo foi bom tê-lo conhecido; bem como os amigos, que à mesa connosco se sentaram, no dia da passagem do testemunho. **Ao Eng.º Lubélio Silva também.**

Amanhecer na Lisnave Rocha...

Reviver o Estaleiro...

Ainda o toque da sereia estava longe de lembrar todos quantos teriam de contribuir com a sua jornada de trabalho diária já o nosso passo cadenciado e pesaroso, resultado da noitada que havíamos levado dentro do tanque de fuel nº 3 central, percorria a habitual e matinal via-sacra no Estaleiro da Lisnave Rocha.

Ao portão, como que fazendo parte física e histórica do Estaleiro, o amigo e bonacheirão "***Xico Piston***", não se cansava de recordar com alguma visível saudade, os bons e maus bocados passados a bordo do Amélia de Mello, da antiga Sociedade Geral.

Perto dali um pequeno grupo de caras conhecidas, entre as quais sê encontrava o ***Eduardo*** das "***Caldeiras***", fumava o último cigarro, alimentando uma discussão sobre o acidente havido dias atrás a bordo de um navio na Setenave.

Falta de segurança...dizia um dos mais novos. Enfim, mais um desastre dizia outro.

À medida que nos íamos afastando e suas vozes se tornavam inaudíveis, pensámos que conversa não ficaria por ali.

Passamos defronte à ENI, o enorme e velho casarão sobre o comprido e paralelo ao caminho-de-ferro.

Ali, o ***amigo Saraiva***, com um olhar de profunda tristeza e apreensão, examina a carcaça de um motor de corrente contínua.

Tão grave era a sua expressão, que não mudaria com a nossa chegada. Este levanta o olhar na nossa direção e saúda-nos.

A sua cabeça abana em sinal de desaprovação.

Que "***cavalice***" teria ocorrido na operação do molinete, para que o motor ficasse no estado que ficou?

Nem o próprio ***Saraiva*** queria acreditar no que lhe haviam contado. Mas o motor estava ali queimado e bem queimado para quem duvidasse.

Trocámos algumas impressões. Inquirimos acerca do tempo que seria necessário para rebobinar a máquina, e lá retomámos o nosso caminho direito à Oficina de Mecânica.

Começa a chover.

Comentámos que a decapagem, bem como a pintura do casco do navio estaria comprometida.

Mais um atraso, mais uma justificação a dar para o não cumprimento do calendário, já de si a ultrapassar a razoabilidade.

Que fazer? "Nem S. Pedro faz milagres, nem tão pouco há memória de que um navio tenha ficado no estaleiro".

Com esta "***fezada***", lá rumámos em frente.

Sem darmos por isso chegamos à ***Oficina de Mecânica***.

Aqui a receção não é das melhores.

Somos saudados a jato de agulheta de alta pressão, pelo operário que ao lavar um refrigerador de ar, "***inadvertidamente***" (!?) quase nos deu uma "***banhada***".

Lá ao fundo faz-se ouvir a voz do senhor José de Sousa, em amena cavaqueira com o perito da Classificadora de Navios.

O amigo "***Zé***" tenta convencer o Perito que o postiço na ponta do veio motor do molinete nunca mais vai partir.

Ao que parece o amigo ***Arnaldo Lopes*** não está pelos ajustes, e amigavelmente, vai dissuadindo o amigo ***Zé***, a abandonar a ideia.

A chiadeira oriunda do torno vertical começa a tornar-se insuportável.

A ferramenta tinha começado a atacar a soldadura de uma coroa de êmbolo de um Sulzer
.
Pareceu-nos que a velocidade de corte não estava ajustada ao diâmetro da peça.

Repentinamente, o amigo Zé abandona os presentes e com alguma aspereza dá indicações ao torneiro. "***Está tudo bem", diz o amigo Zé. "Sabem, é que o rapaz ainda está verde***".

Torno Vertical

Cumprimentamos o Perito.
Com este, passamos em revista todo o equipamento para inspecionar; anotamos as suas exigências, e recomendações.

Dão-se algumas instruções e colhem-se algumas sugestões.

O grupo aumenta. Uma voz grossa faz-se ouvir. E, com ela, a desenhada figura do ***José Alves***.

Pronto, o nosso descanso aparente havia terminado.

Milhenta dificuldade nos traz este amigo.

Dúzias de complicações, dezenas de novos pedidos e algumas querelas por resolver com o pessoal das limpezas.

Mas nem tudo é mau. A boa notícia de que o tanque nº2 BB de fuel não comunica com o tanque nº1 tanque de BB de água doce, contenta-nos e retira-nos uma grande carga de preocupações.

Agora o grupo é maior e ruma em direção Mecânica de Bordo.

Sempre as mesmas caras***, o Engo Churro, Conde, Aristides; o encarregado Jorge*** e outros mais.

Uma família. Desenhos. Mais desenhos.
E aquele "***maldito veio propulsor e a sua manhosa manga britânica de metal branco fundida numa só peça***", a dar água pelas barbas novamente.

" ***É tudo uma questão de dinheiro!"***

Diz uma voz vinda do corredor, na direção das docas. Quem havia de ser? Claro só podia ser o **Joel**!

Se até agora o grupo já estava desestabilizado, com a chegada do ***Joel*** e do seu inseparável ***amigo Espinha***, acabaria por sê-lo ainda mais.

Mas isto não fica por aqui.

O ***amigo Espinha*** ainda não tinha iniciado o seu discurso, nem tão pouco conhecíamos as dificuldades que o ***Zé Alves*** lhe havia criado dentro do pique de proa.

O relato não se fez esperar, mas nem por isso o grupo deixou de se dirigir a caminho das docas.

Olhámos o exterior através das velhas vidraças. Já não chove.

O guindaste grande move-se no seu característico e inconfundível "***caminhar***".

Na ponta do cabo da lança, presa pelo gato, a porta do leme do nosso navio baloiça ligeiramente.

A decapagem continua parada.

As condições atmosféricas não permitem que o trabalho continue.

Não muito distante, a meia-nau, o Inspetor das tintas gesticula em ar de desaprovação, perante a impassividade do encarregado das pinturas.

Algo não corre bem. Não tarda sabermos o que por ali se passa.

A porta do leme passa agora por cima das nossas cabeças.

Afastamo-nos.

Só o Perito da Classificadora se detém.

O seu olhar penetrante e experiente acompanha o movimento da porta.

De repente move-se e acelera o passo, e em sincronia com o guindaste, segue o seu movimento.

Pára.

Faz-nos sinal de chamamento.

Não sabemos o que se passa.

Olhamo-nos interrogativamente e desabafamos; "***humm... Buraco pela certa***"...

De facto, não nos havíamos enganado.

Uma deformação ocasionada provavelmente já durante o transporte deitava por terra o trabalho de alguns dias.

O ***Engenheiro Manuel Rodrigues*** dá uma corrida. Abre a portinhola do telefone e fala.

O Guindaste pára.

Arranca novamente, mas desta vez inverte a marcha, voltando ao ponto de partida...

Entretanto, chega o momento de baixar à doca 1.

O casco enorme dentro daquelas paredes faz-nos lembrar a nossa pequenez.

Já no fundo da doca, faz-se ouvir o som do martelo do Perito, ao atacar os estais das amarras. Com o compasso, o encarregado da caldeiraria mede os elos e procede a notações. O desgaste é aceitável diz o ***senhor Arnaldo Lopes***.

Caminha-se à volta do fundo chato.

Aqui e acolá pequenas deformações sem importância de maior.

De um modo geral, o tratamento efetuado ao casco na última docagem havia resultado em pleno.

Recordo-me que o ***Superintendente João Marmelo*** me havia recomendado, para ter em atenção este pormenor, e fazer uma avaliação cuidada, já que tinha sido ele a especificar o tratamento na docagem anterior.

Sabia que iria ficar contente.

E ficou, porque quando soube do resultado da inspeção, me comunicou que na amanhã seguinte, iria entrar em doca outro navio "***nosso***", que estava a aguardar vaga para efetuar fabricos.

Uma vez na muralha, preparámo-nos para dar um salto a bordo.

Cabos, mangueiras num emaranhado de vai e vem de fluidos, ligam o navio ao estaleiro – boa fonte de receita - para o estaleiro, é claro.

Dirigimo-nos para o convés. Ali, o ***Eng.º Dourado e o Superintendente Eng.º João Marmelo*** discutem.

Discutir é maneira de falar.

Discutem os custos da reparação.

Com a nossa relativa proximidade calam-se.

Mas a festa vai durar e mudar-se para outro lugar.

Saudámo-nos e dirigimo-nos ao escritório do convés, pois espera-nos aí um café bem quente.

Mas este café é especial.

Especial, porque havia sido propositadamente feito uma panela dele.

Alguém se lembrara de passar pela padaria e tinha trazido uns papos-secos ainda a fumegar.

O ***despenseiro Américo*** – que nos estragava com mimos – tinha sido o autor da lembrança.

Um pouco de manteiga. E pronto. Merecido pequeno-almoço.

Cavaqueamos, aferimos o nosso planeamento.

Fazemos contas à nossa manhã de trabalho e preparamo-nos para baixar à casa da máquina.

O Imediato ***Vladimiro*** estava bravo com o ***Eng.º Manuel Rodrigues***. Falavam em voz acelerada, mas daí a pouco tudo estava calmo.

Na casa da máquina, dois cilindros, uma cruzeta, umas quantas bombas e a caldeira auxiliar, para ver e inspecionar.

No convés o teste ao aparelho de carga estava a ter lugar. Como sempre, o ***Eng.º Graça Gonçalves***, a "***pau***", de olho pregado simultaneamente na breca e no dinamómetro.

Não há escorregamento. Está bom. Acabaram-se os testes e com estes o trabalho da manhã.

O ***Eng.º João Marmelo e Eng.º Faustino Dourado*** continuam a discussão por nós interrompida, e sobem ao primeiro andar dos escritórios do estaleiro. Aquilo vai durar.

O resto da comitiva dirige-se para o gabinete dos ***Eng.ros Manuel Rodrigues e Dourado***.

Ali, a outra comitiva superiormente liderada pelo "***Mestre dos Mestres***", ***Mestre Acima de Todos***, ***Porto de Freitas***, aguarda-nos, congregando à sua volta um punhado de outros amigos;

José da Silva da Angonave, James Mulvaney da BBC, Banho dos Santos da Rinave, Guerra da Mata da Loyd's e outros...

Era assim passado o dia-a-dia dentro daqueles portões da Lisnave Rocha.

Agora pouco dela vai restando.

A obra esfumou-se, tornando-se impotente para resistir à inclemente potência do martelo pneumático destruidor. Ficou muito pouco do original.

Dela irá ficar apenas a memória da sua existência, e o recordar com saudade pela visualização das fotos então tiradas, e que não foram poucas.

O tim...tim do Guindaste Grande, jamais deixará de se ouvir...

Ele martelará carinhosamente dentro de nós para sempre.

Construção Civil e Pescas...SC

Colocar à prova os conhecimentos adquiridos

A minha formação em Projeto de Construção Civil na Escola Infante D. Henrique no Porto viria a servir mais tarde, quando ao Serviço de Salvador Caetano com o declínio da atividade das pescas, da Atlântica Companhia Portuguesa de Pescas, pertencente ao grupo quando sou chamado a acumular a Direção da Cociga, Sa empresa do ramo da construção civil do grupo.

Esta empresa mais, direcionada para a prestação de serviços às empresas do grupo Toyota e BMW, estaria envolvida, em grandes projetos como a construção da BMW da Expo, Remodelação das Instalações da Toyota do Prior Velho, das Instalações de Alcabideche; e, grandes construções da Toyota Carregado entre muitas outras, algumas das quais privadas.

Esta experiência culmina com o desenvolvimento turístico da ***seca do Seixal antiga seca do bacalhau*** onde anos atrás de anos o projeto aguarda a sua execução e onde fiel amigo foi trabalhado com toda a ciência ancestral adquirida durante o século anterior.

E porque se considera mais importante o passado longínquo, que o passado recente?

Achei, que deveria fazer uma referência a esta atividade, não só por estarmos na véspera da consoada; como também foi uma etapa relevante da minha vida, como gestor de várias empresas do grupo Salvador Caetano.
Deste modo vamos falar do Fiel amigo, por que os edifícios falam por si. Basta olhar para eles.

Atlântica Companhia Portuguesa de Pescas

O Fiel Amigo...

Mar….Marinheiros, Pescadores, Fiel Amigo e o Natal.

Hoje é dia de Natal, e fui Ver-o-Mar.
Aliás, não ia vê-lo, mas aproveitei e fui!
Mas porque é tinha que Ver-o-Mar? O barco é teu?
Meu não é. Nem teu, nem do Adamastor...é do Armador...
Então nasceu a luz, e por isso fui parar ao mar….

Aí, li **Virgílio Ferreira**, e, vejam bem, o mal que me fez?

Já não bastava querer que o medievo regressasse aos dias de hoje, como ainda, se põe a classificar os humanos, segundo uma bitola filosófica, de filósofo inexistente como se de um marítimo se tratasse…

Daí a classificar "***um ser inteligente como um desgraçado***" e "***um imbecil como um ser feliz***". Pensando bem é capaz de ter razão. No mar tudo pode acontecer…

Mas tenhamos presente, que esta afirmação não tem apenas a ver com a presença obtusa do terráqueo, no meio marinho…

Não! Só que esta "***raça***" de pessoas que referenciei é assim, pois conseguiram fazer do mundo em bruto, "***o Mar***"; ou seja, aquilo que ele hoje é…um meio de fornecer alimento e muito mais.

O fiel Amigo a secar naturalmente ao sol.

Já vimos que o Fiel amigo e o marítimo, pescador ou não, tal como o medievo, anda de mãos dadas; se não, vejamos:

- Vai já para perto de uma centena de anos que "***José Cunha Esteves***" fazia publicar num determinado Jornal do Seixal, num domingo de Páscoa, um artigo sobre os Marinheiros pescadores portugueses, e em particular os pescadores da pesca do bacalhau.

O que não é novidade nenhuma é que os portugueses começaram a pescar o fiel amigo, vai para perto de setecentos anos.

É aqui que reconhecemos ao medievo a suas qualidades natas, para ser apelidado de marinheiro, voluntário ou à força, ou outra designação que o valha, o que não interessa para o caso.

Assim reza a história, e não como alguns querem fazer crer, que apenas começámos essa maravilhosa "***Lide da Marinharia*** ", em meados de 1829, e segundo ***Michel Bouquet***, os nossos mestres seriam os "***Ingleses***", porque os portugueses, dessa data, eram uma "***cambada de ignorantes***".

Ele não disse propriamente isto, mas em análise filosófica ou marítima, devia andar muito perto.

O que o senhor *Michel Bouquet* não sabia na altura, é que estabelecidos que foram os limites territoriais da nossa Nação, quando D. Afonso III, o nosso bem-amado Rei, que conquistou o Algarve aos Mouros, geneticamente, teria transmitido ao seu filho D. Dinis, a brilhante ideia de criar uma Marinha.

Quem diria que El-Rei de cognome ***"O Lavrador***" havia de criar uma atividade designada como Marinha?

Teria começado aqui a Escola Náutica?

Neste momento em que escrevo não sei!

Mais lá à frente veremos!

Também não sei se repararam, que apenas referi Marinha, sem especificar que tipo de Marinha?

É certo e sabido, que ao falar de marinheiros, é inevitável falar da Marinha Mercante, da Marinha de Guerra, da Marinha de Recreio, Marinha de Pesca e da Marinha Grande…
Enfim Marinha...Nessa não vou.

Não vou, porque os marinheiros também se assemelham a um livro, em que o livro é tão bom como o anterior, mas também é sempre pior que o anterior.

Assim diria Virgílio Ferreira, e eu adaptei ao texto…

Ser-se Marinheiro é ser-se especial. Por isso, é de aproveitar agora para dizer mal, enquanto ele é vivo, porque depois de morto só te resta dizer bem…

Assim tenho aprendido nos funerais dos nossos colegas que vão partindo à nossa frente...

Dizia eu, que após D. Dinis, os seus sucessores continuaram a acarinhar o desenvolvimento da Marinha, até que no reinado de D. Afonso IV, perderam o medo, passando de marinheiros de água doce a marinheiros de mar alto, tendo por isso descoberto as Canárias.

No reinado seguinte; ou seja, no reinado de D. Pedro I, estamos a falar por volta de 1385, mais propriamente 500 anos, após a "***boca***", que o senhor Michel Bouquet deu, é celebrado entre El-rei de Portugal e Eduardo III de Inglaterra, um tratado.

Este tratado previa que os pescadores portugueses do Porto e Lisboa pudessem exercer a atividade da pesca do bacalhau nas costas inglesas por um período de cinquenta anos.

Michel Bouquet não só se enganou, como ainda pretendeu enganar a opinião pública àquela data, por desconhecimento implícito de que havia Portugueses na faina do bacalhau, muito antes do que ele pensava.

Mais uma vez pensamos como Virgílio Ferreira, ao dizer a uma parede branca, que ela é cinzenta, e ela não passar dessa mesma cor.

Isto de ser marujo e sobre tudo pescador, tem que se lhe diga. Daqui em diante, se a memória não nos atraiçoa, e após o casamento de El-rei de Portugal, D. João I, em 1387, depreendemos que esse tratado foi revisto, tendo então os pescadores portugueses continuado a frequentar a costa inglesa, até ao último quartel do século XV.

No início do século XVI, os nossos marujos/pescadores, transfeririam a sua atividade para os bancos da Terra Nova, passando a ser então os pioneiros / estrangeiros a exercer a atividade da pesca do bacalhau naquelas paragens.

Aqui começa a verdadeira dor de cabeça do fiel amigo...
E como chegou até nós o conhecimento da existência abundante do bacalhau nos bancos da Terra Nova? ***Não se sabe! Mas eu vou investigar…***

Entretanto, rezam os anais da história, que a Armada Inglesa nos veda-nos o acesso às paragens da Terra Nova, expondo as nossas províncias Ultramarinas à mercê dos nossos inimigos Holandeses e Alemães, e porque não dos próprios ingleses. Aqui entram os outros Marinheiros.

É tudo Marinha...

Em 1580, inicia-se uma página negra da nossa existência, que perduraria por 60 anos, com o domínio castelhano sobre o nosso país. Não sabemos se a Armada espanhola atacou...

Mas os marujos são notícia, e a revolução de 1640 dá-se, e quem nos diz a nós, que nas hostes dos revoltosos não se encontrava pessoal do mar?

Quem estava no Terreiro do Paço?

Marujos, claro... E asseguro-vos alguns eram de Estarreja; é, bem provável!...

Seguem-se 28 anos de Guerra da Restauração.

Entretanto os marinheiros portugueses continuaram a pescar bacalhau na Terra Nova, a que se segue um período de acalmia, subitamente interrompido pelo Terramoto de 1745 e a nossa consequente entrada na Guerra dos Sete Anos.

Por esta altura, suspendemos a faina da pesca quase na totalidade, por falta de recursos económicos e sobretudo por falta de marinheiros pescadores para tripular as embarcações.

inda não refeitos de todas estas desgraças, os franceses entram-nos por "***Terra Dentro***", e foi o que todos sabemos.

Para ajudar à festa D. Pedro I, vai de "***férias***" para o Brasil, deixando os portugueses às voltas com uma guerra civil, e entregues a si próprios, como se um deputado deixasse um partido e se filiasse logo de imediato noutro!

Mais uma vez a marinha e os marinheiros são chamados a intervir em todo este processo de fuga da família real para o Brasil.

Com isto passam-se dois séculos.

Por volta de 1829, regressamos aos Bancos da Terra Nova. Daqui, a confusão do senhor ***Michel Bouquet*** e mais tarde do senhor ***D.W.Prouse***, que tiraram conclusões precipitadas, sobre as capacidades dos Marinheiros Portugueses.

Mas a sua confusão tem a ver com a ida dos armadores portugueses às compras a Londres, mais propriamente no Devonshire, onde seriam adquiridos alguns navios para a faina da pesca do bacalhau, e a que se seguiu a contratação de alguns marinheiros ingleses.

Aqui entram outros Marinheiros...

Estes são os outros...

Pois, meus caríssimos "***fazedores***" de notícias, ***é enorme a quantidade do que não sabemos***, pelo que mais vale estar calado, a mandar "***bocas***" sobre os marinheiros portugueses, quando deles nada ou pouco sabem.

Só há duas formas fortes de se duvidar; é termos lá estado, ou o nosso paizinho nos ter contado como as coisas se passaram!

Como nada disso aconteceu!

Temos de fazer fé nos escritos sobre esta matéria que nos foram legados, e é em 1884, que o senhor ***Capitão José da Cunha Ferreira,*** natural da ilha de S. Jorge, e por sinal descendente do grande marinheiro João Vaz Corte Real, então a residir nos E.U.A., abandonaria aquele país, para se radicar entre nós e desenvolver a atividade da Marinha de Pesca.

Para os curtos de memória, relembro que este senhor era português.

Este personagem ficaria historicamente para sempre ligado a esta atividade, e tanto quanto se sabe, fundaria a Atlântica – Companhia Portuguesa de Pesca, na Figueira da Foz, que recentemente, celebrou o seu centenário, ao operar o navio "***Júlia I***", cujos tripulantes eram na sua maioria açorianos, e que haviam pescado na costa dos E.U.A.

Progressivamente, a técnica da faina da pesca do bacalhau disseminar-se-ia por toda a costa portuguesa, pelos ensinamentos veiculados pelos açorianos, desenvolvendo-se assim, também as técnicas da escala e da salga.

Aparecem outras empresas importantes entre as quais se incluem a Parceria Geral de Pescarias e a SNAB, que por sinal efetuariam o recrutamento dos seus marinheiros pescadores em Ponta Delgada.

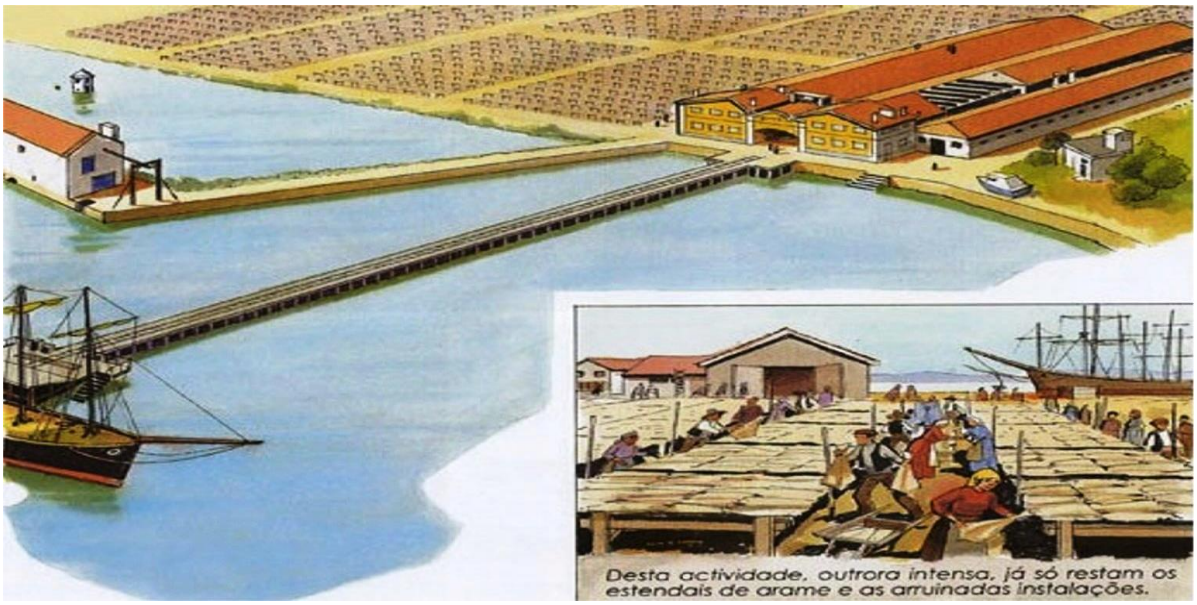
Em 1903, a Atlântica – Companhia Portuguesa de Pesca, muda a sua sede para o Moinho do Capitão no Seixal, que ainda hoje existe, tendo o seu fundador Capitão Ferreira, vindo o mesmo a falecer na Figueira da Foz em 1945, empresa de que fui o último Diretor-geral.

O Capitão Ferreira morre com 90 anos de idade, ***porque a morte não se pode vencer***, mas os seus legados perpetuaram-se através dos tempos, porque o que ainda hoje resta da escala e da salga, por ele nos foi ensinado.

Um dos seus últimos legados, o navio com o seu nome, jaz como a "***bela adormecida***" encalhado e "***ferido de morte***" a EB, para os lados do Talaminho, com duas tábuas de resbordo, a meia-nau, metidas dentro.

As marés visitam-no com a frequência habitual, e dentro do seu ventre, fauna e flora predominante no local, toma o lugar que outrora pertenceu ao fiel amigo.

Falámos dos marinheiros e pescadores e do Fiel Amigo, relembrámos ***Virgílio Ferreira***, e prometemos a nós próprios comer uma bacalhoada, em sua memória e destas duas personagens! Bom Natal


Desta actividade, outrora intensa, já só restam os estendais de arame e as arruinadas instalações.

.

…São Paio da Torreira 2008

Mais uma festa em honra de São Paio da Torreira se passou, mantendo-se a ancestral tradição – cada vez mais concorrida – nos dias de hoje, do que em 1968.

É a minha última festa em que participo com os Bombeiros, pois para o ano nesta altura, estarei no mar. Vou dizer adeus ao Santo.

A foto que vos apresento do santo no andar é muito mais recente; mas o Santo está igual.

Fazia frio, na madrugada de 5 de setembro de 1968, a que não falta o nevoeiro e uma chuva miudinha.

O “Packard”, viatura de combate a incêndios descapotável, dos Bombeiros Voluntários de Estarreja, fazia-se à estrada da ponte da Varela, a caminho da Torreira, conduzido pelo senhor Alberto Vidal, carregado de jovens do “Corpo Auxiliar” de então

A missão destes jovens seria, a de arrecadar uns contos de reis; com vista à conclusão das obras do Novo Quartel dos Bombeiros de Estarreja, situado nas traseiras da atual Biblioteca Municipal.

Até então os BVE, tinham a seu cargo as áreas geográficas dos Concelhos de Estarreja e da Murtosa; razão pela qual a Festa do São Paio da Torreira, era alvo preferencial para angariar fundos, face ao elevado número de forasteiros, que demandavam aquela pitoresca paragem da Ria de Aveiro.

A tradição não mudou, mudou a aparência do local, face ao desenvolvimento imprimido pela Câmara Municipal da Murtosa e as acessibilidades; algo sempre complicadas.

A romaria de outrora traz-nos à mente – os sempre iguais barcos moliceiros - mesmos engalanados, a abarrotar de gentes das terras circunvizinhas; que na minha memória de criança; me faz lembrar, o saudoso esteiro de Estarreja enquanto navegável.

A Ponte da Varela ainda era projeto remoto; a volta pelo Areinho, vindo de Ovar, era grande e não era para todas as bolsas.

Mas a velha lancha da JAPA – cumpria bem a sua missão, rebocando à ilharga, o pontão de madeira assente sobre barcos moliceiros, aproximando a Béstida da Torreira.

Não havia outra possibilidade.

Sim, porque nos anos 50, a figura o pescador "Borras", figura típica da Praia de Torreira, sempre rodeado de gente miúda, nos quais me incluía, dizia "Que se o mar fosse vinho, toda a gente iria atrás dele a pé para o Brasil". ***Ele beberia o mar.***

Daí coincidência ou não; os Festejos do São Paio da Torreira estar a ligado ao precioso néctar das uvas.

Quem não se lembra do ritual de regar o andor do Santo, com vinho?

Mas já lá vai meio século de recordações; sem que consiga compreender, qual o fenómeno que move as pessoas a participar na romaria a São Paio da Torreira, tão massivamente.

Este fenómeno está muito para além da minha compreensão; levando-me a crer, que para além da devoção e agradecimento de graças concedidas; não estará o Santo, por detrás de alguns e importantes milagres, canonicamente não esclarecidos.

Lugares concorridos como os dos Festejos a São Paio da Torreira; há-os aos milhares por este país fora; mas o "rumo", esse é, o da Praia da Torreira, em 5, 6 e 7 de setembro.

Podia ser qualquer outro destino, como o do Seixal, do Furadouro, etc., mas o São Paio da Torreira, é sempre o São Paio.

De facto, a vida parecer que está má, como já nos habituámos, a dizer no nosso dia-a-dia.

Os Festejos em honra do São Paio, foram de uma grandiosidade espetacular – segundo o meu ponto de vista – pelo que a Câmara Municipal da Murtosa e a Comissão de Festas, estão mais uma vez de parabéns.

A festa rugiu forte. Ficamos à espera dos Festejos do próximo ano.

Que as acessibilidades, melhorem significativamente; que o sacrifico da espera, tenha a devida compensação.

Até ao ano… e muitos milagres do Santo.

E o milagre, deu-se com a Ponte da Varela sobre a Ria de Aveiro ao ser inaugurada em 1964 e beneficiada em 2010, tendo sido alargada.

Ponte da Varela e a Rotunda

Os meus Bombeiros, uma parte da minha vida.

Reflexão

A Raiz

Turbinar a memória para não esquecer nenhum detalhe da minha ligação aos bombeiros; foi técnica que nunca foi preciso utilizar; pois o fato de por lá ter passado; desde menino e moço e mais tarde no auge da maturidade, provocou uma colagem, de sentimento e imagem que só Parkinson ou o fim da etapa apaga.

Esta é uma matéria difícil de quantificar, e talvez mais difícil de qualificar.

Freud não está cá para explicar, o porque do Dr. Egas Moniz, ter feito "leucotomia pré-frontal", mais tarde "lobotomia" para se espreitar lá para dentro, e ver.

O que faz eu ser escolher ser bombeiro, ou ser "adicionado" ao gosto pelo trabalho executado e levado desmedidamente, por estas especiais de criaturas.

?

Explicação do que vos pretendo mostrar (Contracapa)

Como resultado dos Livros Trancaline I e Trancaline II, em que misturei os temas e as recordações que vinham chegando à minha memória; decidi – *depois de me aconselhar com a minha querida senhora* – que deveria separar as águas; e, fazer dois volumes, transcrevendo num a parte terráquea em outro a parte marítima.

Assim pensando, a maior do trabalho já está feita, pelo que terei "que separar as águas", e vai *copy e paste*, a dar com um pau.

Não sei se repararam, mas este terceiro livro; cujo conteúdo é do vosso conhecimento – pelo menos do conhecimento de que tenha lido os dois, vai dar origem a outro, o Trancaline IV.

A Versão Trancaline II, está nas mãos de 5 pessoas para que façam as correções finais, já que do meu lado foram 20 vezes revistos; e, mesmo assim aparecem sempre gralhas e erros por palavras incompletas.

Quanto à dição e modo de escrever, algumas pessoas tiveram a bondade de dizer que gostam do estilo de escrita – A Lebrezinha disse-me que não era eu que escrevia – mas basta consultar os jornais de Estarreja e o Badaladas de Torres Vedras, que publicaram muitos dos textos que escrevi na altura
.
Aliás, numa consulta o meu velhinho blog www.trancaline.com, verificarão que muitos destes textos foram postados ali vai para alguns anos.

Com a Lebrezinha convencida, penso não ser necessário explicar mais nada.

Não sei se repararam, mas os dois primeiros volumes a capa invocam temática da minha vida de marinheiro; como tal vivida e não fingida; que de facto fui e serei.

Os títulos face as habilitações académicas, foram ganhos com muito trabalho e aplicação; a que não foram estranhos os sacrifícios dos meus Pais e o meu empenho.

Também não tínhamos fardos de bacalhau, para andar por aí a distribuir.

O recolher da amarra... fundear a dois ferros

No Mar iniciar, no Mar finalizar.

O *princípio de PETER*, também se me aplica a mim.

Como todos nós segundo ele, tendemos para a incompetência, haverá que decidir em tempo – quando é a altura de parar – e meus amigos que irão ter toda a paciência do mundo para ler neste livro; acho eu, que é a altura certa de parar.

Como digo na capa do primeiro livro caseiro – Trancaline I, editado, mas não comercialmente – o qual resolvi mandar imprimir apenas algumas unidades, para premiar todos aqueles se responderam à chamada e comigo festejar os 70 e agora aos 75 anos.

À data que concluo estes textos, nos quais procurei referenciar casos verídicos – adoçados – e momentos vividos na realidade, estamos a contar que a divina providência e a senhora de Fátima da qual sou devoto, permita realizar este encontro de amigos na altura pretendidos.

Atropelei o "português", usando indevidamente a pontuação; por vezes falhas na concordância do grupo nominal; latinismos, calão marítimo, fragmentos frásicos, uso de linguagem informal – influência do mar – sinais de pontuação repetidos e uso de muitas abreviaturas.

Nem todos puderam estar presentes na data de comemoração do meu aniversário, mas basta-me a sua inicial intenção de estarem.

Todos estes textos foram escritos com o maior sentimento de amizade, por todos aqueles que me rodearam e ajudaram ao longo de todos os anos.

Como intitulo o ***livro "70 anos...lixados & não polidos; atrevo-me, a dizer agora "70 anos...mesmo muito lixados & e nada polidos".***

Quando chegar a hora da partida...espero ter a serenidade e a coragem de saber partir, de bem com todos com quem lidei; com todos que que me quiseram bem e mal.

Não pude ser perfeito tanto gostaria de ter sido; não fui talvez o melhor amigo nos momentos de infelicidade ou infortúnio; mas poderei partir, consciente de que lutei sempre por fazer bem e melhor, mas muitas vezes não fui capaz ou não pude.

Alguns dos amigos que gostaria que estivessem presentes – e não puderam confirmar – sinto muita a sua falta; estou a falar de *Alberto Costa, Lubélio Silva,*

***Sequeira da Silva*, *João Banho dos Santos, Guerra da Mata, Caetano Dias*, *Porto de Freitas, Carlos Costa* e outros que não sei deles, está por si justificada a sua não confirmação, porque *partiram à nossa frente*.**

As pessoas que enuncio a seguir foram de facto responsáveis, pela minha orientação profissional, *João Marmelo*, *Nazaré de Brito*, *Reginaldo Luz, Júlio Nunes, Arnaldo Lopes, Florindo Silva, Faustino Dourado, Paulo Farinha, José Carlos, Vítor Costa, José Manuel da Velha, Álvaro de Oliveira, Jaime Rei, Frederico Fernandes, Cte Miguel Lopes e Dr. Norberto Pilar.*

Também o Xico Piston, José Alves, Joel, Espinha, José de Sousa, Jorge, Eduardo, Churro, Conde, Aristides, Rui Lopo, Saraiva todos da Lisnave e Nuno Pisca dos Enp, e outros trabalhadores anónimos de Estaleiros e Oficinas.

Companheiros de trabalho: Dr. Paulo Farinha, Eng.os João Moita, Manuel Ferreira Rodrigues, António Castanheira, Pereira Marques, José Carlos, Madureira, Carlos Neves, janeiro Marques, Fernando Fernandes, João Paulo Gaspar (Jpg), Álvaro de Oliveira, Cte Lazaro Delgado, Cte Gilberto Ribas, Cte Mota Duarte, Cte António Botelho, Cte Boavida, Cte José Gomes (Jag) e todos os restantes colaboradores da SCMA, Lda. que por esta empresa passaram ao longo dos anos

Meus companheiros de Mar, com quem andei e que me marcaram, e que sob as suas ordens servi;

Cte Mário de Oliveira, Cte Faustino, Cte Dores de Almeida, Cte Gil; Cte Altino, Cte Manata, Cte Ratinho, que já partiram.

Cte Manuel Pacheco, Cte Manuel Zé Medeiros, Cte José Valente, Cte Gouveia, Cte Pata, Cte Fernando Lau, Eng.º Fernando da Ponte, que ainda estão entre nós.

Oficiais de referência, dos melhores:

Quim Romão, António Veloso, Hélder Miranda, Romão Nunes, Benvindo Simões, Rui Pinto, Panão Leal, Olímpia Pereira, Rui Raposo, Ponces de Carvalho, Frederico Silva, Raúl Simas.

José Manuel Gomes, Rogério Forte, Eusébio, Jeninho Cabral, infelizmente partiram também.

Isto é um agradecimento que gostaria de fazer a todos estes grandes profissionais, que ajudaram a moldar o Trancaline.

Mas, como nem só de pão vive o homem, outras pessoas contribuíram para isso; e há que fazer jus, à família, que ao longo de todo este tempo, me acompanhou.

Os meus Pais.

O ***meu Pai*** que ajudou a concretizar o meu sonho de um dia vir a ser engenheiro, designação que eu – afinava – quando em miúdo assim era chamado, por ter labutado na expectativa de um dia os filhos, pudessem ter aquilo que eles não tiveram.

Formar-se, para poderem vir a ser alguém.

À ***minha mãe*** que sofreu muito, acordando-nos de madrugada para estudarmos, e podermos seguir para os nossos locais de estudo.

Também que anos a fio ajudou o Meu Pai no orçamento familiar. Deu tudo quanto podia dar aos seus filhos.

À ***minha irmã e cunhado*** – que tanta tareira levei por causa dela – ***não se lhe podia tocar com uma pena de pavão na mão***, que me encorajou e ajudou nos momentos mais críticos da minha vida em especial quando regressei do Canadá.

Sempre me acompanhou ao longo dos anos e me deu forças, quando mais precisava delas, aconselhando nas pequenas e grandes decisões.

Na ajuda inestimável de acompanhamento aos meus Pais, durante toda a vida.

À minha ***ex-mulher Matilde***, que criou os dois filhos sozinha, e já agora os netos também durante todo o tempo que estive no mar; ***e conseguiu sem a minha ajuda***, dar-lhes a educação e formação que pretendíamos, dada a minha permanente ausência.

Também pelo contributo incontestável e apoio nos momentos pós acidente que tive em Angola, que foi fundamental para a minha recuperação e volta à vida.

Por me ter aturado ao longo de 25 anos, o que não foi tarefa fácil.

Por me ter compreendido e perdoado algumas falhas que tive para com o lar.

Aos meus filhos Ana Luísa e Rui Pedro que me deram a alegria, de terem no Canadá aprendido o modo de viver a vida com independência e respeito pela sociedade e pelas leis daquele país; fazendo com que hoje ainda sinta saudades de lá ter vivido, embora com muitos sacrifícios, e momentos de muito desespero.

Pelo seu sucesso académico na Universidade de Toronto e Universidade Waterloo.

À Paulinha António, que entrou nas nossas vidas, muito nos ajudou a levar por diante alguns empreendimentos, e esteve sempre ao nosso lado, nos bons e maus momentos.

Finalmente à Lena, ***minha mulher***, que não sei como tem aguentado o **calvário** de viver comigo ao longo deste tempo todo.

Pela sua paciência e tenacidade.

Por ter assumido o controlo da nossa casa e das nossas vidas.

Pela predisposição e disponibilidade de apoiar os meus filhos e netos.

Por cuidar do pessoal da nossa companhia caseira, da qual não abdicamos – ***que são muitos***, mas mesmo muitos – e dão muito trabalho todos os dias; ***os nossos cães***, que fazem parte da nossa vida.

Por fazeres a Gestão do Orçamento familiar e tratares de toda a documentação Oficial.

Por teres o cuidado de programar as minhas sessões de fisioterapia, consultas médicas, e documentos como a **Carta de Patrão de Costa**, (**que deixaste caducar**) Carta de Condução, Carta de Caçador, Carta de Radioamador, Licença de Caça, de Uso e porte de Arma, do Passaporte, B.I., das declarações dos Impostos; e já agora, o pagamento das multas que de vez em quando batem à porta.

Na correção e leitura dos muitos relatórios que tenho que produzir, na montagem das fotos.

Também por dares grande apoio nos eventos dos Radioamadores, quer ao nível de secretariado; quer na montagem e desmontagem de antenas; produção de emissões de rádio e televisão Amador.

Obrigado, Lena, por teres encaixado, a minha decisão de eu ter ido para o ***Comando dos Bombeiros de Estarreja***, prescindindo do ordenado mensal que auferia, e ainda por ter voltado ao Mar para bordo do navio Funchal – depois de me teres acompanhado nalgumas viagens - e igualmente me animares em momentos de grandes dificuldades passadas a bordo do Golfinho e Ilha Azul com avarias e outros problemas.

Comportou-se como ***uma verdadeira Marinheira*** – não fosse ela Patrão Local - porque nunca faltou a nenhuma refeição, mesmo quando fomos acossados por violento temporal, que no obrigou a sair do Porto seguro da Horta, para o Porto da Terceira.

Enfim Lena, como a vida do ***Mar é lixada e pouco polida***; estás a ajudar-me a "***recolher a amarra e a colocar as fardas no baú***".

Obrigado, Lena. Eu sou lixado, e tu lá vais aguentado. Beijinho.

A todos os meus amigos Companheiros de Mar, Fuzileiros, Bombeiros e Radioamadores que muito me ensinaram, e me deram forças para continuar.

Finalmente às entidades Patronais por onde passei, muito obrigado por me terem sempre pagado os Salários – ***às vezes fora do tempo*** – mas pagaram, e por me terem dado um telemóvel.

Para aqueles que partiram, estando desavindo com eles; lamento muito não ter tido a coragem de lhes pedir desculpa e perdão, em tempo de vida.

A ti Batista Fernandes, que foste um deles e me faltou a coragem de o fazer em público no dia do teu funeral; também José Manuel Batista, que devia ter estado atento aos sinais do tempo e da tua agonia; Santos Silva, Zé Capote, Vitalino e toda a rapaziada do nosso curso; a Formar Companhia Independente de Patrulhas Fuzileiros "lá em cima". Um até já.

Manuel Albano Pereira Nunes

Vila Lena - Rua da Portela, nº 12
Asseiceira
2565-287 Freiria
Tel. / Fax: 261962951
Móvel : 969830407
e-mail : tranca_line@msn.com; albanonunes0@gmail.com
Sítio 1: www.trancaline.com

Dados Pessoais:
Data de Nascimento: 20.02.48
Natural Beduído - Concelho de Estarreja
Engenheiro Maquinista Chefe da Marinha Mercante.
Oficial da Marinha Mercante.
Carta de Condução – Cat. A1; A; B; C; BE.
Carta de Radioamador - CT5JEX
Contribuinte nº 165615940

Caracterização Profissional:

Em 1963, após ter completado o 5º Ano do Curso Industrial, na Escola Comercial e Industrial de Aveiro, em Aveiro, efetuou o estágio como Operador de Máquinas

Ferramentas no Amoníaco Português de Estarreja, especializando-se, no torneamento de peças de grandes dimensões.
Em 1964, terminado o Estágio, ingressou na Escola Infante D. Henrique no Porto, para frequentar e concluir o Curso de Especialização de Desenhador Industrial; Projetista nas Áreas do Desenho de Máquinas, Eletrotecnia, Eletrónica e Construção Civil.

Em 1966, concluiu o estágio de Projetista de Equipamento Mecânico, Elétrico e Eletrónico, na Fábrica de Motores Elétricos FRAPIL, em Aveiro, tendo projetado e concebido outros equipamentos para a Indústria e Forças Armadas, sendo coautor do primeiro Alternador, totalmente fabricado em Portugal, de 10 KVA - Frapil, máquina que devido à sua robustez e eficiência; ainda hoje se fabrica, na gama igual e superior ao protótipo.

Em 1996, interrompeu esta atividade para ingressar na Escola Náutica Infante D. Henrique, em Lisboa, para frequentar o Curso de Engenharia de Máquinas Marítimas.

Em 1967, cumpriu o serviço Militar obrigatório, na Escola de Fuzileiros Especiais, em Vale de Zebro e Base Naval do Alfeite.

Em 1969, concluiu o Curso Superior de Engenharia de Máquinas Marítimas, dando início ao período de embarque obrigatório, nas Unidades da Marinha Mercante Nacional e Estrangeira, em Complemento do Serviço Militar Obrigatório, como Oficial e Engenheiro Máquinas Marítimas

Integrando o Quadro de Oficiais das empresas SG / CNN; em Navios de Passageiros, tendo-se especializado na condução de navios de transporte de cargas perigosas, produtos químicos, combustíveis altamente corrosivos e voláteis; navios frigoríficos, carga geral e graneleiros.

Em 1978, em acumulação laboral, leciona na Escola Náutica Infante D. Henrique, a disciplina Extracurricular de Desenho Esquemático Elétrico, Automação Eletromagnética e Ar Comprimido, ao 3º ano do Curso de Engenharia de Máquinas Marítimas e Curso Complementar de Engenharia de Máquinas Marítimas.

Em 1981, é convidado para integrar como Superintendente Técnico, as Companhias de Navegação SG / CNN; nos domínios da Gestão da Frota, Reparação e Construção Naval, por recrutamento interno.

Em 1985, com a liquidação das Empresas de Navegação Nacionais, é selecionado com vista a integrar uma equipa de Engenheiros Máquinas Marítimas, para fundar e implementar a empresa de navegação PORTLINE; a que se seguiu, a primeira Empresa de Portuguesa de Gestão de Navios, STEER; ficando responsável pela Gestão de Navios de transporte de cargas perigosas líquidas e a granel sólido, e navios não convencionais.

Durante este período colabora como consultor na empresa EUROTAGUS, nas áreas da Investigação e Aplicação de Compósitos Industriais, à base de resinas epoxídicas.

Em 1987, emigra para o Canadá, ingressando na GENERAL MOTORS, na área da Indústria Automóvel, sendo depois convidado a integrar os quadros da TORONTO FASTNERS CANADÁ, do Grupo Americano da DAVETC, como responsável pela Gestão do Departamento de TRIMMING MACHINERY.

Inicia esta empresa o processo de Manufatura de Componentes de Alta Precisão para a Aviação, em equipamento assistido por computador, nas plataformas de Easy-Cad e Auto-CAD 9 e 10.

Em 1991, com a eclosão da Guerra do Golfo, o Free trading, e a Recessão Económica, regressa a Portugal ao serviço da EUROTAGUS / Partex, Lda., integra equipas multidisciplinares a operar em países de língua de expressão portuguesa, nas áreas da

Consultadoria, Gestão Técnica de Navios e Indústria e dos Recursos Humanos.

Em 1992, ao serviço da mesma empresa, é designado para dirigir os trabalhos de consolidação de paramentos de barragens em betão, pela injeção de componentes à base de resinas, na barragem da EDP em Pracana, com vista ao enchimento da albufeira, sobre o rio Ucreza.

Dirige ainda, obras de tratamento de grandes superfícies em navios-tanques e graneleiros, em reservatórios de grande capacidade, para armazenamento de produtos tóxicos e altamente voláteis; nos parques da GALP e da SHELL, especializando-se também na aplicação de pavimentos autonivelantes, impermeabilização de lajes em betão e estruturas de aço afetadas pela corrosão.

Em 1993, é convidado a integrar os Quadros do Grupo de Empresas de Salvador Caetano, como Diretor Geral, na área das Pescas; nessa qualidade é deslocado para Porto Amboim, ANGOLA, para revitalizar a Frota Pesqueira e o Complexo Industrial de Pesca – Amboim Pesca, Lda; relançando as centrais de Produção de Energia Elétrica de Média e Alta Potência, o Entreposto Frigorífico e as Torres de Produção de Gelo em Escama.

Em 1996, também ao serviço de Salvador Caetano, assume a Direção e Gestão das Empresas; Atlântica - Companhia Portuguesa de Pesca; Crustacil; Sodisfrio e Amboim Pesca, Lda.

Em 1999, igualmente ao serviço de Salvador Caetano, é nomeado Diretor da Delegação Sul da Cociga, SA; empresa da área da Construção Civil, onde desempenhou

cumulativamente a Gestão e Direção de Obras das empresas anteriormente referidas, até 31 outubro de 2003.
Em novembro de 2003, apresenta documentação à Caixa de Aposentações, com vista à obtenção da reforma, encontrando-se na situação de aposentado, dando início à atividade de Profissional de Engenharia Independente.

Em 2003, dedica-se ao estudo, investigação, desenvolvimento, de centrais de produção de energia elétrica, a partir da água do mar para produção de Hidrogénio - com fins ecológicos e comerciais - cujos estudos ainda mantêm.

Em janeiro de 2004 foi convidado pela GERCO- Grupo MOTA-ENGIL, empresa de Eletrotecnia e AVAC, como Diretor de Projetos, assumindo a Gestão das Especialidades de Eletrotecnia, AVAC, Hidráulica e Automação e Gestão Técnica Centralizada; nos Açores, nas seguintes edificações:

Reabilitação e Remodelação do Teatro Micaelense.
Finalização da Construção e Entrega do Royal Garden Hotel.
Entrega e Finalização da Obras de AVAC do Caloura Hotel.
Entrega e Finalização das Obras de AVAC da Universidade dos Açores.
Entrega e Finalização das Obras de Hidráulica do Atlântico Marina Hotel.

Atividade Profissional no Período 2005 a 2010.

2005 - Integra o Quadro de Especialistas dos Bombeiros Voluntários de Estarreja, sendo nomeado posterior 2º Comandante, tendo iniciado a sua carreira na aérea do socorro e sinistralidade, garantindo uma presença em 640 transporte de doentes e sinistrados, tendo participado no Comando de 18 incêndios Florestais e Urbanos.

Foi nomeado responsável pela Formação de Bombeiros, nas Áreas das Comunicações em Emergência; na elaboração de programas de simulacros de grandes catástrofes; especificamente na Zona Industrial Química, Hotelaria, Escolas e Rede Viária e Cursos de Água.

Ministrou ainda nesta unidade de Bombeiros as UC's de Matemática, Física e Química, Incêndios Florestais e Comunicações sendo responsável pela Coordenação dos Cursos de Novos Recrutas; nas vertentes de Busca e Salvamento e Mergulho, na Ria de Aveiro e Meios Marinhos de Águas Interiores.

Ao serviço de SCMA, Lda. como consultor independente, acompanha a fiscalização de construção de Navios, nos Estaleiros IZAR em Espanha – (Navios Para Consolidação de Leitos de Rios com Betão; Navalria em Aveiro – (Lisbonense / Almadense) e Estaleiros Navais de Peniche - (Índico I; Índico II e lulua) – (outros Navios Diversos); atividade que ainda exerce.

Atividade Profissional no Período 2010 a 2014.
2010 – Ao serviço dos ENP, superintendeu a construção de uma Doca Flutuante, construída na Ucrânia nos Estaleiros de Zaliv na Crimeia, com destino a operar em Angola.

De 2011 a 2012, como superintendente em Angola a implementação de Sistemas de Gestão Técnica da empresa de transporte de combustíveis em navios-tanques químicos da Famar, Lda.; Angonave, Amboim Pesca, Lda.

Pescangola, bem como da elaboração do ISM (Internacional Safety Management) e a formação de Quadros Técnicos de Superintendentes Gestores de Frotas de Navios, especificamente na determinação dos Running Costs and Specifications.

De 2013 a 2020, retoma a atividade marítima, ao ser convidado pela SCMA, Lda., para exercer as funções de Superintendente Técnico de Navios; assumindo posteriormente a Chefia dos Navios de Cruzeiro MV Lisboa e posteriormente MV Funchal.

Realizações Profissionais.

Autor dos seguintes projetos:

Máquina de Decapagem Interior de Tubos de Grandes Dimensões.
Máquina de Pintura Automática de Interior de Tubos de Grande Dimensões.
Rolo de Pintura para Superfícies Curvas.
Sistema Automático Intempestivo de Colunas de Motores Fora de Borda.
Sistema de Bloqueio Automático dos Travões de Viaturas Auto, por intrusão.
Monta-Cargas Motorizado, com Abertura e Fecho do Alçapão Entrepisos.
Máquina de Pintura Automática de Filetes de Parafusos de Alta Precisão para a Aviação, para Identificação da Classe de Utilização.
Projeto de Cunhos e Cortantes, para Parafusos de Alta Precisão para a Aviação, com dimensões até então nunca fabricadas.
Conceção projeto e realização de um protótipo para limpeza interna de condutas de Ar Condicionado, assistido por Computador e Câmaras Vídeo.
Robô Automático para Diagnóstico Interno de Condutas de Ar Condicionado, de Seção Paralelepipédica e Circular.
Quadriciclo Elétrico Móvel, retrátil, com Plataforma Elevatória, para Manutenção de Iluminação de Grandes Superfícies e Estações de Metro.
Cadeira Telescópica Óleo-hidráulica, para Observação Celeste, com Acompanhamento do Movimento Sideral.
Protótipos de Uso e Aplicações Militares.
Protótipo Simulador e Analisador de Sismos – Isec.
Protótipo Cinegético 2H/Solar/Térmico – Isec.

Protótipo Aerogerador AC / DC –Doméstico – Isec.
Protótipo Robô Extinção Incêndios Industriais – Isec.
Bate-estacas a Ar Comprido.
Viatura Polivalente, de Combate a Incêndios Florestais e Urbanos – Isec.

Coautor dos seguintes projetos:
Alternador de 10 VKA – Frapil.
Carregador de Baterias - CB-20A - Frapil.
Máquina de Soldar Tipo Inverter – Portátil – Frapil
Sistema e Deteção de Fugas Acidentais em Paramentos de Barragens.
Sistema de Medição de Caudais Remanescentes em Paramentos de Barragens.

Formação Académica:
Curso de Formação Industrial.
Curso de Formação de Desenhador Industrial.
Curso de Engenharia de Máquinas Marítimas.
Curso Complementar de Engenharia de Máquinas Marítimas.
Curso de Superintendente Técnico de Navios.
Curso de Automação a Ar Comprimido.
Curso de Auto-CAD – Versão 14 e 2000 PRO.
Certificação Internacional para o Exercício de Atividade como Oficial de Marinha, Classe de Engenharia de Máquinas. (2027)
Certificação Para Operar Navios Elétricos de Média e Alta Tensão.
A frequentar 3º do Ano Curso Licenciatura em Engenharia de Proteção Civil.

Percurso Profissional:

Auxiliar de Contabilidade.
Operador de Máquinas Ferramentas de Alta Precisão.
Operário da Construção Civil.
Projetista de Construção Civil, Mecânica e Eletromecânica.
Engenheiro e Oficial Maquinista da Marinha Mercante.
Superintendente Técnico de Navios.
Formador de Cursos do Fundo Social Europeu.
Gestor de Empresas.
Perito e Avaliador Independente de Navios.

Especializações Técnico-profissionais de Média Duração.

Sulzer-Wintertur – Estágio na Fabricação de Motores de Grandes Potências.
Autrónica – Trondeim Noruega - Estágio na Fabricação de Componentes Eletrónicos para Automação.
General Motors – Canadá – Toronto, Indústria Automóvel.
Toronto Fastners Canadá – Toronto, Indústria Aeronáutica.

Atualização Profissional STCW, para o exercício de atividade em Engenharia e Gestão Maritima.

Especializações Técnico Profissional de Longa Duração.

Curso Básico de Limitação de Avarias e Sobrevivência. (Armada).
Curso de Extinção de Incêndios – Brigadas de Primeira Intervenção. (Armada).
Carta de Patrão de Costa. (IMPT)
Curso de Cuidados Médicos. – IMPT – Escola Náutica. - (2005).
Carta de Condução de Embarcações Salva-Vidas de Alta Velocidade.
Certificação Internacional para Comunicações Marítimas em VHF.

Passatempos Preferidos.

Escrita.
Leitura.
Música.
Aeromodelismo; Navios, Aviões e Helicópteros.
Desenvolvimento de Autómatos de Protótipos para Uso Militar.
Radiocomunicações UHF/VHF/HF e TVA. – CT5JEX.

Membro Associativo de:

APET - Associação Portuguesa de Engenheiros Técnicos.
ANET - Associação Nacional dos Engenheiros Técnicos.
COMM – Clube de Oficiais da Marinha Mercante.
SCF - Sport Clube da Freiria.
ARADO - Associação de Radioamadores do Oeste – Torres Vedras.
OET – Membro Efetivo da Ordem dos Engenheiros Técnicos.

Torres Vedras, 3.3.2023

TRANCALINE

Marine Engineering &
Consultants

Repararam que a foto da capa, foi desmilitarizada?

Reparos de vida

De fato e de direito

Pensam que isto é para durar muito tempo? Tótós!

ARADO

ASSOCIAÇÃO DE RADIOAMADORES DO OESTE

.